HISTÓRIA ORAL DO EXÉRCITO NA

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

TOMO 7

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA

História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial

Coordenador Geral
Aricildes de Moraes Motta

História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial

TOMO 7
Rio Grande do Sul e São Paulo

Biblioteca do Exército Editora
Rio de Janeiro
2001

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA Publicação 722

História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial Tomo 7

Coordenador Regional – RS
João Carlos Rotta
Assessor
Luiz Alberto de Oliveira Francez

Coordenador Regional – SP
José Gustavo Petito

Capa:
Murillo Machado

Revisão:
Andreza Tarragô, Ellis Pinheiro, Léa Maria da Costa Serpa
Ricardo Braule Pinto Bezerra Pereira

H673 História oral do Exército na segunda guerra mundial / Coordenação geral de Aricildes de Moraes Motta. – Rio de Janeiro : Biblioteca do Exército Editora, 2001.
T. 7. (Biblioteca do Exército; 722)

Conteúdo: Rio Grande do Sul e São Paulo / Coordenadores regionais : João Carlos Rotta e José Gustavo Petito.
ISBN 85-7011-304-8

1. Guerra mundial, 1939-1945 – Brasil. 2. Militares – Entrevistas. I. Motta, Aricildes de Moraes, coord. geral. II. Rotta, João Carlos, coord. reg. III. Petito, José Gustavo, coord. reg. IV. Título: Rio Grande do Sul e São Paulo. V. Série.
CDD 940.540981

Os textos contidos neste Tomo, referem-se às 24 entrevistas realizadas nas Coordenadorias do Rio Grande do Sul e São Paulo, sendo 9 na primeira e 15 na segunda.

As entrevistas são apresentadas textualizadas, o que, em história oral, significa transcrevê-las sem as perguntas e com a fusão das respostas.

Impresso no Brasil Printed in Brazil

Sumário

Coronel Solon Rodrigues D'Ávila*

Nasceu em maio de 1917 na Cidade de Vacaria, RS. Cursou a Escola Militar do Realengo, tendo sido declarado Aspirante-a-Oficial da Arma de Cavalaria em dezembro de 1939. Sua primeira Unidade foi o 3º RCG, Regimento Osório, em Porto Alegre. Transferido para o 1º RCI, Santiago do Boqueirão, participou da mudança daquela OM para a guarnição de Itaqui, feita em lombo de cavalo. Em Itaqui, foi surpreendido com a sua movimentação para o Regimento Andrade Neves, no Rio de Janeiro, e sua posterior designação para fazer o curso de transmissões. Concluído o curso, continuou adido à Escola de Transmissões como instrutor. O convívio com os alunos oriundos do 1º Esqd Rec Mec, que integrariam a FEB, motivou-o a apresentar-se como voluntário para a 1ª DIE. Seguiu para a Itália como Tenente, na função de Of de Transmissões do 1º Esqd Rec Mec. Terminada a guerra serviu no 2º RC Mec em Porto Alegre, na Diretoria de Transmissões no QG do Exército – RJ e comandou o 1º/20º Esqd C Mec em Passo Fundo, de onde saiu para cursar a EsAO. Concluído o curso regressou ao Rio Grande do Sul e foi nomeado Ajudante-de-Ordens do Gen Coriolano de Andrade. Já como oficial superior, serviu no 5º RC Mec, Quaraí, e como Instrutor-Chefe do Curso de Cavalaria do CPOR de Porto Alegre. Exerceu a função de Ajudante-Geral da 3ª RM e da 6ª DI. Ainda na ativa, foi agregado para ocupar a função de Chefe de Gabinete do Secretário de Segurança do Estado. Em 1970 assumiu a Superintendência da Polícia Federal – RS, cargo que ocupou por cerca de sete anos. Recebeu as seguintes condecorações, por sua participação na Segunda Guerra Mundial: Cruz de Combate de 2ª Classe, Medalha de Campanha e Medalha de Guerra.

---

* Oficial de Comunicações e Subcomandante do 1º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado, entrevistado em 13 de setembro de 2000.

Voluntário por Indução

Servia no Regimento Andrade Neves, RI, onde cheguei no dia seis de agosto de quarenta e três, transferido do 1º RCI de Itaqui, quando me apresentei como voluntário para participar da FEB; não fui convocado. No Regimento Andrade Neves, fui designado para fazer o curso de transmissões (comunicações) e quando o terminei, já com saudade do meu cavalo, voltei para o Regimento Andrade Neves. Mas fiquei adido à Escola de Comunicação como instrutor. Não só eu, como todos os que fizeram o curso naquele ano (1944). A mim coube dar instrução à Turma de Transmissões do 1º Esquadrão de Reconhecimento, Unidade que integraria a 1ª DIE. Estava diariamente em contato com os praças do Esquadrão falando sobre transmissões. Também fazia parte da nossa instrução motivar o pessoal para a guerra e falar da honra que significava defender a pátria. Um dia um sargento do grupo indagou: “Tenente, o senhor está sempre falando sobre a guerra, por que o senhor não vai com a gente?” Disse a ele que se tivesse um lugar, uma vaga, eu iria. Ele me garantiu que a vaga de Oficial de Transmissões do Esquadrão de Reconhecimento estava aberta. Falei com o Comandante do Esquadrão, Capitão Franco Ferreira. Ele me encaminhou para o General Mendes de Morais que cuidava do assunto. Quando me apresentei ao general, ele estava escrevendo e, sem levantar os olhos de seu trabalho, perguntou o que eu desejava. Contei que era instrutor na Escola de Transmissões, soubera que havia uma vaga no Esquadrão de Reconhecimento e gostaria de ir para a guerra. Ele então levantou a cabeça e falou: “Tanta gente tentando escapar da guerra e o senhor querendo ir para a Itália. Dê o seu nome para o meu Ajudante-de-Ordens”. Eu agradeci e uma semana depois era publicada a minha transferência para a 1ª DIE. Como se vê, eu fui mais pelo entrosamento com o pessoal de transmissões do que por heroísmo. Sentia-me na obrigação de acompanhá-los na guerra e por isso eu fui para a Itália.

Eu tinha 26 anos. Sou Aspirante de Cavalaria da turma de 1939 da Escola Militar do Realengo. Minha família é toda do Sul. Eu nasci em Vacaria. Como Aspirante, em 1940, eu servi inicialmente em Santiago do Boqueirão no 1º Regimento de Cavalaria Independente. Depois transferiram o Regimento de Santiago para Itaqui. Fomos para lá a cavalo, com malas e bagagens. Foi com surpresa recebi que a minha transferência para o Rio de Janeiro, afinal estava em Itaqui há apenas três meses. Até hoje não sei o motivo desta transferência. O Regimento Andrade Neves era unidade de elite e eu um Tenente desconhecido lá de Itaqui. A transferência foi uma surpresa para mim. Em todo o caso, foi uma agradável surpresa.

A minha família só soube que eu iria para a guerra quando eu já estava viajando. Não contei para quase ninguém. Só sabia de minha viagem para a Itália,

um irmão que era aluno da Escola de Intendência. Ele ficou encarregado de avisar o meu pessoal. Eu não sabia quando embarcaria. Todo o dia era aquela ameaça: vai hoje, não vai; é amanhã. Íamos para a estação, às vezes até o porto, e voltávamos para o quartel. Uma verdadeira guerra de nervos. Disse para o meu irmão: "O dia que eu embarcar você avisa para o pai e para a mãe que eu viajei".

Meus pais moravam em Porto Alegre. O pai, a mãe, minhas irmãs, quase toda a família morava em Porto alegre. Eles ficaram sabendo da minha ida depois que eu já estava na Itália. Não tinha mais como voltar.

Preparação para a Guerra

Quando cheguei no Morro do Capistrano, o Esquadrão se preparava para embarcar. Fiz alguns exercícios de transmissões, mas como não tínhamos o material que iríamos usar na Itália, foi um treinamento sem muita objetividade. Treinávamos com rádios antigos que eu já conhecia do curso. Eu só fui conhecer os aparelhos que utilizei na guerra lá na Itália, quando recebi o material norte-americano.

Apenas recebi o material. Mas havia instrutores norte-americanos ministrando instrução de comunicações. Eu tinha no meu Pelotão um excelente técnico em rádio. Era um civil que havia sido convocado. Deram-lhe uma divisa de cabo e o colocaram como mecânico de rádio do Esquadrão. Tinha ainda três radiotelegrafistas civis, também convocados, ótimos operadores do "piripipi". Na Escola de Transmissões não dava para o nosso pessoal aprender a operar com desembaraço o Sistema Morse. Dos três, um era o radioperador do meu carro e os outros dois eram do Comandante e Subcomandante do Esquadrão, respectivamente. Os três operadores se entendiam muito bem. Os carros de combate além das RAD 300, de longo alcance, tinham um rádio com dez canais para as ligações dos pelotões com o resto do Esquadrão. Então nós estabelecemos: o canal 1 vai atender o Comandante do Esquadrão; o canal 2 o Subcomandante; o canal 3 o Oficial de Transmissões e os demais canais os pelotões. Alguns soldados nossos tinham *Walk talk* e podiam falar para o jipe do Comandante do grupo e com o Comandante do Pelotão, se ele não estivesse muito distante. O serviço de comunicação, para a época, era excelente, quase perfeito. Só tinha um pequeno defeito que depois eu vou revelar.

Na instrução de transmissões — já toquei no assunto — além da parte técnica tínhamos que estimular a ida para a guerra, falar na responsabilidade de bem representar o Brasil no exterior, essa coisa toda. Então mandavam a gente fazer um "blá-blá-blá" para os soldados. Eu repeti tanto este "blá-blá-blá" que acabei me convencendo de que deveria me apresentar voluntário para a FEB.

Eu anotei nos meus papéis: "Acampamento em Pisa". Nós ficamos acampados em Pisa de 12 de outubro a 15 de novembro de 1944. Dá um mês e pouco. Durante esse período, juntamente com o recebimento do material — viaturas, armamento, munição etc. — o Esquadrão realizou basicamente duas atividades: cursos para oficiais e instrução para os praças. Eu fiz cursos de informações e sobre levantamento de campo de minas. Este último era ministrado em exercícios reais. Não era instrução. Íamos para um campo de minas verdadeiras e lá aprendíamos a neutralizá-las ou abrir brechas. Muito arriscado mesmo. Para a tropa, exercício de tiro, maneabilidade e marcha, muitas marchas.

O pessoal de transmissão que ficou comigo trabalhou duro no recebimento do material e montagem dos rádios. Nós tínhamos treze carros de combate M-8 e em cada um tínhamos que montar um rádio RAD-300, que era para longa distância. Além desse havia o outro, de que eu já falei, com dez canais. Era preciso montá-los nos jipes e nos caminhões de transporte. Tudo era ligado pelas transmissões. A nossa principal preocupação era receber o material — uma montanha de peças de rádio de vários tipos. O que nos entregaram de material de transmissões foi algo impressionante. A metade deixávamos nos estacionamentos da retaguarda porque não dava para levá-los até a frente de combate.

Quando chegamos em Pisa ocupamos um antigo campo de caça dos reis da Itália. Estava tudo montado: as barracas, as instalações sanitárias, os pontos de banho, tudo arrumado.

A partir daí começamos a nos alimentar com a comida brasileira. Tínhamos o nosso cozinheiro, o nosso fogão e então começamos a preparar nossa comida. Eu admiro a eficiência dos americanos, como já falei, mas não aprecio a comida deles. No navio eu não comia. Ainda bem que em Pisa já começamos a cozinhar a nossa alimentação no acampamento.

Eu me sentia preparado e confiante para enfrentar o combate. Até anotei aqui no meu esquema: "Muito confiante". Muito confiante, porém com muitas dúvidas. Não sabia o que poderia acontecer. Todo o pessoal do Esquadrão estava confiante. Todos queriam mesmo enfrentar a guerra. Era para isso que estávamos na Itália.

A Viagem

O esquadrão viajou no segundo escalão. No primeiro escalão foi um Pelotão sob o comando do Tenente Belarmino. O grosso do nosso pessoal seguiu no segundo, sob o comando do Capitão Franco Ferreira, Comandante do Esquadrão.

É difícil de, em poucas palavras, falar sobre a viagem. Foram quinze dias de muita tensão, desconforto, mas também de ensinamentos. Eu relacionei algumas observações, alguns aspectos da viagem no meu momento. Inicialmente, os problemas que eu percebi e senti. Primeiro o enjôo no navio que foi um horror. Eu passava o dia enjoado e não era só eu, quase todo mundo enjoava. O segundo problema para nós foi a alimentação inadequada. O que salvava a pátria eram as sobremesas. Compotas finíssimas ou então muita fruta: maçã, pêra, uva etc. O outro incômodo foi o calor insuportável, um calor terrível, úmido e abafado. Por último cito a tensão causada pelos exercícios de abandonar o navio. Isso era a toda hora e nos momentos mais imprevisíveis: às vezes à noite, às vezes durante o dia, "Brrrrrrrrrrr", tocava o alarme para abandonar o navio. Nunca sabíamos, ninguém sabia, se era para valer ou apenas mais um exercício. Ficávamos nervosos, cada vez que soava aquela sirene no navio. Todo mundo já sabia para onde ir e qual era o seu escaler. Eram cinco mil homens tentando subir pelas escadas estreitas. Terminado o exercício, descia-se para o porão onde as cabinas eram verdadeiros fornos. Essas manobras de evasão causavam mal-estar e nervosismo. Apenas uma vez tivemos notícia de que um dos Cruzadores da escolta do navio havia avistado um submarino. Não sei se avistaram ou não, mas esta notícia surgiu.

Eu anotei também vários aspectos positivos da viagem. Primeiro, foi uma aula prática de organização e disciplina por parte da tripulação. Era impressionante a organização no navio. Eu, pelo menos, ficava bobo vendo aquilo. Eram servidas duas refeições por dia, às nove da manhã e às quatro da tarde, para cinco mil homens. Nunca atrasou o almoço; nunca ouvi o cozinheiro dizer: "Hoje não tem feijão, queimou o arroz", coisas que aconteciam, na hora de servir, nos nossos ranchos, durante as manobras no campo. Tudo saía a tempo e à hora. Nunca faltou nada durante as refeições. Foi muito importante para mim observar a eficiência da tripulação. Eles eram rigorosos. Quando encontravam uma cama desarrumada, mandavam arrumá-la; quando alguém não estava com salva-vidas, chamavam a atenção. Eram muito exigentes e muito disciplinados. Eu coloquei nos meus apontamentos: "Aula prática de eficiência e organização". Impressionante! Mais de cinco mil homens dentro do navio e tudo funcionando muito bem. Outra coisa: quando cruzamos a linha do Equador fizeram uma festa; me deram até um diploma. Nesse dia o comandante mandou dar cigarros para todos; foram distribuídos cinco mil e tantos pacotes, isso em alto-mar. Não sei como é que eles tinham tanta coisa estocada no navio. Eu pensava: "Que coisa espantosa! No meio do mar e não falta nada; aqui se tem de tudo". Fiquei impressionado com a organização americana. E esta demonstração de eficiência continuou durante a guerra toda. Aquele pessoal mereceu vencer a guerra; eram os mais competentes.

Defendendo como Infante

Durante o inverno a frente ficou estabilizada. O Esquadrão foi empregado como tropa de Infantaria. Isso nos acarretou grandes dificuldades. A nossa Unidade era mecanizada, os nossos meios de defesa e de ataque estavam nas viaturas. Os carros-de-combate tinham um canhão 37mm, duas metralhadoras .30 e o aparelho de rádio. Então quando o Esquadrão era designado para ocupar este ou aquele lugar, acontecia, às vezes, de chegar lá apenas os jipes. Quer dizer, os carros de combate — o segmento forte do Esquadrão — ficavam na retaguarda, não nos acompanhavam. Então ocupávamos posições com meia dúzia de gatos pingados. O motorista do M-8, o radioperador, e o próprio carro-de-combate, ficavam para trás. Levávamos junto, para aumentar um pouco o poder de combate, um ou outro especialista. Nos carros-de-combate tínhamos o motorista, o radioperador, o atirador de canhão e o Comandante do carro (um Tenente ou um sargento). Alguns tinham que ficar no carro para operá-lo. De maneira que o efetivo do Esquadrão para ser empregado como Infantaria era reduzidíssimo.

Em uma das posições que ocupamos, na região de Colina, os carros de combate ficaram muito atrás e só alguns jipes conseguiram chegar até lá. O terreno era muito acidentado. O escalão superior nos indicava o lugar, mostrava na carta. Agora, como chegar até lá era problema nosso. Em Colina nos atribuíram uma frente de, aproximadamente, cinco quilômetros, para três pelotões. Cada Pelotão devia ter, no máximo, quinze ou vinte homens. Então era muito difícil cumprir a missão. Outro problema: lembram-se quando eu falei que apesar da fartura do material de comunicações distribuído pelos norte-americanos, sentimos, durante as operações, uma carência. Agora vou falar sobre ela. A primeira posição que ocupamos, na região de Colina, era imensa; um Pelotão para cá, um Pelotão para lá, outro para acolá. Aí chegou o Capitão Pitaluga e me cobrou: “Escuta Solon, como é que vamos nos ligar com os nossos pelotões?” A dotação de material do Esquadrão não previa, pela doutrina norte-americana, comunicação telefônica. A mobilidade da unidade de reconhecimento exigia o emprego exclusivo do rádio. Mas como é que nós faríamos as ligações do Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado, empenhado como tropa de Infantaria, em uma larga frente? Como nos ligarmos com o nosso pessoal? Fiz o seguinte: peguei uma viatura e fui a Pisa falar com o Chefe do Serviço de Comunicações, Major Arnaldo Augusto da Matta. Servia com ele um colega de turma, se não me engano o Hervê Pedrosa. Eu expliquei a ele que o Esquadrão estava sendo empregado como Infantaria e necessitava de telefone. Argumentei que quando chegávamos em um local logo aparecia o pessoal da Seção de Transmissão do escalão superior com telefone e isso

funcionava muito bem. Nós tínhamos telefone para a retaguarda, mas não havia como falar para a frente, com os nossos pelotões. Durante essa parte do inverno, os rádios permaneciam em silêncio; ninguém podia falar através deles porque certamente seria ouvido pelo inimigo que poderia, além de conhecer o texto das mensagens, localizar o aparelho transmissor. Eu consegui telefones, várias bobinas e o restante do material para garantir as ligações com fio. Reuni meu pessoal, dei umas aulas e liguei os três pelotões com o Esquadrão. Como não tinha central, convencionei: uma chamada é o Primeiro Pelotão, duas é o Segundo, três é o Terceiro. A partir dali nunca mais larguei o telefone. Era uma das coisas mais importantes que havia nas transmissões da Unidade. Vínhamos lançando os fios pelo chão, não havia poste nem nada. Tinha hora em que a gente passava na estrada e via um feixe de linhas telefônicas com as etiquetas: Esquadrão C Mec, Terceiro RI, Primeiro RI etc. O serviço de comunicação funcionou perfeitamente na Itália.

Mas voltemos à atuação do Esquadrão. No inverno, recebemos missões de Infantaria, o que foi um grande sacrifício. Não estávamos nem equipados, nem preparados para aquele tipo de emprego que achávamos, doutrinariamente, um absurdo. Mais tarde a DIE criou um Destacamento para ocupar as elevações de Serrasiccia. Era um lugar de difícil acesso. Nem jipe subia. O Esquadrão se instalou lá só com o equipamento individual; apenas os FMs e os fuzis, uma situação difícil para nós que dependíamos do carro e dos outros veículos para lutar. Quando começou a ofensiva da primavera, o Esquadrão pôde, pela primeira vez, atuar como Unidade de Reconhecimento. Até então, sempre que havia ataque a Monte Castelo o Esquadrão ficava pronto para o combate. As viaturas de frente para o inimigo e todos preparados com armas e munição para prosseguir para o norte. Infelizmente, por três vezes ficamos só na espera, não conseguimos dobrar os alemães. Na quarta e última vez, eu tenho anotado até a data, se não me engano foi no dia 21 de fevereiro, caiu Monte Castelo. Eu anotei o feito e registrei: *Salve o Primeiro RI!*

A Morte do Tenente Amaro

O Tenente Amaro morreu antes da nossa descida para o Vale do Pó. Foi durante a primeira missão do Esquadrão na guerra, ocupar Gaggio Montano, nome de um lugarejo. Agora, não era treinamento ou manobra em tempo de paz. Era guerra mesmo, com todos os seus imprevistos. Primeiro problema: uma ponte destruída. Os carros-de-combate não passavam, os deixamos para trás e fomos tocando de jipe. Quando caía uma ponte, construíam um *by pass*, uma variante por onde os jipes podiam passar.

Antes de chegarmos a Gaggio Montano, substituímos um batalhão americano de negros. Naquela época no Exército deles, o branco era separado do negro. Eles foram embora e nós ficamos ocupando as posições naquele setor. Mas a ordem que recebemos era para ocupar Gaggio Montano um pouco mais à frente. A vila era num buraco cercado de montanha por todos os lados. Chegamos lá, todo mundo numa boa. O serviço de rancho funcionou e o pessoal foi jantar. O inimigo, então, desencadeou uma concentração de Artilharia e de morteiro em cima de nós e era só pena que voava. O nosso primeiro contato com a realidade da guerra foi aquele bombardeio. Todo mundo correndo, para baixo e para cima, até cessar o ataque. Aí sim, fomos comer.

O Esquadrão recebeu diretamente do V Exército norte-americano a missão de reconhecer a região de Monteloco. De onde nós estávamos podíamos ver, lá em cima, uma casinha. Era Monteloco. Estranhamos a ordem direta e ligamos para o QG da DIE. Nos informaram que o Esquadrão passara à disposição do V Exército e que devíamos cumprir a ordem.

O Tenente Braz, meu colega de turma, foi designado para comandar o reconhecimento. Ele saiu cedo, de manhã, e já estava frio naquela época. Andou por lá, virou, mexeu, e voltou à tarde com o resultado das suas observações: "A região está ocupada, eu vi gente lá com capacete alemão". Mandamos a informação para o V Exército que não gostou: "Informação muito imprecisa". Quiseram mais detalhes: "Quem está lá?", "Quantos são?", "O que há por lá?" O comandante do Esquadrão, Capitão Franco Ferreira, designou o Tenente Amaro, um Oficial R2 muito estimado pelos companheiros, para fazer um novo reconhecimento. O Tenente deveria sair no dia seguinte, bem cedo. Encontrei-o na hora da partida e indaguei:

— Você vai sem agasalho, sem manta, sem nada, rapaz?

— Não sei onde é que está o meu cachecol — respondeu.

— Pega o meu, eu posso conseguir outro.

Entreguei-lhe a minha manta e ele brincou:

— Vou trazer um alemão de presente para você.

Eu recomendei:

— Vai com calma, Amaro. Aquele pessoal não é bobo. Vai com calma. A guerra não é brincadeira. Tua missão é difícil.

O Pelotão saiu para o reconhecimento. O Amaro preferiu não desbordar na sua progressão. Marcou o azimute e seguiu na direção da casa do morro. E eles lá em cima, só espiando.

Lá pelas tantas, eu estava sentado no meu carro-de-combate, ouvindo músicas do Brasil — o receptor do carro era muito bom e conseguia sintonizar a rádio

Nacional — e eu ouvi o "prrrrrrrrrrr" de uma rajada de metralhadora. Pelo som percebi que a arma era alemã; uma rajada de "Lurdinha". Dali um pouquinho novamente: "prrrrrrrrrr", outra rajada de metralhadora. E de novo a "Lurdinha". Pensei: "Mas como? E o nosso pessoal, não atira? O que está havendo?" Logo depois ouvi o "tá-tá-ta-tá-tá-tá"; pela cadência da rajada, nossas metralhadoras começavam a atirar. Aí fui falar com o Capitão Franco Ferreira e disse a ele:

— Do local em que estou enxergo a casa de onde saem os tiros dos alemães. Posso acertá-los com o canhão do carro.

— Não atire. Vai denunciar nossas posições.

Não atirei, fiquei quieto. Pararam os tiros e mais ou menos uma hora depois o Pelotão do Tenente Amaro começou a voltar. Estavam desesperados, caras amarradas, alguns chorando. Perguntei ao ordenança do Amaro, o que havia acontecido.

— O Tenente estava de joelhos olhando para a casa, deu um lance, houve um "prrrrrrrrrr" e ele caiu. Rastejei até onde ele estava, peguei no pé dele, sacudi, e ouvi aquele ronco característico de quem está morrendo. Como os alemães continuavam atirando nele, fui obrigado a recuar.

Caiu a noite e o Amaro ficou lá. Bem mais tarde, quando os alemães retraíram para o norte, um italiano nos falou que havia um corpo enterrado próximo do local em que o Amaro tinha morrido e ele desconfiava que era de um brasileiro. Eu e o Tenente Tavolucci, que estava como Subcomandante do Esquadrão, fomos verificar a informação do civil italiano.

Atrás da casa do paisano havia um buraco de onde aparecia um pé. Começamos a retirar a neve com uma pá. Para validar a identificação eu antecipara para o Tenente Tavolucci que o tenente Amaro tinha na arcada dentária inferior esquerda uma coroa; um dente de ouro. No começo da guerra nós mandávamos lavar a roupa na mesma lavadeira e ela para reconhecer as nossas cuecas e camisetas, nas minhas colocava um fio preto e nas do Amaro um fio vermelho. Seria mais um detalhe para identificá-lo.

Quando retiramos o corpo, conferimos e encontramos na camiseta dele o fio vermelho costurado. Abri-lhe a boca com uma faca — o corpo estava congelado —, e reconheci o dente de ouro. Os alemães haviam tirado toda a sua roupa deixando-o só de cueca e camiseta, onde estavam os fios de linha vermelha. Quando foi morto, ele usava roupas de inverno. Tiraram-lhe até as duas plaquetas de identificação que levava ao pescoço. Meu cachecol, é óbvio, também sumiu.

Comunicamos a descoberta e identificação do corpo do Tenente Amaro ao serviço de sepultamento que providenciou a evacuação do morto. A partir daquele reconhecimento, o Amaro, que era considerado como desaparecido, passou a ser relacionado como morto em combate.

Se eu tivesse que definir o local onde o Tenente Amaro morreu diria que foi um ponto desconhecido entre Gaggio Montano e Monteloco. Tudo que relatei sobre a morte do Tenente Amaro ocorreu no começo da guerra. A ocupação de Gaggio Montano foi a primeira missão do Esquadrão.

Progredindo como Cavalariano

Conquistado Monte Castelo o Esquadrão lançou-se para o norte. Andamos três ou quatro quilômetros e fomos detidos em Montese. Foi outra parada difícil. Quando o Esquadrão era detido, permanecia na posição e a Infantaria, que vinha da retaguarda, o substituía e atacava, se fosse o caso. O Esquadrão não era unidade de ataque, era tropa de reconhecimento. Então, sempre que ficávamos detidos, vinha a Infantaria para atacar o inimigo e nós só observávamos a evolução dos acontecimentos. Em Montese foi cruento o combate contra os alemães. Eles defenderam o lugarejo de casa em casa. Me parece que morreu mais gente nossa, em Montese, do que no ataque final a Monte Castelo. Foi muito difícil a conquista do lugarejo. Vencida a resistência alemã, nos lançamos para o norte. Fomos tocando, tocando, e chegamos até Turim. Lá ficamos dois ou três dias e depois retornamos. Nessa ofensiva sempre enfrentamos resistência, mas não forte o suficiente para nos deter. Eu me lembro do nosso deslocamento pelo Vale do Rio Panaro. O Esquadrão desceu por uma estrada de meia-encosta, a montanha de um lado e o rio de outro, sempre recebendo tiros de metralhadora. Um soldado que estava num jipe foi atingido e caiu na água. Havia resistência dos alemães e a nossa progressão não foi um passeio. Depois que eles se renderam a situação ficou mais fácil, mas, mesmo assim, a gente avançava com cuidado.

Quase sempre éramos retardados. Na descida do Vale do Panaro, naquela operação a que já me referi, onde morreu um soldado, um dos carros que vinha atrás de mim passou em cima de uma mina. Mas ninguém que estava no carro se feriu. Apenas o veículo estragou e foi para a manutenção.

Confortos e Lazeres

Até agora só falei nos problemas, mas a guerra teve, também, seus bons momentos. Todas as vezes que o Esquadrão atuava mais ou menos um mês, ia para algum lugar na retaguarda a fim de nos recuperarmos. Todo mundo sujo, barbudo, voltava para a retaguarda para tomar um banho, fazer a barba e descansar. Às vezes nosso pessoal ia para Pisa onde havia uma estação de águas térmicas que nós aproveitávamos. Os americanos tinham também uma Companhia de Banho. Colocavam o

nosso pessoal em uma sala grande, cheia de chuveiros e todos tomavam seus banhos. Era muito bom mesmo.

Na frente de combate, nem pensar em banho. O máximo era lavar o rosto. Não havia como se banhar. Quando estávamos em posição, sempre tínhamos uma casa para ficarmos acantonados. Nunca ficamos ao tempo. Nem dava para ficar ao relento naquele inverno rigoroso da Itália, com tudo coberto de neve. Para sorte nossa, essas casas da campanha italiana eram todas de pedra. Éramos constantemente bombardeados mas estávamos praticamente dentro de uma casamata. Apesar da Artilharia e dos morteiros nunca morreu ninguém nesses bombardeios. Que eu saiba, do Esquadrão nunca morreu ninguém. O único caso que eu tomei conhecimento foi de um sargento que estava atirando com morteiro, protegido por uma árvore. Parece que um tiro do seu próprio morteiro bateu na árvore e a granada explodiu matando-o. Ele era do Esquadrão mas não me lembro o nome dele agora.

Retornando ao lado bom da guerra — convém falar sobre ele para que não pensem que nós só enfrentamos dificuldades e sofrimentos na Itália. As primeiras férias que eu tive foram quatro dias em Roma. Peguei um jipe, um motorista e toquei para lá. Para os oficiais em licença estavam reservadas acomodações no melhor hotel da cidade. Um hotel espetacular. Meu motorista hospedou-se em outro, também muito bom. Tudo bem organizado para proporcionar lazer aos combatentes. Deram-me tíquetes para as refeições: almoço e janta. Notei que para o jantar eram dois tíquetes e não sabia o motivo. À tardinha eu me sentei no terraço do hotel e fiquei olhando aquele panorama maravilhoso: o crepúsculo, as casas antigas, as ruas de Roma... Puxei conversa com um colega que estava sentado em uma mesa próxima e perguntei a ele:

— Escuta, que história é essa de dois tíquetes para o jantar?

— Está chegando hoje? — perguntou.

— Estou — respondi.

— É o seguinte: tu podes convidar uma pessoa para jantar contigo.

— Mas eu não conheço ninguém.

— Olhe para baixo.

Estava cheio de moças passeando na calçada em frente ao hotel. O companheiro explicou:

— Estas moças estão esperando um convite para jantar.

— É mesmo? ¾ retruquei desconfiado.

— Outra dica que eu vou te dar: podes convidar uma jovem, ela vem, janta contigo, te acompanha na boate, vocês dançam, brincam. Agora, se a levares para o quarto, serás expulso daqui no mesmo dia. Só para se divertir, não tem "etc".

Olhei para baixo, examinei o desfile das moças e saí correndo. Obedeci as recomendações do companheiro, não fiz nada demais com a jovem. Ela apenas jantou comigo. Por sinal, comeu uma barbaridade; acho que estava com fome mesmo. Depois fomos para à boate do hotel, tomamos uma bebida, tal e coisa, e até logo. Tudo muito bem planejado. Até nisso eles eram organizados. A boate era espetacular: boa música, cantores americanos e ambiente luxuoso. Relato estas coisas, como já disse, para mostrar que na guerra, não foi só sofrimento.

Em outra licença eu estive em Florença. Naquele tempo eu não tinha condições de avaliar o que aquela cidade significava em termos de arte, e o acervo histórico e cultural que representa. Eu apenas olhei Florença. Estive na ponte do Rio Arno e naqueles pontos turísticos mais famosos. Eu não tinha conhecimento para poder aproveitar o passeio.

O mesmo aconteceu em Roma. Lá, eu visitei aquele local onde os gladiadores lutavam — o Coliseu. Andei por lá, mas também não tinha conhecimentos suficientes, naquela época, para entender a importância histórica de Roma. Para mim, lá de Vacaria, Santiago do Boqueirão e Itaqui, não havia condições para grandes devaneios culturais. Outra coisa: em Roma fui ao Vaticano ver o Papa. Éramos um grupo grande de militares e civis. O papa me impressionou muito. Ele falou em quatro ou cinco idiomas. Falou em italiano, falou em francês, falou em inglês e, lá pelas tantas, falou até em português. O Papa era o Pio XII.

Passagem de Carga e Regresso

Quando terminou a guerra eu fiquei junto ao Esquadrão. O Capitão Pitaluga sumiu por uns dias, não sei aonde é que ele andava. Acho que tinha ido dar uns passeios. O pessoal todo foi passear, a maioria dos oficiais em Paris. Eu fiquei lá, preparando o material para entregar. Lembrei do meu tempo de passagem de carga aqui no Brasil. Conferi cada viatura com todos os seus implementos: documentos, caixa de ferramenta, pneus estepe, rádios etc. Fiz como era costume aqui: onde está a chave de roda?, está faltando um alicate... Depois reuni todo o material e montei um comboio: os carros-de-combate M-8, os caminhões, os jipes, e fui para o local onde me indicaram que deveria entregá-lo. Minha preocupação era o carro sem rádio. Já contei do nosso M-8 que foi danificado por uma mina.

Para substituí-lo mandaram outro, só que não tinha rádio. Fiquei preocupado: como é que eu iria devolvê-lo sem o rádio? Aquelas preocupações bobas que a gente tinha no Brasil quando estava na Cavalaria Hipomóvel, em tempo de paz. Ao passar carga faltava barbela, estribo ou outras miudezas. Era um problema para o responsável.

Um sargento norte-americano me atendeu. Ele falava um pouco de italiano. Fez um gesto com a mão como se estivesse contando as viaturas. Deu-se por satisfeito e me entregou o recibo do material. E eu preocupado com chave-de-fenda, com o M-8 que estava sem rádio, achando que ia haver uma confusão dos diabos. Depois fiquei sabendo: o Brasil comprou tudo dos Estados Unidos. Todo o material que nós usamos na Itália, o Brasil pagou. Talvez por isso, na hora de receber o material, eles não deram a mínima importância para o que estava faltando. Ou, quem sabe, isso fosse uma política deles: na guerra, não cobrar com rigor o extravio de material.

Após a entrega do material o Esquadrão ficou a pé. Mas isso aconteceu quando nós já estávamos em Nápoles nos aprontando para a viagem de volta ao Brasil. De onde nós estávamos no final da guerra até Nápoles era distante. Eu escrevi no meu caderno: "Vamos ter que viajar novecentos quilômetros para chegarmos em Nápoles".

Quando estávamos em Nápoles, eu soube que meu pai estava passando muito mal. Então fui falar com o Coronel Castello Branco. Expliquei para ele que já estava com meu trabalho pronto, não tinha mais nada o que fazer e queria ver se podia voltar para o Brasil para assistir o meu pai que estava doente. Ele concordou, tranqüilamente. Depois mandou me entregar a passagem aérea. Fui de Nápoles até Casablanca; de Casablanca a Natal; de Natal ao Rio de Janeiro e, finalmente, até Porto Alegre.

Os Soldados em Confronto

Sobre o desempenho do soldado brasileiro eu anotei: "Apesar da preparação deficiente, a atuação do nosso soldado não comprometeu". Eles não chegaram na Itália preparados para a guerra. Não sei o que fizeram enquanto permaneceram no Brasil. A preparação foi deficiente mas, mesmo assim, saíram-se bem e cumpriram a sua missão. E tinha de tudo na FEB. Não vou dizer que todo o soldado foi herói. Eu cansei de encorajar soldado nas horas de bombardeio:

— O que é isso rapaz, o que está sentindo?

— Ah, eu estou com medo, Tenente.

— E tu achas que eu também não tenho medo? Quem é que não tem medo das bombas? Só louco! Te agüenta aí, senão te apelidam de *paúra*. *Paúra*, em italiano, é medo, pavor.

Outros febianos praticaram verdadeiros atos de heroísmo. Lembram daquele caso que eu contei do soldado que levou um tiro, caiu no rio e o Esquadrão não parou, prosseguiu no seu deslocamento? No dia seguinte pela manhã coloquei o

Esquadrão em forma e um soldado se apresentou sem coturno. O Capitão Pitaluga estourou, repreendeu-o e ele retrucou. O Pitaluga falou para mim:

— Solon, vamos abrir um inquérito e indiciar esse sujeito. Ele está se insubordinando.

O apelido do pracinha era Bigode, me lembro até hoje dele. Levei-o para um canto e perguntei:

— O que está havendo contigo, Bigode? Onde estão os teus coturnos?

— Eu os perdi no rio — respondeu.

— Perdeu no rio?

— Perdi quando voltei para buscar o colega que caiu do jipe, ferido pelos tiros dos alemães.

— Você foi lá, à noite, sozinho? Encontrou o seu companheiro? Onde ele está?

O corpo do soldado, envolto em uma coberta, estava no jipe usado pelo Bigode para resgatá-lo. Ele foi sozinho buscar o cadáver do companheiro. E trouxe. Merecia ter recebido a Cruz de Combate de Primeira Classe. Relatei para o Pitaluga o que havia ocorrido mas o fato acabou sendo esquecido. Naquela ocasião estávamos nos atropelos da corrida para o Vale do Pó.

Eu registrei nos meus apontamentos: "O que mais me impressionou na FEB foi a nossa capacidade de adaptação". É notável como um rapaz lá da colônia, conseguiu se ajustar tão bem e tão rápido às exigências de uma guerra. Eu mesmo, me adaptei muito bem a ela. Foi o que mais me impressionou. Confesso que não tinha a menor noção de que me adaptaria tão fácil aos atropelos de um conflito armado. No fim, já estava até gostando. Quando, no término da guerra, aconteceu toda aquela festança, eu não participei. Nos soldados, sargentos e oficiais percebia-se uma espécie de frustração, de tristeza. Então entende-se porque entre nós não houve grandes comemorações. A alegria maior era dos italianos. Como outros, eu pensava: "Terminou a guerra, acabou tudo, agora vamos voltar para casa". Quer dizer, no fim estávamos até gostando daquilo. Gostando, é claro, porque nós éramos os vencedores e na Itália éramos reis, éramos os libertadores. Sentimos que aquilo ia terminar e por isso não havia motivo para grandes alegrias.

Agora algumas observações sobre o soldado inimigo. Somente entrei em contato direto com eles durante a rendição da 148ª Divisão de Infantaria alemã. Impressionaram-me o garbo e a disciplina com que se apresentavam quando estavam se rendendo. Os pelotões vinham para se entregar, com um tenente à frente, marchando em forma, bem organizados e bem fardados. Era uma tropa muito disciplinada e muito preparada. Não pertenciam à SS, eram soldados do Exército regular alemão. Realmente fiquei impressionado com a maneira como eles chegavam e como se rendi-

am. Depois da rendição, muitas vezes reuníamos os soldados alemães para trabalhar nas estradas. Eles iam com a pá ao ombro e, geralmente, cantando. Atrás seguia um sargento americano, policiando os prisioneiros. Eu olhava para eles e não acreditava que os tivéssemos derrotado e que entregavam-se presos, incondicionalmente.

Conseqüências da Guerra

Para o Exército foi motivo de orgulho e prestígio ter participado da guerra e contribuído para a derrota do nazi-fascismo. Julgo que para as Forças Armadas Brasileiras isto foi algo muito positivo. Eu assinalei nas minhas anotações: "É pena que o Exército não tenha sabido aproveitar as experiências adquiridas, principalmente pelos militares de carreira, na guerra". Houve, logo que a FEB voltou, uma espécie de manto de silêncio sobre ela. Ninguém falava em FEB. Ela foi desmobilizada ainda na Itália. Por quê? Não sei. Até hoje eu não sei a razão dessa pressa. Em vez de aguardarem o regresso dos soldados e estudarem caso a caso os seus problemas, para depois liberá-los, desmobilizaram-nos ainda na Itália. A impressão que se tinha é de que estavam com medo da FEB. Por que desmobilizá-la na Itália? Isso foi uma decisão e um fato que até hoje não entendi bem.

Talvez tenha sido uma decisão política. Por causa do Getúlio e de estarmos sob uma ditadura. Afinal, tínhamos ido lutar contra as ditaduras européias. Passamos a ser uma ameaça. Essa é a única explicação que eu vejo para a infeliz decisão de desmobilizar a FEB com tanta pressa.

Eu, por exemplo, servi numa unidade mecanizada quando voltei para o Brasil. Depois de tirar férias fui classificado no 2º Regimento de Cavalaria Mecanizado, aqui em Porto Alegre. Nunca ninguém me perguntou como tinha sido a guerra. Nunca um Comandante me escalou para fazer uma palestra: "Olha Solon, você esteve na guerra, faz uma palestra sobre a FEB para o nosso pessoal". Eu nunca fui convidado para falar sobre a guerra. Agora não falo mais, já estou com a cabeça meio fraca. Eu fui Instrutor-Chefe do Curso de Cavalaria do CPOR em 1966 e 1967 e nunca o Comandante me disse: "Agora, no dia 8 de maio, nas comemorações do fim da II Guerra Mundial, você vai fazer uma palestra sobre a FEB". A impressão que se tinha é que ninguém queria falar sobre a guerra.

Para a minha vida pessoal a guerra não teve conseqüências. A única coisa que eu ganhei por ter sido da FEB, foi estendida para todos no Exército. Não consegui vantagem alguma. Aliás, não fui para a guerra para obter vantagens.

Eu anotei no meu resumo algo a respeito: "Somente agora, depois que já estamos velhos e com o efetivo muito reduzido, é que passamos a ser heróis". Antes

nunca falaram em heróis da FEB. De uns tempos para cá é que estamos nos transformando em história e passamos a ser considerados heróis. Não era assim. Quando eu cheguei da Itália não era herói coisa nenhuma. Me transferiram para um Regimento de Porto Alegre e lá nunca se falou que eu tinha participado da guerra. Nunca me chamaram para fazer uma palestra, nunca me estimularam: “Você deve fazer cursos, você tem experiência de guerra”.

Outras Observações

O relacionamento do nosso soldado com a população italiana foi excelente. Esta opinião não é pessoal. É uma unanimidade dos estudiosos e entre aqueles que participaram da guerra.

No Esquadrão um Tenente Capelão prestava assistência religiosa. Era muito bom praça. Durante a viagem por mar, aos domingos, podíamos assistir missa no convés. Não havia só padres católicos mas também os pastores protestantes. Eles nos deram muito apoio espiritual durante toda a guerra.

Quanto ao Serviço de Saúde pouco pude observar. Eu nunca tive uma dor de cabeça na guerra. Passei o tempo todo sem nenhum problema de saúde. Nem gripe, nem resfriado, não tive nada. Ainda bem, mas, em conseqüência, não pude avaliar a qualidade do nosso apoio de saúde. Aqueles que precisaram do nosso Serviço de Saúde na guerra, elogiaram a sua eficiência.

Também escrevi nos meus apontamentos: “O clima foi amenizado pela excelência do material de inverno que recebemos”. Quando começou a esfriar, fiquei preocupado. Eu só tinha uma “japonazinha” muito vagabunda. Pensei: “Como é que vai ser no forte do inverno?” Mas quando esfriou de verdade, começaram a chegar os caminhões dos americanos com roupas de inverno para nós. Podíamos escolher as peças que interessavam. Havia uma espécie de bombacha e blusões forrados com pele. Naquelas roupas podíamos até deitar e rolar na neve. Eram impermeáveis. Eu, sinceramente, sinto mais frio aqui no Rio Grande do Sul do que senti lá. Na Itália não senti frio. Outra coisa: ceroulão de lã para todo mundo. Ceroulão, camiseta grossa, blusão, enfim, roupas de inverno adequadas ao clima. Não se sentia frio; eu não lembro de ter sentido frio na Itália, embora o inverno tenha sido, segundo eles, muito rigoroso.

Um Cavalariano de Escol

A atuação dos tenentes Pitaluga e Belarmino na guerra é prova de que nem sempre o desempenho escolar é decisivo na qualificação do oficial. Ambos eram

oficiais de Cavalaria da turma de 1934 e não os alcancei na Escola. O Belarmino e o Pitaluga não estavam classificados entre os primeiros de sua turma e, no entanto, tiveram atuação destacada durante a guerra. Quando o Capitão Franco Ferreira se afastou do Esqd Rec, o Pitaluga, que era o mais antigo, assumiu o Comando do Esquadrão e o Belarmino, também Capitão, ficou como Subcomandante. Todos os dois capitães foram excelentes oficiais da Força Expedicionária.

Para concluir minha entrevista eu gostaria de destacar a atuação do meu Comandante de Esquadrão, o Capitão Pitaluga. Impôs-se como chefe pela sua competência profissional, coragem, liderança e energia. Foi um grande chefe e líder! Outros colegas meus também se destacaram, mas a principal figura do Esquadrão na guerra foi o nosso Comandante. Neste final de depoimento, quero deixar registradas as minhas homenagens ao Capitão Pitaluga, um grande guerreiro, um cavalariano de escol.

Bacharel Oudinot Willadino*

Nasceu em abril de 1925, em Santa Maria (RS). Sentou praça em 1942, no Tiro de Guerra Nº 248 de Caxias do Sul. No início de 1943, foi um dos voluntários selecionados para integrar a FEB, servindo no 9º Batalhão de Caçadores, ainda em Caxias do Sul, até quase o final do ano de 1944. Aprovado na seleção final, embarcou para o Rio de Janeiro, de onde seguiu para os campos da Itália em fevereiro de 1945. Daquele mês até abril permaneceu em treinamentos no Depósito de Pessoal da FEB em Staffoli. Em 20 de abril foi incorporado ao 3º Batalhão do 6º RI com o qual fez o restante da guerra participando da captura de Zocca, da ocupação de Marano e, finalmente, da manobra vitoriosa de Collecchio – Fornovo. Desmobilizado em 12 de julho de 1945, ainda na Itália, retornou ao Brasil, desembarcando no Rio de Janeiro em 3 de agosto de 1945. Aqui, dedicou-se com sucesso à atividade comercial de 1945 a 1983 e, após bacharelar-se em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, foi Procurador da Assembléia Legislativa do Estado de 1983 a 1991. Atualmente trabalha como Consultor Jurídico. Seu espírito voluntarioso o levou a exercer sempre alguma atividade social paralelamente a sua vida profissional, tendo sido, entre outras, membro do Lions Club, da ADESG (Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra), da Diretoria do IPESUL (Instituto de Pesquisas Sociais e Econômicas do RS), da Diretoria da Associação Nacional dos Ex-Combatentes do Brasil – Seção do RS e da Diretoria e Presidente da ACM (Associação Cristã de Moços). Atualmente é Secretário da Seção Regional da Associação Nacional dos Veteranos da FEB. Recebeu a Medalha de Campanha, por sua participação na Segunda Guerra Mundial.

---

* Atirador do 3º Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria, entrevistado em 23 de maio de 2000.

Um Flash da Minha Guerra

A participação que tive como soldado na FEB não tem significação especial nenhuma porque cheguei na Itália praticamente ao término da guerra. Penso que pouco ou quase nada posso falar sobre isso. A idéia que darei será, talvez, o ponto-de-vista do soldado que serviu em Caxias do Sul, fez o Tiro, foi incorporado ao 9º BC (Batalhão de Caçadores), e foi para a guerra. Todo o navio afundado, os processos e as tendências brasileiras a respeito do conflito eram amplamente noticiados pela imprensa da época. No entanto, nada disso tinha significativa penetração ou expressão no Corpo de tropa. Não fomos preparados para combatermos na Itália e sequer sabíamos o que iríamos enfrentar. A ampla mescla — gente de todas as grotas e regiões —, feita pelo Marechal e que alguns condenaram e a outros agradava, resultou em uma grande camaradagem e um corpo de tropa unido após o encontro da maioria, em suas Unidades. Falando sobre a preparação, eu fui para o Depósito de Pessoal, em Staffoli; aquilo era um "bolsão" de guerra, quem estava lá queria ir embora, queria ir para o *front* porque não suportava mais os treinamentos de oito horas por dia. Atirei com todas as armas disponíveis; eu e meu companheiro de rancho gastamos em um treinamento de bazuca mais do que a Região aqui gasta em um ano. Atiramos de metralhadora, carabina e fuzil *Garant*. Fomos treinados para o combate. Encontrei o coronel Paulo Fernandes, ele era tenente e tinha um *Springfield*, só ao final da guerra ganhou uma carabina. Chegamos no *front* no dia vinte de abril, justamente depois de um combate muito violento — o de Montese. A Unidade em que fui servir, o 3º Batalhão do 6º RI (Regimento de Infantaria), sofrera umas duzentas baixas, uma barbaridade. Lá não havia Comandante: nem de Companhia, nem de Pelotão. E o sargento sequer ligou para nós. A tropa estava com o moral muito baixo, ficamos, um contingente grande, acampados parece que em Santa Maria di Pietra Colore, não gravei bem o nome. Estava absorto na guerra com os meus problemas e não dei muita importância para os nomes em si. Fizemos uma defesa avançada, e o 3º Batalhão, que tinha sido dizimado, foi poupado e ocupou uma linha para impedir que os alemães fossem para o Norte. Fomos cavando buraco, descansando, cavando, até chegarmos em Parma.

Na realidade, não fiz amizade com os combatentes; de certa forma, aquele grupo de recompletamento de Montese foi meio discriminado pois até para o retorno embarcou dez dias depois. Ficamos na Itália, não permitiram que voltássemos com os demais, e teria lugar. Discriminaram o contingente de recompletamento do Terceiro Batalhão. Fomos desincorporados lá e depois retornamos. Quando chegamos no Rio de Janeiro não havia ninguém nos esperando. Tomei a iniciativa e fui ao Ministério da Guerra. O tesoureiro era irmão gêmeo do Capitão Assis, o Capitão-ajudante que eu

conhecera em Caxias do Sul. Contei-lhe nossa triste história e disse-lhe que estávamos com os companheiros meio às moscas. Fomos com ele a Caçapava receber o dinheiro. Enquanto preparavam as folhas para nos pagar fui a São Paulo e encomendei um enxoval. Retornei a Caçapava e como ainda tinha que esperar pela requisição para retirar a passagem, embarquei para Porto Alegre assim mesmo, meio no grito. Levei três dias de trem porque houve um acidente no caminho.

Vim fardado. Mandara fazer minha roupa civil, mas vim com a farda. Nem me preocupei. Como disse, eu não tinha passagem, ninguém do grupo que vinha comigo tinha. Comprei até um colchãozinho de criança na Estação da Luz, em São Paulo, para dormir no caminho. Na viagem conheci uma "guria" com a qual casei depois. Sempre digo que ela se prevaleceu de um carente da guerra, me pegou indefeso no trem e sucumbi. Era irmã do Ubirajara Brito Costa, que fora meu colega de colégio. Ele concluíra a Escola Militar em agosto de 1945 e viajava com a família no mesmo trem.

Em Porto Alegre, tenho feito, praticamente, minha vida de febiano.

Seleção Atribulada: Convocados Ingênuos

A minha história é longa. Os Tiros de Guerra da fronteira, que eram de cavalaria, haviam sido fechados e eu precisava servir ao Exército para conseguir trabalhar. Em Caxias do Sul funcionava um Tiro de Guerra à noite e eu tinha uma tia na cidade; fui para lá, era de Infantaria. O comandante do Tiro, Capitão Fonseca, era de uma família tradicional de São Leopoldo. Ele foi, inclusive, Prefeito da cidade, anos depois. Permanecia um Tenente-instrutor e um sargento para as instruções noturnas. Para mim, um gurizote com dezessete para dezoito anos, era bom porque para ir às boates e zonas, bastava colocar o uniforme do Tiro e pronto. Às dez horas passava a patrulha do Exército para recolher os retardatários. Alguém avisava: "Olha, a patrulha chegou!" Nos escondíamos nos quartos até que fossem embora. Naquela época a consumação era uma cerveja, cada um tomava uma; gastava dois mil réis, ficava assistindo o show e namorando. Assim, valia a pena servir no Tiro. No fim do ano de 1942 mandaram que todos se apresentassem no quartel. Convocaram uma classe, não sei se de 22, 23, ou 21, e o pessoal do Tiro Nº 248 — o nosso. Nos apresentamos e a gringada quase toda saiu fora como arrimo de família etc. No Tiro éramos uns oitenta, três pelotões, quase uma Companhia, e restou uma turma de uns 15.

Ficamos um ano e tanto no 9º BC (Batalhão de Caçadores), de janeiro de 1943 até o fim de 1944. Depois fizeram uma seleção. Nunca vou saber se fui voluntário ou se me mandaram, acredito que eu tenha sido. Hoje todo mundo diz que fui, realmente não me lembro. Eu não era muito boa praça. Havia alguns oficiais que gostavam de mim —

sou amigo deles até hoje —, outros não, porque eu complicava muito, vivia defendendo os interesses dos soldados, reivindicando, discutindo até a lei da gravidade com os oficiais por causa dos coitados dos gringos. Havia um companheiro no BC (Batalhão de Caçadores) muito mais politizado do que eu, dizia-se comunista, éramos o oposto no campo das idéias e dos poucos que estudavam e liam o noticiário do jornal. Meu espírito democrata era mais para contrariá-lo por ser comunista, do que por ideologia ou convicção de vida. A maior parte do pessoal não tinha muita noção da realidade. Os soldados eram uns moleques, uma gurizada. Não conheciam o mundo real, exceto os que iam em casa e discutiam o dia-a-dia. Eram da colônia, não liam jornal, para eles seria uma maravilha ir para o Rio de Janeiro. Depois viemos para Porto Alegre fazer o exame médico; mandaram uns 150 ou 160. Passou apenas a metade.

Viemos, fizemos o exame aqui em Porto Alegre, e aquele contingente de aprovados — uns oitenta e poucos de Caxias, entre soldados e cabos – recebeu passagem e foi embarcado em um vagão, não me lembro se de gado, ou de carga. Fomos à Santa Maria, nos incorporamos ao contingente de lá e seguimos todos, de imediato, para a Vila Militar. Eu era um deles. O Centro de Recompletamento de Pessoal da FEB lá no Rio era um Deus nos acuda. Gente de todo o Brasil. Então nos fechamos, era a turma de Caxias e de Santa Maria. O resto era o resto! Churrasco quase todas as noites. Realmente, o pessoal não tinha a cabeça do inglês, com aquele negócio de saber o que é a guerra, recebendo bomba para sobreviver.

No Rio não tivemos treinamento. Lá não havia nada, só um acantonamento. Na Itália sim, fomos treinados e massacrados. Aliás, considero que o meu contingente foi preparado para o *front*. O Tadeu e a turma dele aprenderam sob fogo alemão. Nós fizemos treinamento para patrulha, para buscar prisioneiro, enfim, uma preparação adequada.

Um comentário sobre este assunto: houve interferência para liberar convocado e até aquele que se mutilou. Isto aconteceu em várias regiões do Brasil. Quem baixava era cobrado o tempo todo. O Comando sabia que muitos dos que não queriam ir faziam de tudo para adoecer. Claro, era uma minoria; de todo o contingente uns cinqüenta tentaram, sob todos os meios, fugir da guerra. Casualmente, eu tive um ataque de amigdalite, acho que uns quinze dias antes de embarcarmos, e baixei ao hospital. Até faço folclore com essa minha baixa porque no segundo ou terceiro dia me mandaram de volta para a Unidade. Fui babando ainda. Era ordem superior: alta do hospital o quanto antes. Conto uma piada muito boa sobre um trote que passei enquanto eu estava lá. O Hospital Central do Exército passava por reformas e estava todo dividido em enfermarias, uma para cada tipo de doença. A nossa era para enfermidades do pescoço para cima. Um marinheiro baixou tomado pela sinusite. Lá pelas tantas o "fulano" viu aque-

la turma dos operados passar noites em claro babando, tendo um lençol como babador. Então, eu lhe disse que aquela baba toda era conseqüência da cirurgia feita em todos os baixados da ala. Extraíam as amígdalas com um alicate enorme, sem anestesia e sem cauterização posterior, o que deixava o cara babão para o resto da vida. O homem foi ficando preocupado, com medo e, não demorou muito, apagou. Foram chamar a freirinha que tomava conta da enfermaria. Depois de olhar, apalpar e testar até a jugular dele, ela saiu correndo, aos gritos: "S*chwester*, S*chwester*, o marinheiro morreu!" A S*chwester* chegou, examinou-o, tomou-lhe o pulso e, sacudindo a cabeça, pediu à irmã Maria que fosse à copa e trouxesse uma vela para o morto. Aí o marujo fez um esforço, abriu os olhos e disse: "Irmã, não precisa vela, eu vou a remo mesmo!" Voltando ao meu caso: me mandaram de volta, eu não estava nem restabelecido quando embarquei. Mas, como eu disse, foi uma minoria os que tentaram burlar.

Sobre treinamento lembrei de algo interessante: acredito que tenha sido rotina em todos os quartéis. Eu já estava no BC (Batalhão de Caçadores), em 1943, e durante a ronda na cidade de Caxias fazíamos treinamento contra bombardeio noturno. Muitas noites atravessávamos a cidade, toda no escuro, e preparávamos uma seção, ali no centro, para verificar as condições de defesa sob blecaute. Essa consciência o pessoal tinha. Agora, quanto ao aspecto profissional, as preparações física e moral, nisto não se tocou. Depois selecionaram os melhores. Três cáries nos dentes eram suficientes para cortar o homem; doença venérea, nem pensar. O americano era capaz de fuzilar quem fosse para lá doente.

O General Mário Fernandes conta uma maioral: em um ataque, um tenente — ele preservava o nome do oficial —, foi ferido com o deslocamento de ar de uma explosão e perdeu um olho. Só que era um olho de vidro! Mandaram-no para a Inglaterra para fazer outro igual. O Mário então conjeturava: "Já imaginaram a surpresa? — se é que o inglês pode se surpreender — o Brasil, com cinqüenta milhões de habitantes, vai escolher logo um homem com um olho de vidro para mandá-lo à guerra, como Tenente".

Travessia Tranqüila

O nosso embarque e a própria travessia não tiveram problemas, pois naquela ocasião a guerra já estava mais tranqüila e o poder marítimo dos alemães praticamente quebrado. Mesmo assim fomos escoltados por dois cruzadores brasileiros. Fazíamos exercícios de abandonar o navio pela manhã, à tarde, e à noite.

A alimentação era americana. Como não dei serviço, eu só tinha duas refeições por dia, o que era suficiente.

Um detalhe curioso sobre a travessia: não enjoei. Nem quando viajamos nas barcaças. Fui dos poucos. Eu e uma meia dúzia de gaúchos nada sofremos. Ficávamos na carpeta enquanto a turma vomitava pelo chão, o barco todo sujo, era uma tragédia; eu devia estar doente, em choque, uma coisa assim, porque não sofri nada. Aquilo era um absurdo. Até a chuva nos incomodou.

Acho que uns foram de caminhão. Eu fui naquele horror, chegamos todos de pernas frouxas. Mas não enjoei.

Depósito de Pessoal: Ralação Planejada

Lá na Itália fui incorporado ao Depósito de Pessoal no dia 22 de fevereiro. Embarcamos no dia oito no *General Mann*, ou melhor, no *General Meighs*. Essa é a idéia que tenho. Não guardo todas as datas porque a guerra para mim não tinha muito significado. Eu estava absorto em saber o que fazer quando voltasse ao Brasil. Cheguei em fevereiro no acampamento, uma região baixa, quente, com uma floresta de pinus, perto de Pisa. Nosso uniforme era quente para aquele clima. Depois, conforme íamos subindo, o clima ia amenizando, as montanhas ainda estavam cobertas de neve. A turma que sofreu mesmo foi a que pegou o fim do ano, foi um dos piores invernos da Europa, vinte graus abaixo de zero.

Como já disse, no Brasil não tivemos nenhuma instrução. A preparação para esses recompletamentos, tanto o segundo como o terceiro escalão, foi só o trânsito pelo Centro de Recompletamento de Pessoal da FEB. Já a preparação na Itália foi muito boa; treinamos e nos adaptamos com o material. Sentia-me adequadamente preparado para o combate e estava confiante. Se tivéssemos ido para o *front* usar aquele armamento velho que nós tínhamos, o *Springfield*, estaríamos “ralados”. Eu dizia que quem estava na retaguarda, na realidade estava num “bolsão”, cercado de inimigo por todos os lados: era “chumbo”, era o Comandante, era a turma cuidando da disciplina. A sorte é que o soldado é muito solidário. Uma vez tomei um pifão, um gringo nos deu vinho com um pouco de casca de pinheiro. Era álcool puro, e dos brabos, quase etanol. Passei uns três dias apagado, escondido pela turma.

O meu Comandante do Depósito de Pessoal, Coronel Archimínio, era doido, ele atava os outros. Famoso e doido. Ele mandava estaquear o soldado muito alterado. Botava no toco e deixava no meio do arame farpado, ao relento. E para piorar, os treinamentos eram terríveis.

Vou contar um acidente que houve na minha turma. Depois de uma breve explicação — aprendia-se tudo na prática —, atirávamos de bazuca contra uns tanques até aprender; um ficava de municiador e o outro de atirador. Cada um dava

uma meia dúzia de tiros. O campo de treinamento era em uma roça de milho; logo, havia leiva e terra fofa. Para se acertar no tanque mirava-se na lagarta; volta e meia alguém errava. A granada batia na leiva, rodopiava e explodia. Caso não explodisse, a orientação era para que se identificasse o local e não se tocasse na base. Mais tarde uma turma especializada recolheria as que haviam falhado e as colocaria em um fosso para serem explodidas. Certa vez, enquanto um daqueles grupos fazia o recolhimento, um dos nossos soldados, desavisado, pegou uma das granadas e foi entregá-la ao pessoal. Ao perceberem o perigo, gritaram: "Soldado, larga isso!" E ele largou. O estrago foi grande, não gosto nem de recordar. O treinamento era de manhã, de tarde e à noite, embaixo de arame farpado e catando mina. Sobrava o fim-de-semana quando o pessoal aproveitava para sair e, às vezes, tomar aquele porre para esquecer as mágoas. Em conseqüência todo mundo queria ir para o *front*, quer dizer, o voluntariado era fugir do Archimínio.

Éramos treinados por uma equipe de oficiais brasileiros e americanos. Uma vez fiz uma brincadeira de mau gosto para um companheiro e levei uma bronca do americano, quase que o gringo bateu em mim. Estávamos passando num campo minado e joguei uma pedra, eu não tinha visto as placas de aviso. Então: PUM! O americano veio correndo e me botou os cachorros. Felizmente não entendi nada. O nosso Tenente, sem saber o que ocorrera, achou que o sujeito estava histérico. Trocaram algumas palavras e ele retornou dizendo que o americano vira eu jogar alguma coisa. Retruquei afirmando que retirara uma pedra que estava na minha frente, apenas isso. Mas o treinamento era perigoso, semelhante aos que se vê nos filmes, hoje em dia. Eles preparavam mesmo. Tinham tempo, armamento adequado e condições. Também, já imaginaram? Cinco mil homens no acampamento, com tempo sobrando?

É possível até que o Coronel Archimínio fizesse tudo o que fazia, com o conhecimento da cúpula. Provavelmente uma técnica usada pelo Comando da FEB para motivar o soldado, tornando o *front* mais "atrativo" do que a retaguarda, porque a coisa era estafante. "Vamos botar esse pessoal para ralar..." Sei que para nós o *front* foi um alívio. Se bem que, daí em diante, só descansei quando terminou a guerra. Não deu nem para ter medo. Como eu disse: estava absorto, remoendo meus problemas domésticos.

Vinte Dias de "Front"

Bem, quando eu cheguei na linha de frente no dia subseqüente a tomada de Montese, o pessoal estava sem apoio porque o comando da companhia estava desarticulado, sem comandante; o Capitão Helio Portocarrero de Castro fora ferido e

evacuado. Diziam que o Tenente que o substituiu era do Bom-Fim, aqui em Porto Alegre, chamava-se Newton, mas nunca tive certeza. Estavam sem comando e atirados em um casario velho, uns galpões. Chegamos lá e tentamos conversar com eles, animá-los; nem deram bola, estavam arrasados. Eu vi isso, faltava um Capitão, um Tenente, um líder. Esse abatimento deles era em razão do número de baixas que tiveram. Foi o combate mais encarniçado vivido pela FEB, o mais árduo, tomaram casa a casa, rua a rua, esquina a esquina. Ouvi falar em duzentas baixas no Batalhão entre mortos, feridos e desaparecidos. Foi o Batalhão mais sacrificado.

Soldado inimigo eu não enfrentei, mas sabíamos, fomos treinados e avisados de que em cada uma daquelas casamatas, em cada um daqueles pontos estratégicos havia um atirador de elite. Todo o mundo fora alertado para abrir o olho porque o alemão acertava no meio da testa dos nossos soldados. Caçava-os com luneta. Eles tinham esse equipamento. Eu nunca ouvira falar que se usava luneta na guerra.

Bom, voltemos ao *front*. O contingente que recompletou o Batalhão dizimado em Montese ficou meio discriminado. Enquanto os outros gozavam licença, nós éramos esquecidos. Em contrapartida, eu também esquecia deles e, em conseqüência, passeei bastante. Como estávamos acéfalos, eu cuidava muito de mim. A minha Companhia não tinha Comandante; depois assumiu o comando um Tenente que nem consegui gravar o nome. No Pelotão, se não me engano, o comandante devia ser um sargento, mas também não cheguei a ficar sabendo o nome dele. Já fui a três encontros em São Paulo, precisava reencontrar os companheiros, pelo menos os da Companhia. Dos petrechos pesados encontrei um, sou amigo dele, mora aqui agora. Mas daquela turma do Sexto, que estivera junto naquele pelotão e que fizera todo o final da campanha até Fornovo com a 7ª Companhia, não vi mais ninguém. No último encontro disse ao Comandante da Unidade que não retornaria mais porque restam muito poucos dos cinco mil, o efetivo original do Regimento. O Sexto prestou uma homenagem muito bonita aos ex-combatentes. Em uma placa de mármore gravaram o nome de todos. Só que o nome do Comandante do Batalhão saiu errado; em vez de Silvino está Silvano. O pessoal o adorava.

Soldado Brasileiro: Ousadia Perigosa

Quando se fala sobre o soldado brasileiro, tem que se tirar o chapéu para o seu desempenho. O nosso comportamento podia até ser considerado um pouco leviano. O pessoal fazia cada coisa! Havia soldado que levantava a cabeça do buraco para ver onde ia cair a bomba. Nossas patrulhas eram por demais audazes. Falo mais de ouvir os companheiros falarem. Em nossas reuniões, nos nossos encontros, co-

mentamos, em tom de brincadeira, claro, que o Max Wolff queria morrer, que ele era temerário. Na realidade, quase todos nós éramos assim porque aos vinte anos, quando entramos na guerra, tínhamos muito pouco a perder, quase nada. Não tínhamos patrimônio nem tanto estudo assim que quiséssemos preservar. Era essa, mais ou menos, a nossa mentalidade. Sem apego à vida, estávamos livres do temor da morte, comum no resto do pessoal. Diferente do inglês que tinha mulher e filhos a espera e estava lá, lutando e levando bomba do alemão. Já imaginaram? Nós não tínhamos ninguém, poucos oficiais eram casados. Na turma predominava Segundo e Primeiro-tenentes; os capitães eram poucos. O Paulo Fernandes, recém-casado; o Mário Fernandes, já com quase dez filhos. Esse pessoal tinha apego, mas mesmo assim cumpriram bem suas missões. Em primeiro lugar, nossa turma sabe improvisar, ainda hoje se vê isso. O soldado cumpre a missão. Se necessário, não obedece nem as normas; não vai quadradinho, certinho, quebra os galhos à medida que surgem. Se a missão é fazer um prisioneiro, ele recebe uma rota e pode até ficar meio perdido, mas retorna com o homem preso. Temos casos interessantes. Certa vez um pracinha encontrou meia dúzia de alemães querendo se entregar, um pouquinho antes de Montese. Conseguiu fazê-los prisioneiros assim meio na moleza e os conduziu até a casa onde estava o restante de sua patrulha bivacada. Ao entrar, disse: “Olha, trouxe uns alemães para vocês, estão se rendendo”. Eles ainda portavam os seus armamentos, cada um com o seu. O pessoal que estava dentro da casa se levantou espavorido e, correndo, pegaram metralhadora e pistola para atacar os alemães que entravam. Foi um Deus nos acuda. Tudo porque o pracinha vinha na frente e nem tinha desarmado os prisioneiros.

E a Guerra Terminou!

A primeira vez que tomei conhecimento do término da guerra foi em Parma. Jogávamos futebol com os italianos — perdíamos de onze a um, e até eu participava da partida —, quando soubemos que a guerra tinha terminado. Pegamos nossas armas e começamos a atirar para cima. Foi uma estupidez. Deve ter caído muito chumbo perdido, tantas foram as rajadas de metralhadoras e tiros de fuzis. Estávamos esfuziantes, vibrantes com a novidade.

O material bélico foi entregue na Itália, mas houve muita compra e venda. Eu, por exemplo, comprei uma pistola. Foi na fase final da guerra. Eu estava naquele contingente que não tinha comando, cada um cuidava da sua vida; aprisionamos muitos alemães e muito material. Acabamos vendendo e comprando muita coisa, menos os jipes deles. Os italianos negociavam de tudo.

Depois fomos passear. Tínhamos uma curiosidade danada, o pessoal romanceava muito, então todos queriam ir a Roma onde pensavam encontrar muitas mulheres. Fui e não vi uma. Quis entrar numa área onde diziam que tinha mulher mas os americanos não me deixaram. Era restrita, proibiam a entrada. Dei graças a Deus em conseguir um hotel para dormir. Contavam muitas histórias, muito romance. Ninguém mais queria saber de nada, só queriam comprar lembranças e passear.

Estive na Europa há pouco tempo com a minha mulher. Passei em Roma e Pistóia. Retornei à Praia de Corniliano, em Gênova, onde tentei, em vão, localizar um determinado prédio. E explico o porquê da minha busca. Durante a guerra, em um dos meus passeios fui até aquela praia e acabei arranjando uma amiga, filha de um banqueiro. Como não tinha idéia de quando iria embora, aluguei um quarto, no referido prédio, por uma semana. Comprava balas de goma, conseguia cigarros com aqueles que não fumavam, comprava e vendia de tudo um pouco, fazia meus esquemas. Quase todos os dias ia visitá-la levando um rancho de presente. Dormia no quarto alugado e voltava no dia seguinte. Pagava uma ninharia de aluguel. Freqüentava a casa deles mas não tinha intenção de namoro, de nada. Eram pessoas muito bacanas. Ela inclusive era noiva de um italiano. Posteriormente casaram-se e foram para a África. De lá ainda me escreveu algumas vezes, depois perdemos o contato. Mas, como eu dizia, levava os ranchos e freqüentava a casa; fui chegando e me aquerenciando. Acostumado com os gringos de Caxias, eu os entendia melhor. Trocávamos idéias, nos comunicávamos bem. Só cometi uma besteira. Uma vez fui jantar em um clube junto com a família dela, uma reunião de banqueiros, ou bancários, não sei bem, e eu estava de farda, aliás andava sempre fardado. Aquela farda, pelo amor de Deus! Era horrorosa, mas me sentia bem assim. Um dos amigos da família me perguntou por que estávamos na guerra. Eu sabia o porquê, mas em vez de dizer logo que era em represália aos nossos navios afundados, que repercutiu pelo Brasil afora, com manifestos no Rio de Janeiro e em outros lugares, para florear o negócio, disse que estávamos lutando pela democracia. O gringo, para esculhambar comigo, disse que ditadura pior que a do Mussolini, era a do Getúlio, que estava há mais tempo no poder etc. Foi um vexame! Argumentei que era força de expressão, e quando tentei dizer-lhe dos reais motivos que nos haviam levado para a guerra, ele retrucou dizendo que os navios haviam sido afundados pelos americanos, com o intuito de apressar a entrada do Brasil no conflito. Fiquei roxo de vergonha. Hoje temos provas. Tenho o nome de todos os navios afundados e de seus algozes. Nos arquivos dos alemães e dos italianos consta tudo. Temos só um navio afundado que não identificamos o nome da belonave agressora e seu respectivo comandante. Foi no final da guerra, não me lembro bem a data, se não me

engano foi em julho, e era navio da Marinha-de-Guerra; deve ter sido atingido por uma mina e afundou.

Retornando ao meu relato, recebemos o certificado ainda na Itália e, a partir daquele momento, fomos abandonados. Quem veio no primeiro escalão foi tudo direitinho. Chegaram no Rio, tiveram uma recepção patriótica e calorosa. O Sexto foi aclamado em Caçapava e até hoje a cidade festeja a data. O pessoal chegou no quartel e aqueles que iriam dar baixa foram licenciados. Receberam dinheiro, passagens, viajaram, tudo numa boa. Uns quinze dias depois começaram a transferir os oficiais. Foi uma banditisse.

Desmobilização Política

Cheguei uns dez dias depois e desembarquei no Rio. Tive um companheiro que ficou no Recife; quem era pernambucano já ficou por lá. Uma das maiores críticas que tenho ouvido sobre a FEB é o problema da desmobilização. Coisa que o americano pensou. Tanto é que, se hoje o governo convoca uma tropa para o Timor ou Chechênia, o jovem americano se apresenta e vai. Ele sabe que terá respaldo quando voltar, pois sempre foram recompensados. Os ex-combatentes que participaram da Segunda Guerra Mundial receberam um subsídio para estudar durante tantos anos quantos os que estiveram em combate. E tiveram ingresso, sem concurso, nas faculdades americanas, que são particulares. Todos os que tinham *college* puderam entrar na faculdade. O governo deu tudo isso e ainda uma pensão de 190 dólares o que resultou em muitos casamentos entre ex-combatentes porque com 380 dólares, naquela ocasião, eles viveriam razoavelmente. E também tiveram uma casa financiada, em qualquer parte dos Estados Unidos. Todos. A exceção foi com os ex-combatentes do Vietnã. Esses não se conformam com o tratamento recebido da própria instituição que tanto homenageia e cuida dos “heróis” das Primeira e Segunda Guerras Mundiais. Aqui no Brasil a desmobilização foi catastrófica.

Eu falava que fui licenciado em 12 de julho de 1945, lá mesmo na Itália. Fui para a Reserva e, a partir daquela data, já não era mais soldado. Em novembro recebi um dinheiro do Exército, uma coisa estranha. Veja bem: um salário mínimo naquela época devia ser uns trezentos e poucos reais, ou melhor, cruzeiros, trezentos e poucos. Eu recebi cerca de oitocentos, sem que me dessem explicação. Fui correndo buscar, não escreveram nem o porquê nem para que, nada. Ficou o mistério. Mandaram o dinheiro, várias notinhas num envelope, pelo correio. Passaram-se os anos e em 1966 ou 1968, por aí, ao tirar uma certidão de tempo de serviço constatei o seguinte: fiz o Tiro em 1942, fui convocado e reincluído em 4 de

janeiro de 1943, sendo excluído em 15 de outubro de 1945. Três meses e uns dias de diferença. Mais tarde precisei de outra certidão de tempo de serviço. Os arquivos da minha Unidade, que eram guardados no Ministério da Guerra, haviam sido queimados em um incêndio e o 9º BC (Batalhão de Caçadores) sumira. Telefonei para um amigo no Rio que me informou acreditar que o 6º RI (Regimento de Infantaria), em Caçapava, tivesse a documentação arquivada. Cheguei lá e disse: "Estou postulando um serviço público e preciso de uma certidão do tempo em que servi aqui na Unidade". Foram procurar e eis o que encontraram: foi transferido etc. tendo sido excluído, por ter sido licenciado, em 20 de agosto de 1945. Vejam os senhores: outra data conflitante. Aqui está o documento, é uma curiosidade.

Fiquei sabendo depois que o pessoal foi desmobilizado por ato administrativo do Ministro da Guerra e que a FEB foi extinta também por decreto, só que não podia, tinha que ser decreto-lei. Com a lei de promoção do General Mascarenhas, aprovada pelo Congresso, aproveitaram para corrigir aquelas falhas. A FEB então foi desmobilizada em outubro de 1945. Olhei ontem, pois como não tinha quase nada para contar sobre a guerra, resolvi relatar estas peculiaridades. Eu estava com o Adão lá na secretaria da Associação e repassei o nosso livro da FEB: três de outubro é a data em que o último contingente chegou da Itália. Para mim foi isto. Esta é a data final. Parece-me que houve um atropelamento de conotação política por certos setores do governo.

Novos Tempos

Quero falar mais um pouco sobre a viagem de retorno a Porto Alegre. Eu fora à capital paulista encomendar minhas roupas, vim com um enxoval completo. Retornei a Caçapava para apanhar minha bagagem e lá embarquei. Vim de trem, o pessoal me tratou muito bem. Veio um grupo grande, quem embarcou no Rio veio com passagem, mas de segunda. Vinham todos em um vagão, bebendo. Tomaram um fogo e ficaram incomodando lá na frente. Eu estava chateado com aquilo, até falei com o chefe de trem para que não vendessem mais bebidas aos soldados. Foi horrível, incomodaram todo mundo. Então o Ubirajara, aquele amigo Aspirante que havia embarcado em Ponta Grossa — estava fardado — resolveu interferir. Disse-lhe que não se metesse pois estavam todos bêbados e armados, mas ele foi lá; nem deram bola. Fui para o meio do trem, sentei-me, e então o chefe de trem veio me pedir a passagem. Respondi-lhe que não tinha, que ele fosse cobrar do Ministro, pois eu não havia recebido passagem alguma. Com esta resposta, até Porto Alegre o homem não me incomodou mais. Cheguei aqui num sábado e segunda-feira comecei a trabalhar. Desde então nunca mais parei.

Eu namorava uma prima e nossas famílias eram contra. Veio a guerra e, para sorte delas, eu embarquei. Na Itália permaneci absorto com o meu retorno. Queria trabalhar, mas não podia ser em Caxias. Por duas razões: uma, ainda era a prima; e a outra, porque aprontara demais. Até hoje sou folclore lá. Fazia brincadeiras com o pessoal, expunha os militares, enfim, pintava e bordava. Se eu voltasse, a expectativa seria sempre de uma molecagem minha. Quando me encontro com o pessoal de Caxias — os selecionados para a guerra — e nós éramos 82, depois fomos morrendo, morreram sessenta; hoje somos apenas 22, aquilo volta um pouco, brotam aquelas pilantragens. Não era coisa de mau caráter, apenas trotes com o pessoal e invenções. E eu liderava a gringada. Havia um problema para resolver, os gringos falavam comigo; precisava conversar com um Oficial, eu era o indicado. Quando faziam sem-vergonhices esperavam sempre que eu estivesse no meio, que eu tivesse armado a situação. Então, não queria voltar para Caxias.

Minha preocupação era chegar aqui e trabalhar. Trabalhar e esquecer o passado, como de fato fiz. A guerra me fez amadurecer. Durante o meu treinamento e nos quinze a vinte dias de *front* tive que conviver comigo mesmo. Coloquei a minha vida em ordem, pois estava muito tumultuada. Isto foi fundamental para mim, me ajudou a tomar decisões. Já foi um ponto favorável. Não guardo ressentimento algum. Quando voltei, vim decidido a trabalhar. E trabalhar com amor.

Cheguei num sábado de manhã e desci a Rua da Praia a procura de emprego. Bati em tudo que era lugar. A época estava ruim, não havia trabalho. Atravessei a praça da Alfândega e entrei na Mesbla, situada onde hoje é o prédio do Banco do Estado, e fui falar com o contador. Era um inglês: William Georges Smith. Ele perguntou o que eu sabia fazer. Menti que era datilógrafo, na realidade eu não passava de *dedógrafo*; mas dava para defender. Exagerei um pouco as minhas aptidões e ele, no mesmo momento, me contratou como auxiliar de escritório. Havia um trabalho e uma perspectiva muito boa. Eu morava em um quarto de pensão e como não tinha namorada e nem parentes aqui, me dediquei ao trabalho com afinco. O meu salário era um pouco maior do que o mínimo e muito menos do que eu pagava na pensão. Como tinha feito uma reserva, não me preocupei com isto e comecei a trabalhar. Eu ganhava uns quatrocentos cruzeiros de ordenado, mais que o dobro do que ganhava um soldado pronto e fazia outro tanto de extras. Isto me possibilitou remendar minha mentira. O episódio foi até engraçado. Havia uma escola de datilografia na subida da Rua da Praia depois da esquina da Dr. Flores — Escola Professor Elwanger. A professora era muito cordata e lembro que claudicava de uma perna. Eu lhe disse que precisava aprender rápido porque já estava empregado como datilógrafo. Saía da Mesbla e ia direto para a aula, pouco depois das seis. As horas passavam e eu lá:

oito, nove, dez. Aí ela começava a ficar indócil. Eu lhe pedia: “Mais um pouco, só um pouquinho”. Lá pelas onze e tanto ela me dizia: “Não é possível, um moleque desses me conversando”. Encerrada a aula eu tinha que levá-la para casa; ela morava na Rua Professor Langendonck, em Petrópolis. Íamos no último bonde e eu voltava a pé, altas horas. Essa cantilena durou mais de uma semana.

Meu trabalho inicial na Mesbla era bater os *slips*. Os meus colegas todos sabiam que eu mentira, tive que abrir o jogo para eles. Eu começava o pá, pá, pá, pá, e de repente o contador aparecia; com o susto eu errava e estragava todo o meu serviço. Fiz uns dois ou três *slips* assim, depois mudei. Quando ele vinha, eu tirava o papel da máquina e ficava enrolando, quando ele ia embora eu recolocava o *slip* na máquina e prosseguia.

Na mesma ocasião o Hélio Beltrão, que era um dos diretores da Mesbla e depois foi Ministro da Desburocratização, iniciou uma reforma na área administrativa da empresa visando a modificar todo o sistema de cálculo e estatística e encontrou-me disponível. Embora recém contratado, eu tive a oportunidade e a capacidade de entender que tipo de contabilidade eles faziam e fui aprendendo rapidamente, afinal de contas eu já tinha a terceira série ginasial, cursada ainda em Pelotas e Bagé. Como só tinha o trabalho para me dedicar, pude me aprofundar nas planilhas e dentro de pouco tempo passei, inclusive, a me corresponder com o Hélio Beltrão. Assim foram os primeiros anos de minha carreira profissional.

Uma Vida de Trabalho

Na Mesbla trabalhei inicialmente mais de nove anos; saí para me estabelecer faltando poucos dias para atingir a estabilidade então vendi tudo o que eu tinha só fiquei com a geladeira a fim de ir para Curitiba trabalhar com representações. Viajei a Caxias, Cachoeira e sei mais lá onde para conseguir representações. Como os fornecedores só queriam me pagar as comissões com a cobrança de clientes que já estavam em atraso, vi que o meu negócio estava ficando preto e desisti. Voltei a trabalhar aqui como gerente de vendas da Borbonite. Três anos depois já ganhava quarenta mil cruzeiros. Em pouco tempo comprei um apartamento na Rua André da Rocha.

Então a Mesbla me convidou para voltar e eu voltei ganhando dezessete mil, que era a média dos gerentes da minha faixa. Reclamei com a diretoria porque só a prestação do meu apartamento era dezesseis mil cruzeiros. Disseram que não me preocupasse porque dariam um jeito. Fiquei até me aposentar. Durante esse período fiz milhares de cursos, inclusive marketing, nos Estados Unidos. Mais ou menos à época de minha aposentadoria, atendendo a vontade da esposa, comprei outro

apartamento. Decidimos equipar todas as peças com ar condicionado, som e telefone. Era a moda. Tudo isto ia custar caro e como não queria mudar de padrão, resolvi fazer um acordo com a minha mulher. Acertei com ela que, mesmo aposentado, continuaria trabalhando na Mesbla até terminar de pagar as novas contas do apartamento, quando pediria demissão e voltaria a estudar. Assim foi feito. Pouco antes do final do prazo disse ao meu diretor que gostaria de fazer um curso superior de Administração na Fundação Getúlio Vargas. Eu tinha mais de dez anos de Administração de Empresas e experiência era um dos requisitos desejáveis pela Fundação. Não fui levado a sério. Rebati dizendo que não era brincadeira e que se a resposta fosse negativa iria embora após o encerramento do balanço anual. Passados uns dias ele me mandou uma proposta impossível de ser aceita, sob todos os aspectos. Ele queria que eu atingisse um nível de vendas que estava completamente fora da realidade do mercado. Resolvi pedir demissão e ir estudar. Como abri mão da metade dos meus vencimentos foi um abalo e tanto nas minhas finanças, visto que ainda tinha despesas na montagem do apartamento.

Fiz vestibular com cinqüenta anos e já faz vinte que sou formado. Precisei voltar ao trabalho porque no período do Presidente Castello, ele deu uma segurada nos vencimentos, uma situação semelhante a de agora. Eu tinha feito um plano maravilhoso: deixara uma reserva para comprar um sítio de cem hectares para meu lazer. Mas na hora de acabar o apartamento, no faz isto aqui, faz aquilo ali, a verba do meu sítio se foi. Fiquei com a reserva muito encolhida e a aposentadoria lá em baixo; tive que procurar um emprego. Estudava de manhã, era o velhinho da turma, sentava bem na frente junto com os quarentões, os colegas diziam que éramos da UTI, porque já não ouvíamos com muita eficiência. Naquela época se fazia vestibular em dezembro para a Unisinos e, se aprovado, pagava a matrícula; em seguida para a PUC, outra matrícula; depois para a UFRGS, nova matrícula. Assim, paguei três vezes e acabei freqüentando a UFRGS.

Ex-Combatente: Das Agruras às Homenagens

Gostaria de falar um pouco sobre as nossas Associações. Temos duas: a Nacional dos Ex-Combatentes do Brasil e a Nacional dos Veteranos da FEB. Da primeira, fui um dos fundadores com o Conrado e hoje integro a dos febianos. Sempre trabalhei muito, não sei como conseguia tanto tempo. Trabalhava na Mesbla e vivia fazendo ofícios pedindo empregos e visitando os doentes. Tínhamos um companheiro ex-combatente que estava leproso; fazíamos coletas de dinheiro para comprar os remédios que ele necessitava e eu ia visitá-lo em Itapoã para entregar-lhe os medicamentos.

Aqueles companheiros mais humildes estavam esquecidos e sofreram muito, porque quase ninguém dava atenção para eles. Nem eu consegui persistir no apoio.

Na época o meu trabalho exigia viagens mensais obrigatórias a São Paulo, Rio, e a todo o interior do estado. Fazia parte da Maçonaria e estava envolvido com a nossa Associação. Tornei-me um espalha-brasas. E a verdade é a seguinte: é muito raro aquele que consegue fazer várias coisas ao mesmo tempo. O administrador de empresas, ou só tem um negócio, ou não é bem sucedido. Foi o que aconteceu comigo: para sobreviver acabei sacrificando a vivência com os amigos febianos, não dava tempo. Afastei-me mas, de alguma forma, sempre permaneci ligado.

Agora o ex-combatente está renascendo porque não faz mais sombra para ninguém, todo mundo está cristalizado. O próprio convívio ficou melhor porque antes havia de um lado os abonados e do outro os demais, os miseráveis. Era assim. Hoje cristalizou, mas, infelizmente, não há mais perspectiva de melhorar o quadro atual.

O Conrado defende a tese de que o prestígio e a consideração com a FEB só começou a vingar quando os tenentes de então, o Serpa, o Pitaluga e os demais, começaram a chegar aos comandos. É interessante! Até porque, o Tenente conviveu mais com a tropa.

Na realidade, a maioria dos febianos que retornou da Itália era soldado oriundo da roça. E ele não voltou para o campo. Era um absurdo para aquele pracinha, já acostumado com um bom coturno, já tendo andado em São Paulo, no Rio de Janeiro, na Itália, e com um horizonte muito mais aberto, voltar a ser colono ou um servente qualquer. Foi procurar emprego e não foi fácil. Dizem que hoje é difícil, mas quando chegamos aqui também o era; não tínhamos treinamento, nem aptidão. Resultado: muitos ficaram meio marginalizados na cidade.

O Elias Niremberg, um companheiro que presidiu a associação, batalhou uma colocação no Governo do Estado durante anos. Às cansadas, resolveu trabalhar numa fundição na Rua Santana. Quando veio a nomeação dele para a Secretaria de Educação, com um salário de uns 600 a 800 cruzeiros, avisei-o várias vezes, mas ele não quis mais; já estava na perspectiva de ir trabalhar na indústria. Foi contratado pela fábrica Sinteko, viajou ao exterior e chegou à presidência da mesma. Hoje é um grande empresário. Mas para chegar a este ponto levou anos e anos.

Éramos malvistos porque postulávamos emprego, incomodávamos. Aqui na 3ª Região diziam que nós, da Associação, éramos comunistas, não queriam nada conosco. Certa vez estava conversando com o Sady Fischer, febiano e grande amigão — era Diretor do HGPA (Hospital Geral de Porto Alegre) — quando chegou um ex-pracinha com suspeita de fratura na perna e necessitando de uma radiografia. O

Tenente não queria radiografá-lo alegando que tinha pouco filme. O Fischer teve que dar uma bronca nele para consegui-la. Depois os febianos se tornaram oficiais, comandantes e chefes das seções. Mas no início o ambiente era hostil para nós. Claro que tivemos alguns problemas: um dos nossos presidentes, o Carlinhos Sclyar, era de esquerda, comunista teórico, do PCbão, só conversa fiada, até hoje se declara como tal. Já o Elias nunca foi, nem o Yeddo, que é de direita e foi presidente bem depois, quando veio dos Estados Unidos. Eu o indiquei. Estávamos com a sede da Associação na ACM (Associação Cristã de Moços). Na realidade, só o Carlinhos aqui e o Pedro Paulo Sampaio de Lacerda, do Banco do Brasil, presidente da Associação no Rio de Janeiro, foram os dissonantes. O Pedro foi muito perseguido, mandaram-no para a Amazônia, para cá, e aonde ele ia, fazia revolução. Mas era só para incomodar mesmo. Com essa confusão toda, chegou um momento em que não tínhamos mais lugar para as reuniões.

Em 1945, ou 1946, era interventor aqui o Cylon Rosa e nós pedimos a ele uma ajuda para conseguirmos uma sede. O homem criou tanto caso que resolvi botar a boca no trombone, embora me considere um conciliador. Consegui uma reportagem com o Justino Martins, na Revista do Globo. O governo tinha olheiros lá dentro e foi avisado do meu intento. Eu trabalhava na Mesbla e não sei como não me botaram na rua. Fui chamado ao Palácio e me disseram que o nosso pedido fora atendido e que logo seria assinado um decreto concedendo a ajuda solicitada. Eu, muito afobado, disse ao Justino: “Pelo amor de Deus, o interventor me chamou para dizer que vai nos dar o empréstimo e estamos esculhambando com ele. Como vamos fazer agora?” Ele disse que tiraria a matéria e colocaria apenas um artigo com a minha foto. De fato, foi o que saiu. Acho que na capa da revista, só faltou a receita. Com todo esse regime de hostilidade o Elias largou a presidência.

Tínhamos aqui numa seção um oficial, até já morreu, me foge o nome dele, foi Comandante do Tadeu em Cruz Alta, era nosso amigo. Procurei-o e disse-lhe que estávamos sem sede, acéfalos, e o convidei a assumir a Associação e ver o que poderíamos fazer. Ele já havia nos visitado algumas vezes e conhecia o problema. Então veio a calhar. Lembrei o nome: Juremir Pires de Castro. Assumiu, e ficamos na sede do Clube Militar daqui, isto é, Círculo Militar, que era na Rua da Praia esquina com a Vigário José Inácio.

Depois de um tempo ele queria até alterar o estatuto. Eu dizia para a turma que não era o caso porque o mandato dele terminaria no fim do ano; vamos “cozinhar” o coronel para não mexermos no nosso estatuto. Ele convocou uma Assembléia Geral e no meio da reunião começou a resmungar que estava sendo enrolado. Então pedi tempo para conversar com os companheiros. Fomos para o banheiro e

pedi que aprovassem as alterações; concordaram. Quando voltamos ele disse que estava encerrando a presidência porque não era palhaço, que o estávamos fazendo de bobo. "Estou deixando de assistir a novela *O Direito de Nascer* para perder tempo com vocês, de maneira que está encerrado. Arranjem outro presidente e outra sede" — arrematou. Mas continuou atendendo aos meus pedidos.

Uma vez vim aqui procurá-lo porque um fulano de tal, febiano conhecido, que trabalhava na Secretaria da Fazenda, estava morrendo de dor de cabeça. Pedi-lhe uma recomendação para o Major Fischer no HGPA (Hospital Geral de Porto Alegre) e ele me deu: "Fischer, peço atenderes o ex-combatente fulano de tal que está com um problema na cabeça", e assinou. O desenrolar do caso foi interessante. Dei o bilhete para o meu amigo e disse que se apresentasse no Hospital Militar; ele chegou lá e entregou o papel para o sargento, que chamou o Tenente. O oficial entendeu que era problema na cabeça e disse para ele: "Moço, senta aí um momentinho". Saiu, telefonou, e em pouco tempo apareceu uma ambulância com dois enfermeiros que chegaram para o ex-pracinha dizendo: "Olha, te acalma, fica tranqüilo". Quando tentaram colocá-lo numa camisa-de-força o homem enlouqueceu. Uma baita dor de cabeça e aquilo! Terminaram por agarrá-lo a unha. Passaram-lhe a camisa-de-força e levaram-no para o hospício São Pedro. Uns três dias depois ele saltou um muro de uns quatro metros de altura no meio de uns carrapichos e saiu de lá a pé. Foi bater na casa do Yeddo que já era o presidente, no lugar do Coronel. A sede tinha mudado para a Associação Cristã de Moços. O Yeddo telefonou para o Fischer, relatou a malvadeza que haviam feito com o Fulano, e esclareceu que o homem estava enlouquecendo era de tanta dor de cabeça. Pediu pelo amor de Deus que o examinassem. Diagnosticaram um tumor do tamanho de um ovo. Ele baixou à Santa Casa, operaram e ficou bom. Mas aí se vê como temos histórias.

Hoje, a situação está bem melhor. Mas é porque não fazemos sombra para ninguém, já cristalizamos. As nossas reivindicações são apenas de caráter social. Mas o pessoal amargou. Embora em certos lugares — e Caçapava é um exemplo disso — os ex-combatentes sempre tenham sido muito bem tratados, o mesmo tratamento Santa Cruz do Sul nos dispensa, até porque, no mínimo, sessenta por cento do nosso contingente era da circunvizinhança.

É interessante relembrar como tudo aconteceu naquela fase de formação da Associação. A primeira reunião foi realizada no cinema Baltimore; uma iniciativa do Carlos Sclyar.

Um convite feito através dos jornais: tal dia, tal hora, tal local. Então comparecemos. Acho até que à tarde, e se conversou sobre a conveniência e até a necessidade de nos associarmos para termos força e capacidade de solucionar os problemas.

Isso foi em 1946, bem no começo. O Conrado tem a ata. Eu trouxe uma cópia. Apareço como relações públicas, ou diretor de propaganda. Na realidade fui logo para a secretaria. Eu sou um bom redator.

O General Yeddo Blauth, outro batalhador da nossa causa estava nos Estados Unidos. Quando voltou, fui conversar com ele. Somos parentes, minha mãe é Blauth. Fizemos uma boa amizade, saíamos à noite, ambos éramos solteiros. Ele trouxe um carro dos Estados Unidos, um Chevrolet, que mandou adaptar colocando um acelerador de mão. Andávamos em dupla naquele chevrolezão. Na época a presidência da Associação estava vaga em função da renúncia do Coronel Juremir. Sou daqueles que nasceram para vassalo e não para senhor, sempre trabalho carregando a alça do caixão, no batente, buscando soluções. Assim, convidei o Yeddo para Presidente da Associação e a levamos para a ACM (Associação Cristã de Moços), acho que foi na década de 1950. Lá ficamos dois anos. Um dos secretários era ex-combatente da FAB e nos conseguiu o lugar. Depois, como disse, me concentrei no trabalho durante uns quinze anos e me afastei da turma. Voltei devagarinho pois embora aposentado, continuava estudando. Assumi apenas a secretaria da Associação. Tenho um pouco de fobia social.

Com estas palavras encerro este relato sobre a minha participação na FEB e as conseqüências dela advindas para mim e para os febianos com quem ainda convivo neste mais de meio século. Fico constrangido por não ter mais subsídios. É possível que haja conflito de opiniões com outros entrevistados, é a lógica da vida. Sem dúvida, foi um prazer participar deste projeto.

Administrador Paulo Nunes da Silva*

Nasceu em março de 1923, na Cidade de Bagé (RS). Ainda menino veio com a família morar em Porto Alegre, transferindo-se, posteriormente, com os familiares para a Cidade do Rio de Janeiro.

Incorporou-se ao Exército em 1943 no BEsI (Batalhão-Escola de Infantaria) onde fez os cursos de cabo e de sargento, permanecendo na Unidade como Instrutor do pessoal convocado para a guerra.

Integrou a Força Expedicionária como voluntário, seguindo para a Itália no 2º escalão de embarque. Fez a guerra como Sargento especialista em motomecanização e operador cinematográfico, sempre incorporado ao Depósito de Pessoal. Chegou de retorno ao Brasil com o Segundo Escalão em 22 de agosto de 1945 e, em seguida, foi desmobilizado. Em sua nova vida de civil trabalhou na General Motors do Brasil (1945-47), na Caixa Econômica Federal (1947-70), no Banco do Território de Roraima (1971) e na Zetaflex (1975-80). Graduou-se em Administração de Empresas pela UFRGS em 1956.

A solidariedade e o humanismo sempre nortearam suas atitudes e ações, concretizando-as através de trabalhos sociais na Aliança Espírita Evangélica e no Centro de Valorização da Vida, onde atua desde 1972. É membro da diretoria da Associação Nacional dos Veteranos da FEB (Regional Porto Alegre). Costuma proferir uma prece ecumênica, evocação tradicional nas reuniões semanais daquela entidade. Foi condecorado com a Medalha de Campanha, por sua participação na Segunda Guerra Mundial.

---

* Mecânico Auto e Operador Cinematográfico do Depósito de Pessoal, entrevistado em 8 de junho de 2000.

O Despertar de um Sonho

Tenho 78 anos, sou natural de Bagé, Rio Grande do Sul, terra de muitos generais e, inclusive, de presidente. Vim para Porto Alegre no final de 1932 e, de lá para cá, tornei-me um cidadão muito mais porto-alegrense do que bajeense. No restante dos anos de 1930 e início da década de 1940 estive envolvido em atividades escolares que me levaram até às portas da Universidade. O ingresso na Faculdade de Engenharia foi mais ou menos na época em que eu, aliás, a minha família transferiu-se para o Rio de Janeiro, em 1941. No mesmo ano — ou em 1942 —, fiz uma prova para ingresso na então Escola Militar do Realengo, hoje Academia das Agulhas Negras e não fui aprovado. Como já havia me alistado, fui convocado como praça para o Exército. Imediatamente, pelo meu currículo, fui encaminhado para o Curso de Cabo e depois para o de Sargento, o que me permitiu passar por diversos aprendizados na vida militar. No início da formação da Força Expedicionária Brasileira, eu servia no Batalhão-Escola de Infantaria, no Rio de Janeiro, onde era instrutor de ataque e defesa. Era jovem, possuía boa formação física e intelectual mas, pelo fato de ser instrutor, dificilmente iria para a Itália, onde a FEB já se encontrava com o primeiro escalão. No entanto, ao ver o pessoal se preparando, separando e ajeitando seus materiais, seja no saco A, que cada um levaria consigo, seja no B, que seria despachado como carga no navio que os transportaria à Itália, enfim, convivendo com aquele ambiente todo, me passou um arrepio. Fui ao meu Comandante e pedi: “Comandante, por favor, escreva o meu nome aí na lista, quero ir junto com esse pessoal que, de alguma maneira, preparei”.

Ao chegar em casa comuniquei que iria embarcar. Meu pai tinha relacionamentos familiares com oficiais generais, parentes nossos, e buscou informações. Então me disse: “Não, tu não vais porque eu falei com o fulano —, que era um primo — e ele me informou que o teu nome não está relacionado”. Realmente, não podia estar porque eu havia decidido naquele dia. Ele fez mais algumas ligações e foi confirmado que o meu nome não constava na relação dos convocados para a guerra. Tudo bem! Tchau, tchau, voltei para a tropa. Dois ou três dias depois embarcava para a Itália. O embarque, a saída, e a passagem pela Baía de Guanabara durante a madrugada, foram cenas que ficaram gravadas em minha memória. Eu estava no tombadilho do *General Meighs*, acho que era esse o nome, um navio americano, para transporte de tropas, olhando o pessoal lá na praia, distante, jogando vôlei, ainda um movimento pequeno, me perguntei: “Paulo, o que tu estás fazendo aqui? Tu vais para a guerra? Por quê? Para quê? Talvez até tenhas tua vida ceifada por lá! Enquanto isso, aqui, esta grande maioria estará desfrutando de

todas as benesses". Foi como despertar de um sonho, o meu primeiro impacto com a realidade. Até ali eu estava naquele enlevo, naquela ansiedade de participar com as pessoas que tinham se preparado para esse fim, ou melhor, que eu – repito — de alguma maneira, preparara para esse fim. Eis que, de repente, eu me vi, simplesmente, como um ser humano diante de uma realidade que me caiu assim como uma ducha de água fria. Mas durou pouco. O contato com os companheiros me refez daquele choque. Os quinze dias de viagem, tempo que, naquela época, demorava o deslocamento do Brasil para a Itália, todos aqueles incidentes de percurso e o nosso batismo ao atravessarmos o Equador, são coisas que permanecem não apenas na minha, mas na memória de todos aqueles que viveram esses momentos. Havia ainda os exercícios de abandono do navio, já que ele poderia ser torpedeado durante a viagem, pois os submarinos alemães também patrulhavam aquela rota. Felizmente chegamos à Itália.

Após o desembarque, enfrentamos o transporte até Livorno naquelas barcaças sem quilha, com muitos de nós – ou quase todos – enjoando uma barbaridade durante o percurso. Finalmente a preparação de barracas, aquela coisa toda, em uma época de frio muito intenso num clima muito agressivo. E dali, não sei bem, não me recordo muito bem os nomes das localidades, chegamos ao Depósito de Pessoal da FEB, onde começamos a construir o que chamávamos de camas. Não eram as camas de campanha do Exército. Eram feitas de madeira; cortadas e armadas por nós, as nossas primeiras camas na Itália.

Vida Nova

Após o embarque comecei a ter contato com uma vida nova. A nossa alimentação era completamente diferente. Basicamente só a Ração K, americana. No navio, de vez em quando, através de contatos com o pessoal da cozinha, conseguíamos alguma coisa que não fosse a pura ração. Aquela conversa no ouvido do cabo rancheiro: "Quem sabe se tu, através de mais um maço de cigarros." Evidentemente nada ilegal, só pedíamos quando precisávamos de um prato quente, alguma variedade ou aquilo que os encarregados da cozinha pudessem nos proporcionar. Mas sempre naquele nível de camaradagem.

Já o nosso fardamento, o verde-oliva de brim, ele só era próprio para o clima do Rio de Janeiro onde sempre é verão. Para um clima hostil, um inverno muito mais rigoroso do que conhecíamos até então e que teria de ser enfrentado, as nossas roupas não eram adequadas. Mas logo que chegamos lá recebemos dos americanos uniformes e roupagens novas, inclusive forradas com pele e outras tan-

tas coisas. Também o armamento foi todo renovado. Aqui estávamos acostumados com o nosso fuzil, o mosquetão modelo 1908. Os americanos tinham vários modelos, todos desconhecidos para nós. Passamos a adotar o armamento *Remington*, parece que foi isso. Em conseqüência, começou o aprendizado de tudo aquilo que era novo, aquela coisa toda. Muitas dessas transições se fizeram, naturalmente, na tropa, através de treinamentos que se desenvolviam diariamente. E sentíamos que, realmente, esses ensinamentos representavam uma mudança drástica na nossa formação profissional-militar. Lembrei-me do nome do local onde nós estávamos: era o Depósito de Pessoal da FEB, em Staffoli.

Mecânico e Operador de Ilusões

A partir de então, desenvolvi atividades comuns. Eu tinha curso de motomecanização e fui para o centro que fazia revisões nas viaturas do Exército. Trabalhei, se não me engano, com os capitães Kardec Leme e Ferreira. Ótimas pessoas. O Kardec Leme tinha por princípio ele próprio fazer primeiro tudo aquilo que pediria para a tropa executar. Sempre otimista e possuidor de um vigor físico muito grande, transmitia esse espírito de confiança para todos. Entre as diversas atribuições que recebi, destaco o trabalho de apoiar a diversão para a tropa que estava lá; fiquei encarregado de passar filmes e outras coisas parecidas. Nós tínhamos no Depósito de Pessoal, um centro, estou procurando me lembrar do nome, se não me engano era Serviço Especial da FEB, que se dedicava ao lazer, proporcionando distração para o combatente. Possuíamos uma máquina de projetar filmes e uma casa que, antes da guerra, ou antes da nossa passagem por lá, devia ter sido um cinema, ou coisa parecida. O Exército apropriou-se desse local e nós trazíamos uma ou duas companhias de cada vez e passávamos filmes para divertir o pessoal. Geralmente eram filmes leves, escolhidos pela Seção de Inteligência da FEB e que podiam, de certa forma, amenizar as nossas ansiedades. Eram comédias ou filmes água-com-açúcar. Nada de violência, nada que pudesse trazer lembranças ou ameaças de uma guerra. Repercutia muito bem.

Além disso, tínhamos todos os sábados — isso depois da guerra, depois do armistício — uma presença feminina. Três ou quatro caminhões GMC com bancos atrás, na carroçaria, iam nas circunvizinhanças buscar moças que quisessem dançar com os nossos soldados. Elas recebiam alimento, algum pagamento — ou algo parecido — tudo feito por uma seção da qual nunca fiz parte. Essas garotas vinham para o mesmo local onde passávamos os filmes e fazíamos um “bailezinho” à moda da casa até mais ou menos uma hora da manhã, após o que, eram novamente colo-

cadas nos caminhões e levadas para as suas vilas, seus locais de origem. E naquelas ocasiões notava-se o respeito do soldado brasileiro. Porque no encontro de um homem com uma mulher sempre se presume algo mais. Mas os limites impostos pela moral sempre foram observados e, durante as minhas participações, nunca vi nada que pudesse ser levado à conta de desrespeito do soldado para com aquela moça que tinha simplesmente se proposto a vir dançar conosco.

De vez em quando eu também fazia incursões pela linha de frente para manutenção de veículos; inclusive, lembro que tive contato com o Capitão Pitaluga, do Esquadrão de Reconhecimento — um "praça" excepcional. O hoje General Pitaluga é, se não me engano, o Presidente da Associação Nacional dos Ex-Combatentes. São coisas que ficaram na memória. Lembranças de fatos, emoções e impressões de companheiros que foram remanejados para a linha de frente.

Divergências e Divergências

Naquela época a situação da FEB era muito peculiar. Estávamos às vésperas da tomada de Monte Castelo, e o General Mascarenhas de Moraes, no Comando da Força Expedicionária Brasileira, enfrentava sérios problemas com o V Exército porque as ligações entre as duas forças não eram, digamos assim, comuns. Nós ouvíamos na retaguarda e, às vezes, também nos deslocamentos, muitas conversas sobre as divergências que ocorriam entre o Comando da FEB, na pessoa do seu Comandante, General Mascarenhas de Moraes, e generais ou coronéis das Forças Armadas americanas e britânicas.

Essas divergências chegavam a nós como informes, mas pode ser que não tenha havido nada. Eram comentários de que o General Mascarenhas estava "por conta" porque fora mudado o Comando; ou, ainda, porque não haviam feito isso ou aquilo. Não tínhamos certeza de nada; nós não estávamos no PC do General, situado em Lucca naquela época. Divergências mesmo ocorreram por ocasião da visita do Ministro Dutra que, é sabido, não gostava da FEB. A bem da verdade, não é que não gostasse. Ele supunha que os febianos poderiam vir a ser um complicador para o comando dele como Ministro da Guerra. Era um homem sério, seríssimo, não abria mão dos seus princípios. Mas ficou preocupado porque achava que após o retorno da FEB aquele pessoal poderia tumultuar. Realmente, pouco depois o Getúlio caiu e, sem dúvida, o fim da guerra foi o fator principal da sua queda. Historicamente todos reconhecem que, embora tenha sido pequena em efetivo, a nossa Força Expedicionária, naquele esforço conjunto com o americano, teve uma atuação brilhante na campanha da Itália e chegou aqui como elemento decisório na política interna

brasileira. E o curioso é que alguns vieram com idéias de extrema direita e outros com idéias de extrema esquerda na cabeça. Idéias para todos os gostos. Eu, particularmente, considero o radicalismo como a direção, o rumo que cada um de nós tem que seguir: ou o certo, ou o errado; radical de direita, ou radical de esquerda.

Caminhada de Vitórias

As tropas brasileiras conquistaram importantes vitórias nos primeiros combates travados. Depois sofremos dois reveses nas tentativas infrutíferas para a tomada de Monte Castelo, um local elevado, muito bem fortificado com casamatas e outras defesas que os alemães mantinham. Certos nomes que eu vou citar resultam de conversas que chegavam ao nosso conhecimento. Segundo nos informavam, os alemães dominavam a Linha Gótica – uma longa crista – defendida para impedir o acesso da Força Expedicionária Brasileira e da Divisão de Montanha americana, que nos acompanhava. Finalmente, em fevereiro de 1945, não vou precisar bem a data, foi dada a nova ordem de ataque. A FEB, através de uma operação muito bem montada pelo General Mascarenhas de Moraes e os seus assessores, conquistou Monte Castelo.

Dali em diante e em diversos locais, a Força Expedicionária Brasileira obteve vitórias sucessivas. Alguns reveses e algumas dificuldades mas, de uma maneira geral, uma caminhada de vitórias que culminou com a rendição da 148ª Divisão alemã para o nosso minguado Exército. Eu digo minguado porque eles somavam quase vinte mil homens bem armados, e nós, pelo menos a força ali presente, era muito pequena. Após a sua rendição os alemães depositavam as suas armas e todos os seus apetrechos bélicos em montes. Quem tinha metralhadora, depositava-a no monte das metralhadoras; quem tinha pistola, no monte das pistolas, e assim sucessivamente.

Naquela oportunidade, eu me encontrava na frente de batalha com o Capitão Ferreira fazendo um Inquérito Policial-Militar. Como tinha facilidade de expressão e escrevia bem, o Capitão escolheu-me para escrivão do inquérito. Esse foi o motivo da minha presença ali no momento da rendição da 148ª Divisão alemã. E me ocorreu uma imagem de confronto entre os 16 mil alemães e nós, pouco mais de três mil. Acho que os números são esses. Se não me falha a memória, éramos, aproximadamente, o efetivo mencionado. Então me veio o seguinte pensamento: “Se cada alemão desses pegar uma pedra e atirá-la contra nós, vão nos ‘destroçar’, tal a disparidade numérica existente”. Mas, evidentemente face a formação disciplinar dos alemães, percebia-se que eles tinham a rendição como meta para aquele momento, e ela aconteceu de maneira regular e muito disciplinada. Confesso que fiquei com medo que os 16 mil homens se recusassem a render-se para nós, apenas três mil soldados.

Naquela circunstância, mais uma vez, vi e senti o quanto de horror existe em uma guerra. Nós havíamos chegado praticamente naquele dia ao local, portanto, não tínhamos ainda campo de prisioneiros, nada. Montou-se, assim, uma espécie de mangueirão (curral) rodeado por apenas um fio de arame, e todos os prisioneiros alemães, que a partir dali passaram a ser supridos pelas forças brasileira e americana, foram conduzidos para aquele local. Se quisessem poderiam passar por cima daquele fio num piscar de olhos. Mas não o fizeram, ficaram aguardando.

Em função da minha atividade como escrivão do inquérito, voltei com o Capitão Ferreira para o Depósito da FEB, onde continuei na minha atividade de manutenção de veículos e em outras também atinentes a esse mesmo mister até o término da guerra, em maio de 1945.

A guerra, efetivamente, terminou em oito de maio com o armistício. Mas para nós ela já havia acabado quando da rendição da 148ª Divisão alemã. Então aquele brado, "Viva! Terminou a guerra!", não repercutiu tão estrondosamente assim entre os companheiros. Não houve aquela gritaria que normalmente acontece depois de uma conquista, de uma vitória. Não houve! A nossa vitória foi com a 148ª Divisão, sentimos isso. Ali, para nós, terminou a guerra na Itália. O oito de maio, realmente o dia da vitória, não foi recebido com profusão de alegria, ou com ânsia de extravasar nossos sentimentos dando tiros para o ar. Não havia mais clima para nada disso.

Horrores da Guerra

A guerra é uma coisa tão horrorosa, mas tão horrorosa, que vinham civis apanhar os restos da nossa comida depois do rancho. E no meio daquela gente víamos senhoras, pessoas de trato, com casacos de pele finíssimos, naquelas filas para recolher restos de comida. Esses e tantos outros horrores vistos e vividos me ensejam abordar este assunto também de outra forma. O ser humano, de uma maneira geral, seja militar ou não, se animaliza diante de uma guerra. Realmente ter uma pessoa na mira do seu fuzil e matá-la — como diz a canção — é uma coisa dantesca. Um ser humano que ontem, seria o quê? — Um irmão! E hoje, em função do conflito, é um inimigo. Há pouco se falava da Chechênia e da Bósnia, onde coisas horripilantes aconteceram quando os civis retornando às suas casas, por serem a maioria, transmutaram-se, de agredidos em agressores piores do que os seus algozes.

Há um livro de um escritor alemão, *Nada de Novo no Front Ocidental*. Nele o autor narra o drama vivido durante a Primeira Guerra Mundial — que foi um conflito muito mais violento e mais sangrento. Ele cai em um buraco onde estava um inimigo e os dois — ele, alemão, e o outro, francês — vivem um dilema: mato, não

mato; é dramático. Esse livro foi filmado e acho que o autor ganhou o Prêmio Nobel de Literatura. Um excelente escritor: *Nada de Novo no Front Ocidental*, uma obra muito lida. Um drama, porque são duas pessoas mais ou menos da mesma idade — vinte e seis, vinte e cinco anos — um é professor, o outro estudante, ou carpinteiro, ambos são pais; homens que não têm nada a ver com a morte mas que foram mobilizados e lá estão, um matando o outro. Sem dúvida alguma, não existe nada pior do que uma guerra.

Considero que duas frases tiveram grande influência nas lides militares. Uma, *Si vis pacem para bellum* e a outra a do General Osório, transcrita em um monumento que o homenageia, na Praça da Alfândega, aqui em Porto Alegre: *A data mais feliz da minha vida seria aquela em que me dessem a notícia que os povos civilizados festejavam a sua confraternização, queimando os seus arsenais*. É mais ou menos isso. Dita por um herói militar, corrobora sobremaneira o pensamento de que, realmente, a guerra é algo contrário a nossa natureza. Não fomos feitos para matar. O sentido de nosso desenvolvimento e de nossa existência é amar e não matar. Quando o homem é forçado a matar, ele se violenta.

O Embrião da Solidariedade

Tudo conduzia, de alguma forma, a que eu sofresse, na própria carne, as durezas de uma guerra cruel. E, pouco a pouco, foi se consolidando em mim a idéia de transmitir, sempre que possível, uma palavra de conforto àqueles que a necessitassem. Eu, como já disse, conversava muito com os meus companheiros, era uma espécie de conselheiro, pois o soldado, de uma maneira geral, sentia uma necessidade muito grande de ser ouvido. Desde aquela época, eu me recordo agora, já me colocava à disposição dos companheiros para conversar quando eles enfrentavam essas situações extremas que hoje denominamos de estresse, ou outros nomes científicos. A partir daquelas conversas, começou a surgir o Paulo de hoje, que em trabalhos voluntários e altruístas, mesmo em tempos de paz, continua disponível para as pessoas que precisam conversar, desabafar com alguém.

O Segredo é Saber Ouvir

Na guerra havia muito capelão, o que considero certo, porque o homem precisa de conforto e apoio, seja de capelão católico, ou de qualquer outra religião. Outra área semelhante é a da Saúde. Cada companhia tinha um médico e quatro ou cinco enfermeiros e padioleiros, porque na hora em que a ação é para valer, tudo fica

mais difícil. Essas são duas áreas interessantes e críticas: assistência médica e assistência espiritual. Elas se sobressaem muito na guerra.

Na hora em que a pessoa se desequilibra emocionalmente, ela precisa conversar com alguém. Com um capelão, um médico ou enfermeira, alguém que, para quebrar aquela angústia, tenha condições de dialogar ou, simplesmente, ouvi-la.

Eu fui me descobrindo ali, no fragor da solidão. Senti que tinha condições e aprendi a ouvir. Era muito mais importante ouvir do que aconselhar. Porque a própria pessoa tem dentro de si a solução para o seu problema, para a sua dor, para encontrar a sua imagem e a sua esperança. O que ela precisa é ser ouvida. Lembro que muitas vezes um companheiro me dizia: "Paulo, obrigado por tudo o que me disseste". E eu não havia dito nada, apenas o ouvira. O ser humano realmente precisa ser ouvido. Quando ele tem alguém com quem compartilhar a sua ansiedade, a sua mágoa, a sua dor, esses sentimentos são trabalhados, revistos, compreendidos e, de alguma maneira, pouco a pouco vão sendo solucionados por ela mesma. Vejo nisso muita semelhança com o trabalho que desempenho hoje com o CVV — Centro de Valorização da Vida — que faz a mesma coisa, por telefone. Estou fazendo um pouco de propaganda do meu trabalho.

O Vazio da Solidão

Normalmente os soldados estavam com problemas existenciais e o medo da morte dividindo suas mentes ávidas de solidariedade. Em primeiro lugar a ruptura com a família. Aquela imensa distância que os separava das suas casas. Muitos deles deixaram para trás pais, esposas, namoradas e tudo o mais, e não sabiam o que estava acontecendo. As notícias eram esparsas e só através de cartas que, em função da época que se vivia, demoravam uma eternidade para chegar. Tanto as enviadas por nós, como aquelas que recebíamos.

A correspondência que eu recebia não era muito freqüente. De vez em quando recebia três ou quatro cartas de uma só vez. E tenho quase certeza que essas cartas eram previamente lidas e censuradas. Lembro que em um daqueles dias de contatos violentos com seres humanos que se digladiavam, ou outra coisa parecida, escrevi para minha irmã reclamando muito daquela vida. Reclamando e achando que, de alguma maneira, estava sendo imposta uma pena muito dura para nós seres humanos; escrevi diversas coisas sobre isso. Quando retornei da Itália ela me mostrou a carta: o papel tinha um quadrado recortado no meio e o que restava era apenas: *Querida Zilá* — que era minha irmã — *um abraço, irmão Paulo*. Haviam retirado o texto. Consideraram que eu, naquele momento, dissera coisas muito íntimas e muito dolorosas e que não seria bom para um familiar tomar conhecimento daquele desabafo. Ao ver a

carta mostrada pela minha irmã, pensei que talvez o censor tenha dito muito mais cortando o que eu escrevera do que jogando-a fora. Provavelmente o sentimento dele era o mesmo que o meu e através daquele corte ele mandara também a sua mensagem: o vazio. Era o que sentíamos naquela época. Um vazio muito grande advindo da ruptura com tudo aquilo que mais prezávamos na vida.

O número de febianos baixados por problemas psiquiátricos foi enorme, mas ainda assim menor do que os americanos. Eles tinham aquelas comparações, é o problema do trauma, todos ficam sujeito a isso. Conto o caso de um sargento, eu não tive contato direto com ele, me contaram. Ele era perfeito em tudo, parece-me que pertencia ao Onze (11º Regimento de Infantaria); todas as missões que recebia ele as desempenhava de forma brilhante, exemplar. Um dia agarrou-se a uma árvore e começou a gritar: "Não quero matar ninguém!", "Não quero matar ninguém!" Baixaram-no e, como não retornou à realidade, foi recambiado para o Brasil. Vocês vejam que coisa. A criatura vai até o seu limite de resistência. Isso aí aconteceu.

Recepção Eufórica

Mais alguns meses e o retorno ao Brasil em outra longa viagem coroada, na sua chegada, com desfiles pelas principais avenidas do Rio de Janeiro. Retorno aos quartéis e, pouco a pouco, a desmobilização das tropas.

Eu regressei no segundo escalão, sem aquela grande recepção que foi apenas para o primeiro. Para o segundo foi mais singela. Mas, mesmo assim, arrancaram quase toda a minha "gandola" e outras coisas parecidas. Uma moça tirou inclusive o meu distintivo da FEB que nos havia sido dado na Itália. Ela quis levá-lo de lembrança, mas como era uma latinha fina costurada na blusa, houve certa dificuldade para despregá-lo e eu fiquei todo sujo de sangue. Tudo devido a euforia dela.

Voltei fardado com o "Zé Carioca", o carioquinha, o restante do material devolvi lá na Itália mesmo. Muita coisa ficou no meu saco VO (verde-oliva) que nunca mais vi. Nele eu trazia algumas lembranças e outras coisas que eu recebera de presente: bandeiras e mimos diversos. Depois que saí do Exército fixaram uma determinada data para apanhá-lo, mas não fui. Hoje, lamento porque lá estava também o meu arquivo que agora poderia estar mostrando.

Adeus ao EB

Registro um fato curioso ocorrido então. Em 1942 eu havia feito exame para a Escola do Realengo e fora reprovado. Em 1945 foi promulgada uma lei que asse-

gurava ao ex-combatente com segundo grau completo ou faculdade interrompida, o ingresso direto na, então, Escola Militar de Resende. Só que a partir daquele momento, a minha estrada não estava mais voltada para o Exército, nem para todos aqueles horrores que eu presenciara ou havia tomado conhecimento. Voltei a minha vida civil, fiz alguns contatos, ainda no Rio de Janeiro, terminei o curso de retificação de motores iniciado antes da guerra e retornei para Porto Alegre onde, durante todo esse tempo, eu deixara uma namorada. Transformamos o namoro em noivado e depois em casamento.

Gênios e Loucos

O desempenho do soldado brasileiro no combate e no cumprimento de missões durante a guerra foi sempre elogiado por todos quantos acompanhavam o seu dia-a-dia. Havia uma frase que lá era dita com bastante freqüência e diziam até que advinda dos próprios alemães. Consideravam os brasileiros um exército de loucos comandados por um gênio; ou um exército de gênios comandados por um louco, tal a nossa atuação. Não tinha nada a ver com o que comumente se aprende. Há fatos realmente espantosos contados por companheiros e fora de tudo o que consideramos normalidade. Não havia pragmatismo dentro do Exército Brasileiro. O nosso soldado poderia não estar preparado, não estar bem vestido, mas nunca deixou de ser corajoso.

Deserção Justificada

Sabemos que o Regulamento Disciplinar do Exército em tempo de paz é um e, em tempo de guerra, é outro. Eu gostaria de dizer uma palavra sobre essa situação porque acredito que eu possa dar uma contribuição nesse sentido, pois, pensando bem, vejo que realmente foi algo muito importante. Como aludi anteriormente, acompanhei o Capitão Ferreira ao *front* para fazermos um inquérito a respeito da deserção de um soldado que depois foi recapturado, ou encontrado, não sei bem. Fomos fazer o IPM mas o soldado estava profundamente arrependido e o Capitão Ferreira, na sua conclusão, recomendou o arquivamento do processo porque considerou que, durante a guerra, até a deserção se justificava. Acredito que o Capitão tenha olhado os fatos mais pelo lado humano do que pela rigidez do Regulamento Disciplinar do Exército. Achei sensacional a colocação feita por ele no final do inquérito. Registrei tudo, tínhamos um livro próprio para esse fim. O Capitão Ferreira me disse: “Paulo, pode escrever essa conclusão aí no livro. É isso mesmo!”.

Aquela decisão do oficial deve ter causado uma impressão muito profunda no soldado porque parece que ele não se desmobilizou e acabou fazendo curso no Exército. Foi a última notícia que eu tive dele. Infelizmente não lembro o nome do soldado. O tempo o apagou.

Parte dessas soluções de inquéritos constam dos Boletins do Exército. Há relatos muito detalhados sobre os fatos ocorridos; julgamentos, penas, e até uma pena de morte, que foi aplicada não sei bem se em um ou dois soldados que invadiram uma casa e estupraram a família toda. Felizmente não coube a mim registrar aquele IPM. E o Getúlio (Getúlio Vargas, Presidente do Brasil na época), coerente com nossa índole, transformou a pena de morte em prolongada prisão carcerária, para servir de exemplo a todo o Exército.

Heróis Abandonados

Havia uma grande diferença entre aqueles ideais que nos levaram à Itália para defender a Democracia e o nosso momento político na época do retorno, quando encontramos aqui um governo totalitário sem representatividade. Então, a solução que o governo encontrou foi desmobilizar o pessoal o quanto antes, principalmente para evitar o inevitável: o retorno ao estado democrático. Mais ou menos um mês depois de chegarmos ao Brasil, eu e muitos outros já estávamos desmobilizados. Praticamente, fomos atirados para fora dos quartéis. Falava-se, inclusive, que tudo era feito em defesa e não contra o Exército. Quer dizer: um não foi à guerra; o outro foi e voltou coberto de glórias e homenagens. Aqueles que ficaram começaram a sentir que ficariam em situação de inferioridade.

O americano não fez a mesma coisa. Quando lá chegaram os veteranos da Segunda Guerra, todos ganharam casa. Quem tinha o curso *college* pôde ingressar nas universidades — e sabemos que o estudo nos Estados Unidos é caro. Realmente foi assim.

Nas décadas de 1940 e 1950, depois da desmobilização, o febiano não sentiu a Pátria reconhecida pelo seu esforço como combatente. É a crítica que se encontra em quase todos os livros e comentários do pessoal que participou da FEB: houve um interesse político em apagá-la da história ou, pelo menos, minimizar seus feitos e os efeitos conseqüentes. Talvez essa seja a razão do esquecimento dos veteranos por tantos anos. É provável que tenha havido alguma tentativa de gratificar e amparar nosso pracinha, mas eu, ao contrário, me senti completamente abandonado. Até registrei uma vez nas minhas agendas: “Teria sido preferível morrer herói, do que morrer mendigo”, tais as dificuldades que eu enfrentava. Eu buscava soluções e não sentia nenhuma ação por parte da Pátria. Hoje já há um reconhecimento um pouco maior.

Eu, particularmente, não recebia nada do Exército. Só há pouco tempo passei a ser pensionista com os proventos de Segundo-Tenente. Até então, tinha, digamos assim, apenas as vantagens da Caixa Econômica Federal. Inclusive estou na justiça exigindo o cumprimento da Lei 4.297, que ampara a aposentadoria do ex-combatente com os mesmos direitos como se em exercício estivesse, e isso ainda não me foi concedido até hoje. Estou lutando e chego lá, é a minha guerra particular.

Há coisas que realmente são muito importantes e, principalmente hoje, necessitam uma análise da situação, feita de maneira imparcial, como se estivéssemos fora do problema. No Exército, aquele que não foi à guerra tinha que se defender dos que foram. Porque começaram a ser, ou melhor, a sentirem-se inferiorizados... Ainda bem que o tempo acomoda tudo. Aquele que não foi passou a ser amigo daquele que foi e acabaram se acertando. Mas houve uma reação muito forte contra quem foi.

Febiano: Memória Viva do Exército

E já que estamos falando em humanismo, eu digo que aquela foi uma reação muito desumana. Graças a Deus estou aqui hoje vendo essas memórias sendo registradas e, de alguma maneira, podendo colaborar para esse trabalho, que considero importante e valioso. Não há dúvida de que chegou um pouco tarde porque muitos dos que poderiam ser ouvidos, que teriam vivências importantes para contar, já estão mortos. Há determinados momentos em nossas vidas que fazem com que nos sintamos gratificados e hoje, de modo especial, estou feliz porque participo dessa reunião e, modestamente, contribuo para tornar históricos fatos que poderiam se perder no amanhã. A memória é muito importante. Aliás, aqui no Rio Grande do Sul, se diz com muita propriedade: "Um povo que não tem memória, não tem razão de viver". Na verdade, um Exército que não tem memória também não tem razão de viver. Nós somos a memória viva do Exército. Hoje nós somos "os dinossauros" da Segunda Guerra Mundial.

Eu gostaria de dizer ainda que considero todas essas experiências positivas para o meu momento atual, para a minha chegada até aqui, para a possibilidade de melhor compreender as pessoas, aceitá-las, respeitá-las como são, porque diante de cada um de nós existe um mundo que, por qualquer motivo, as sociedades e as comunidades encobrem atrás de máscaras. E, hoje, estamos conseguindo retirar essas máscaras. Que bom seria se pudéssemos todos, sem máscaras, nos darmos as mãos e, como irmãos que somos nos abraçarmos; sem ódio, sem rancores, sem desavenças e, principalmente, sem necessidade de guerra.

Tenente-Coronel Tadeu Cerski*

Nasceu no município de Getúlio Vargas, RS, em fevereiro de 1921. Incorporou-se ao 3º Batalhão do 8º Regimento de Infantaria em Passo Fundo, RS, em maio de 1940. Naquele mesmo ano foi promovido a cabo e em outubro de 1941 a 3º sargento. Cursou a Escola de Motomecanização e, ao seu término, foi movimentado para o 2º BCC no Rio de Janeiro. Em abril de 1943, foi promovido a 2º sargento. Ainda em 1943, freqüentou o Curso Regional de Aperfeiçoamento de Sargento, no CPOR de Recife. Concluído o CAS, foi designado para servir no 15º RI de João Pessoa e, logo depois, movimentado para o Depósito de Recompletamento da FEB. Em 22 de setembro de 1944, já como integrante do 1º RI, Regimento Sampaio, partiu para a guerra na Itália. Desde sua chegada ao Teatro de Operações, o então 2º sargento Tadeu viu-se empenhado em inúmeras ações de combate. O seu Comandante de Batalhão elogiou-o "pela abnegação e heroísmo que demonstrou no ataque a Monte Castelo" (12 de dezembro de 1944). Foi comissionado 2º Tenente, de acordo com a autorização do Exmo. Sr. Ministro da Guerra, "por ter se distinguido de modo excepcional nas ações de combate, revelando elevada capacidade de comando". Esta promoção de graduado a oficial por destaque nas operações raramente foi concedida aos integrantes da FEB. Finda a guerra, fez o Curso de Oficiais da Reserva (COR) e ingressou no Quadro de Oficiais da Ativa do Exército. Em dezembro de 1964 foi transferido para a reserva no posto de Ten Cel. Por seu desempenho na FEB, foi condecorado com a Cruz de Combate de 2ª Classe, Medalha de Campanha e Medalha de Guerra.

---

* Comandante de Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria, entrevistado em 5 de maio de 2000.

Um Gaúcho nos Apeninos

Não é fácil... Mesmo decorridos cinqüenta e tantos anos, mais de meio século, o que se viveu numa linha de frente, na trincheira, é impossível esquecer. Companheiros abatidos, amigos feridos... Estou emocionado...

Eu não pretendia ser militar. Sentei praça como soldado para cumprir com o meu dever de cidadania. Como eu era menor de idade, para me apresentar no quartel, meu pai precisou autorizar. Eu não sabia como era a vida militar, não sabia nada da caserna e me surpreendi ao perceber que tinha pendor para a carreira. Gostei demais do ambiente castrense. Uma vida saudável pela prática de esportes e educação física, onde eu sentia a amizade, o companheirismo e o entrosamento daqueles que, como eu, gostavam do quartel. Devo tudo o que sou ao Exército.

Quando estava tirando o meu tempo de serviço, o Brasil entrou na guerra contra o nazi-fascismo e os licenciamentos no fim do ano foram suspensos. Como eu tinha que ficar no quartel por mais tempo, fui fazendo cursos: Curso de Cabo, de Sargento, e outros aperfeiçoamentos orientados para o combate. O Brasil cogitava mandar uma Divisão para combater na África contra o General Von Rommel. A Escola de Motomecanização começou a formar oficiais e sargentos, um grupo base para as futuras unidades de combate. Eu me candidatei. Fui para o Rio de Janeiro onde fiz o curso. Meu Batalhão foi transferido para Natal. Fomos via Rio São Francisco. Levamos quase um mês para chegar lá. Quando, depois de algum tempo, os aliados conseguiram cortar o suprimento dos alemães, viu-se que era questão de tempo a derrota de Rommel na África. Em conseqüência, o envio de uma tropa brasileira para aquele Teatro de Operações deixou de ser cogitado. Ficou previsto que a Divisão, se fosse necessária, seria enviada para a Itália. Depois fui servir no 15º RI em João Pessoa, e de lá fui voluntariamente para o Depósito de Pessoal da FEB. Na passagem pelo Rio de Janeiro visitei um amigo que servia no Regimento Sampaio. Era um oficial que eu conhecia de Passo Fundo. Casualmente havia uma vaga de 2º sargento no Regimento, e no dia seguinte eu já estava servindo no 1º RI, Regimento Sampaio, 3º BI, 7ª Companhia.

Após um mês de treinamento partimos para a Itália em um navio com mais de três mil homens a bordo. Um fato que me marcou muito foi a passagem do Equador. Quando o navio ia atravessar a linha do Equador, o Coronel Caiado de Castro, comandante do Regimento, mandou o pessoal subir para o convés do navio e pronunciou uma locução patriótica que calou profundamente em todo o Regimento. Até o comandante do navio se emocionou. Depois nós cantamos a *Canção do Regimento Sampaio* que tem uma letra muito vibrante. A tropa cantou com tanto

entusiasmo que o comandante do navio pediu permissão ao Coronel Caiado, pegou o microfone, cumprimentou o Regimento, declarando, entusiasmado, que ele jamais tinha presenciado uma Unidade cantar com tanto ardor e vibração como ele acabara de ver e ouvir. Chegamos a Nápoles após 15 dias de viagem, sempre sob a proteção de uma escolta muito grande, dois cruzadores, caça-minas e, quando dentro do raio de ação da aviação aliada, com aviões nos sobrevoando. Os alemães ainda dispunham de submarinos e havia a ameaça de torpedeamentos. No navio, a cozinha não tinha capacidade para servir três refeições. Eram servidas só duas refeições por dia, de acordo com uma escala. Tinha dias que o sujeito pegava o café às seis da manhã, o almoço às duas da tarde e fim; não tinha mais comida. De Nápoles para Livorno fomos em barcaças. A alimentação era ração de campanha. Nas barcaças havia muita ração. Podia-se servir à vontade, e o nosso pessoal, esfomeado, se atracou a comer. Aí o mar Tirreno trabalhou de bandido. As barcaças começaram a balançar muito e não houve quem não enjoasse. Tinha um balde improvisado como latrina que ficava rodeado de gente. Chegando em Livorno todo mundo desembarcou com as pernas frouxas. Os italianos ficaram desconfiados com aquela tropa: sem armas e desembarcando meio zonza das barcaças. Eles deviam estar pensando: "Quem são esses caras? O que esta gente veio fazer aqui?" Aquele pessoal com um saco nas costas, sem arma e andando com dificuldade, era uma coisa até engraçada.

Chegamos em Livorno e, no segundo ou terceiro dia, nos foi fornecido o armamento individual e nos deu um trabalho muito grande colocá-lo em condições de emprego. O material vinha dos Estados Unidos coberto de betume e graxa e nós tínhamos poucos recursos para limpá-lo. Quando estávamos aprontando a limpeza, à noite, o alemão fez uma incursão aérea sobre Livorno. Então aconteceu algo pitoresco. O comandante mandou construir abrigos individuais próximos de cada barraca. Os soldados, de noite, esqueciam dos buracos e, volta e meia, a gente via um pracinha desaparecer no chão gritando e dizendo palavrões. Após recebermos o material individual, fizemos o último exercício antes de seguirmos para a linha de frente: um ataque do Batalhão. A missão era tomar um morro e depois manter e organizar a posição defensivamente. Eu não esqueço o que aconteceu na minha área. Cada soldado tinha que construir o seu *fox hole*. Designei os locais para os soldados, um morro com algumas plataformas, repletas de oliveiras. Quando o soldado começou a cavar, não sei de onde, surgiu um italiano pedindo: "*Per favore, per favore, signores*, essa árvore leva uns cinqüenta anos para começar a produzir; se o soldado cavar o buraco, prejudica a planta". Mandei construírem os abrigos em outro local.

No dia seguinte, debaixo d'água, embarcamos em comboio para a linha de frente. Nossa tropa mantinha posição defensiva, em uma das cristas dos Apeninos.

Chegamos, não posso precisar, de dez a quinze quilômetros antes da linha de frente e desembarcamos. Chovia muito e andávamos em terreno completamente desconhecido. Era uma sensação muito desagradável. Não sabíamos por onde caminhávamos e se logo adiante não iríamos cair num buraco. Mas chegamos e substituímos uma Unidade do 6º RI, no Quarteirão de Torre di Neroni.

Batismo de Fogo

Em Torre di Neroni foi que eu tive o meu batismo de fogo. A substituição era sempre de noite. Com antecedência, o sargento do grupo e alguns soldados passaram a noite na linha de frente, fazendo reconhecimento das posições e dos campos de tiro.

O dia seguinte foi calmo, o alemão não deu nenhum tiro. Nós até achamos engraçado e debochamos: “Isso que é a terrível linha de frente de combate?” No outro dia, novamente, nenhum tiro. Um soldado nosso, exibindo audácia, estendeu um cobertor na borda da trincheira para secar.

No terceiro dia o inimigo resolveu mostrar a cara. A nossa comida vinha de jipe até uma altura próxima da posição onde estávamos. Então, a metade do pessoal descia das trincheiras, jantava e levava comida para os companheiros. Nesse dia, bem na hora que serviam o jantar, o alemão desencadeou uma concentração de morteiros em cima de nós e lançou diversos Pelotões sobre as nossas posições. As metralhadoras do inimigo começaram a atirar sobre as nossas trincheiras. Aí, sim, conhecemos a guerra. A turma que estava lá embaixo teve que subir para ocupar posição. A sorte nossa foi que não aconteceu como no 11º RI, onde, em situação semelhante, uma das Companhias fraquejou. Também foi sorte nossa o comando do Batalhão ter liberado a disciplina de fogo e mandado a tropa atirar. Ninguém estava enxergando ninguém e todo mundo atirando. Eu sei que passei até a meia-noite carregando cunhetes com munição junto com outros sargentos da minha Cia. Um colega, sargento Bento, subiu em uma elevação até a crista e foi atingido pelos alemães. Só sei dizer que o tiroteio foi muito violento.

De manhã cedo, ao clarear o dia, perto da nossa posição tinha dois cadáveres inimigos. Ao todo, na linha de frente do Batalhão, foram contados trinta cadáveres de soldados alemães. Na noite do dia seguinte os alemães recolheram suas baixas. Antes disso, um soldado do meu Pelotão, ao anoitecer, tirou os documentos dos dois. Um deles tinha escrito uma carta para a mulher dizendo da saudade dos filhos e rezando para a guerra terminar. O sobrenome dele era polonês — Swiderski —, mas a carta era escrita em alemão. Devia ser habitante da fronteira com a Polônia,

onde há alguma mistura das duas etnias. O nosso soldadinho já se aproveitou para tirar mais alguma recordação do *Fritz*.

Aqueles trinta mortos de que falei foram dos atacantes alemães. Na nossa frente as baixas acho que foram cinco praças. O bombardeio quase matou soterrados dois soldados nossos que construíram uma casamata com madeira muito curta. Caiu uma granada na cabeceira do abrigo e soterrou-os. Mas nós conseguimos resgatá-los, foram salvos e evacuados para a retaguarda. Não voltaram mais para o nosso Batalhão. Tivemos a lamentar o ferimento do aspirante Leôncio Miranda Pessoa de Andrade, que teve rompido, por um estilhaço de granada, o tendão-de-aquiles, sendo considerado incapacitado para o serviço no Exército.

Próximo da nossa posição tinha um Pelotão de Carros de Combate dos americanos à disposição do Batalhão. Eram cinco carros médios. A turma tinha raiva dos americanos porque eles, volta e meia, davam uma salva de tiros que o alemão não deixava de responder. Na passagem das granadas por cima de nós, às vezes caía perto um tiro curto. Preferíamos que os americanos não atirassem para não provocar os alemães.

Mais um fato curioso que aconteceu. A comida era feita à retaguarda e só levada à noite para a linha de frente. Depois do ataque que nós sofremos, a turma mudou os procedimentos; ficou mais cuidadosa e preocupada. O sargento do rancho que trazia a comida recebeu ordens para que os viageiros do rancho andassem armados. O sargento viajava ao lado do motorista e atrás estava o soldado apelidado de Militão — me esqueço o nome dele —, um negrão grande e forte. Normalmente os soldados do rancho são deficientes na formação militar. Eles recebem menos preparação do que os outros porque alguém tem que fazer a comida e são desviados muito cedo da instrução. O Militão estava com o mosquetão alimentado e carregado e não travou a arma. Quando o jipe estava passando na altura dos carros de combate dos norte-americanos, disparou a arma do Militão. O sargento gritou: "É patrulha inimiga, abandonem o jipe e entrem em posição!" O Militão, sem saber, se deitou na frente de um carro de combate americano. Era noite e estava na hora dos norte-americanos darem sua salva. Já imaginou? Estar na onda de sopro da boca de um canhão? O Militão correu como louco e só apareceu no dia seguinte, todo machucado. O terreno era muito irregular, pedras, valos, altos e baixos.

Nós cumprimos a nossa missão. Ficamos naquela posição 16 dias. Já com batismo de fogo, o soldado fica sabido. Quem não recebeu batismo de fogo não sabe distinguir um sibilo de um estalido, ou do chiado de morteiro. A pior arma é o morteiro; quando o projetil chia, se o sujeito não for muito ligeiro, não dá tempo de deitar por causa da trajetória. A granada vem de cima, quase na vertical. A

trajetória do tiro de canhão é mais tensa e o ruído é diferente. Depois que o camarada aprende, educa o ouvido, conforme a salva de artilharia, nem deita no chão. Sabe que a granada de canhão passará por cima e vai cair distante. Já estávamos meio veteranos. Então fomos substituídos pelo 2º Batalhão do 6º RI. Mas antes quero contar outro fato, também curioso.

Torre di Neroni se defrontava com Soprassasso, um monte bem mais elevado, de posse do inimigo. Os alemães só conseguiam se abastecer através da estrada que passava pela terra de ninguém, um trecho sob nosso domínio. Eles não tinham como chegar pela retaguarda a não ser com muares. Todos os dias de manhã cedo saía a ambulância dos alemães. À tarde ela regressava. A turma desconfiou. Achavam que a viatura voltava carregada com munição. Os alemães, apesar das dificuldades, nunca tiveram problema de munição e a toda hora nos bombardeavam. Então fui falar com o Capitão Arnizaut, pedir licença para atirar na ambulância. Ele me respondeu que em hipótese alguma autorizaria este tipo de agressão, proibida pela Convenção de Genebra. Então o que nós fizemos? Eu acho que o Capitão Arnizaut até hoje não sabe disso, nós o logramos. Combinei uma ação com o sargento Aires que estava bem na linha de frente. A estrada de acesso ao Soprassasso fazia uma curva e depois passava por um pontilhão. Nós calculamos mais ou menos o tempo que a ambulância levava para chegar da curva ao pontilhão e combinamos que quando ela aparecesse ele comunicaria que havia um grupo de inimigos se deslocando pela estrada e pediria fogo de artilharia ou de morteiro. Eu, na ocasião, substituía o comandante do Pelotão que estava baixado. Marquei os dados sobre o tiro de morteiro na carta. Regular o tiro com baliza, nem pensar! Os alemães tinham domínio de vistas e de fogos sobre a nossa posição. Quando a ambulância apareceu, o sargento Aires — ele não voltou da guerra, morreu em combate — pediu fogo, e o Capitão nos autorizou a atirar. Então tocamos fogo na ambulância. Apontei os morteiros em três pontos: uma peça para atirar cinqüenta metros antes da ponte, uma na ponte e outra na saída da ponte. Não deu outra, pegamos a viatura em cheio. A Artilharia também atirou. Quando a fumaça desapareceu vimos que a ambulância tinha ultrapassado a ponte mas estava emborcada contra o barranco. No dia seguinte os alemães retiraram a viatura avariada e daí em diante eles começaram a passar com uma carroça rumo ao cimo do Soprassasso. Nesta época o pessoal do 6º RI já tinha nos substituído.

Hoje tenho certeza que o General Arnizaut não ficou sabendo da nossa malandragem porque o Tenente Newton Miller Rangel, que foi comandante do Pelotão de Comunicações do 2º Batalhão do 1º RI na FEB, ouviu a troca de mensagens e tudo aconteceu como se o pedido de tiro fosse contra uma infiltração alemã. Mais tarde

encontrei o então Coronel da Reserva Newton Miller Rangel, aqui em Porto Alegre. Ele era engenheiro formado pelo IME e freqüentava as reuniões da Associação. Certa vez, ao atravessar com a esposa a Avenida Independência, foram atropelados, e ela veio a falecer. Ele, que ficara viúvo já uma vez, resolveu ser padre.

Na guerra aconteceu um caso dramático com o Tenente Rangel. Uma granada inimiga atingiu o seu pessoal e colocou 12 elementos fora de combate; 1 cabo morreu e 11 soldados foram para o hospital. Dizem que foi um tiro de canhão, mas para mim foi granada de morteiro. Pela altura das elevações da cobertura só morteiro poderia ter atingido o pessoal.

Segundo a última informação que eu disponho, atualmente o Padre Rangel mora em Florianópolis.

Um Ataque Sangrento

Depois da nossa substituição pelo 2º Btl do 6º RI fomos para a retaguarda nos preparar para o terceiro ataque a Monte Castelo. Ficamos em Granaleone, uma região distante da linha de frente.

O terceiro ataque a Monte Castelo ocorreu em 12 de dezembro. Durante a nossa preparação foram recompletados os efetivos e fizemos os estudos de situação. O ataque ficou marcado para o dia 12 de madrugada e não haveria preparação de artilharia. O meu Pelotão ocupava posição central junto à linha de partida, e na hora combinada iniciamos o avanço sobre Monte Castelo. Tudo estava correndo muito bem, o que até surpreendia; ainda era noite, o terreno muito irregular e marchávamos no vazio, às cegas, absolutamente às cegas. Começado o avanço, o meu Pelotão prendeu dois alemães que foram surpreendidos quando vigiavam, bem à frente, as nossas prováveis vias de acesso. Eles se descuidaram e nós os prendemos. Continuamos nossa progressão; a Artilharia — repito — não deveria atirar. Quando clareava o dia, nós estávamos praticamente à distância de assalto das posições alemães de Fornelo, a Artilharia norte-americana abriu uma barragem sobre Belvedere, a leste, e quebrou o sigilo. A justificativa inicial foi a de que eles queriam nos ajudar fazendo os alemães pensarem que o ataque seria sobre Belvedere. Seria uma ação diversionária. No caso do meu Pelotão, como estávamos bem avançados, ficamos aguardando amanhecer para avaliar a situação e decidir o que fazer. O dia clareou e nós estávamos expostos ao inimigo e as nossas posições a descoberto. Aquela barragem de artilharia acordou os alemães e eles ficaram em posição, a nossa espera. Depois do amanhecer quem não teve condições de arrumar um abrigo, marchou. No meu Pelotão, 12 morreram. Doze mortes, além dos feridos que eu nem

sei quantos foram. A maioria com tiros na cabeça. Foi tiro caprichado, como se eles estivessem caçando animais. Fora da cabeça só tivemos um soldado que foi metralhado. Levou uma rajada acima do joelho e demoraram muito para socorrê-lo. Esvaiu-se em sangue, pois não tínhamos como fazer o garrote. Tiramos os cintos dos mortos, mas o ferido tinha as pernas grossas e não conseguimos fazer o torniquete. Os padioleiros não puderam chegar a tempo. O meu Pelotão perdeu 12 soldados que não precisariam ter morrido, mas infelizmente morreram.

Nosso Pelotão estava sob o comando do tenente. Ele e um dos grupos de combate ficaram protegidos por um esporão do terreno. Foi o pessoal que se salvou. Os dois outros grupos que estavam à direita do ataque, um dos quais sob o meu comando, foram colhidos por fogos de revés, partidos do flanco direito. A maioria dos mortos e feridos foi atingida por estes fogos de revés. Não foi fácil o que enfrentamos, e, na verdade, houve uma chacina.

Não tivemos condições de retrair. E ainda houve outro problema que agravou a situação. Marcelino Lourenço, um soldado que estava a minha esquerda, gritou: “Sargento, nossos companheiros estão nos atirando pelas costas!” Não era verdade. Eu mandei que todos se abrigassem, quem me obedeceu, sobreviveu; quem tentou se movimentar, morreu a tiros. A maioria com ferimentos na cabeça, como eu já falei.

O Pelotão do sargento Athayde quis me dar uma ajuda. Era o único que podia atirar para neutralizar as armas que estavam nos batendo pelo flanco. Assim que um atirador do Pelotão do sgt Athayde chamado Álvaro chegou na crista da elevação e deu uma rajada com a sua metralhadora, foi abatido pelos alemães. O soldado, como é do jargão militar, “deu sopa na crista”. O sargento Batista, que o acompanhava, levou um tiro na base do maxilar inferior e outro no tórax. Mas ele se salvou. Nós o trouxemos no retraimento, com enorme sacrifício. Quando voltei ao Rio de Janeiro, os parentes dele quiseram me conhecer, andaram me procurando, mas eu fugi para evitar uma crise emocional. O sargento Batista era casado com a filha de um oficial e já era funcionário público quando foi convocado para a FEB. Levamos o sargento até uma árvore para protegê-lo. Foi ferido às nove horas da manhã. Uma bala atravessou-lhe o rosto na altura do maxilar e a outra perfurou-lhe o pulmão direito e saiu pelas costas. Só depois de escurecer, acho que mais ou menos dez horas da noite, é que nós começamos a carregá-lo para a retaguarda. Foram momentos difíceis.

Passamos o dia inteiro sob o fogo dos alemães. Às vezes vinha aquela nuvenzinha de neblina, era outono, então aproveitávamos o que podíamos para colocar os feridos em lugares abrigados. Tudo era feito correndo. A neblina era passageira e quando levantava, se bobeássemos, levávamos chumbo.

Defensiva de Inverno

Depois do insucesso do ataque do dia 12 de dezembro a Monte Castelo, o Batalhão retraiu e ficou à retaguarda da linha de frente para recompletar os efetivos substituindo os mortos e os feridos. Feito isso, foi atribuído ao Batalhão um setor defensivo na área de Bombiana.

Quando o Pelotão assumiu as posições, não havia abrigos nem casamatas. Então, a nossa primeira missão foi melhorar a proteção do pessoal. Em seguida veio o inverno e a neve. No caso do meu Pelotão, faltava-nos locais para abrigar os soldados que ficariam ao relento. No setor que coube ao Pelotão defender, estava o cemitério da localidade. Como não havia como proteger os homens — começava a nevar —, ocupamos o necrotério. Quando chegamos lá, havia quatro caixões. A nossa primeira providência foi tirar os cadáveres para fora. A neve logo os cobriu. Em seguida nos forneceram chapas de aço e então construímos um abrigo atrás do muro do cemitério. Poder-se-ia compará-lo com um carro-dormitório da viação férrea. Completamos a estrutura com madeira e tapamos com sacos de areia. Ali nós ficamos até o degelo e começamos a nos preparar para o ataque do dia 21 de fevereiro a Monte Castelo.

Quero registrar mais um fato interessante. Aconteceu quando o Pelotão foi designado para efetuar uma patrulha de combate. Este tipo de ação foi muito intenso na defensiva de inverno. Por coincidência, nossa Patrulha seguiu na direção de Abetaia, onde um Pelotão brasileiro teve 17 mortos em um dos ataques ao Monte Castelo. O fato é triste e pitoresco ao mesmo tempo.

Nós tínhamos à disposição do Pelotão um *carabinière*, soldado italiano que com uma mula transportava as marmitas térmicas com nossa comida. Seguidamente o alemão notava a aproximação dele transportando as marmitas para as nossas posições e abria fogo. O italiano então abandonava a mula e só aparecia meia hora depois. Então nossos soldados, cariocas e malandros, caçoavam dele: "Você é um covarde Primavera (Primavera era o nome ou apelido dele); Mário, o mulo, é que é herói; olha os ferimentos do Mário" – mostravam cicatrizes do muar.

Os pracinhas inventavam medalhas e condecoravam Mário, o mulo do Primavera. Tanto encheram e aborreceram o *carabinière* que ele se tomou de brios e se apresentou para ir junto naquela patrulha. Estávamos progredindo na direção do objetivo quando o sargento Amâncio me chamou a atenção para o que achou ser um capote no meio da neve. Fui conferir e vi que era o cabelo de um negro; identifiquei-o pelo pixaim. A neve encobria-lhe o corpo. Era o local onde morreram vários soldados brasileiros numa tragédia conhecida como "Os 17 de Abetaia". O

carabinière Primavera, assustado com aquilo, no lance seguinte que demos para frente, não nos acompanhou, foi para trás. Eu lastimo ter sido imprevidente; deveria ter tomado nota do nome completo e do endereço do Primavera. Eu estive na Itália depois disso e teria sido muito bom tê-lo reencontrado.

Os pracinhas mortos deixamos em Abetaia, ficaram embaixo da neve. Não tínhamos condições de transportar os cadáveres. Só depois da tomada de Monte Castelo os corpos foram evacuados para a retaguarda.

O nosso soldado, surpreendentemente, suportou muito bem o inverno. Agora, estava bem agasalhado e bem alimentado. Inclusive, como já falei, o pé-de-trincheira era raro na nossa tropa

Os nossos soldados eram vivos, vivos até demais. Eles tinham que calçar a botina e colocar a galocha por cima. Era o uniforme previsto para o inverno. Mas com a galocha por cima da botina, o pé suava, ficava molhado, depois esfriava e dava pé-de-trincheira. O nosso soldado aboliu a botina e ficou só com a galocha. Estávamos em uma zona onde havia muita palha de trigo. Os italianos colhem o trigo e prensam a palha para usar como forragem e cama para o gado. Com a palha protegíamos os pés e os mantínhamos aquecidos. Nós permanecemos durante todo o inverno quebrando gelo e nos preparando para o ataque no final de fevereiro.

Conquista de Monte Castelo

Meu Pelotão deslocou-se para Guanella, uma posição no flanco direito da 10ª de Montanha norte-americana. No dia 20 de fevereiro a tropa norte-americana atacou Belvedere e conquistou a elevação. No dia 21, depois de algum sacrifício, não tanto como nos ataques anteriores, nós atacamos Monte Castelo e desta vez expulsamos os alemães. Com a tomada de Belvedere, as armas de flanco que os alemães usavam daquele ponto contra nós não existiam mais. Conquistado Belvedere, meu Pelotão recebeu a missão de ocupar outra posição, agora no flanco direito do ataque da FEB.

Nos confrontamos naquele flanco com uma posição forte do alemão, a mesma posição que nos colheu com fogo de revés no ataque do dia 12 de dezembro. Nossa missão não era atacar, mas atrair os fogos do inimigo protegendo as Unidades que faziam o esforço, num ataque frontal a Monte Castelo. Durante a noite começamos a construir os abrigos, mas perdemos tudo. Quando clareou não conseguíamos sair deles. Se tentássemos o alemão nos varria à bala. Tivemos que retrair. Mas só o fato de estarmos lá, atirando pelo flanco, preocupava o suficiente os alemães, impedindo que eles hostilizassem as Companhias e Pelotões que avançavam pelo cen-

tro do dispositivo. O ataque principal pôde atingir Monte Castelo com mais segurança devido a nossa atuação no flanco.

À noite nós avançamos mais ou menos pelo mesmo itinerário do ataque do dia 12 e envolvemos uma casamata do inimigo. Dezoito alemães não conseguiram retrair durante o violento bombardeio de artilharia, nós os cercamos e os aprisionamos. Entre os alemães havia dois feridos: um no pé e o outro com um estilhaço na altura dos rins. Os dois estavam sendo carregados nas costas por companheiros. Eu soube por um sargento do meu Pelotão que havia dois ou três poloneses naquele grupo de presos. Os alemães pegavam jovens dos países ocupados e incorporava-os ao seu exército. Quando cheguei junto aos prisioneiros, perguntei na língua deles: “Quem de vocês é polonês?” O soldado que transportava às costas um dos feridos — aquele atingido na altura dos rins — jogou-o no chão e partiu em minha direção para confraternizar comigo. Eu alertei-o: “Opa! Pára lá! Por enquanto ainda somos inimigos!” Perguntei aos patrícios quantos dos nossos eles haviam ferido no dia 12 de dezembro e agora na tomada de Monte Castelo. Eles não souberam responder.

Depois da tomada de Monte Castelo o meu Pelotão recebeu nova missão. O 2º Batalhão do Sampaio atacava os últimos redutos que impediam o avanço da tropa para o norte, e nós recebemos a missão de organizar posições e, no caso de insucesso do 2º Batalhão, acolhê-lo se houvesse retraimento.

Lembrando Alguns Fatos

Depois do terceiro ataque a Monte Castelo, o Pelotão recebeu novos soldados do Depósito de Pessoal. Esse pessoal que vinha como recompletamento, quando chegava do Depósito e era designado para um Pelotão com tantas baixas em combate, ficava temeroso.

O camarada que disser que não teve medo na guerra está mentindo. É claro que ser recompletamento de 12 mortes em um mesmo Pelotão pode assustar. Era o nosso caso.

Tem um fato sobre o medo que vou narrar. Depois daquela noite do ataque alemão — nosso batismo de fogo —, em que eu iniciei carregando munição e depois acabei dando tiro sem enxergar ninguém porque era noite escura, no dia seguinte chegou uma carta da minha mãe para mim. Eu abri a carta preocupado. Quando eu servi em Passo Fundo passei uns seis meses sem ir em casa. Depois fui para a Escola de Motomecanização. A seguir para Natal e Recife. Do Recife voltei para o Rio de Janeiro, Regimento Sampaio. Acho que fazia uns dois anos que não passava em casa. A carta da minha mãe era escrita em polonês. Ela falava português

com sotaque, mas escrever, só em polonês. Na carta ela dizia que soubera que eu fora voluntário e me recriminava por isso. Engraçado o contraste: o Lia Pires, outro gaúcho também da FEB, recebeu uma carta do pai dele. Uma mensagem muito bonita que está hoje no museu da FEB, em São Gabriel. O pai do Lia Pires entusiasmado, concitava o filho para que fosse um bravo na guerra. Completamente diferente da correspondência de minha mãe, muito receosa com o que poderia me acontecer. Então eu tive medo, medo de não voltar. Tudo por causa da carta da dona Helena.

Meus pais moravam no interior do Rio Grande, próximo de Getúlio Vargas. Já que estamos falando dos meus pais — poloneses —, quero lembrar de um fato muito significativo para mim. Eu estive na Polônia e lá visitei a Casa de Cultura onde comprei um livro, escrito em polonês, que descreve minuto a minuto a tomada de Monte Cassino, um ponto forte alemão, mais ao sul, e que foi conquistado pelos poloneses antes da chegada dos brasileiros na Itália.

Se eu fosse mais moço ou estivesse na ativa acho que tentaria traduzi-lo. Foi uma vitória fantástica do Exército polonês. Os ingleses atacaram Monte Cassino mas fracassaram. Os poloneses não gostam dos ingleses porque, depois que terminou a guerra, eles — os ingleses — resolveram comemorar a vitória na Itália e tinham que escolher o feito mais importante naquele Teatro de Operações. Não houve dúvida na escolha de Monte Cassino, cuja conquista foi decisiva para o prosseguimento do avanço para o norte e conquista de Roma.

Pois bem! Para aquela comemoração não convidaram nenhum representante das tropas polonesas que, no assalto ao importante ponto estratégico, perderam 1.200 homens, enterrados no monte do Calvário, nas proximidades de Monte Cassino.

Os franceses, sob o comando do General Juin, também participaram da conquista de Monte Cassino, mas a ação principal foi dos poloneses. Lutaram uma semana, dia e noite. Foi um ataque com sete dias e sete noites de duração. A engenharia polonesa construiu uma estrada para se aproximar dos pontos fortes dos alemães. Carros-de-combate davam cobertura aos engenheiros poloneses. Quando os alemães ou as minas destruíam um carro, eles jogavam-no morro abaixo e colocavam outro. Assim foram subindo até as posições fortificadas dos alemães, que foram desalojados na base do fogo, com o emprego de lança-chamas.

Voltando à nossa FEB, vou falar de um deslocamento onde aconteceram coisas curiosas. Um dia estávamos seguindo um itinerário e lá pelas tantas o tenente quase tropeçou numa mina. Coincidiu de ele parar o pé quando encostou nela. Então ficamos: eu de um lado e ele do outro, segurando um fio, e os soldados passando por cima, um a um, para que não pisassem na mina. Chegando ao local designado para o

Pelotão, distribuímos as missões para cada grupo, e eu, o tenente e um soldado fomos vasculhar as casas próximas, o oficial armado de pistola, eu de metralhadora e o soldado de fuzil. O italiano dono da casa, quando deu no pé, colocou um armário bloqueando a escada e o acesso ao quarto que havia no segundo piso. Era uma construção típica da colônia. Ele colocou tudo o que podia naquele quarto e disfarçou a entrada colocando o móvel. O armário tinha um espelho na porta, que se abriu quando estávamos subindo a escada. Eu enxerguei no espelho a minha imagem e puxei o gatilho da metralhadora. O carregador, daqueles que a gente coloca por baixo da arma, era de 32 tiros. Ainda bem que a arma não disparou. A mola estava cansada. Ia ser o maior vexame. Seria como atirar em mim mesmo.

Lembrei-me de certa vez que eu estava fazendo a vistoria de uma casa em dupla com outro sargento muito meu amigo e na sala encontramos muito material alemão: capacete, sabre, capote e outros artigos. Estes indícios da presença de alemães recomendavam cautela na inspeção. Quando meu companheiro abriu uma porta de uma saleta surgiu um gato e ele, instintivamente, atirou no bicho. O gato saiu de fininho porta afora.

Vamos voltar ao nosso deslocamento. Depois que o tenente e eu definimos as posições para dois grupos, ele mandou-me ao PC para informar ao capitão, pelo telefone, o local escolhido. Eu devia ficar no PC aguardando o aviso do tenente sobre a posição do terceiro grupo, ocasião em que chamaria o nosso pessoal para cerrar à frente. Cheguei no PC, passei o recado ao capitão e fiquei aguardando as informações do tenente. Quando chegávamos numa casa, a primeira coisa que fazíamos era retirar as portas e transformá-las em camas para deitar. De tanto o camarada ficar encolhido nos abrigos, era uma coisa confortante quando conseguia deitar-se ao comprido, mesmo que fosse sobre uma porta. Estou lá, deitado próximo ao telefone, quando passa um soldadinho por perto e pisa numa tábua em falso. Ele levantou a tábua e encontrou o esconderijo das bebidas do italiano dono da casa. Mandei o soldado me passar uma garrafa de martini e distribuir bebida para os outros companheiros. Deitado na minha porta, não sei quantos tragos tomei. Pouco depois o telefone tocou. Era o tenente informando que havia concluído o reconhecimento e determinando que eu mandasse o pessoal. Respondi que não ia mandar ninguém. Ele insistiu e continuei recusando-me a atendê-lo. Então ele veio ao PC. Quando viu a garrafa no chão entendeu o que acontecera. A nossa confiança mútua e amizade não foi afetada por este pequeno incidente de guerra.

Fazia três noites que eu não dormia. Estava recostado na minha porta e vem um companheiro dizer para eu me apresentar em Ascoli, ao Capitão Bienachewski. Sabe por quê? — perguntei. “Não. Só sei que é para o senhor se apresentar a ele.”

Aí eu fui procurar o oficial. Eu o conheci quando ele era fiscal no III/8º/RI em Passo Fundo, onde fui furriel na Unidade e fazia as folhas de vencimentos do pessoal. Disse-me ele: "Fala com o subtenente e vai fazer as folhas da companhia. O furriel da Companhia deu uma alteração. Prendi o cara e mandei-o para o Depósito." Sobrou para mim: passei a noite inteira à luz de lampião fazendo folhas de vencimento. Eu estava rascunhando as folhas para o mês seguinte quando passou um amigo, o sargento Ferreira, e perguntou-me o que eu estava fazendo. Disse-lhe que preparava as folhas de vencimento. Ele brincou comigo: "Desde quando oficial faz folhas de vencimento?" Ele sabia, e eu não, que tinha sido comissionado no posto de 2º tenente.

Fim da Guerra e Regresso

Meu Batalhão não participou do combate em Montese, ficou em reserva. Atuamos na perseguição aos alemães. Até a rendição da 148ª DI alemã, não fizemos muita coisa. O meu Pelotão deslocou-se para o Rio Pó cuja ponte fora destruída. Os alemães jogaram dentro do rio tudo o que não puderam transportar para o outro lado. Meu Pelotão estava na perseguição e no dia 1º de maio entrou na cidade de Parma. A guerra na Itália terminou, praticamente, no dia 2. De manhã cedo chegou a notícia de que a guerra tinha terminado e a soldadesca ficou maluca. A cidade estava abandonada, não havia ninguém, as casas fechadas e os alemães tinham dado no pé. Era uma cidade fantasma. Os pracinhas então começaram a comemorar o fim da guerra. Mas logo tivemos que prosseguir no nosso deslocamento. Daí para a frente os prisioneiros alemães só atrapalhavam. O nosso pessoal só queria festa. Quando encontrávamos com alemães tínhamos que prendê-los e recolhê-los. Acantonei numa casa vazia com o Pelotão. Ficava longe, mais ou menos um quilômetro, um quilômetro e meio, do PC da Companhia. Na hora do jantar tínhamos que ir buscar a comida. Como não havia nenhum motorista, eu mesmo peguei a direção da viatura. Cheguei lá no PC e fiquei esperando aprontarem o rango para levá-lo ao pessoal. Escutei o capitão falar: "Quem trouxe o caminhão?" Eu escutando tudo, pensei: "Sobrou para mim." Os pracinhas disseram que o veículo era do Tenente Tadeu. O capitão então mandou me chamar. O pátio estava cheio de alemães e ele me disse que não pretendia ficar com os presos até o dia seguinte; iria mandá-los para o estádio do Parma — time de futebol —, transformado em campo de concentração e a missão seria minha. Aí pegamos mais viaturas e combinamos que o motorista de dia, o Cabo Cachacinha, iria na frente, pois conhecia bem o caminho. Fazia alguns anos que não pegava na direção. Embarquei os presos nos caminhões, coloquei uma

escolta de dois soldados em cada viatura e segui para Parma. Recomendei ao Cachacinha que fosse devagar porque eu há muito tempo não dirigia. Ele me garantiu que não iria correr, mas esqueceu a promessa. Lá pelas tantas havia um cruzamento e uma curva fechada. Ele entrou e eu, na velocidade que vinha, entrei também. Consegui endireitar a direção e reduzir a marcha. Houve uma gritaria e vi que só estava eu na viatura. A escolta e a alemoada voaram. A sorte é que era um lugar meio pantanoso com o pasto alto e ninguém se machucou com gravidade. Só um pracinha da escolta fraturou o dedo mínimo.

Outra sorte minha: aquela estrada era muito movimentada, eram centenas de viaturas rodando de um lado para outro e havia, de espaço em espaço, guinchos para socorrer acidentes. Eles arrumaram o caminhão.

Quando chegamos a Parma os italianos já tinham voltado à cidade. Ao verem aqueles alemães em meu caminhão começaram a juntar pedras para agredi-los. Queriam massacrá-los. Acabei tendo que defendê-los. Curioso: até a véspera éramos inimigos dos *deutch* e agora nos transformáramos em seus protetores. Daí para frente foi só confraternização com os italianos.

Lembro ainda que no Vale do Rio Pó improvisamos um campo de futebol onde nos distraíamos jogando e tomando cerveja que mandávamos buscar no "PX" (armazém reembolsável) norte-americano.

Tivemos, na época, um momento de muita emoção. Em uma das formaturas o Coronel Caiado mandou que participassem só aqueles que integravam o Regimento Sampaio desde a nossa saída do Rio de Janeiro. Podemos então sentir quantos companheiros foram mortos, ou feridos com gravidade durante a guerra. Na minha Companhia, a 7ª do 3º BI, foram mais de quarenta homens. Nunca esquecerei aquela formatura dos "ausentes".

Nós ficamos ainda algum tempo nas margens do Rio Pó. Depois seguimos para Bolonha, pegamos o trem e fomos até perto de Nápoles, onde acampamos à espera do navio. Eu voltei para o Brasil no 2º escalão. O Regimento Sampaio, minha Unidade, viajou no navio norte-americano *Mariposa*. Embarcamos em 12 de agosto de 1945 e chegamos ao Rio de Janeiro em 22 de agosto. Uma viagem tranqüila. Apenas um problema na entrada da Baía de Guanabara. Olhávamos para os edifícios e em todas as janelas havia lenços brancos abanando. Todos correram para bombordo querendo assistir a recepção. O comandante teve que manobrar o navio para evitar que ele emborcasse.

Chegamos no porto, desembarcamos e começamos o desfile em coluna por três. Mas foi só começar — a maioria do pessoal do Regimento Sampaio era do Rio —, a multidão invadiu o dispositivo e acabou com a formatura.

Aconteceu um fato engraçado comigo e com o sargento Moacyr, meu companheiro de trincheira, carioca nascido no Rio, casado pela segunda vez. Nós estávamos desfilando já em coluna por um, quando entrou uma mulher e se agarrou no meu amigo. Era a esposa dele. Soube depois que ele enviuvou e casou-se pela terceira vez.

Nós três fomos para a Vila Militar. No portão e nos muros do quartel havia muita gente. Parentes, amigos e curiosos. Quando eu entrava no quartel do Sampaio escutei aquela voz: “Tadeu, você voltou?!” Era uma guria que eu conhecera antes da guerra. Pensei: um gaúcho lá do Sul ter uma recepção dessas aqui no Rio de Janeiro? Isso é muito bom! Em seguida colocaram o Regimento em forma mas eu consegui convidar a moça para um baile, à noite, no Círculo da Vila. Pena que o sapato que eu comprei, afobado para ir na festa, apertava no pé e prejudicou um pouco meu desempenho como dançarino naqueles bons momentos de convívio com a minha amiga carioca.

Major Cícero Castello Branco*

Nasceu em São Francisco de Paula (RS) em junho de 1920. Matriculou-se no CPOR/PA, em abril de 1939, sendo declarado Aspirante-a-Oficial de Infantaria em novembro de 1941 e promovido a 2º Tenente em maio de 1943, após o Estágio de Instrução realizado no III/8º RI (Terceiro Batalhão do 8º Regimento de Infantaria) em Passo Fundo (RS). Convocado para o serviço ativo do Exército em julho de 1944, foi classificado no 9º BC - Caxias do Sul (RS). Voluntário para a FEB, fez sua preparação no Centro de Recompletamento de Pessoal (RJ), a partir de dezembro de 1944. Embarcou no 5º escalão integrando o 4º Pelotão da 16ª Companhia do 4º Batalhão. Na Itália, fez toda a guerra no Depósito de Pessoal, como Instrutor de Pelotão de Fuzileiros e de Minas, Armadilhas e Demolições. Retornou no 3º escalão, chegando ao Rio de Janeiro em 17 de setembro de 1945, depois de uma passagem por Lisboa, onde a tropa brasileira desfilou. No final desse ano foi promovido a 1º Tenente. Em abril de 1946 foi matriculado no COR a funcionar no CPOR-RJ. Classificado na Escola Militar de Resende (RJ), comandou a Companhia Extranumerária do Corpo de Cadetes. Mais tarde serviu no 4º RI - Quitaúna (SP) após o que foi matriculado na EsEFEx. Concluído o curso, serviu no 19º RI - São Leopoldo (RS) e no QG/3ª RM onde foi promovido a Capitão em abril de 1956. Transferiu-se para a Reserva, como Major, em junho de 1966. Bacharel em Direito (UFRGS), em 1953, fez o curso da ADESG em 1970 e ocupou vários cargos de destaque de natureza civil. Por sua participação na Segunda Guerra Mundial, foi agraciado com a Medalha de Campanha e Medalha de Guerra.

---

* Instrutor do Depósito de Pessoal, entrevistado em 12 de julho de 2000.

Infante Cavaleiro

Sou natural do Rio Grande do Sul, nascido em São Francisco de Paula, município dos campos de cima da serra no Nordeste do estado. Meu pai tinha uma fazenda de criação de bois e lá passei a minha infância. Aos dez anos de idade vim para Porto Alegre aprimorar a minha educação. Entrei no Colégio Júlio de Castilhos, concluindo o curso em 1938.

Minha vida militar teve início em 1939 quando me matriculei no Curso de Infantaria do CPOR, aqui em Porto Alegre. Era idéia e meu desejo cursar a Cavalaria, ser da Arma de Osório, uma vez que estava habituado nas lides do campo e me considerava cavaleiro. Até porque gosto muito de cavalos. Retornei atrasado das férias chegando em Porto Alegre em março quando já se tinham encerrado as opções e os exames para a Cavalaria. A pedido do Coronel Schneider, Waldemar Schneider, Comandante do Centro, com muita honra, permaneci na Arma de Infantaria e concluí o curso em 1941. No dia 18 de dezembro fui declarado Aspirante-a-Oficial da Reserva. Reserva de Segunda Classe do Exército de Primeira Linha, como se dizia na época. Já estava no Colégio Universitário, um curso de dois anos após o ginasial e anterior ao ingresso na universidade. Ao final deste fui para o pré-jurídico, uma espécie de cursinho pré-vestibular que preparava seus alunos para as áreas de Humanas e Ciências Sociais. Concluído o curso em 1942, no início do ano seguinte prestei o vestibular e ingressei no primeiro ano da Faculdade de Direito. Já era Segundo-Tenente. Esqueci de informar que em 1942 fui designado para um estágio de Instrução Militar, tendo sido classificado no Terceiro Batalhão do Oitavo Regimento de Infantaria (III/8º RI) em Passo Fundo, cujo Comandante era o então Major Ruy Santiago. Findo o estágio em novembro de 1942, retornei a Porto Alegre, prestei o exame vestibular e ingressei na Faculdade de Direito.

Recordando Passo Fundo e o CPOR

Gostaria de aludir à época do Terceiro do Oitavo. Guardo recordações felizes do meu primeiro Comandante de Companhia, o então Capitão Peri Zimmermann.

Convivi também com o Cotrin. Tem até uma particularidade com ele. Eu era o porta-bandeira naqueles desfiles do Batalhão mas o Cotrin é que chamava a atenção porque era um homem alto e forte, muito bem apessoado. Ele gostava muito de mim. A primeira vez que nos encontramos eu era Aspirante-a-Oficial R2. Em quartel do interior sempre faziam molecagem com o Aspirante, era uma brincadeira, um trote, enfim, qualquer coisa para descontraí-lo e entrosá-lo com os companheiros.

Eu estava conversando com um colega e de repente caiu uma flecha de índio na nossa frente. Espantados, olhamos ao redor e deparamos com o Cotrin, de arco na mão e outra flecha apontada para nós, dizendo para nos defendermos. Brincadeiras à parte, ficamos muito amigos. Só o encontrei de novo após a ocorrência daqueles fatos que o envolveram. Eu era do quarto Pelotão da Décima Sexta Companhia, por conseguinte fui o último homem a descer do navio que nos levou à Itália. Ele estava no final da escada anotando o pessoal que desembarcava e me reconheceu quando passei. Depois nos reencontramos quando ele saía do Ministério da Guerra, isso após o retorno da Itália. Falou-me: “Cícero, nesse momento entreguei meu pedido de exoneração aqui no Ministério”. Tomou um táxi e saiu. Nunca mais vi o Cotrin. No fim deu tudo mais ou menos certo para ele. Virou artista de televisão. Era o Capitão Asa! Até assisti um filme com ele.

Outro companheiro que eu gostaria de citar é o meu querido amigo Marsillac. Atualmente o encontramos na Rua da Praia todos os dias. Mas acho que não servi com ele em Passo Fundo, e sim em São Leopoldo.

É com emoção que recordo também meus tempos de CPOR. Me dou muito bem com todo aquele pessoal. Até hoje falo com eles. Gente muito fina.

O curso do CPOR era de três anos. E diário. Um regime especial de preparação para a guerra. Tínhamos instrutores ótimos e exigentes e a formação era praticamente a de Academia. No meu segundo ano o comandante era o Tenente-Coronel Alcides Etchegoyen. Um homem extremamente rigoroso. Exigia, não só dos alunos, como dos próprios instrutores. Ele, Comandante, chegava no campo e, na frente dos instrutores, questionava os alunos. O instrutor alegava: “Mas Comandante, eles não aprenderam isso ainda, eles não tiveram essa instrução”. “Não receberam, mas deveriam ter recebido”. Isso soava mal para o instrutor. Havia essa cobrança.

Surpresa: Rio via Varig

Em julho de 1944, enquanto cursava o segundo ano da faculdade, fui convocado para o serviço ativo do Exército sendo classificado no 9º Batalhão de Caçadores, em Caxias do Sul. Uma vez no Batalhão requeri minha inclusão na Força Expedicionária Brasileira, como voluntário. Em pouco tempo, talvez uma semana, fui transferido para o Rio em regime de urgência. Em conseqüência, o Comando do Batalhão contatou as autoridades do Ministério da Guerra para saber que tipo de condução eu deveria utilizar para chegar lá. A resposta veio logo: via aérea. Como eu estava em Caxias do Sul, vim a Porto Alegre tratar da viagem e, ao retornar, meu pai e minha irmã estavam me aguardando, surpresos e ansiosos. Ela, quase choran-

do, disse que soubera que eu já havia embarcado. Eu disse que não faria isso sem avisá-los. “Mas por que tu vais? Por que fizeste isso, por que pediste para ir?” Um lamento compreensível, talvez pela surpresa com que receberam minha decisão. Tive até dificuldade de responder. Sabemos que o Exército é parte integrante do povo. Assim, ele incorpora essas variações de fraqueza, ou de força da sua gente. Se uma nação é rica, pode ter uma força armada pujante, bem treinada, vistosa; mas se seus soldados não tiverem qualidades morais que lhe dêem rijeza e ânimo, não se pode dizer que é um exército forte.

Poucos dias depois embarquei para o Rio de Janeiro, em um avião fretado da Varig, que voou lotado. Éramos 17 tenentes, sendo eu o único da Reserva de segunda classe. Ninguém mais era oriundo do CPOR. Desembarcamos no Rio de Janeiro e, de imediato, nos dirigimos ao Ministério da Guerra. Lá me encaminharam para o acantonamento do Centro de Recompletamento de Pessoal no Morro do Capistrano, na Vila Militar. É interessante notar que quando fui transferido, isto é, no expediente que veio do Ministério da Guerra, a designação era para o Depósito de Pessoal. Mas ao chegar no Rio de Janeiro acabei no Centro de Recompletamento de Pessoal. Depois constatei que os dois nomes referiam-se à mesma Unidade, fora apenas mudança de denominação. Lá permaneci por um mês e meio aproximadamente e então embarquei para a Europa. Eu fazia parte da Décima Sexta Companhia do Quarto Batalhão.

Disciplina: Verso e Reverso

Considero importante um depoimento a respeito dessa permanência de um mês e pouco no Rio de Janeiro. Ficamos treinando. Eu pensei que estava me incorporando a uma tropa de elite e muito disciplinada. No entanto isso não ocorreu. A disciplina lá corria um tanto frouxa. Não é crítica, absolutamente.

No acantonamento havia pessoal do Norte, Nordeste, aqui do Sul, enfim, de todo o Brasil. Às vezes surgia uma rivalidade entre baianos e gaúchos que acabava em conflito. Naquele mês e pouco presenciei duas intervenções das autoridades superiores no Morro do Capistrano, inclusive dos generais do Ministério da Guerra. Em uma ocasião apareceram lá todos os generais do Rio de Janeiro e até o próprio Ministro da Guerra, General Dutra. O Comandante do acantonamento, não me lembro o nome agora, confessou que por quarenta minutos o acantonamento esteve completamente fora de seu comando, fugindo a disciplina do seu controle. Por aí se pode ver a gravidade dos acontecimentos.

Havia também lá o Coronel Archimínio Pereira, um Oficial, não sei se era antigo, mas muito rigoroso na disciplina. Ele castigava os indisciplinados com extre-

mado rigor. Por exemplo, o infrator era estaqueado — e este é o termo — apenas de calção, sob o Sol de verão do Rio de Janeiro, em um palanque no meio do pátio e deixado lá por um tempo determinado, não sei precisar quanto, acredito que proporcional à infração. Certa ocasião, e eu presenciei a cena, dois soldados, ao que parece aqui do Sul, dirigiram-se ao tal palanque, desamarraram e soltaram o preso e urinaram no tronco. Quer dizer, coisa séria, uma falta disciplinar grave. Os soldados foram presos mas não sei no que deu depois. Isso quanto a parte disciplinar.

Muita Altura e Pouco Peso

Aqui no Sul eu morava na casa dos meus pais e, embora houvesse perdido minha mãe naqueles dias, minha irmã preparava bons pratos e eu me alimentava bem. No acantonamento a alimentação era péssima. Para dizer a verdade não tive lá uma única refeição com comida quente. Era exclusivamente tomate, chuchu, presunto e leite. Tudo frio e com muita mosca. Eu nunca havia comido tomate, não gosto até hoje, nem de chuchu. Para todos nós é um prazer quando chegamos à mesa para nos alimentarmos. E lá era um pavor, pelo menos para mim. Se na adolescência, nos meus primeiros anos da mocidade, eu já era magrinho, tipo longilíneo, braços e pernas compridos, ali emagreci ainda mais e quando fui ao exame de saúde me reprovaram na hora. Na ficha cor-de-rosa que preencheram indicaram a incompatibilidade da minha altura com o peso. Eu tinha pouco peso para muita altura, ou, ao contrário, muita altura para aquele peso. Mas eu era saudável, sentia-me forte, só era muito magro. Como eu queria embarcar, seguir com a FEB, terminei requerendo uma Junta de Saúde. Me encaminharam para o Ministério da Guerra, não lembro em que andar. Os médicos pediram que eu me despisse e deitasse na mesa. Puseram-se em volta e apenas me olharam, não me examinaram. “O senhor quer ir?” — perguntaram. É meu desejo! “Pode levantar-se e vestir-se”. Fui aprovado. Realmente eu tinha boa saúde, não era doente, o problema era só o pouco peso. E com aquela alimentação lá no morro, emagrecera ainda mais. Se já era meio magrinho, fiquei um “Olívio Palito”.

Ledo Engano

Fizemos várias tentativas de embarque viajando da Vila Militar até o cais do Porto onde estava o navio-transporte americano *General Meighs*. Certamente todos os que foram entrevistados anteriormente já devem ter falado a respeito, cada um contando a sua história. Íamos de trem, com a janela abaixada, essa coisa de camu-

flagem, ou disfarce, e quando víamos estávamos voltando novamente para a Unidade. Até que, numa daquelas, fomos de verdade.

A respeito do embarque quero falar ainda sobre um sentimento pessoal que se apossou de mim. Foi o que senti quando desembarcamos no cais para entrarmos no navio. A praça estava muito bem guardada: soldados com metralhadoras e tudo o mais que tinham direito. A impressão que me deu era de que estavam nos impelindo à força para dentro do navio. Reclamei com os companheiros: “Fizemos um esforço danado para vir e quando conseguimos chegar ficam nos empurrando”. Mas não, era exatamente o contrário, tudo feito para proteger o nosso embarque. Foi um grave engano meu.

Sabores e Balões

Uma vez embarcados, a minha primeira alegria foi com a alimentação. Uma mesa muito limpa, muito asseada, posso dizer até de luxo, com aquelas jarras de prata, ou coisa parecida, e uma alimentação sadia. Até então, como eu não conhecia ninguém no Rio, nada da cidade e não tinha nenhum parente lá, não saía do acantonamento e só comia aquela coisa horrível que eu comentei há pouco, tudo frio etc. E no navio, da ponta da mesa vinha o garçom com aqueles pratos. Fumegantes! Cheirosos! Eu olhava e pensava: “Não vai chegar até aqui na frente!” E não é que, em pouco tempo, estava tudo ali? Um filé apetitoso, uma comida variada, colorida, saborosa. Com esta alimentação durante o percurso, em 14 dias, eu engordei alguns quilos. Lembro que eu me tocava assim no corpo e se antes eu pegava só carne e pele, agora já tinha uma gordurinha. Era muito interessante.

Desembarcamos no Porto de Nápoles e nos deslocamos por terra a um subúrbio chamado Bagnoli, região que teria sido a cratera de um vulcão extinto, conforme boatos locais. Ali ficamos quatro dias de quarentena e depois embarcamos no navio *Sestrieri* que nos levou para o Porto de Livorno. Ao chegarmos, de longe já visualizamos aquele grupamento de balões, tipo Zepelim, sobre a cidade. Cada um com um cabo que o prendia ao solo. Segundo informes, o objetivo daqueles balões era evitar os vôos rasantes de aviões inimigos, ou coisa que o valha.

Um Lamento: Fazer a Guerra sem Combater

Quando embarcamos eu pertencia ao efetivo de recompletamento, ou seja, não tinha regimento enquadrante, era apenas do Quarto Batalhão. Fui no último escalão e, mesmo sendo Tenente de Infantaria, não fui mandado para o *front*.

Até hoje lamento que eu não tenha encarado o inimigo de frente: olho no olho. A maioria dos febianos fala que era muito mais difícil agüentar a preparação física e o treinamento com munição real no Depósito de Pessoal, do que o próprio combate. Além do mais, na retaguarda aquela exigência terrível era diuturna, e no *front* sempre havia folga entre os combatentes. Mas não é por isso que lamento. É porque eu queria cumprir uma rotina completa e não consegui.

Instrutor de Pracinhas

De Livorno, por via rodoviária, fomos à cidade, ou melhor, ao vilarejo chamado Staffoli, onde estava o Depósito de Pessoal da FEB. Situava-se a uns trinta quilômetros de Pisa. Ali eu me demorei por vários meses preparando os pracinhas para que, na hora oportuna, quando fossem combater, desempenhassem bem as suas funções. Eu ministrava instruções de combate a um Pelotão de Fuzileiros, iniciando pela maneabilidade, já nos moldes da doutrina americana. Falo isso porque até então, aqui no Brasil, a instrução era baseada no Grupo de Combate de acordo com o prescrito pela Missão Francesa, e lá adotamos sistema americano.

Algum tempo depois fui fazer um curso sobre munições, minas e armadilhas *(boob traps)*, numa escola americana que ficava em Dugenta nas proximidades de Santa Aggata de Goti e de Caserta. Esta, situada entre Nápoles e Roma, sediava o XV Grupo de Exércitos que enfechava o V Exército americano e o VIII Exército inglês. Foi um curso rápido, *standard*, apenas com o objetivo de aprimorar os instrutores para ministrar instruções e preparar bem a tropa que posteriormente deveria preencher, com competência, os claros na frente. Eu digo com muita satisfação que os meus instruendos foram bem preparados.

No Depósito o meu pessoal estava permanentemente em alternância. Pertencia, ou ao efetivo de substituição, ou ao de enquadramento, este mais ligado a instrução. O efetivo de substituição estava em condições de, a qualquer momento, embarcar para o *front*. Em duas oportunidades recebemos a ordem de nos prepararmos para o embarque imediato. Ficamos na beira da estrada com nossos apetrechos aguardando a condução. Nos deixaram esperando, prorrogaram a partida e acabaram não nos levando.

As “Tochas” do Pós-Guerra

Eu sempre gostei da atividade militar e procurei, em todos os meus atos, me sair bem no Exército. Lá na Itália eu dizia que durante a guerra teria que suportar

aquela disciplina rigorosa. Agora, uma vez terminado o conflito, eu não via razão para aquele rigorismo. Como também já não havia muito compromisso, todos queriam era fazer viagens, as "tochas", como se dizia na Itália. Um amigo meu, por exemplo, de repente, desapareceu. Eu não faria isso, mas ele fez. Desapareceu, sumiu. Era um Tenente. Terminada a guerra, ele disse: "Eu já fiz o que tinha que fazer. Agora que tudo terminou, vou afrouxar mais". E saiu, pegou uma carona e foi para Cannes. Depois o encontramos na Reviera Francesa, ao lado de Cannes. Estava lá com uma namorada francesa. Disse a ele: Você passou a desertor. Retrucou-me: "Não, o meu compromisso de disciplina terminou". Mas não terminara! Hoje é um Coronel bastante conhecido de todos.

"COR" Interrompido

Ainda na Itália me perguntaram se, chegando ao Brasil, eu desejava ser liberado, desconvocado, ou se pretendia continuar no serviço ativo. Na primeira vez disse que queria ser liberado porque diziam que esses voltariam mais cedo, e ninguém pode imaginar a saudade que sentíamos da nossa terra. Como o embarque demorou, retifiquei; decidi continuar. Pediria para sair aqui, se fosse o caso. Mas continuei.

Assim, depois de mais ou menos oito meses na Itália como instrutor no Depósito de Pessoal, retornei ao Brasil ficando encostado ao 1º RI (Regimento de Infantaria) durante dois meses até ser classificado no 9º BC (Batalhão de Caçadores), o que me permitiu voltar aos pagos gaúchos. Fiquei pouco tempo em Caxias do Sul, pois em abril de 1946 fui matriculado no Curso de Oficiais da Reserva (COR) que iria funcionar nas instalações do CPOR/RJ (Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Rio de Janeiro), cujo quartel situava-se no Bairro de São Cristóvão. Segui destino, apresentando-me em dois de maio para cursar o COR (Curso de Oficiais da Reserva) e seguir carreira como Oficial da ativa. Meu intento não foi bem sucedido. Não o conclui. Pedi para sair. Saí a pedido. Lamentei muito. Entrei em conflito com o Capitão Andrade, um gênio irascível, que não era nem nosso instrutor. Os nossos mestres eram muito bons, muito distintos. Eu estava me dando muito bem no Curso mas me desentendi com esse Capitão, que era o secretário do curso. Muito exigente e nos tratava mal. Certa vez o Coronel Castro Neves, professor de geometria, precisava de uns grampos e me pediu para apanhá-los na secretaria. Falei com o Capitão Andrade e ele nos emprestou. Depois de usá-los, o Coronel Professor solicitou que eu os devolvesse. Não sei por que, o Capitão disse que eu os atirara em cima da mesa e quis obrigar-me a colocá-los dentro do recipiente dizendo que, se eu os tirara dali, tinha que colocá-los no mesmo lugar. Um capricho,

apenas com o intuito de me provocar. Não fiz, e ele passou a perseguir-me. Antes que acontecesse um conflito maior, solicitei meu desligamento do curso. Depois me chamaram e pediram que eu o relevasse porque aquele rigorismo dos oficiais fazia parte da preparação dos alunos. Mas já não quis mais. Falei com um conhecido, o Coronel Osires, Chefe da Remonta, sobre o assunto. Ele me disse: "Olha, Cícero, no Exército sempre aconteceram casos em que os alunos foram tratados assim com certa displicência. Até em cursos superiores — que ele também havia feito — as exigências eram mais ou menos essas e que eu não levasse em conta. Mas eu levei em conta e saí.

Das Escolas para o Sul

Quando saí do COR (Curso de Oficiais da Reserva) fui para as Agulhas Negras, na época Escola Militar de Resende, onde servi dois anos: em 1947 e 1948. Era Primeiro-Tenente e comandei a Companhia de Extra-Numerários do Corpo de Cadetes, equivalente ao BCSv (Batalhão de Comando e Serviços) de hoje. Das Agulhas Negras fui para São Paulo e de lá para a Escola de Educação Física do Exército no Rio. Em 1949, quando concluí o curso, vim para cá de novo.

É interessante relembrar essa andança toda. Ainda na Academia, ou melhor, Escola, o nome Academia é da década de 1950, falei com o Comandante, General Cyro Espírito Santo Cardoso, que na época substituíra o General Prati de Aguiar, falecido durante o comando, sobre o meu desejo de retornar para o Sul. Eu era daqui e gostaria de continuar estudando na região onde iniciara a faculdade. Imaginava que, com a interferência dele, viria logo embora. Ele me disse: "É, estamos no meio do ano, vamos esperar até dezembro e eu lhe encaminho. Para onde você quer ir?" Porto Alegre! "E se não for Porto Alegre?" Recife ou São Paulo, pois as Faculdades de Direito dessas cidades são muito boas." Então ele conseguiu minha transferência para o Quarto RI (Regimento de Infantaria) em Quitaúna, São Paulo. Fiquei lá só cinco meses – não tive tempo nem de pensar em faculdade – pois em seguida me mandaram cursar a Escola de Educação Física. De lá, sim, consegui ser transferido para o Dezenove RI (19º Regimento de Infantaria), cujo comandante era o Coronel Mourão Filho. Depois fiquei por aqui pelos quartéis-generais, até me transferir para a Reserva em 1966.

Nesse ínterim consegui concluir o curso de direito como era do meu interesse. Em Porto Alegre, São Paulo ou Recife, freqüentando uma escola tradicional e boa. Preferentemente aqui, onde eu iniciara os estudos. Havia uma legislação que amparava os estudantes convocados para o Exército, seja para a guerra, ou algum serviço ativo. Eles seriam aprovados compulsoriamente, por decreto, mesmo que

não houvessem concluído o ano. Eu, por ter sido convocado para o serviço ativo, trancara a matrícula e poderia, amparado na legislação, solicitar minha aprovação. Mas não quis o amparo legal e, em 1950, repeti o segundo ano. Prossegui meus estudos e concluí a faculdade em 1953.

General Moniz de Aragão

Fiquei 27 anos no serviço ativo do Exército e fui para a Reserva como Major.

Meu último Comandante foi o General Augusto César de Castro Moniz de Aragão, faleceu, não faz muito. Ele já me conhecia da Escola Militar, fora Instrutor-Chefe de Cavalaria. Na época eu estava na 6ª DI (Divisão de Infantaria). Um General bem calvo, muito firme. Grande General. Na Escola ele era Instrutor-Chefe do Curso de Cavalaria e eu Comandante da Companhia Extranumerária do Corpo de Cadetes. Tinha uma liderança muito grande junto aos oficiais de Cavalaria que o temiam, mas o respeitavam. Todos o admiravam. Ele foi sem dúvida um brilhante General. Eu só tenho boas recordações. Agora, não passava a mão na cabeça de ninguém.

Tenho um exemplo dessa característica do General. Numa feita eu estava na Companhia, com vários oficiais do Corpo de Cadetes. Estávamos conversando e nisso aparece um jipe subindo a ladeira. Hiiiiiiiii, vem o Aragão, tem qualquer coisa aí. Ele desceu, pinguelim na mão, muito sério. Aproximou-se do nosso grupo e, dirigindo-se a mim — Comandante da Companhia —, disse que os soldados dele estavam reclamando que o rancho estava muito ruim. Respondi: “Major, pelo que eu sei está bom, eu até provo a comida; para o meu paladar está muito boa”. Ele retrucou: “Você dá uma olhada. Dizem que está muito ruim, intragável”. Concordei: “Pois não, pode ficar certo que vou averiguar.” E fui. Mesmo considerando a alimentação boa, coloquei mais disciplina na cozinha. Melhoramos o preparo e passamos a servir melhor, a fazer uma comida mais bonita, mais colorida, mais apetitosa. Nunca mais houve reclamação. Naquela oportunidade ele estava substituindo o Comandante do Corpo de Cadetes, pois era o Instrutor-Chefe mais antigo. E também, foi no fim de uma folga dessas, em que alguém falha, ele então passou uma lição de moral. Mas agiu com toda a polidez. Depois aqui na Região ele foi muito correto comigo, sempre atencioso.

Desmobilização na Berlinda

Critica-se muito a desmobilização da FEB e a maneira brusca como ela foi feita. Uns acreditam que seria um revanchismo dos que ficaram aqui e achavam que

poderiam ser prejudicados pelo inesperado êxito da FEB, outros que seria devido a incompetência do Governo, mormente falta de planejamento. A diferença, por exemplo, entre a desmobilização dos americanos e a dos brasileiros foi uma coisa chocante. Quando terminou a Segunda Guerra, os veteranos chegaram nos Estados Unidos e tiveram uma série de vantagens: para estudo, para adquirir casa, para conseguir emprego e outras coisas mais. Houve uma preocupação em atender ao ex-combatente. A desmobilização foi feita com um planejamento mais equilibrado. Já os veteranos da Coréia e do Vietnã criticam muito o governo americano porque não tiveram as mesmas facilidades.

Aqui não houve nada disso. Teve febiano que foi desmobilizado lá na Itália sem saber. Quando viu já era civil. Outros foram licenciados ainda em alto-mar. Mas nessa questão, o que eu ouvi — não sei se tem procedência — é que pesou mesmo o aspecto político. De um lado o Getúlio Vargas, tido como ditador, e do outro os oficiais da Força Expedicionária, com idéias políticas renovadas. Como a FEB era uma tropa treinada, experimentada e já liberada das operações na Itália, houve um certo temor de que aqui ocorresse qualquer levante. Os comentários a respeito foram intensos mas, como já disse, não sei se houve procedentes.

Valeu a Pena

Seria preferível que não tivesse havido a necessidade de ir à guerra, mas uma vez que houve, e eu tive a chance de participar, não a desprezei. Para mim valeu a pena. Estou satisfeito porque não perdi a oportunidade. O pessoal do meu Batalhão me dizia: “Não adianta, você não vai, pois além de Segundo-Tenente, ainda é R2. Todo aquele pessoal lá do Rio está brigando para ir”. Zombavam de mim assim. Contrariando tais idéias, fui convocado e, em menos de uma semana, transferido com a máxima urgência. Está nas minhas alterações. E meu embarque foi prestigiado pela presença, no aeroporto, de todos os oficiais da Unidade. Para mim foi uma honra.

Agradeço a oportunidade que me foi dada de colaborar com o relato de minha vivência e das lembranças daqueles feitos dos brasileiros na defesa dos ideais democráticos e os desdobramentos ocorridos até os dias de hoje.

Major Benno Armindo Schirmer*

Nasceu em maio de 1923, na Cidade de Cachoeira do Sul (RS). Ainda menino, sua família mudou-se para Misiones, Argentina. Viveu naquele país até a idade de prestar o serviço militar, quando retornou para o Brasil. Foi incorporado, em 1942, ao II/1º RADC em Santo Ângelo (RS) onde se deu sua promoção a cabo. No ano seguinte, transferiu-se, a pedido, para o II/4º RADC (Segundo Grupo do Quarto Regimento de Artilharia de Divisão de Cavalaria), recém formado em Ijuí (RS), sendo logo a seguir promovido a 3º Sargento. Voluntário para a FEB, fez sua preparação para a guerra nos Grupos de Artilharia em formação no Rio de Janeiro e embarcou no 2º escalão, integrando o Centro de Recompletamento de Pessoal. Completava sua preparação no Depósito de Pessoal (Itália) quando, em janeiro de 1945, por ser bom conhecedor do idioma alemão, foi transferido para o 11º RI, a fim de atuar como intérprete na linha de frente. Durante toda a guerra exerceu essa função, além de ter comandado várias patrulhas. Após o término do conflito, retornou a São João del-Rey (MG) com o 11º RI. Desempenhou todas as funções inerentes a sua capacitação nas sucessivas graduações e postos de sua carreira militar. Freqüentou cursos de especialização na Itália (Guerra Química – 1944) e no Brasil. Promovido a Capitão, em abril de 1966, em outubro deste mesmo ano transferiu-se para a reserva no posto de Major. Foi agente de seguros e tem se destacado como tenaz divulgador dos feitos dos expedicionários febianos, promovendo, com apoios diversos, a implantação de mais de uma dezena de monumentos à FEB, em municípios gaúchos. Por sua atuação na Segunda Guerra Mundial, foi agraciado com: Cruz de Combate 2ª Classe, Medalha de Campanha e Medalha de Guerra.

---

* Intérprete do 11º Regimento de Infantaria, entrevistado em 18 de abril de 2001.

Não à Marinha Argentina

Embora seja gaúcho, nasci em Cachoeira do Sul, fui criança para a República Argentina e lá me criei. Quando pretenderam me naturalizar para que eu prestasse serviço militar na Marinha argentina, eu, como brasileiro, voltei a meu País para servir ao Exército. Apresentei-me em Santo Ângelo, no dia 16 de janeiro de 1942, ficando encostado ao Segundo Grupo do Primeiro Regimento de Artilharia de Divisão de Cavalaria. Submetido à Inspeção de Saúde, fui julgado apto e incorporado no dia 1º de fevereiro de 1942. Quando o Brasil declarou guerra, no dia 22 de agosto daquele mesmo ano, a minha Unidade se dividiu: uma metade foi para São Borja e a outra para Santiago.

Ouvi comentários de que seria organizada uma Unidade de Artilharia em Ijuí, que recrutaria pessoal para a guerra. Como a minha intenção era ir mais para o centro do País, pois eu não conhecia nada do Brasil, uma manhã tomei o trem e fui até lá. Caminhei pela cidade, perguntei para muita gente e ninguém sabia de nada. Cansado, sentei-me em um banco da praça para descansar e vi que ao longe vinha um sargento do Exército. Naquela época os graduados usavam uma meia lua vermelha no quepe, por isso o identifiquei. Ao aproximar-se de mim, apresentei-me e perguntei a ele sobre a organização de uma Unidade na cidade. Olhou-me minuciosamente, fez um longo interrogatório e, ao final, disse: “Me acompanhe!” Chegamos no Hotel do Comércio, na época o melhor da cidade, subimos uma escada e ele bateu em uma porta. Abriu-a um senhor e o sargento se apresentou: “Com licença, Major? Tem aqui um cabo que está servindo em Santo Ângelo e está interessado em vir para Ijuí”. E acrescentou: “E eu gostei dele!” O Major ordenou: “Mande-o entrar!” Entrei, apresentei-me e ele disse: “Venha comigo!” Descemos a escada, fomos até o refeitório do hotel e ele dirigiu-se ao telefone — que ainda era de manivela — acionou-a e falou: “Telefonista, me dá o número tal de Santo Ângelo”. Completada a ligação, falou com o Comandante do meu Grupo: “Está aqui comigo o cabo número 2.503, Benno Armindo Schirmer, da Seção Extra do seu Grupo. Por ordem do Comandante da Região ele está transferido para cá. Irá até aí para ser desligado da Unidade.” Voltei a Santo Ângelo, fui desligado, retornei para Ijuí e apresentei-me no então Segundo Grupo do Quarto Regimento de Artilharia de Divisão de Cavalaria. Eu era cabo, mas já com o Curso de Sargento. Fui o terceiro homem da Unidade em Ijuí. Quando veio a tropa, em fevereiro de 1943, renovei o Curso de Sargento e fui o primeiro a ser promovido. Inicialmente, ficamos acantonados na Sociedade Ginástica e também no Tiro de Guerra, mas logo se iniciou a construção do quartel que hoje está lá em cima do morro.

Então houve um chamamento de voluntários para a guerra e fui um deles. Estava com 21 anos e era solteiro. Toda a minha família ficara na Argentina. Só souberam da minha ida para a guerra quando, retornei da Itália. Apresentei-me pronto e no dia 4 de julho de 1944 embarquei para o Rio de Janeiro. Lá fiquei encostado no Segundo Grupo de Obuses Auto-Rebocados, na Vila Militar e depois fui designado para o Depósito de Pessoal, mais tarde chamado Centro de Recompletamento. O primeiro escalão já havia partido rumo à Europa no dia dois de julho. Embarquei no segundo escalão, integrando o Segundo Grupo do Primeiro Regimento de Obuses Auto-Rebocados (II/1º RO AuR), posteriormente designado, simplesmente, de II GO (Grupo de Obuses).

Obuseiro 105mm

A nossa preparação na Vila Militar foi apenas para a mudança do material, pois até então adotávamos aquele adquirido em 1921, e o método e processo de instrução era o francês.

Na Vila passamos a atirar com o 105mm, recém adquirido do americano. Todo o treinamento foi realizado no Centro de Recompletamento, depois anexado ao Depósito de Pessoal para a formação do último escalão. Tudo feito no Morro do Capistrano, uma preparação abrangente, física, moral e material também. Preparação profissional como um todo, embora insuficiente, porque a parte técnica mesmo, para se enfrentar a guerra, nós completamos na Itália.

Os Catarinetas

É interessante relatar o que aconteceu durante aquele período de treinamento em que havia gente de todo o Brasil. Para a segurança, era escolhido mais o pessoal do Sul, porque o nortista e o carioca eram bastante desobedientes e bagunceiros, principalmente os conscritos designados para receberem instrução militar no Centro de Recompletamento. Os catarinenses, os riograndenses e os paranaenses eram os escolhidos para manterem a disciplina do pessoal. Tanto é que muitas vezes presenciamos o *catarineta* chegar, fazer a continência e dizer: *"Endereita a bibica, entra na jips pra falar com a sagenta"*. Isso se viu muito; eram os *catarinetas*. Quando a patrulha se fazia necessária, lá vinham eles. Certa ocasião, houve uma depredação em um bar no Rio de Janeiro, lá em Deodoro, e chamaram a PE. Chegou a patrulha e o sargento que a comandava, um "urso" de forte, com uma munheca enorme, perguntou para um cabo do Exército que estava no local, por que não

interviera. "Ah! — respondeu ele, com o cigarro na boca — eu não tenho nada a ver com isso". O referido Comandante, na ânsia de arrancar-lhe o cigarro da boca, levou a mão ao rosto do cabo com tal violência que deslocou o queixo do homem para o lado. Um fuzileiro naval que estava sentado no outro canto do bar reclamou que aquilo era um absurdo, coisa e tal. O sargento bateu de leve com o cassetete no ombro dele pedindo que se calasse. O ombro veio abaixo. Desmontou dois homens num *zás*. Respeitavam os *catarinetas*. E era necessário, porque havia muita bagunça. Não pelo soldado já formado, mas pelos conscritos recém incorporados.

Rancheiro no Mar

O pessoal fala muito sobre a viagem. E é curioso, uns emagreceram tanto, que até acharam que iriam morrer; seja pelo enjôo, seja porque não se acostumaram à alimentação. E outros, como o Cícero, o Doutor Cícero Castello Branco, achavam-na ótima. Adoraram a comida americana. Eu não reclamava. Até engordei oito quilos. Mas teve gente que não comia. Limitavam-se ao doce de pêssego, a sobremesa.

Na viagem de ida, fui designado sargento do rancho, no navio. Então tinha três refeições. Para os outros, embora em grande quantidade, eram apenas duas. O trabalho da equipe do rancho foi muito elogiado pela maneira como era organizado, eram 5.075 homens mais a tripulação do navio e todo mundo comia *direitinho*, não havia problema. Na verdade, uns estavam terminando de almoçar e outros já entrando para o jantar. Não parava. O almoço começava às seis horas da manhã e a janta à uma hora da tarde. No início, achava que nos matariam de fome. Tanto é que passei a consumir umas latas de goiabada e outras coisas que, precavidamente, levava na bagagem. Depois de algum tempo, decidi fazer uma experiência. Pensei comigo: esta comida deve ter algo diferente porque depois do rancho não me sinto de barriga cheia, mas, sim, nutrido e fortificado. Então concluí que a comida era concentrada e que, mesmo sem o número de refeições a que estávamos habituados, era suficiente para alimentar o corpo e também a mente.

Outra queixa do pessoal era sobre os exercícios de abandono do navio, pois todas as noites tínhamos que sair em uma tropelia infernal, totalmente no escuro, já que o blecaute era obrigatório. Quanto a isto não me queixo, era fundamental que houvesse treinamento. E o americano comportava-se muito minuciosamente nesse ponto.

Uma curiosidade: não nos foi revelada onde eles armazenavam aquela quantidade bárbara de comida. Poxa! Subiam aqueles elevadores com uns panelões imensos mas eu nunca soube onde ficavam os depósitos, apenas que havia lugar para tudo.

Como disse, a comida era farta e, para mim, boa. Na ida, fiquei alojado no quinto compartimento de cima para baixo, deitado bem ao lado do casco do navio. Ficava pensando: vem um torpedo, abre um rombo, eu saio pelo buraco aberto por ele, encontro com um tubarão, apresento minha identidade de brasileiro e ele me deixa em paz. O interessante é que não enjoei durante a viagem. Nem no navio, nem nas barcaças que nos levaram a Livorno quando até os marinheiros enjoaram. E eu lá, firme e faceiro, até comia a *scatoletta* (ração fria).

Os navios que nos conduziram para a Europa eram cargueiros transformados em transporte de tropas, equipados com beliches de lona – uma canoinha onde só cabia um corpo. Um homem grande não podia deitar-se de lado porque batia no de cima, pois eram cinco camas empilhadas uma sobre a outra.

Um detalhe curioso: como o navio era mais largo na popa, os sanitários situavam-se ali. O meu compartimento tinha trinta e dois vasos, um ao lado do outro. E não eram aqueles tipo turco, eram vasos mesmo. Trinta e dois na popa do navio. Então sentávamos e havia uma espécie de alça onde nos segurávamos porque senão o choque de uma onda maior no navio provavelmente nos faria voar até o teto. Essa era a acomodação dos 5.075 companheiros que viajaram no meu navio.

Preparação Rigorosa

Preparação para o combate, só mesmo na Itália. Uma vez no Depósito de Pessoal treinávamos progressão no terreno, como infante somente. Nada de cavalaria, artilharia, nada; tudo infantaria. Era o fogo cruzado de oito metralhadoras sobre o pessoal rastejando com mochila e vendo a traçante passar por cima. Paravam os tiros das metralhadoras e de repente estouravam bombas para todo o lado. Ao final, atravessávamos um córrego com água até o queixo, só defendendo a arma. A preparação foi muito rigorosa. Mal chegávamos do outro lado e recomeçávamos tudo.

O armamento individual do soldado era a carabina .30. Aliás, estou em dúvida se era a carabina ou o fuzil. Não me lembro. Eu tinha uma metralhadora – a submetralhadora. Não era uma metralhadora .30. Se não me engano, Thompson .45.

Os nortistas falam muito do clima. Era realmente rigoroso. Eu digo o seguinte: se nós tivéssemos permanecido com os nossos uniformes, não sei se teríamos suportado o inverno. O fardamento brasileiro deixava muito a desejar. Comentam que, ao chegarmos lá, queimaram nossas fardas. Já os fardamentos e equipamentos de inverno que os americanos nos forneceram eram colossais. Uma coisa de louco! Tudo forrado com pele. Se não fosse esse fardamento nós não teríamos conseguido sobreviver naquele inverno de maneira nenhuma.

No final do período preparatório, senti que estava em boas condições. E como já falei, esta preparação aconteceu no Depósito de Pessoal. Comentam que, estando no Depósito e sendo artilheiro – só brigaria de longe – eu jamais teria a oportunidade de ir para a frente ver a morte de perto. Mas acabei indo para o 11º RI e, nele, fiz todo o restante da guerra. Tanto é que voltei com ele.

Falo Alemão sim Senhor

Tudo mudou no dia 11 de janeiro de 1945, em plena defensiva de inverno e de planejamento de um novo ataque a Monte Castelo. O Comandante da minha Companhia no Depósito, Capitão Bethlem, depois Ministro do Exército, General Fernando Belfort Bethlem, me chamou antes do almoço e perguntou: "Você fala alemão?" "Falo, sim senhor!" "Que mais você fala?" "Italiano e espanhol." "Você é capaz de se entender com aqueles *safados* lá do *front*?" Retruquei: "Capitão, falo o alemão clássico, não entendo bem os dialetos." Ele concluiu: "Depois do almoço, na barraca do Comandante do Depósito!" Lá me atendeu o Tenente-Coronel de Artilharia Saint-Clair Peixoto Paes Lemes, Subcomandante do Depósito. O Comandante do Depósito era o Coronel de Infantaria Mário Travassos. Retornando ao assunto da minha ida para o *front*, o subcomandante me mandou falar com um major. Não lembro o nome dele, que me fez uma série de perguntas em alemão e, em seguida, entrou um camarada fantasiado de inimigo. O major – que deveria ser intérprete – pediu para eu perguntar a identidade, o nome e outras coisas ao suposto alemão. Creio que fui bem, pois bateu no meu ombro e disse: "Às quatro horas pronto para ir para o *front*." Só para complementar, o meu inquiridor era um major brasileiro. Fez-me falar o alemão e, em conseqüência, fui mandado para o 11º RI.

Intérprete Itinerante para Inimigos Diferentes

O sargento fazia patrulhas apenas na sua frente de batalha mas eu, pelo fato de falar alemão, as fiz em vários setores. Quer dizer, um rodízio de patrulhas.

No Regimento eu ia para o Primeiro Batalhão, para o Segundo, para esta ou aquela Companhia, enfim, onde fazia falta um intérprete, o sargento Schirmer era mandado para lá. E esse trabalho me deu a oportunidade de conhecer de perto as diversas raças que estavam combatendo ao lado da Alemanha: austríacos, franceses, holandeses e dinamarqueses. Também consegui identificar bem o caráter dos integrantes da juventude hitlerista que eram tenebrosos. Eu não gostava nem de interrogá-los, pedia aos meus superiores para entregá-los direto à PE (Polícia do

Exército), ou levá-los para o campo de prisioneiros, porque, além de não nos fornecerem sequer uma informação confiável, eram desaforados. Lembro de um fato ocorrido certa vez na Região de Reggio Nell' Emilia-Quattro Castella quando eu estava com o Major Lisboa, Comandante do Primeiro Batalhão do 11º RI. O Major, mais tarde General Lisboa, estava sentado no seu PC – uma casa toda bombardeada – e nisso chega a PE com um Tenente alemão. O *lieutnant* tinha a perna ferida, provavelmente em conseqüência de um estilhaço de granada, e onde pisava ficava uma enorme placa de sangue. Ele chegou à frente do major, encarou-o, tomou posição de sentido e falou: *Heil Hitler!* O Major Lisboa, estupefato com aquela atitude do prisioneiro, levantou-se e rodeou o Tenente. Então eu disse a ele: "Major, isso aí só a bala e de longe. Olha as munhecas dele, parecem de urso, nesses mais de dois metros de altura. É da juventude hitlerista, não adianta interrogá-lo". O Major retrucou: "Mas não, ele tem que se identificar!" Pedi o nome dele: "*Ich habe es vergessen*" — "Eu esqueci". Identidade: "*Ich habe keinen*" — "Não tenho." O Major insistiu: "Peça para ele se identificar porque informaremos a família dele que está tudo bem, tal e coisa". — "Diga para esse baixinho — o Major era baixinho — que parece ter uma alta patente no Exército Brasileiro, desistir de me interrogar. A minha família sabe que estou aqui, prisioneiro, ferido sem gravidade e o resto não interessa. Diga ainda que ele não deixe de me considerar como *lieutnant* — um Tenente da juventude hitlerista". Aí o Major desistiu: "Entregue essa praga para a PE (Polícia do Exército) conduzi-lo ao campo de prisioneiros". Foi uma das oportunidades em que comprovei como a juventude hitlerista era intransigente: não se identificavam, informavam tudo errado, não se podia confiar neles.

Eu ficava particularmente feliz quando entrevistava prisioneiros austríacos porque logo se identificavam e falavam tudo sem nenhum problema. Na nossa frente havia soldados de várias nacionalidades. Lembro-me, mais especificamente, de um pequeno destacamento de franceses – os alemães convocavam e incorporavam ao exército deles os franceses, os romenos, os iugoslavos, enfim, homens de toda a Europa. A exceção, que eu saiba, foram os russos que não atuaram por ali. Conseguia distinguir o soldado de formação profissional do outro que tivesse sido agarrado assim meio "no grito", porque aquele era formado com pulso firme; oriundo da juventude hitlerista. O convocado não, passava apenas pelo período de adaptação e o empurravam para o *front*.

Outra coisa, todo mundo fazia uma diferença muito grande entre o soldado de carreira do Exército alemão e o elemento pertencente à SS (*Schutzstaffel*). A única semelhança entre ambos era o fanatismo. Eram fanáticos. Pelo que sei, a SS funcionava mais na retaguarda. Organizando, observando e moldando a estrutura.

Não ia para o *front*. A juventude hitlerista, devido à minha origem germânica e ao fato de falar alemão, me olhava como traidor da Alemanha. Os outros não, pois davam graças a Deus por estarem prisioneiros. Agora, aquela juventude hitlerista, barbaridade, que gente fanática!

Schirmer X Schirmer

A minha função na Força Expedicionária foi interessante pois tive a oportunidade de interrogar pessoas de várias nacionalidades, ocasiões em que afloraram informações inusitadas. Lembro de um caso singular de um oficial que nos revelou uma peculiaridade.

Foi feito prisioneiro um Coronel de nome Rudolf Von Schirmer. Também um homem enorme. Após identificá-lo, perguntei-lhe: "Sabe o meu nome?" Respondeu: "Não". Apresentei-lhe a minha identidade e ele, após examiná-la, agarrou-me e, chorando feito uma criança, arrematou: "Por que temos de lutar um contra o outro?" Retruquei: "Eu defendo a minha Pátria e o senhor a sua. Esta é a diferença. O senhor jamais imaginou encontrar-me aqui, assim como também nunca pensei encontrá-lo, ou a outro parente, em plena guerra". No final, ele foi tranqüilo para o campo de concentração em San Rossore, nas imediações de Pisa, que acolhia prisioneiros de todos os aliados. A direção do campo, naturalmente, era americana.

Eu Minei esta Estrada!

Outra história muito engraçada, ocorreu com o Major Lisboa, Comandante do Batalhão, a quem já me referi anteriormente: estava com ele no PC e nisso chega a PE (Polícia do Exército) com um prisioneiro que se identificou sem maior dificuldade. Enquanto aguardávamos a fim de removê-lo para o campo de prisioneiros, sentamonos no muro em frente ao PC do Major e logo passamos a ouvir uns estrondos vindos do vale. O alemão perguntou: "O que é isso?" "Estão limpando uma estrada que vocês minaram" — respondi. Ele levantou, orientou-se e disse: "Eu minei esta estrada. Sou técnico em explosivos." Disse-lhe: "Muito bem, se você minou, você vai limpá-la." "Não tem problema!" Falei com o Major, ele deu o jipe e fomos até onde estavam os mineiros. O camarada localizou e delimitou o campo minado na estrada, a seguir identificava cada ponto, sentava a picareta, neutralizava a mina e a jogava em um monte. Fazia tudo com facilidade, como se estivesse minando a área.

Tempos depois, em outro local, não lembro o nome, encontraram uma mina enterrada no asfalto. Na margem direita havia um morro muito grande — uma

pedreira — e na esquerda, um abismo; assim, diziam que detoná-la faria o morro vir abaixo, interrompendo o trânsito. Por causa disso, as nossas forças tinham que fazer uma volta de vinte e quatro quilômetros. Aí lembrei-me daquele prisioneiro, técnico em minas, que, agora, se encontrava lá no campo de San Rossore. Quem sabe nos ajudaria de novo? O campo distava duzentos e tantos quilômetros. Autorizado, fui lá e expliquei a situação ao americano encarregado que, de imediato, chamou-o pelo microfone: “Heihnen Von Schütz!” O alemão veio, assinei o recibo e levei-o. Ele chegou e foi logo dizendo: “Ah! Aqui estamos, mina!” Ela tinha o formato semelhante a um trilho de estrada-de-ferro, media, pelo menos, um metro e oitenta de comprimento e continha uns onze quilos e meio de explosivos. O camarada sentou a picareta, neutralizou-a e jogou-a para a margem da estrada. Pista livre! Coisas raras, muito raras, mas aconteceram.

Falando Português

Em outra ocasião um Coronel alemão foi se entregar prisioneiro no QG do General Zenóbio da Costa, situado além de Montecattini. Justamente nesse dia o Major Mamede, Jurandir de Bizarria Mamede, me dera uns documentos secretos para levar ao Quartel-General. Não me lembro, agora, se o Major era chefe da Segunda ou da Terceira Seção do Regimento. Eu estava lá no QG e dormia na primeira sala após o Corpo-da-Guarda quando, de madrugada, acordei com uma barulheira infernal e um soldado da guarda dizendo: “Esse alemão veio aqui espionar o Quartel-General, eu o prendi e tirei a arma dele”. Então o Oficial-de-Dia perguntou: “Quem é que fala alemão aqui?” “Eu falo”, respondi. “O senhor entende esse prisioneiro?” “Sim, sou intérprete”. Quando pedi a identidade dele, para minha surpresa, ele perguntou: “Eu posso falar português?” Mas lógico que pode! Tenente, ele vai falar em português! Dito isso, vi o soldadinho que o trouxera saindo da sala de “fininho”. Eu me adiantei e o segurei, era um pernambucano. O prisioneiro então falou: “Olha, sou Coronel — Rudolf Schütz — e eu estou cansado. Há seis anos estou na guerra, chega! Atravessei as linhas e sabendo a localização deste Quartel-General, vim me apresentar aqui.” Falando português melhor do que eu, continuou: “Cheguei no portão e encontrei esse moço dormindo”. Eu o acordei e, para meu espanto, ele veio me chutando de lá até aqui”.

Ele falava um português quase perfeito. No decorrer da conversa nos informou que aprendera o nosso idioma em um colégio na Alemanha. E que não era intérprete, mas sim Comandante de Batalhão.

Acabou falando muita coisa. O interrogatório foi de madrugada e no fim eles levaram-no para outra sala. Como eu era sargento, não pude ficar junto. Lá conver-

saram com ele e nem sei que fim levou, porque de manhã acordei e me mandei para o *front*. Foi outra história muito interessante.

Cruz de Combate

No meu currículo, feito depois que terminou a guerra, está a indicação para a Cruz de Combate, mas não fala em patrulhas. Por falta de comunicação isso não foi mencionado, o que foi um erro. O Coronel Belmiro quis gratificar o meu trabalho e fez constar na indicação que eu fora intérprete em várias patrulhas e não mencionou a minha participação específica em algumas delas como Comandante. Na realidade, assumi o comando de umas seis. Só chefiava quando faltava o Comandante. Aí cabia a mim assumir, esquecendo que eu era sargento de Artilharia. Só me diziam: "Benno, o comando é teu", e ia lá. Se isso tivesse constado na indicação, teria recebido a Cruz de Combate de Primeira Classe, porque seria um trabalho individual. Mas como só constou o trabalho coletivo, recebi a Cruz de Combate de Segunda Classe. Repito, foi uma falha.

O pessoal gosta muito de falar que o pracinha oriundo de Santa Cruz, São Leopoldo, Novo Hamburgo, quando estava realizando uma patrulha no *front* e percebia a presença de inimigo, falava em alemão: "Estou aqui, sou teu amigo etc." E, em conseqüência, muitos se entregavam. Aconteceu realmente, um caso ou outro. Como comandantes de patrulha tínhamos que observar o trabalho e comandar. Não podíamos interrogar prisioneiros; eles eram mandados para a retaguarda. Comandei pelo menos umas seis patrulhas. Vestia aquele macacão branco e me mandava. Sessenta centímetros de neve, dezesseis a vinte graus negativos, terrenos minados e o que viesse. Eu era um combatente; me mandavam fazer, eu cumpria. Está escrito na indicação da minha medalha.

Febiano Criativo

Nas minhas falas sempre repito o que disseram os grandes chefes das forças aliadas: o febiano foi um dos melhores soldados em combate. Na aplicação tática o alemão era melhor pois o nosso soldado era mais aventureiro, até porque nunca tinha passado por uma guerra, jamais ouvira falar de tais coisas. Tanto é, que dos observatórios, não víamos o soldado alemão transitar para lá e para cá. Mas o nosso, sim, este víamos avançando e zanzando, o que nos levou a concluir que o nosso soldado não seguia o rigor tático do alemão, que se auto considerava superior a todos, mas não o foi. O próprio inimigo, referindo-se ao soldado brasileiro,

afirmou não ter pensado que fosse tão aguerrido em combate". E foram referências sobre uma tropa do nosso primeiro escalão, com apenas dois meses de treinamento em solo italiano.

É claro que, no meio dos 25 mil homens da FEB ocorreram alguns fatos desabonadores, como aquele protagonizado pelos dois soldados que mataram um casal e violentaram uma moça. Mas, de uma maneira geral, o nosso pracinha era disciplinado e dado a se relacionar bem com todas as pessoas.

O soldado brasileiro era muito criativo. E outra coisa: logo aprendeu a falar o italiano e aí sabe como é. Nos primeiros dias os pulsos doíam de tanto se falar com as mãos, mas logo depois era só *parlare* e *parlare*.

Quanto ao apoio religioso, no início ele foi falho. Isto porque antes da guerra não existiam capelães militares no Exército. Então o americano perguntou: "Escuta, não há serviço religioso nas tropas de vocês? Vai fazer falta!" Mas depois foi corrigido; começou a ser criado durante a preparação para a guerra. O apoio de saúde também foi muito bom. Todos reconhecem o valor e a dedicação dos nossos homens e mulheres de branco.

Vitória: do Inferno ao Paraíso

Eu estava na Cidade de Alessandria, Norte do país, quando a guerra terminou. Há depoimentos, e até consta em alguns livros, que a guerra na Itália, na verdade, acabou no dia dois de maio e foi consolidada no dia oito. Houve uma formatura e foi feita a comunicação oficial, por escrito, em Boletim especial alusivo à data. Sei que no dia três de maio, o General Mascarenhas de Moraes anunciou jubilosamente: "Na noite de ontem todas as forças inimigas, no Teatro de Operações da Itália, capitularam."

Aí vivemos uma fase interessante. À euforia da vitória seguiu-se o período da ocupação. Os que tinham oportunidade passeavam. O Coronel Delmiro me convidou para ir com ele ao Cairo, mas como eu era escrivão do inquérito de um roubo praticado por uns italianos não pude ir.

Aquela foi uma época de agruras! Nos colocaram a quarenta quilômetros de Nápoles em uma localidade chamada Francolise, uma roça, onde a poeira e o calor eram insuportáveis. Uma barbaridade! Era tão quente que um dia cortei as pernas de uma calça e fiz uma bainha transformando-a em uma bermuda. O Capitão Raphael Rodarte, Comandante da Companhia de Comando Regimental me disse: "Benno, quero uma dessas!" Transformei também a calça dele em bermuda. Ficamos bastante tempo lá. Enfim, foi um sofrimento infernal até o nosso embarque de regresso.

De Nápoles para o Rio de Janeiro vim no segundo escalão, no navio brasileiro *Mariposa*. O terceiro escalão saiu quinze dias depois, passaram por Lisboa onde desfilaram pela Rua da Liberdade, permaneceram mais dois dias na cidade, juntaram-se ao quarto e chegaram todos juntos no Rio de Janeiro.

Tivemos uma recepção muito calorosa, claro que já não a mesma apoteose prestada aos primeiros que chegaram. No meu caso foi diferente: todo mundo se abraçava com os familiares e eu, sem ninguém no Rio de Janeiro, só olhava, mas tudo bem, valeu pelo espetáculo e pela emoção.

Monitor de Presidente

Ao término da guerra vim pronto para ser desmobilizado como segundo-sargento. Mas cheguei, olhei o Brasil por um prisma bem real, e decidi: "Vão me dar o que comer até o fim da minha vida!" Fiz todos os cursos possíveis, inclusive o Artigo 91, fora do quartel, lá em Juiz de Fora. Lá também fui Sargenteante e monitor no NPOR. E sabe quem foi meu aluno? O *topetudo* Itamar Franco. Aluno do Curso de Artilharia, estagiou no I/4º RO105mm (Primeiro Grupo do Quarto Regimento de Obuses).

Numa turma de 1938, ele concluiu o curso classificado em décimo primeiro lugar, jamais me esqueço. Era um bom aluno. E sempre atencioso. Recebi um cartão dele ainda agora, no Natal passado. Nunca esqueceu seu monitor. E olha que servi no NPOR em 1948 e 1949.

Tudo já Estava Pago

É bom que se diga que ocorreu muito acidente com viaturas depois da guerra. Por exemplo, iam a um baile e viravam ou estragavam o jipe; dirigiam-se ao depósito americano e o gringo trocava por outro. Isso aconteceu muito. Não havia esse negócio de conferência, de acerto de carga, nada disso. Também para o armamento vigorava o mesmo sistema: *me dá tua arma, e pronto.*

Voltei com a primeira parte do 11º RI, no segundo escalão e como eu era o Sargenteante da Companhia, fiz o recolhimento da *field jacket*, a jaqueta americana. Permanecemos acantonados no Morro do Capistrano e foi uma barbaridade! Que sufoco! O Comandante do meu contingente na volta era um Primeiro-Tenente do Paraná, não me lembro o nome agora, me *deu um branco*, mas me recordo de um Segundo-Tenente chamado Sandoval. Os dois me mandaram recolher os *field jacket*. Um sacrifício para nada! Poderíamos ter deixado de recordação para os pracinhas.

Alguns comentam que o americano teria nos vendido o material utilizado pela FEB, isto é, teríamos ressarcido, de antemão, todo o material recebido, não havendo, portanto, necessidade de devolução. Para mim, o Brasil pagou tudo o que se usou na Segunda Guerra: a comida, o fardamento, o armamento, tudo. Não tenho como provar, mas, tenho comigo, que tudo foi pago. Inclusive os vencimentos! Talvez não tenha sido uma transação financeira, com pagamento em dólares, mas feito por compensação. O Brasil estava mandando muito material estratégico para os Estados Unidos; cristal de rocha, pedras, minério de ferro. Então ficava uma coisa pela outra, pode ter sido assim.

De São João del Rey ao Vale dos Sinos

Minha passagem por São João del-Rey foi meteórica. Cheguei em outubro de 1945 e, em dezembro, a 4ª RM (Região Militar) descobriu que eu era artilheiro e me transferiu para o 4º GADO (Grupo de Artilharia de Dorso). Cheguei em Juiz de Fora e logo me afastei da cidade por quase um ano para fazer o Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos no CPOR, em Belo Horizonte. Retornei, e lá permaneci cinco anos, tendo, inclusive, ajudado a transformar a Unidade em 1º/4º RO105mm (Regimento de Obuses). Saí de Juiz de Fora no dia 26 de junho de 1950, transferido para a Escola Superior de Guerra no Rio, onde exerci a função de operador cinematográfico, gravador e desenhista. No meio do ano passei a excedente e acabei movimentado para o Grupo de Artilharia em São Leopoldo, onde fiquei praticamente 12 anos. Saí e voltei quatro vezes para o Grupo. Fui promovido a Segundo-Tenente lá e transferido para o QG da 6ª DI (Sexta Divisão de Infantaria). Oito meses depois, voltei para o Grupo. Outra movimentação, agora para o Hospital Militar, e de novo retornei para São Leopoldo. Nova transferência, desta feita para a 6ª Companhia de Intendência e, finalmente, para Novo Hamburgo, como Tenente da Junta de Alistamento Militar, onde terminei meu tempo de serviço ativo.

Sacrifício Quase em Vão

Penso que o envolvimento do Brasil no conflito foi um passo muito importante para o desenvolvimento do País, principalmente na área militar. Sei que custou caro, mas foi de vital importância porque deu início ao desenvolvimento e à tecnologia, que tiveram incremento muito grande após 1945.

A guerra foi uma experiência muito marcante na minha vida, continuo aplicando os seus ensinamentos até hoje. Não posso esquecer jamais o fato de ter

lutado na guerra e, na minha concepção, devo transmitir para as gerações futuras o que vi e vivi.

Um comentário se impõe fazer – mais do que um comentário, um reparo de suma importância. Na minha opinião a Pátria não reconheceu o nosso sacrifício. Mil vezes não! Prova disso é que aqueles que ficaram aqui, sem risco ou sacrifício algum, tiveram as mesmas promoções e recebem, exatamente, os mesmos proventos que percebem os que foram combater e que, como eu, permaneceram na ativa. Hoje, na reserva, não ganho um centavo a mais por ter participado da guerra. Estou lutando e busco apoio no Congresso Nacional, para que os que permaneceram na ativa recebam pelo menos um terço de gratificação de campanha, ou até um pouco menos, mas que seja reconhecido o nosso tempo de guerra. Tenho companheiros de São Leopoldo que durante a guerra permaneceram no litoral. Hoje, majores da reserva, ganham como eu. Não recebo um tostão a mais do que eles. Isso eu considero injusto. Deveríamos ter, pelo menos, um reconhecimento financeiro. Não só essa parte financeira e material, mas o próprio reconhecimento pela atuação da FEB na Itália custou muito a acontecer.

Evidentemente, as gerações recentes de militares são mais simpáticas à atuação da FEB do que o pessoal mais antigo, isto é, aqueles que não foram à guerra. Muitos acreditam que houve uma espécie de ciúme de quem não foi em relação àqueles que pertenceram à FEB. A geração atual, tenho observado, é muito receptiva e dá grande importância à Força Expedicionária.

Quando saí de São João del-Rey, do 11º RI , transferido para Juiz de Fora, fui mal recebido pelos colegas. Uma barbaridade! Uma ciumeira fora de série. Poxa! Eu fui, me sacrifiquei pela nossa Pátria! Por que o ciúme?

A Pátria também não reconheceu o sacrifício daquele pessoal que esteve na guerra e foi desmobilizado. Houve companheiro que passou até fome. Encontrei muito febiano baixado como indigente na enfermaria psiquiátrica do Hospital Militar; soldados valentes, heróis, entregues ao nada. Isso me doeu muito. E foi assim durante 43 anos. Só agora, após a Constituição de 1988, é que passaram a receber uma pensão, mas também extensiva aos que ficaram no Brasil, na praia, no litoral. A mesma coisa. Os que permaneceram foram considerados iguais aos que foram para a Itália. Achei uma injustiça, uma grande injustiça. Que eles ganhassem alguma coisa, muito bem; mas não igual ao que foi combater. Fui e sou contra. E nesse ponto acho que o País deixou a desejar. No meu caso pessoal e daqueles que estão na mesma situação, não ganhar um centavo a mais do que aquele que ficou aqui, sem risco ou sacrifício, considero injusto. Eu sei que foi um processo, vamos dizer, do Legislativo. Uma cascata de leis penduradas em outras leis, criando absurdos legais. Seguidamente o pessoal faz uma comparação do Brasil com a Inglaterra. Lá,

toda a população participou tão intensamente da guerra quanto os nossos próprios veteranos. Então, se o Parlamento inglês adotasse o mesmo critério, toda a população teria a pensão de guerra. Mas não aconteceu. Aqui, eles foram estendendo para favorecer A, B ou C e, hoje, realmente o veterano não pode considerar a Lei 1.156 como uma vantagem para a FEB e para quem foi à guerra naquela época.

A única vantagem que eu tenho sobre os que permaneceram aqui são as minhas condecorações. Mas estas eu conquistei. Mais nada.

Impressões da Guerra

A profunda experiência que pessoalmente vivi e que tive a oportunidade de aplicar durante o tempo em que permaneci na ativa, foi o que mais me impressionou. Considero também importante o aperfeiçoamento do idioma italiano que eu já falava um pouco.

Outra impressão que deixou marcas na minha vida, após a guerra, foi a atuação de determinados militares durante o conflito. Tenho como exemplo maior, não um brasileiro, mas um americano. Exemplo de calma, sabedoria, e de alto-chefe militar, o General Eisenhower. Passei a admirá-lo porque quando ele apareceu no cenário da guerra serenou tudo, uma clara conseqüência de suas decisões tranqüilas e muito seguras. Para mim foi um exemplo.

Outro que destaco foi o meu Comandante, Coronel Delmiro Pereira de Andrade. Muito interessante! Era Comandante de Regimento, sem Curso de Estado-Maior. Foi um dos que retornaram ao Brasil com experiência de guerra e não pôde nunca ser promovido a General. Foi uma pena. Só quem sabia que ele não tinha o Estado-Maior eram os que possuíam o curso. Nós não sabíamos. No comando do 11º RI, não deixou nada a desejar.

Para mim, o leão da FEB foi o sargento Max Wolff. No dia 12 de abril, quando saiu com a patrulha, alertei a ele: “Max, a bala não traz letreiro. Sai da frente, vai gozar tua estrelinha no Brasil” — ele estava indicado para ser promovido a Tenente, por ato de bravura. “Não, eu pego esse alemão a unha!” No dia seguinte o trouxeram em dois pedaços!

Família de Hermanos

Minha família continuou residindo na Argentina. Quando cheguei da Itália fui visitar minha mãe, meu pai já era morto. Hoje ainda tenho quatro irmãs lá. Duas moram em Buenos Aires e duas em Misiones.

Um fato interessante, só para complementar esse assunto. Nosso ordenado era dividido em quatro: duas partes recebíamos lá na Itália; uma ficava no Banco do Brasil e uma ia para a família. Eu tive que deixar a parte da família para uma sobrinha que morava em Ijuí, porque não tinha outro familiar no Brasil.

Combatendo Parentes

A presença da FEB na Itália e a própria Segunda Guerra Mundial tiveram aspectos muito interessantes e particulares. Por exemplo, é extremamente original o fato de ter sido criado na Argentina e ter retornado ao Brasil para participar, como voluntário, da guerra contra a Alemanha que, em última instância, era a terra dos meus antepassados. Até hoje, não sou bem visto em Novo Hamburgo porque fui combater os patrícios. Novo Hamburgo é uma região conservadora e radical.

Mas muitos descendentes de alemães tiveram atuação destacada na guerra. O Max Wolff, o Yeddo Blaudt, um lá de Santa Cruz, febiano excepcional, já falecido, e outros tantos que participaram do conflito. E não foram só brasileiros que lutaram contra a pátria-mãe de seus ascendentes. O americano tinha um Batalhão só de japoneses na guerra. E uma Unidade só de negros. Quer dizer, muita coisa curiosa.

Agradeço ao Exército esta oportunidade.

Major Thomaz Walter Iwersen*

Nasceu em fevereiro de 1921, em Curitiba (PR). Sentou praça no Exército ao ser matriculado como aluno do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva de Curitiba em 1937, sendo declarado Aspirante-a-Oficial da Reserva da Arma de Artilharia em 15 de novembro de 1939. Graduou-se Químico Industrial pela Faculdade de Engenharia do Paraná em 1940, tendo ido trabalhar em Pelotas (RS).

Foi convocado para o Serviço Ativo em 31 de julho de 1942 sendo classificado no 3º GADo (Grupo de Artilharia de Dorso). Promovido a 1º Tenente em 17 de dezembro de 1943, foi transferido para o II/1º RO AuR (Regimento de Obuses Auto-Rebocado) no Rio de Janeiro, onde realizou sua preparação final para a guerra. Embarcou para a Itália no 1º escalão em 2 de julho de 1944, participando de toda a campanha da FEB desde 15 de setembro de 1944 até maio de 1945 na função de Oficial de Reconhecimento e Observador Avançado da 3ª Bateria do II Grupo de Obuses.

Retornou com o 1º escalão, ainda integrando a mesma Unidade de Artilharia, tendo desembarcado no Rio de Janeiro em 18 de julho de 1945 e, em setembro daquele ano, foi transferido para a Reserva de Segunda Classe. Participou da fundação da Legião Paranaense do Expedicionário, que congrega os febianos daquele Estado, sendo seu Presidente há vinte anos. É também sócio da ANVFEB-DC (Associação Nacional dos Veteranos da FEB–DC/Rio de Janeiro).

Por sua participação na Segunda Guerra Mundial foi agraciado com as Medalhas de Campanha e de Guerra.

---

* Oficial de Reconhecimento e Observador Avançado da 3ª Bateria do II Grupo de Obuses, entrevistado em 21 de agosto de 2000.

Reserva Convocada

Sou paranaense, nasci em Curitiba, e quando convocado para a guerra residia em Pelotas, no Rio Grande do Sul, trabalhando como Engenheiro Químico.

Sou Oficial da Reserva, fiz o CPOR (Centro de Preparação de Oficiais da Reserva), na Quinta Região Militar em Curitiba, e fui declarado Aspirante-a-Oficial da Reserva no dia 15 de novembro de 1939. Terminei a Faculdade de Engenharia Química em 1940 e, no ano seguinte, segui para Pelotas, onde fui trabalhar na profissão. No mesmo ano vim a Curitiba realizar um estágio de três meses, necessário para a promoção a Segundo-Tenente. Retornei a Pelotas em 1942 e lá estava quando, em junho daquele ano, fui convocado para o serviço ativo do Exército. Na época, estava com 21 anos e a reação dos meus familiares foi importante para mim porque eles se entusiasmaram com a minha convocação. Fui classificado no Terceiro Grupo de Artilharia de Dorso, Unidade com parada de sede em Campo Grande, Mato Grosso. Ao passar por Ponta Grossa, a caminho da minha Unidade, meus pais estavam na estação ferroviária para me receber, me cumprimentar, desejar uma boa viagem e sucesso durante o exercício da função militar.

A Nova Artilharia

Depois de ter servido durante quase dois anos em Campo Grande, Mato Grosso, fui transferido para o Segundo Grupo do Primeiro Regimento de Obuses Auto-Rebocados (II/1º RO AuR), sediado no Campinho, bairro perto de Cascadura, na Cidade do Rio de Janeiro. Ali ajudei também na preparação daquela Unidade, a segunda, para a guerra. O quartel estava situado na antiga sede do Primeiro GADor (Grupo de Artilharia de Dorso) que havia sido transferido para o Nordeste e fui incorporado à Terceira Bateria desse Segundo Grupo de Artilharia, depois denominado Segundo Grupo de Artilharia da FEB. Era o Segundo do Primeiro Regimento de Obuses Auto-Rebocado.

Lá no II/1º RO AuR começamos a receber o material americano que usaríamos na guerra, e então foi feito um trabalho intensivo no sentido de preparar as Baterias e o Grupo, instruindo os soldados no manejo do armamento recebido. Sabíamos que íamos combater em algum lugar: na África, ou na Europa. Tudo dependia muito da disponibilidade e da segurança do transporte marítimo, como também da situação do Teatro de Operações (TO) africano e europeu. Só tivemos certeza do nosso destino após cruzarmos Gibraltar.

Ainda no Brasil o comandante do Grupo fazia reuniões periódicas informando da situação difícil que o País atravessava e que, a qualquer momento, nós iría-

mos participar da guerra. Havia instrução militar permanente e há muito, diariamente se fazia educação física de manhã cedo, com acompanhamento médico e vacinação constante de toda a tropa. Isso preparou a Unidade para os primeiros exercícios em conjunto com a Infantaria, no Gericinó. Primeiramente era só a Artilharia, com os tiros reais e seus treinamentos específicos; depois nos exercitamos também em conjunto com a Infantaria. Felizmente os exercícios foram perfeitos, os treinamentos exitosos e o aprendizado muito bom. Rastejei bastante nos campos de Gericinó e aprendi muito bem as novas instruções de tática e técnica de guerra.

Crupe no Mar e Pioneiro na Itália

Minha Unidade embarcou com o 1º escalão para a guerra. Falava-se muito na tensão, na ameaça de submarinos inimigos e no desconforto durante a viagem marítima. Alguns sentiram mais, outros menos. Eu não senti nada. Adaptei-me perfeitamente à vida de bordo, inclusive àquelas dificuldades de treinamento intensivo de abandono do navio – aqueles exercícios de guerra aos quais nós éramos submetidos diariamente. Tivemos um pequeno incidente em nosso compartimento. Um dos oficiais, na época Primeiro-Tenente, teve um problema de inflamação na garganta, diagnosticado como Crupe, considerado doença grave naquele tempo. Os americanos eram muito cautelosos e imediatamente isolaram o doente. Levaram-no para a enfermaria e o submeteram a um tratamento intensivo. E nós ficamos de quarentena, todo o nosso compartimento ficou isolado para que eles colhessem material da garganta de cada um dos integrantes daquele grupo. Felizmente tudo acabou bem. O restante da viagem foi tranqüilo; nos adaptamos perfeitamente. No início estranhamos um pouco o tempero da alimentação, mas logo estávamos acostumados.

Um dos acontecimentos, do qual muito me orgulho, foi o fato de ter sido o primeiro soldado brasileiro a pisar no solo italiano. Isto após o desembarque das autoridades: General Mascarenhas de Moraes, General Zenóbio e o Chefe do Estado-Maior, Coronel Lima Brayner, que receberam as honras militares da tropa americana estacionada e formada ali no cais do Porto de Nápoles. Nossa tropa foi preparada para descer e eu fui o primeiro deles.

Batismo de Fogo

Depois do acantonamento de Nápoles fomos transferidos para Tarquinia, Norte da Itália, onde recebemos o novo material. Treinamos de acordo com a

doutrina americana e, em seguida, realizamos um primeiro exercício em conjunto com a Infantaria. Poucos dias antes de entrarmos em combate, executamos um exercício de tiro real de Artilharia, em apoio a um Batalhão de Infantaria. O nosso batismo de fogo ocorreu depois desse exercício feito na Região de Barbela, próximo a Pisa. No dia 15 de setembro substituímos uma tropa americana que estava ao Norte de Pisa, na Região de Filettole. No dia seguinte começaram as primeiras operações de guerra com a conquista e ocupação de Massarosa. O inimigo já estava recuando para as posições mais altas, Monte Prano e Camaiore.

Certamente o que mais me marcou na campanha da Itália foi o batismo de fogo pois, não tenho dúvida, neste momento é que nos deparamos com a realidade da guerra. Na hora, a vontade que se tem é sair correndo, abandonar tudo, mas como eu tinha a missão de observação avançada, com soldados a minha disposição, precisava dar o exemplo, então reagia e tomava uma atitude mais consciente: determinava que todos se abrigassem e se defendessem. Em qualquer missão recebida, hoje com tranqüilidade conto isto para os alunos, eu estremecia de cima a baixo. O medo faz parte do ser humano, é inerente a cada um de nós. Só sente medo quem é racional!

Observador Avançado

Minha função era de Oficial de Reconhecimento e Observador Avançado e comandava um grupo de sargentos, cabos e soldados. Profissionalmente estávamos mais ou menos preparados, psicologicamente sentia-me bem. Impunha-me com respeito aos meus subordinados transmitindo a eles, com serenidade, a missão recebida. Acredito que, felizmente, cumpri a contento o meu papel até o final da guerra, chefiando e liderando aquele grupamento sob minha responsabilidade. Nós acompanhávamos a Infantaria so licitando os tiros de Artilharia em benefício da tropa atacante, ou mesmo na defensiva.

A dosagem de Observador Avançado para a Infantaria era de um por Batalhão. No início cada Observador Avançado atendia as três companhias. Quando a Unidade à qual estava agregado passava para a Reserva, ele juntava-se a outra que estava atacando. Com a chegada dos outros escalões da FEB à Itália, o número de avançados foi aumentado com a designação de mais oficiais para as Unidades. Se bem que, no começo, ainda com o 1º escalão, o Comandante de Bateria levava o Oficial de Manutenção para também exercer a função de avançado quando houvesse necessidade.

Eu estava ocupando a minha função de Observador Avançado na Região de Marano, já na frente do Reno, quando aconteceram o primeiro e o segundo ataques a Monte Castelo, que foram conduzidos pela *TASK FORCE 45* (americana), composta por diversas unidades, desde pequenas frações até grandes unidades, todas ali reunidas. Da nossa Divisão foi o 3º Batalhão do 6º RI (Regimento de Infantaria) que participou dessas duas primeiras tentativas. Eu estava ainda na Região de Marano passando a função para o Oficial de Ligação que ocuparia aquela área com seu avançado. Em conseqüência, nesses dois dias o comandante da minha Bateria escalou um Oficial de Manutenção para que fosse com o grupo de avançados subordinado dar apoio ao Terceiro Batalhão na investida a Monte Castelo. Durante o ataque, o companheiro que exerceu essa função, Tenente Carlos Eugênio Rodrigues Monção Soares foi ferido.

II Grupo de Obuses

Na Itália continuei integrando o Primeiro Grupo de Artilharia, aliás, Segundo Grupo do Primeiro Regimento de Obuses Auto-Rebocados (II/1º RO AuR). Depois, simplesmente denominado de Segundo Grupo.

O 1º Grupo foi o primeiro do 1º Regimento de Obuses Auto-Rebocados (I/1º RO AuR); o Segundo Grupo foi o nosso, Segundo Grupo do Primeiro Regimento; e o Terceiro Grupo foi o Primeiro Grupo do Segundo Regimento de Obuses Auto-Rebocados (I/2º RO AuR), de São Paulo. O meu Comandante de Grupo era o Coronel Geraldo da Camino. Mais tarde ele foi substituído por um Tenente-Coronel que agora não me lembro o nome. Foi já no final da campanha. Eu era subordinado ao Comandante de Bateria, o Capitão José Maria de Andrada Serpa, e atuava constantemente ligado a Terceira Bateria. Os meus pedidos de tiro sempre eram dirigidos à Central de Tiro daquela Bateria que, se necessário, pedia a colaboração das demais subunidades ou da Central de Tiro do Grupo.

O Nosso Pracinha e a Guerra

Eu participei da guerra junto com a Infantaria e numa posição privilegiada – a de Observador. Minha opinião é que os nossos soldados comportaram-se de uma maneira extraordinária. Foram valentes, decididos, prontos para cumprir cada missão, quase sempre seguindo as instruções recebidas, embora, às vezes, se descuidassem um pouco em virtude de se apresentarem muito abertos para o inimigo. Mas, de uma maneira geral, eles observavam as recomendações superiores. Tivemos

muitos soldados que realizaram atividades ousadas e foram condecorados por atos de bravura. Inclusive vários pracinhas do Paraná atuaram de forma brilhante. Companheiros que voltaram com vida e que hoje participam conosco da nossa entidade, a Legião, tiveram uma participação importantíssima na Itália. Foram bravos em combate e extraordinários soldados. O febiano, mesmo não tendo experiência de guerra, se comportou igual aos melhores combatentes do mundo.

O nosso relacionamento com os italianos foi muito bom. Éramos muito bem recebidos e da mesma forma os tratávamos. Havia um ótimo entrosamento em virtude das línguas irmãs. Eles entendiam o nosso italiano falado com pouca desenvoltura e nós também, a cada dia que passava, compreendíamos melhor a fala deles. Passamos a nos confraternizar e até hoje mantemos uma amizade muito grande com os italianos da Região dos Apeninos onde a FEB combateu por mais tempo.

O apoio de saúde foi muito bem estruturado com os hospitais de campanha. Desde os primeiros socorros, passando pelos hospitais de atendimento rápido, até os hospitais americanos em Pistóia e depois em Livorno, sempre tivemos equipes excelentes, com médicos e enfermeiras de primeira linha que acompanharam a FEB. Na época, foram convocados e mandados para a Itália os melhores médicos que nós tínhamos no Exército. Lá aplicaram seus conhecimentos recuperando os companheiros feridos e prestando um atendimento todo especial, inclusive aos prisioneiros. Também as enfermeiras cuidaram com o mesmo desvelo tanto do nosso como do soldado inimigo.

O inimigo

Ainda que Hitler tenha determinado o envio de soldados de várias nações para lutar na Europa contra os aliados, basicamente nos defrontamos só contra alemães. Eram soldados valentes, aguerridos, com grande experiência de guerra, mas também já estavam bastante cansados, pois muitos tinham vindo da frente russa e outros do Norte da África. Na época eu falava alemão um pouquinho melhor, hoje, pela falta de prática, não falo quase nada. Muitas vezes tive a oportunidade de ser chamado para complementar o interrogatório dos prisioneiros, daí ter percebido que o soldado alemão já estava cansado da guerra, com falta de notícias de casa, apreensivo com a família. Em conseqüência, estava resolvido a, mais cedo ou mais tarde, passar para as nossas linhas e entregar-se como prisioneiro. Naquela guerra psicológica que fazíamos, jogávamos salvo-condutos no terreno inimigo instando a que se rendessem sem medo, pois seriam bem tratados. Muitos deles, depois de aprisionados, nos mostravam o salvo-conduto escon-

dido dentro do cigarro, como a nos dizer que esperavam um tratamento adequado, o que, naturalmente, faríamos de qualquer forma. Só uma vez vi um Oficial totalmente revoltado por ter sido capturado e feito prisioneiro; queria continuar a guerra pois tinha a convicção de que iria vencê-la. Mas, de uma maneira geral, o alemão mostrava-se bastante cansado.

A Vitória Final

Estávamos na Região de Modena quando soubemos da rendição incondicional das tropas alemãs na Itália. A festa foi muito grande. A população italiana, ao entrarmos na cidade, nos recebeu de braços abertos. Comemorou conosco o término da guerra, organizando festas, bailes e tantas outras coisas que juntos participamos. Naquela ocasião eu já estava praticamente sem função porque a Artilharia tinha ficado muito para trás, e a Infantaria, que eu acompanhava, tinha perdido o contato através de rádio e de telefone com a minha Unidade.

Novamente Civil

Eu regressei com o 1º escalão. Fui com o 1º e voltei com ele. Infelizmente na volta não tive o mesmo privilégio da ida, não desembarquei na frente dos demais.

Ao chegar aqui gozei férias acumuladas, retornei para a Reserva e voltei para a minha função civil.

Na Itália o General Mascarenhas solicitara às unidades que indicassem os oficiais da Reserva que queriam continuar na ativa. Como eu já estava formado e tinha carreira definida, na Itália mesmo pedi para ser desmobilizado e transferido para a Reserva. Fiquei no Rio de Janeiro trabalhando como engenheiro, não voltei mais para Pelotas. Havia informações, ou boatos, de que o General Mascarenhas colocara aviões à disposição dos oficiais da Reserva que optassem pela desmobilização. Mesmo optando pela volta à vida civil, regressei com a tropa para o Brasil e voltei de navio.

Felizmente não fiquei com traumas, neurose, nada. O meu dia-a-dia continuou normalmente. Posteriormente abandonei a carreira de engenheiro e vim trabalhar aqui em Curitiba com o meu pai, em representações comerciais. Integrei-me totalmente à nova vida e juntamente com os febianos que estavam em Curitiba, organizamos a Entidade à qual estamos ligados até hoje. A conseqüência é essa ligação, esse entrosamento com os companheiros da FEB para não deixarmos morrer a lembrança da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

Irmãs no Combate

Acredito que a Segunda Guerra tenha sido uma experiência válida para o Exército, Marinha, Aeronáutica e para a Nação como um todo. Foi uma participação muito boa e apesar de o Brasil não ter se preparado adequadamente, enviou a sua Força Expedicionária que participou com brilhantismo, lutando lado a lado com as grandes unidades americanas que já estavam na Itália e dispunham de bastante experiência de combate. Uma exceção a essa "tarimba" anterior foi a 10º Divisão de Montanha americana que teve seu Batismo de Fogo na Região de Belvedere, justamente onde a FEB já estava atuando. Continuaram lutando juntas e a amizade entre ambas tornou-se tão grande que, quando regressamos, o General Mascarenhas convidou-a para desfilar conosco no Rio de Janeiro, coroando, dessa forma, aquele entrosamento. A 10º de Montanha era uma Divisão muito bem treinada, passara um ano praticando, exercitando-se, primeiramente nas Montanhas Rochosas, depois no Alasca, na neve. Atuou em conjunto com a Força Expedicionária, lutando lado a lado e apoiando-se mutuamente. No ataque a Monte Castelo, por exemplo, ela conquistou até Mazzancana de onde partiu o ataque do Capitão Yeddo Blaudt circundando e envolvendo Monte Castelo. Mas depois ficou estacionada em Monte della Torraccia, em virtude de fogos que vinham de Bella Vista, situada nas cercanias da Cota 958, que a FEB conquistou, posteriormente, possibilitando o avanço americano. A Companhia do capitão Wolfango de Mendonça, do Primeiro Regimento de Infantaria, conquistou La Serra, Bella Vista e Cota 958, liberando Monte della Torraccia, aquela região ao lado de Monte Castelo, que os americanos conquistaram a seguir.

O Esquecimento

O Brasil, seja o Governo, seja a Nação, não deu a devida importância ao feito da FEB na Itália e abandonou os companheiros. De fato, depois daquela recepção bonita aos heróis que chegavam, durante um período a FEB foi muito esquecida.

Apenas no âmbito internacional se homenageou o nosso pracinha, tanto que o Presidente da Primeira Assembléia Geral da ONU (Organização das Nações Unidas) foi Osvaldo Aranha, como reconhecimento à participação do Brasil no conflito.

Com o surgimento de Entidades como as Associações de ex-combatentes, é que o povo e os estudantes foram tomando conhecimento dos feitos da FEB e participando das homenagens aos nossos homens. Para se ter uma idéia sobre o descaso, o Ministério da Educação colocou no currículo escolar apenas uma ligeira passagem, uma menção de que o Brasil estivera na guerra. Fora isso não havia traba-

lhos sobre a nossa participação, como atualmente se faz. Os colégios hoje vêm aqui à Legião e ao Museu, fazem trabalhos sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, perguntam e se interessam.

Febianos Destacados

Uma pessoa extraordinária, na época, foi o Capitão José Maria de Andrada Serpa, um grande companheiro e amigo. De uma valentia ímpar, estava sempre presente levando seu apoio e conforto para nós que estávamos junto à Infantaria. Ele deixava a Bateria com o Subcomandante na linha de fogo e ia até as linhas de frente visitar-nos e saber das nossas dificuldades, necessidades e carências. Muito participativo. Estivemos juntos em muitos eventos, participamos de muitas "tochas" e conhecemos várias cidades do Norte da Itália. E a nossa amizade continuou após a guerra, realmente uma amizade muito grande. O irmão dele, Antônio Carlos de Andrada Serpa, também foi grande amigo nosso. Esteve diversas vezes aqui na cidade conosco, trazendo seu apoio aos companheiros doentes e necessitados e àqueles que tentavam suas reformas. Veio pessoalmente verificar a situação de cada um junto à 5ª Região Militar. Repito, também um grande amigo e companheiro.

Mensagem Final

A nossa mensagem pode ser sintetizada no objetivo da nossa entidade – a Legião Paranaense do Expedicionário. Estamos nesta pregação procurando divulgar, principalmente junto aos estudantes, às gerações de hoje, a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. A Marinha, o Exército e a Aeronáutica se integraram perfeitamente na missão de cumprir com o dever de brasileiros. Ninguém se negou. Juntos, com garra, com o espírito voltado para a nossa Pátria e para o nosso povo, foram combater nos vales e nos céus da Itália. Remir as invasões de nossas águas territoriais e as agressões traiçoeiras que sofremos quando tivemos os navios mercantes brasileiros, que singravam os mares totalmente desarmados, fazendo sua cabotagem entre os portos, deslealmente torpedeados. Fomos lá reparar aquelas agressões e, felizmente, conseguimos trazer a vitória.

Capitão Adão Vieira de Aguiar*

Nasceu em setembro de 1922, no Belém Novo (Lami), "interior" de Porto Alegre (RS). Incorporou-se ao Exército como voluntário na 3ª Formação Sanitária Regional, em Porto Alegre, no ano de 1942; no ano seguinte realizou o Curso de cabo Enfermeiro, estagiando no Hospital Militar de Porto Alegre. Durante o Curso de Sargento Enfermeiro em 1944, foi convocado para a guerra e transferido para o 4º Grupo Suplementar Brasileiro em hospitais norte-americanos, ficando adido à Diretoria de Saúde no Rio de Janeiro, cedido à Policlínica Central do Exército até o embarque para a Itália em 23 de novembro de 1944. Serviu no *7º Station Hospital* em Livorno, onde permaneceu até o final da guerra. Foi promovido a 3º Sargento em 1945, em pleno conflito. Em 1947, realizou o Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos de Saúde. Foi promovido a 2º Sargento em 1950 e a 2º Tenente em 1957 sendo, dois anos depois, movimentado para a 6ª Companhia Independente de Saúde e, em 1961 para o QG da 6ª Divisão de Infantaria. Em abril de 1967, foi promovido a Capitão, quando solicitou a sua transferência para a Reserva. Por sua participação na Segunda Guerra Mundial foi agraciado com a *Meritorius Service Unit Plaque*, concedida pelo governo dos Estados Unidos e com as Medalhas de Campanha e de Guerra.

---

* Sargento Enfermeiro, entrevistado em 31 de maio de 2000.

De Belém Novo a Livorno

Hoje sou capitão do QAO Reformado e já se escoou muito tempo desde quando eu me apresentei voluntário para servir. Eu residia em Porto Alegre, mas no interior de Porto Alegre, no Lami, aqui no Belém Novo. Houve até um fato curioso quando eu ainda estava no colégio primário. Em uma aula de história a professora me perguntou que países estavam em guerra, e eu respondi: “Nenhum!”. Tinha quinze ou dezesseis anos, não me lembro bem; nunca passou pela minha cabeça que eu iria participar da tal guerra.

Prestei o serviço inicial em 1942. Foi na 6ª Formação Sanitária Regional. Fiz o estágio de cabo no Hospital Militar de Porto Alegre. Não havia instrução específica na Unidade porque recém estava se formando, era só a instrução normal de saúde. Aí fui convocado. Na ocasião eu tinha 21 para 22. Um guri!

Em conseqüência, a primeira reação da minha família foi de estupefação. Era o lógico. Depois, só restou aceitar. Até porque, naquela época, o pessoal do interior não tinha muito como reagir.

Após a convocação não houve mais tempo para nada, nem para choro nem para a instrução. Fui transferido de um dia para o outro. Diretamente do Serviço de Saúde do Exército, para os hospitais norte-americanos, na Europa. Não pertenci efetivamente a nenhuma outra Unidade da FEB. No Rio, trabalhei cedido à Policlínica Central enquanto estava adido à Diretoria de Saúde aguardando o embarque.

Ficou acertado que esses hospitais americanos deveriam ser mobiliados pelos sargentos formados na Escola de Saúde, mas como eles eram muito poucos, convocaram pessoal formado na tropa. Essa Formação Sanitária Regional tinha sido recém-ativada, em 1941; em 1942 fui incluído no primeiro grupo a ser incorporado nela. Naquela época existiam só três: em Porto Alegre, São Paulo e no Rio. Esta última depois foi transformada em batalhão para ir à guerra. Depois organizaram outra, em Curitiba.

Estávamos concluindo o curso de sargento e fomos diretamente transferidos. Na Formação Sanitária Regional havia curso para enfermeiro, padioleiro e condutor; o curso de enfermeiro era independente. Então eles convocaram os cabos que tinham esse curso. Fui promovido a sargento na guerra. Tudo aconteceu muito rápido. A convocação, a viagem para o Rio, os preparativos finais e, de repente, eu estava no navio, rumo à Itália.

A viagem foi terrível. Eu trabalhava nas enfermarias e enjoei também. Havia ainda o bloco cirúrgico que eu tive a oportunidade de visitar levado pelo Tenente Mangia. Tenente Médico, clínico, comandava o pessoal de saúde. Ele nos mostrou todo o navio.

Gravei só o nome de guerra dele. Era muito atencioso, nos levou aos blocos cirúrgicos, nos mostrou tudo. Tirávamos serviço nos postos de saúde do navio, tanto na ida quanto na volta. A maioria dos atendimentos era para os que estavam enjoando. Havia um comprimido especial que diminuía os efeitos.

Um detalhe: não havia remédio que eliminasse ou evitasse o enjôo.

Ainda uma curiosidade sobre a viagem: apesar da nossa inspeção de saúde ter sido rigorosa, muitos viajaram com doença venérea. Então foi improvisado no porão do navio, uma espécie de isolamento para esse pessoal. O americano nesse ponto é muito rígido. Ficavam todos naquele depósito. Sempre que tocava a sirene de alarme estava previsto fechar a escotilha de acesso com um tampão, e isso gerou um boato que o Comando planejava deixar aqueles doentes afundarem com o navio no caso de torpedeamento.

Eu fui em dezembro, no quarto escalão; fora o primeiro, depois o segundo e o terceiro foram juntos, e aí o nosso. Cheguei lá em dezembro, junto com o Conrado. Ou antes de dezembro, não me lembro bem. O navio aportou em Nápoles. De lá até Livorno a maioria do pessoal enjoou muito nas barcaças. Eu viajei de trem. A Saúde, o pessoal de Intendência e do Banco do Brasil, fomos todos de trem.

Os americanos queriam que chegássemos logo no hospital. Foi uma viagem muito turbulenta, muitas vezes tínhamos que parar porque o alemão abria aquelas comportas e alagava as cidades. Ao passarmos ao pé do Monte Cassino – estava em escombros –, vimos tanques no meio dos matos, pedaços de avião em cima de árvores, observamos muita coisa durante aquela viagem.

"7º Station Hospital"

Os hospitais eram americanos e nós ficávamos anexos. A exceção era um hospital de campo que ficava ao pé de Monte Castelo. Esse o americano deu a direção para um médico brasileiro e com isso havia médicos e enfermeiros americanos subordinados ao nosso diretor. Era um hospital importante, lá na frente. Em Livorno fomos diretamente para o hospital, um acampamento.

Era o *7º Station Hospital*, Sétima Estação Hospitalar, na época com uma seção brasileira anexa. A maioria dos blocos era de alvenaria, mas havia algumas barracas. Um conjunto muito grande, com uma disponibilidade média de mil e duzentos leitos-dia. O local havia sido uma colônia feminina de repouso e lazer que o Mussolini mandara construir a beira-mar. Os aliados a ocuparam e transformaram-na em hospital. Como não foi suficiente, montaram também algumas barracas de lona. Essas barracas tinham todo o conforto. Além de assoalhadas dispunham de luz elétrica e estufas.

Aliás, todos os nossos acampamentos eram assim. Barracas assoalhadas, com estufa e luz elétrica. Tudo isso em todos os blocos do hospital. Tanto nos brasileiros como nos americanos.

Falando sobre conforto e suas conseqüências, na viagem de ida peguei um resfriado grande. No Rio estava quente e depois, em alto mar, veio aquele frio. Eu suava muito enquanto estava de serviço porque ficava lá embaixo, naqueles compartimentos fechados. Foi só. Na Itália, mais nada; passei o tempo todo sadio. As estações lá são bem distintas, não é como aqui no Sul e, além do mais, a climatização nos blocos cooperava.

O nosso hospital ficava a uns vinte ou trinta quilômetros do *front*, mas não deveria receber os feridos diretamente, só através da cadeia de evacuação. Primeiro o homem saía do corpo de tropa, passava pelo posto de triagem, um órgão do Batalhão de Saúde com um pequeno bloco cirúrgico, onde podia ficar baixado até alguns dias. Se necessário, era removido para o hospital de campo ou de evacuação. Só em última instância era mandado para um hospital de base, como o nosso. Em situação extraordinária, como numa das tentativas de tomada de Monte Castelo, tivemos fila de ambulâncias para atendimento, vindos diretamente do *front*. Até a minha enfermaria, que era clínica, foi transformada em enfermaria cirúrgica, durante algumas horas; baixou ferido inclusive com tamponamento. Respirava, e pelo tórax saía aquela espuma de sangue. Havia muitos blocos cirúrgicos com equipes médicas brasileiras e americanas trabalhando dia e noite. Misturados! Na hora da confusão um ajudava o outro. Respeitando-se. O espírito de equipe, o congraçamento, mormente na parte técnica, foi muito importante.

Para se ter uma idéia, a prioridade de atendimento pelas equipes de médicos e enfermeiros era determinada pela gravidade do estado do paciente e nunca pela sua nacionalidade.

O Dia-a-Dia no Hospital

A comunicação interpessoal foi um caso a parte. Na minha enfermaria tínhamos o sargento Pascoal que era espanhol nato. Desde aquela época, e até hoje é assim, o americano sempre foi muito rígido com os imigrantes: seis meses na América e, ou se naturalizava, ou voltava para o seu país. Ele se naturalizou e o convocaram para o exército. Como ele falava espanhol, servia de intérprete para nós. Mormente na minha enfermaria nos entendíamos com ele. O meu inglês era de apenas poucas palavras, então usávamos mais a mímica, o italiano, ou esse intérprete. Muito atencioso, sanava qualquer dúvida.

A chefe da enfermaria fora estudante de medicina, trancaram a matrícula dela na faculdade e a convocaram para a guerra, como enfermeira. Muito ativa, eficiente e bonita. Havia outras enfermeiras também bonitas; mas todas muito reservadas. E aquelas cenas de filmes onde as enfermeiras namoram ou mesmo se entregam, é só no cinema. Lá não havia nada disso. Por exemplo, nenhuma delas, aliás, nem outro americano qualquer, fez um comentário sequer sobre a origem dos meus olhos azuis. Elas tinham uma formação rígida. Eram militares de carreira, ou, no mínimo, haviam feito um bom estágio de instrução, nos Estados Unidos, antes de embarcarem para a Europa. Eram muito respeitosas. Para encerrar esse assunto, apenas um comentário sobre a nossa equipe de enfermeiras. Elas receberam o posto de tenente lá na Itália. Foi o próprio General Mascarenhas de Moraes quem as comissionou, depois foram confirmadas. A promoção foi para que pudessem freqüentar os ambientes da oficialidade brasileira.

De uma maneira geral os americanos eram atenciosos e simples, pelo menos no hospital. E esta simplicidade e a facilidade que tínhamos para trabalhar com o pessoal somadas a sua organização e a variedade e quantidade de material disponível que, ainda hoje, não encontramos na maioria dos hospitais brasileiros, resultavam em uma eficiência impar no atendimento.

E era mais facilitado porque usavam apenas meia dúzia de medicamentos sendo que grande parte deles tinha o seu nome em latim. No fim de 1944 chegou a Penicilina, que era tomada de três em três horas. Havia sido descoberta naquela época e o americano deixou de atender seus civis nos Estados Unidos para mandar todo o estoque para a guerra. A partir daí o tratamento das infecções ficou mais fácil. A Sulfa, usada até então, causava muita intoxicação.

É interessante ressaltar a organização e a facilidade que tínhamos para apanharmos os remédios necessários. Sempre acompanhávamos o médico em sua visita diária aos pacientes. O medicamento era prescrito, preenchíamos um impresso, assinávamos e íamos à farmácia; não precisava mais ninguém assinar, estava pronto. Um pouco diferente do nosso Exército, onde assina o médico depois o fiscal e, finalmente, o comando aprova. Pelo menos três assinaturas. Agora, ai daquele que falhasse. O americano não perdoa. Ele confia na pessoa até prova em contrário. Aí também, pronto! Lembro de um fato que aconteceu com um sargento nosso. Era auxiliar de farmácia mas servia como enfermeiro porque faltou gente. O chamávamos de sargento Caruso porque ele gostava muito de cantar. Trabalhamos muito tempo juntos na enfermaria de neuróticos. Eram plantões de 12 horas: das 7 às 19 e das 19 às 7. Uma noite tomou uns aperitivos e foi cuidar dos doentes. Era uma ala fechada. Ele botou uma cama na porta, deitou e dormiu. Os doentes afastaram o conjunto “cama-cantor”

da porta e fugiram. Foi a maior confusão no hospital, descobriram tudo e quiseram até terminar com a carreira dele. O Coronel diretor do hospital, não queria mais vê-lo de jeito nenhum. O americano é assim, muito responsável. Horário então é aquele negócio: 7 da manhã é 7 da manhã. Em compensação, no dia da folga, a cada quinzena, não queria nos ver no hospital. Nas férias fomos para Roma, era o estabelecido.

O diretor me chamava pelo nome, ele conhecia todas as pessoas. Só que passei a ser Eiguiar. Claro, Adão seria muito difícil. Eles não conseguem falar o "til".

Diariamente, ele e o Major Fischer visitavam todas as enfermarias. Ele controlava tudo!

Era Coronel e, comentavam, não era oficial de carreira. Os americanos convocavam uns médicos, selecionados, colocavam três estrelas no ombro, e mandavam como Coronel para a guerra. Normalmente se tornavam militares competentes. E o eram, realmente, pelo menos segundo a minha avaliação. No nosso caso, não posso afirmar com certeza, mas, segundo informes, muitos médicos eram professores de faculdades de medicina no Rio e em São Paulo. Foram convocados e comissionados como capitães, pelo menos é o que diziam. Até porque, realmente, a tropa não tinha militares de carreira em quantidade suficiente para atender as necessidades.

Inclusive, o Tenente-Coronel Estelita Lins foi nos visitar e acabou reconhecido pela chefe da enfermaria, aquela estudante de medicina, como sendo um antigo professor seu, nos Estados Unidos. Ele e o filho, tenente médico do hospital, os dois especialistas; eram urologistas. São coisinhas que a gente vai sabendo como informe, como comentário das pessoas.

Pacientes bem Apoiados

O americano não era marinheiro de primeira viagem. Ele já vivera a Primeira Grande Guerra e sabia da importância de se elevar o moral dos enfermos, proporcionando toda a sorte de apoio disponível.

O senhor sabe que o americano, nesse setor, funciona e bem. Ele se preocupa sobremaneira com o homem. Como alguém comentava: "Para se fazer um homem leva-se mais de vinte anos; material se produz de acordo com a necessidade". Por tudo isso o Serviço de Saúde da FEB foi muito facilitado.

Dispúnhamos de uma alimentação de primeira, servida em três fartas refeições diárias. Havia teatro, inclusive ao ar livre, mas que só funcionava no verão. Nas enfermarias passavam filmes americanos, sem legenda, sem nada. Na minha, a maioria dos pacientes eram brasileiros e, mesmo sem entender o idioma, se distraiam. O brasileiro era um paciente compreensivo, mas o americano era mais.

O apoio religioso era excelente. Tínhamos um padre no nosso hospital e havia uma pequena capela ecumênica onde ele rezava as missas e os protestantes assistiam ao culto. O americano é muito religioso. E critica o brasileiro porque para eles, católico que não vai à missa, não é católico. Eles vão. A religião deles se divide, se não me engano, em quase oitenta seitas. E não se comunicam muito entre si, pelo menos na época não se comunicavam.

Apenas para ilustrar este assunto vou relatar o que ocorreu em 25 de dezembro. O padre foi rezar a Missa do Galo na minha enfermaria que era uma das maiores — naquela época era rezada a meia-noite, agora estão rezando a qualquer hora — havia apenas uma velinha e muito bem camuflada em um canto, porque era blecaute total. Até para as injeções que eram aplicadas de três em três horas, tínhamos que usar uma lanterna com a aba protetora, porque era tudo apagado. De repente soou o alarme de ataque aéreo e tivemos que interromper a cerimônia. A defesa foi, como sempre, lançar uma cortina de fumaça para camuflar as instalações e fazer a artilharia antiaérea funcionar mesmo sem muita eficiência porque a maioria dos meios estava voltada para o *front* ou outras instalações mais sensíveis. Os alemães aproveitavam qualquer data significativa para inquietar com ataque aéreo ou de artilharia, o que causava um efeito psicológico negativo em nosso pessoal. Passaram por lá, interromperam a nossa Missa do Galo mas felizmente não nos causaram maiores problemas.

Exames Laboratoriais e Penicilina: Novidades Alvissareiras!

Quero aproveitar a oportunidade para fazer alguns comentários sobre exames laboratoriais e Penicilina, novidades que me impressionaram. Naquela época não se fazia muito exame de laboratório aqui no Brasil, pois a disponibilidade de recursos era pequena. Mas lá no hospital era norma. Qualquer doente que baixasse tinha que fazer todos os exames de laboratório. O americano não tratava ninguém sem saber a causa. Coisa que somente agora, é mais ou menos rotina para nós.

Em uma ocasião baixou um cabo na minha enfermaria, só com febre. Fizeram todos os exames laboratoriais e nada. Chamaram um médico americano, especialista em líquido raquidiano. Um detalhe inusitado: era negro. Ele solicitou todos os exames, mas os resultados não acusaram nada. O cabo começou a definhar rapidamente. Formaram então uma junta de médicos, americanos e brasileiros, que diariamente examinavam o paciente, refaziam todos os exames de laboratório, e nada. Só restou aplicar penicilina de três em três horas. Tiveram que apelar porque o

homem estava sumindo. Devia ser uma infecção muito séria ou alguma coisa do gênero. E na falta de um diagnóstico conclusivo através dos exames, continuou-se aplicando penicilina até que a febre começou a ceder. Mais alguns dias e ele já não tinha mais febre, estava bom. A junta continuou investigando. No final concluíram que ele teve sífilis latente, embora nenhum dos exames tivesse acusado a doença. Ele era brasileiro, tinha vindo do *front*.

O Rush das Jornadas de Ataque

Como já comentei, eu trabalhei na enfermaria clínica mas nas jornadas dos nossos ataques, reforçávamos o setor de cirurgia. Certa ocasião chegou um soldado nosso lá, um pracinha, um garoto, que tinha pisado em uma mina antipessoal. Ele chegou e constatamos, o médico e eu — que os estilhaços da mina haviam lhe arrancado o escroto. O escroto não existia mais e o pênis estava preso só por uma pelezinha. Ele chorava muito *(o depoente emociona-se e chora)*. Vendo a situação dele eu falei: “Não te preocupes, temos boa equipe de médicos aqui e eles vão recompor tudo isso. Coragem!”. Quando eu falei ele parou de chorar. Me olhou firme, não sei se acreditando em mim, ou não. Mais ou menos ele sabia a situação. Acho que ele chorava, não tanto pela dor, porque a morfina aplicada agiria ainda por duas horas, deixando-o insensível nesse período, mas sim pelo desespero de saber o que, provavelmente, iria lhe acontecer. Não soube, depois da cirurgia, qual foi o resultado. Provavelmente tiveram que seccionar o pênis. Isso era comum.

Conversando sobre esse assunto com o Conrado, ele me disse que muitos americanos realmente não tinham nenhuma genitália. A mina arrancava uma parte, operavam e pronto; eles se conformavam e até banho tomavam com os outros, numa boa. Agora, esse brasileiro eu vi. Não sei o resultado, mas tenho a impressão de que tiveram que seccionar o pênis. Quanto ao escroto, não havia o que fazer, a mina o levara. Nunca mais soube dele. É quase certo que sobreviveu.

No hospital só assisti duas mortes: uma, na minha enfermaria; a outra, eu só soube. Foi um paciente que chegou com a massa encefálica rompida. A primeira, a da minha enfermaria, o paciente baixou por causa de uma baderna em um baile dos italianos. Ocorreu uma briga, ele deu uns tiros e matou alguém — dizem que matou —, é um informe também, então deram umas porradas tão fortes na cabeça dele que baixou ao hospital. Fez os exames e concluíram que de tanto apanhar, ele ficara meio desnorteado. Um dia foi sozinho para um campo minado e eu tive que ir buscá-lo. Então lhe disse: “Esta área está toda minada. Quer morrer, morre sozinho, eu não entro aí”. Acabou ele saindo ileso do campo. A perturbação piorou,

fizeram o exame raquidiano e constataram sangue na medula. Começou a se sentir mal, viram que ele não resistiria e o transferiram. Um detalhe: ninguém morria na enfermaria; eles levavam não sei para onde. Era importante porque tinha efeito psicológico. Já imaginaram? Uma morte no meio de dez, quinze, vinte baixados? Falo isso por experiência própria. Uma tia minha, com 98 anos, sofreu uma queda e fraturou a bacia. Foi para uma enfermaria no Hospital São Francisco. A coitada começou a definhar e foi morrendo aos poucos. O médico não permitiu que eu e os parentes a assistíssemos em seus momentos finais. Entretanto, no mesmo ambiente, estavam mais ou menos quatro ou cinco pacientes baixados que assistiram a tudo. Foi deprimente! Isso foi há uns vinte anos.

Vejam como o americano se preocupava com o moral de todos na guerra. Começava a passar mal, o paciente era removido, não ficava junto com os outros. São detalhes muito importantes.

Neurose de Guerra

Um ponto que eu não posso deixar de comentar é sobre a neurose de guerra. Foi um problema que afetou alguns pracinhas na Itália. O americano dava muita importância ao assunto. Havia um percentual relativamente alto de combatentes afetados com distúrbios mentais causados pelas mais variadas e inusitadas razões e que necessitavam de um tratamento diferenciado. O *7º Station Hospital* dispunha de três enfermarias para os doentes neuropsiquiátricos. Uma para pacientes mais tranqüilos, os que podiam transitar sozinhos e eram apenas vigiados. Na outra, ficavam sempre acompanhados. A terceira era destinada àqueles doentes perigosos que, na sua maioria, quando necessário eram mantidos. Segundo comentários e informes da época, as estatísticas americanas da Primeira Guerra Mundial indicavam que mais de 90% dos casos de neuropsiquiatria já haviam se manifestado em ocasiões anteriores à convocação, ou seja, quando o homem ainda era simplesmente um cidadão civil.

Não disponho de informações a respeito dos nossos homens, sei apenas que, conforme dados colhidos pelo Dr. Carlos Paiva Gonçalves, 433 febianos baixaram com problemas mentais. O tratamento era a base de calmantes. Os recuperados eram encaminhados para o Depósito de Pessoal e aqueles que se mostravam insensíveis à medicação, como também os doentes graves, eram encaminhados para um navio-hospital e, posteriormente, transferidos para os Estados Unidos onde se submetiam a um rigoroso tratamento.

Volta e meia acontecia um caso envolvendo um doente neurótico, principalmente nas duas últimas enfermarias. Certa vez um pracinha — gaúcho de Uruguaiana

— baixou porque ficara surdo em conseqüência do deslocamento de ar em uma explosão, fato corriqueiro no *front*, mas foi para a ala dos neuróticos porque estava inconformado por não ter conseguido decepar uma orelha de um soldado alemão para levá-la como recordação, conforme prometera a parentes e amigos. O pior de tudo é que passava o tempo todo ameaçando fugir para satisfazer seu intento. Acabou sendo transferido para os Estados Unidos onde foi tratado. Tempos depois encontrei-o no Rio, curado e, claro, sem o amuleto alemão.

Outro episódio, este mais sério, foi aquele que já relatei anteriormente e que envolveu o sargento Caruso e o paciente que fugiu e foi para um campo minado nos arredores do Hospital, onde precisei ir buscá-lo. Comigo ainda aconteceu um outro caso digno de menção: fui designado para levar dois baixados na enfermaria, dos perigosos, até o navio-hospital ancorado em Livorno. Um era sargento, neurótico-depressivo, chorava muito, mas foi bem. O outro, um oficial com crises de violência, inclusive ferira a própria mão com um canivete, foi em camisa-de-força. Na hora de entregá-los aos cuidados da nova equipe, o sargento, em prantos, queria que eu continuasse em sua companhia. A Direção americana do hospital concordou. Achou que a minha permanência faria bem ao doente e propôs-se a mandar buscar todo meu material no *7º Hospital* para que eu seguisse viagem com eles. Foi um custo demovê-los do intento e livrar-me, sem traumas, do amigo saudoso.

Fim da Guerra: Desmobilização Tumultuada

No meu hospital, quando terminou a guerra, começou a diminuir o número de pacientes. Melhoravam e iam ou para suas Unidades, ou retornavam ao Brasil ou aos Estados Unidos, conforme a situação. Eu e outro sargento de escola fomos escolhidos para ficarmos até o final. Os demais foram liberados para passear.

Então ficamos: eu numa enfermaria, e o colega na outra. Para mantê-las funcionando. O efetivo foi diminuindo e marcaram um dia, não lembro qual, para fechar o hospital. Após aquela data daríamos uns passeios, depois seguiríamos para Nápoles e, finalmente, viríamos embora. Aí um brasileiro meio imprevidente, capotou com uma viatura QT (qualquer terreno) e matou um ou dois. Outros quatro ou cinco ficaram feridos e foram levados para lá. Tivemos que ficar mais uns dias. Depois sim, fomos para Nápoles aguardar o embarque. No total fiquei onze meses na Itália, sempre no *7º Station Hospital*. O retorno foi bem mais tranqüilo e, lógico, muito mais alegre. Voltei no quarto e último escalão e, na nossa chegada já não houve nada, só uma festinha, muito simples, bem diferente da grande festa para o

primeiro desembarque. O único senão dessa fase foi quanto à desmobilização. Houve críticas a respeito. Eu fiquei na ativa, logo não sofri na pele.

Encontrei dificuldade para ser classificado na Unidade desejada porque ela estava com as vagas preenchidas. Acabei vindo para o QG da Região. Depois extinguiram a vaga e então fui para Passo Fundo, servir no Terceiro do Oitavo RI (III/8º RI), de lá retornei a Porto Alegre e não saí mais. O interessante é que fiquei gostando mais de Passo Fundo do que de Porto Alegre. Gosto muito de Passo Fundo!

Mas eu falava sobre as críticas à desmobilização.

Comentava-se muito na época. Oficialmente eu não sei porque o pessoal foi desmobilizado já na Itália. Houve um desentendimento sobre as datas e então consideraram mais meses na ativa. Mas a tendência foi desmobilizar na Itália. Como informe, porque não há certeza, teria havido um convite do governo americano para que ficássemos como tropa de ocupação, na Itália. E também um pedido para que se conservasse a DIE (Divisão de Infantaria Expedicionária) na ativa em nosso País, mas as nossas autoridades, não sei o porquê, não concordaram.

É provável que em conseqüência da vitória dos Aliados, a FEB tenha passado a ser vista com um certo receio, pelo menos na área política.

Na minha Unidade, o Batalhão de Saúde, o Comandante de uma Companhia e Diretor do CAS (Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos), Dr. Rafael Teodorico da Silva, muito boa pessoa, já falecido, fora convidado para ser paraninfo dos sargentos. Por razões diversas ele foi afastado da Unidade antes da formatura. Então, na despedida, ele distribuiu uma cópia do discurso que faria para os formandos onde dizia que o pessoal da FEB retornara com espírito anarquista, o termo não era este, também não era diferente. Talvez, turbulento. Ou desagregador. Não se adaptavam muito àquele ambiente normal. E concluía o discurso dizendo que éramos meio perigosos. O interessante é que o referido oficial não fora à guerra e não tivera nenhum vínculo com a FEB.

O Exército inteiro nos recebeu com uma certa reserva. Inclusive durante muitos anos aquele período da guerra continuou nebuloso. Não se sabe se foi fruto do complexo de uma parcela daqueles que não foram à guerra, não sei se estou usando o termo certo. Complexo ou inveja, por não terem ido. Daí aquela certa reserva, medo ou prevenção de falar no assunto. Até que na minha Unidade não se observava este sentimento.

O Exército depois da FEB

Durante anos a FEB permaneceu meio esquecida aqui no País. Era como se nada tivesse acontecido lá na Itália, como se os pracinhas tivessem ido apenas para

fazer turismo. No entanto sabemos que não foi assim. Embora eu estivesse na retaguarda, perguntava muitas coisas e sempre ouvia que o nosso desempenho era satisfatório. Não ocorreram deserções, nada mais grave, de grande monta, só pequenas coisas. A nossa participação na guerra ficou marcada e marcou cada um de nós em particular. Passei a ter uma noção mais abrangente das coisas em geral, tanto na parte técnica como na convivência com outros povos. Com o americano no hospital; com o italiano, o nosso "anfitrião", um tanto omisso, até porque estava sob domínio dos Aliados. Mas era bastante receptivo e nos recebeu muito bem. Enfim convivemos com muita gente, inclusive com os próprios brasileiros, pois os encontramos vindos de todas as partes do País. A convivência foi muito intensa.

Mas como eu dizia antes, o Exército — e a própria nação —, só tardiamente reconheceram o valor do febiano. Como fiquei na ativa, não sou nem considerado ex-combatente, porque fiz uma carreira igual aos outros que não foram à guerra. Agora, o pessoal que foi para a reserva, só veio a ter uma melhoria com a Constituição de 1988, quando passaram a receber proventos de segundo-tenente. A facilidade que havia antes, facilidade entre aspas, referia-se a obtenção de alguns empregos e pouca coisa mais. Não foi nada fácil para eles.

Coisas passageiras e ilusórias. No papel, inúmeras vantagens; na prática, muito poucas.

Vida Nova

Sou um militar do Exército gaúcho, pois sempre servi no Rio Grande. E tem mais.

Toda a vida na minha especialidade. Quando fui promovido a oficial exerci outras funções, mas todas na área da saúde. Fui ajudante secretário, Oficial de educação física, comandei Companhia, Pelotão e, algumas vezes, fui até Subcomandante de Unidade. Participei também da administração. Quando servi na 6ª Cia Independente de Saúde, Unidade ligada à tropa, ministrei noções de serviço de saúde em campanha, higiene e primeiros socorros etc.

Fiquei na ativa até o posto de Capitão. Cheguei ao generalato, como se dizia. Completei 25 anos em fevereiro de 1967 e em abril fui promovido a capitão. Então pedi transferência para a reserva. Não aspirava mais nada e abriria vaga para outros. Naquela época, os proventos de major na reserva eram maiores do que os de capitão na ativa. Depois é que inverteu. E permaneci residindo em Porto Alegre. Aqui, além da minha vida pessoal, freqüento as reuniões da nossa Associação. Hoje sou vice-presidente. Nesses últimos anos sempre tive funções: segundo-secretário, diretor de patrimônio etc.

Destaques

Aproveito este relato para destacar companheiros brasileiros e americanos que, por seu desempenho ou suas atitudes se sobressaíram durante o período em que estivemos na Itália. A primeira pessoa a ser citada, sem dúvida é o nosso diretor. Muito comunicativo e uma extraordinária pessoa: Major Sady Cohen Fischer. Já é morto. Era aqui do Sul, aliás toda a família é daqui. Ele e o irmão, Dr. João, excelentes clínicos, foram, inclusive, médicos da minha família. O Major Fischer era muito benquisto nos altos escalões do Exército, haja vista que foi escolhido para dirigir o grupo de saúde da FEB no hospital americano e, no seu retorno ao Brasil, chefiou o Serviço de Saúde da 3ª Região Militar, foi Diretor do HGPA (Hospital Geral de Porto Alegre) e Comandante do Batalhão de Saúde.

Lá no hospital ele fez uma carta ao Comando do V Exército ou do IV Corpo, não lembro bem, elogiando muito a direção americana do hospital. Resultou que o diretor e outros militares americanos e, inclusive ele, nosso diretor, foram distinguidos com uma condecoração pelos relevantes serviços prestados ao Exército Americano. Então o diretor do hospital americano solicitou que esta mesma condecoração fosse estendida a todos os militares da seção brasileira. Nós todos recebemos a *Meritorious Service Unit Plaque*. É uma "medalha" muito parecida com o distintivo do Curso da ECEME (Escola de Comando e Estado Maior do Exército). Eu até brincava com os oficiais aqui da Região que tinham curso de Estado-Maior dizendo que a minha medalha valia mais porque era bordada a ouro, enquanto que o distintivo da ECEME era bordado com linha.

Então fomos distinguidos por esse motivo. Resultado de um elogio do nosso diretor brasileiro à direção americana do hospital. E o diretor americano ainda foi homenageado com uma placa de bronze com a condecoração incrustada. Então, como eu disse, o Diretor do Hospital, por ter sido distinguido com essas honrarias e, em reconhecimento ao trabalho da nossa equipe, solicitou e o Exército Americano estendeu a condecoração para todos os brasileiros que prestaram serviço no hospital. Só os do *7º Station Hospital*. Todos os que serviram no Sétimo tiveram direito a essa condecoração. Entre aqueles que ainda estão vivos lembro da enfermeira Elsa Cansanção, com certeza ela tem.

Quero ainda fazer um último comentário sobre o tratamento que a direção americana do *7º Station Hospital* dispensou à equipe brasileira. Além do que já contei, destaco um jantar que o diretor nos ofereceu. O primeiro jantar fino que participei. Muitos pratos, todas as mesas decoradas com velas, uma série de talheres, música, discurso e banda. Uma festa como se estivéssemos em um grande clube.

Eram muito atenciosos. O americano dava muito atenção a estes detalhes, já o brasileiro não era muito ligado. Hoje deve ter gente que se arrepende de, à época, não ter dado um apoio maior à Força Expedicionária.

Houve um certo receio, até uma certa inveja, achavam que nós não merecíamos.

Até a concessão de medalhas causou constrangimentos e ciumeiras.

"O pessoal da FEB é igual aos outros, não há por que distingui-los", dizia o Major Fischer, lá na Saúde. E prosseguia: "Me deram a medalha de guerra e agora distribuem para todo o mundo, como se fosse milho para galinha; não tem mais nenhum valor". Ele dizia isso. Em particular, é claro.

Assim, acredito ter rememorado minha vida de febiano, em um relato amadurecido pelo tempo mas ainda pleno das emoções e impressões características daquele período. Agradeço a oportunidade que me foi concedida.

Tenente José Conrado de Souza*

Nasceu em fevereiro de 1921, em Santo Augusto, então distrito de Palmeira das Missões (RS). Sentou praça no 4º RCI, Santo Ângelo. Serviu na 3ª RM e, após cursar a Escola de Motomecanização, no 2º RMM e 1º Esq Rec Mec (Esq Ten Amaro). Foi designado para a FEB como 3º Sargento, motorista do Depósito de Recompletamento de Pessoal. Na missão de levar e trazer pessoal e material conheceu todas as frentes de combate em que a tropa brasileira esteve empenhada. Foi desmobilizado ainda na Itália. No retorno para o Brasil participou do desfile do Grupamento da FEB em Lisboa, no dia 3 de setembro de 1945, evento que lembra com emoção. Chegando ao Brasil, enfrentou com êxito a vida civil. Trabalhou em companhias de petróleo, seguradoras e construtoras. Aposentou-se em 1981.

Na guerra um estilhaço de granada atingiu um de seus olhos e, sete anos depois, o entrevistado perdeu parcialmente a visão. Somente 33 anos mais tarde, com o apoio do General Andrada Serpa, conseguiu a sua reforma como Tenente. Há 22 anos, exerce a direção da Seção Regional da Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária do Brasil.

José Conrado de Souza em toda a sua vida desenvolveu intensa atividade comunitária: Associação dos Veteranos da FEB, Lions, centros tradicionalistas, museu da FEB e outras entidades. É autor do livro *O Pracinha Conrado* e de vários artigos publicados em revistas e jornais. Possui várias condecorações, civis e das Forças Armadas, inclusive a Medalha de Campanha e a Ordem do Mérito Militar no grau de oficial. É titular da cadeira 4 da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

---

* Motorista do Depósito de Pessoal, entrevistado em 27 de abril de 2000.

De Santo Augusto a Staffoli

Inicialmente, quero dizer da minha imensa satisfação por esta oportunidade de falar sobre o que eu penso e aquilo que eu vivi, durante a Segunda Guerra Mundial na Itália. Eu sou o décimo terceiro, de uma família de 14 filhos. Meu pai era um pequeno fazendeiro em Santo Augusto, no Rio Grande do Sul. Aos sete anos vim para Porto Alegre para estudar. Aos nove anos morreu meu pai e minha existência enveredou por um caminho alheio à minha vontade. Mas, ainda assim, consegui fazer da vida algo decente e, acima de tudo, útil. Segui meu destino enfrentando os contratempos que surgiam em meu caminho. Com nove anos eu fui trabalhar; fiz de tudo. Com 16 anos me apresentei ao Exército, nós não tínhamos mais condições de sobrevivência. A comunidade do interior é muito pobre. Minha mãe era uma pessoa modesta, criada em fazenda, e não tinha condições de dar aos filhos a educação que precisavam. Percebi, então, que a única maneira de melhorar a vida era ir para o Exército, onde eram aceitas todas as criaturas, todos os cidadãos que tinham algum objetivo de vida.

Em 1937, me apresentei no 4º Regimento de Cavalaria, em Santo Ângelo. Fui incorporado em 1938, aos 17 anos. Fiquei algum tempo no 4º RCI, fui promovido a cabo de maneira honrosa para mim: possivelmente eu tenha sido o único, até então, a concluir o Curso de Cabo com nota dez. O Comandante mandou me chamar porque queria me conhecer. Mais tarde vim para Porto Alegre e aqui fiquei no Serviço de Fundos durante dois anos. Voltei para Santo Ângelo, fui promovido a 3º sargento e segui para a Escola de Motomecanização no Rio de Janeiro, já com vistas à preparação para a guerra. Fui da segunda turma da Escola de Motomecanização, à época, localizada onde é agora a Escola de Material Bélico, em Deodoro. Dali saímos para constituir o 2º Regimento de Motomecanização. Lá fui designado para o 2º Esquadrão de Reconhecimento, que hoje é o Esquadrão Tenente Amaro. Integrei esta Unidade por algum tempo. Um dia, por estar afônico e com problema de sinusite, fui baixado ao hospital, que me segurou lá. Acabei entrando em choque com o Comandante do Esquadrão. Fui então transferido para o Setor de Transporte do Depósito de Recompletamento de Pessoal da FEB, ainda no Brasil. Em novembro de 1944, embarcamos para a Itália, no navio transporte *General Meighs*.

Desembarcamos em Nápoles e fizemos o trajeto até Livorno pelo Mar Tirreno, em barcaças. Devido ao tempo ruim e ao mar perigoso, as 36 horas do percurso foram, realmente, uma guerra à parte. Seguimos para a San Rossore nas imediações de Pisa e, no dia 24 de dezembro de 1944, nos transferimos para o acampamento do Depósito de Recompletamento de Pessoal, em Staffoli. Ali eu fiz toda a guerra. Como

já era 2º sargento e motorista, fui para o setor de transporte. Comandava a Seção de Transporte o Capitão Fernando Pedra Padron e depois o Tenente Kardec Leme, que logo em seguida foi também promovido a Capitão. Essas pessoas deixaram uma recordação muito marcante na minha vida militar. Tanto o Padron quanto o Kardec foram meus amigos pessoais, homens que me deram bons conselhos e que me apoiaram em tudo aquilo que eu — um garoto, naquela ocasião tinha 22 anos — precisava. Souberam me amparar.

Fiz a guerra visitando praticamente todas as unidades da FEB. Levava e trazia munição, armamento, pessoal. Volta e meia eu estava na linha de frente revendo alguns amigos, ex-companheiros da Escola de Motomecanização, outros que tinham servido comigo em Santo Ângelo e até recrutas, também de Santo Ângelo, que tinham ido para a guerra no último escalão.

O Pós-Guerra

Acabada a guerra, fiz uma análise da minha vida e resolvi que deveria sair do Exército. Eu enfrentei a guerra de uma maneira que não esperava. Desejava ter feito a guerra no Esquadrão de Reconhecimento e acabei empenhado no transporte. Mas isso foi muito bom porque me deu uma visão global daquilo que estava ocorrendo e permitiu conviver com Unidades e com pessoas, tanto na linha de frente como na retaguarda, inclusive com as Unidades dos americanos que faziam apoio logístico.

Regressando ao Brasil voltei para Porto Alegre. Quis estudar Direito mas fui muito incompreendido por um professor de francês, uma língua que eu manejava até com certa facilidade. Ele acabou me dando nota inferior àquela que eu precisava para passar de ano. Então eu desisti, voltei para o Rio de Janeiro e ingressei na Shell Brasileira de Petróleo, como Superintendente de Abastecimento de Aviação. Na Shell fiquei 13 anos. Ao final deste tempo eu me transferi para a Castrol do Brasil, em São Paulo. Tive antes uma passagem de dois anos pelo Rio Grande do Sul, ainda, evidentemente, mexendo com petróleo. Construí e explorei um posto de gasolina no Piquiri, próximo de Cachoeira do Sul. Na Castrol eu fiquei dez anos, transferido para Belo Horizonte, criei a filial na capital mineira onde, por oito anos, permaneci como gerente. Depois fui para uma companhia de terraplenagem e em 1980 me aposentei. Construímos 350 quilômetros de estradas aqui no Rio Grande do Sul. Dois anos antes, o Gen Yeddo Blauth, um dos heróis de Monte Castelo, que era o Presidente da Associação dos Veteranos da FEB, convidou-me para ajudá-lo na direção da entidade. Resolvi dar a ele uma cobertura. Primeiro, fui ser seu secretário particular. Depois fui secretário eleito da Associação. Fiquei três anos no

cargo. Em 1979 fui eleito Presidente da entidade, onde estou até hoje e ainda com dois anos de mandato pela frente.

Queixas e Ressentimentos

A Associação reuniu muitos febianos que estavam em grandes dificuldades. Nós temos mágoas pelo tratamento que a FEB recebeu no pós-guerra. Muitas mágoas... Isso não quer dizer que não continuemos amando o Exército e acreditando nele. Quando me perguntam qual é o meu partido político, eu sempre respondo: "Meu partido político é o verde-oliva." Porque eu não me lembro de o Exército ter me ensinado um caminho que não fosse o da compreensão, do entendimento, da camaradagem, da disciplina e da organização. Eu pautei a minha vida toda dentro desses princípios, ensinamentos que eu obedeço desde os 17 anos de idade. As primeiras lições que me deram sobre a vida militar não esqueci jamais. E continuo seguindo minha vida por esse caminho. Eu acho que estou certo. E olha que não fui ser político — tive oportunidade de sê-lo — porque abracei outra profissão para a qual o destino me jogou, no caso, gerência empresarial. Resolvi, então, politicamente, a me pautar dentro daqueles princípios ensinados pelo Exército. Não importa quem seja o Ministro do Exército, o Comandante da Unidade, nada disso. Aprendi a ser disciplinado dentro do Exército e continuei o sendo a minha vida toda. E assim eduquei a minha família. Graças a Deus eu tenho uma família muito bonita e muito bem formada. Pois bem! Esse pessoal que se juntou à Associação tinha dificuldades até de sobrevivência. Em relação a FEB havia muita incompreensão, desentendimento e até uma certa maldade em vários setores. Nós não conseguíamos vencer a burocracia e a má vontade de alguns para auxiliar aqueles veteranos da Força Expedicionária Brasileira, que, efetivamente, participaram da guerra e que não tinham condições de manter um padrão de vida correspondente àquele imaginado e esperado para quando voltassem ao Brasil. Essa expectativa de ajuda era baseada nas declarações do então Chefe da Nação, Getúlio Vargas, quando ele visitou um navio do primeiro escalão que partia para a Itália. No *General Meighs*, ele disse que nós fôssemos para a guerra e não tivéssemos receio do futuro. O País estaria atento para garantir, assim que nós retornássemos, o amparo do governo a todos os que participaram da guerra.

Isso tudo foi esquecido. Com a deposição do Getúlio uma série de fatos aconteceram. Os políticos que tomaram conta do Brasil pensavam de maneira diferente; o problema da FEB fugiu, é minha impressão, do controle até do próprio Exército. E nós tivemos uma gama imensa de acontecimentos desagradáveis, entre os quais eu cito a desmobilização da FEB. Particularmente, acho que foi um erro

terem acabado com a Força Expedicionária Brasileira do jeito como fizeram. Quando nós chegamos, já havia ordem até para que não se usasse o uniforme da FEB. No Brasil, não se podia mais usar, na rua, aquele uniforme que havíamos honrado na guerra. Eu pedi baixa em 1945 em Francolise, na Itália, porque cheguei à conclusão de que não gostaria de começar tudo outra vez. Não queria repetir instruções, as mesmas instruções pelas quais já havia passado anteriormente. Então resolvi sair.

Pois bem! Com a desmobilização da FEB, houve gente que esqueceu de nós. Esqueceram também que havia à disposição do País uma Força Expedicionária Brasileira, um contingente disciplinado e capaz. Homens que foram treinados psicológica, física e tecnicamente para a guerra. Utilizaram esses recursos humanos durante a guerra e depois os jogaram fora. Como na abolição da escravatura. *Até logo, muito obrigado!* Aliás, nem muito obrigado nos deram. Eu, por exemplo, guardo uma certa mágoa da entrega da minha Medalha de Campanha, que recebi no quartel da antiga Escola de Cadetes Realengo. Eu lembro que um dia eles tocaram o rancho, nos colocaram em fila, coluna por um. Nós passávamos por uma mesinha colocada no meio do pátio onde havia uma caixinha e cada um pegava — não nos foi entregue a Medalha —, cada um pegava a sua. Um sargento, um pouco mais adiante, nos entregava o diploma. Dava-se o nome, ele já estava com todos os diplomas prontos, só nos passava às mãos. Assim eu recebi a minha Medalha de Campanha. Eu sempre assisti o pessoal receber suas condecorações, com uma certa pompa e em formaturas. Aquela desconsideração com os febianos permanecerá gravada em minha lembrança para o resto da vida.

Eu não sei, em verdade, a razão desse descaso. Li o livro do Marechal Mascarenhas de Moraes *A FEB pelo seu Comandante* e *A verdade sobre a FEB*, do General Lima Brayner e comparei as opiniões. Um é absolutamente técnico — caso do Mascarenhas de Moraes — e o outro, Lima Brayner, deixa transparecer mágoas pelo tratamento que recebeu, ignoro o motivo, durante algum tempo. Explicação mesmo sobre a marginalização da FEB nunca li.

Nosso pessoal, em aqui chegando, se juntou em associações. Foram para suas casas e não mais se adaptaram aos seus afazeres. Alguns foram para a roça e não eram mais homens de enxada. Também não eram mais homens de guerra. Não foram feitas desmobilizações psicológicas nem técnica para que esses homens retornassem à vida normal que haviam interrompido antes de serem convocados para a guerra. E éramos muitos na Itália: 25.334 homens e mulheres. Morreram mais de seiscentos e muitos ficaram mutilados. Então digamos que em torno de 22 mil homens aptos retornaram ao Brasil. E o que fizeram? Em vez de preservarem o grupo, formado por uma tropa disciplinada, uma tropa que foi capaz de realizar uma guerra, dissolveram-no. Em 1944, quando seguimos para a Itália, fomos para ser derrotados e

morrer; mas voltamos vivos e vitoriosos e isso era algo absolutamente inesperado no Brasil. Os que eram responsáveis pela direção política, pela direção administrativa, enfim, pelo comando da Nação, não se interessaram pela FEB. Não se interessaram pelo conhecimento, pela experiência, pela vivência daqueles homens que não morreram na Itália e trouxeram algo muito importante para o Brasil, que foi exatamente a vitória. Estávamos vivos e éramos absolutamente vitoriosos. Talvez por isso, durante longos anos, nós sofremos discriminação.

Só começamos a ter um certo alento, alguma coisa capaz de nos dar um pouco de esperança, quando aqueles tenentes, aqueles capitães de nossa época na Itália, que tinham convivido conosco, sofrido as mesmas dificuldades, tinham desatolado os mesmos caminhões, como se fossem um soldado qualquer, ascenderam a posições mais elevadas dentro do Exército, inclusive o generalato. A partir de então o valor da FEB começou a ter uma pequena dose de compreensão. Tem outra coisa também: aqueles jornalistas, a mídia de um modo geral, que era da Quinta-coluna, que era simpática ao eixo, aos alemães, ao nazi-fascismo, distorceu muito, mas muito mesmo, os fatos que aconteceram. Como até hoje acontece. Nós temos aí uma meia dúzia de jornalistas com o pensamento arraigado de que a FEB foi para a Itália para se divertir, foi para lá como se fosse uma excursão. Ora, ninguém vai fazer excursão com 25.334 homens e perde, em combate, 565. Ninguém faz uma coisa dessas. Houve também 2.722 feridos e mutilados de guerra. Uma excursão se faz para desfrutar de um certo conforto, alegria; para rever ou conhecer alguma coisa. Não foi isso que aconteceu. Nós fomos em condições absolutamente inadequadas. O nosso uniforme não era apropriado às condições de clima que enfrentamos lá. Suportamos temperaturas acima de 40º C e abaixo de 18º C negativos. A principal coisa que percebo e sinto depois de cinqüenta e poucos anos do fim da guerra, é que aqueles oficiais, com toda aquela disciplina e experiência adquirida na FEB, deveriam ter assumido o comando de Unidades quando voltaram para o Brasil.

Há uma impressão, e a boca pequena se comenta, que não interessava a FEB preservada, porque era uma organização diferente da existente no Brasil. Até a Segunda Guerra Mundial nosso Exército adotava a doutrina francesa, considerada ultrapassada. A Força Expedicionária Brasileira foi organizada em moldes modernos e regressou vitoriosa e veterana de uma guerra moderna, baseada no modelo dos americanos. Esses oficiais quando chegaram aqui tinham muita experiência de comando e foram transferidos para Unidades distantes, fora do Rio de Janeiro. Alguns ficaram na tropa, mas foram poucos. Aqueles que eram mais versáteis foram escolhidos para missões no exterior. Então, a FEB foi total e completamente pulverizada e isso, na minha opinião, foi um grande erro.

Até hoje, nos ressentimos da falta de apoio, do esquecimento daquela promessa feita pelo Getúlio de que os nossos familiares, e nós mesmos, seríamos amparados. Esse amparo veio em doses homeopáticas ao longo desses 55 anos. Eu lembro de um fato: quem não tivesse casa própria, poderia se inscrever no Exército para adquiri-la. Muitos se inscreveram e receberam essas casas. Eu sou testemunha e participei das solenidades de entrega das escrituras dos imóveis. Mas quem eram essas pessoas? Eram exatamente aquelas mais ligadas aos que dirigiam política e militarmente o País. Foram os que tiveram acesso fácil à casa própria. Eu vi um médico daqui de Porto Alegre, me parece que foi coronel, ou tenente-coronel na guerra, pessoa já abastada, que recebeu uma dessas casas. Fui chamado para assistir à assinatura solene da escritura, mas me recusei a fazê-lo. Sabia que tínhamos elementos mais carentes necessitando, principalmente, e acima de tudo, de assistência médica e emprego. Muitos morreram praticamente de fome. Se não fosse meia dúzia de abnegados, entre os quais destaco o Yeddo Blauth, que tinha alguma ligação tanto no Exército quanto no mundo civil, não fossem eles, recorrendo, principalmente à Justiça do Trabalho e através dela conseguindo as aposentadorias, muitos outros febianos teriam morrido na mais absoluta miséria.

Vou contar um fato que ocorreu há muitos anos em Bauru, São Paulo, e do qual tenho conhecimento. Tinha um cidadão lá que era a chacota da cidade. Bêbado e sempre dormindo sob marquises, nos vãos das casas, nas soleiras das portas, todo mundo zombava dele. Um dia ele apareceu morto num terreno baldio. Aí, o que aconteceu? Foram examinar objetos e documentos dele e encontraram a Cruz de Combate de 1ª Classe, a Medalha de Sangue e a Medalha de Campanha da Itália. Era um veterano e herói de guerra. Hoje, eu já com os meus oitenta anos, fico pensando no caso e me emociono profundamente. Esse homem deu tudo de si para que nós fôssemos uma nação livre e soberana. Soberania era uma coisa que se falava muito na época. Eu sou de uma geração guerreira, que assistiu, desde o nascimento, a revolução de 1923, 1924, 1930, 1932; a intentona comunista de 1935; aquela escaramuça do integralismo de 1937, e a guerra na Itália. Depois da guerra pensávamos que o mundo criaria vergonha e adotaria a paz como o seu grande lema. E pensávamos, também, que aqueles que lutaram e até seu sangue derramaram pela democracia seriam mais respeitados.

Preparação para a Guerra

Com sete anos eu me afastei de minha mãe e de meu pai. É uma das coisas que até hoje eu sinto. Minha mãe morreu com 92 anos e nunca me conformei por ter

saído do seu colo, aos sete anos de idade. Desde então passei a morar sempre com estranhos. Quer dizer, a minha família foi algo distante para mim. Eu mesmo me determinei que deveria ir para o Exército. Queria estudar para ser alguém, dispor de outros caminhos, outras perspectivas de vida. Eu morei em Porto Alegre, tinha uma boa visão da cidade, mas ainda carregava aquele complexo do jovem do interior. Ao ingressar no Exército, achei que ali seria a minha redenção. Fui escolhido para cursar a Escola de Motomecanização por ser o sargento mais moderno na Unidade. Não tinha uma idéia muito precisa sobre a guerra, porque o pessoal do interior era mal informado. Comecei a ter um conhecimento maior, exatamente no Rio de Janeiro, na Escola de Motomecanização. Depois de cursar a Escola, participei da criação do 2º Regimento Motomecanizado e depois do 1º Esquadrão de Reconhecimento. Só então iniciei minha preparação para a guerra.

Eu sempre fui uma pessoa muito independente, absolutamente independente. Fui mais um autodidata do que um bom aluno. Estudei em algumas escolas mas, de um modo geral, sempre fui um autodidata. Quando o 1º Esquadrão do Regimento foi escolhido para a guerra, eu era 2º sargento. Vários oficiais e sargentos se apresentaram voluntários para a guerra e eu estava entre eles. Como disse anteriormente, sou de uma geração de guerreiros. Praticamente convivemos pessoalmente com as confrontações armadas desde meninos. Quem morou no Rio Grande do Sul, assistiu a constantes revoluções e choques armados. Eu comecei vivenciando isso desde muito pequeno. Em Cruz Alta, onde morei, assisti na Revolução de 1932 a passagem dos soldados para o Norte.

Na preparação para a guerra, fiz exames na Policlínica Militar do Rio de Janeiro. Lembro que passei por uma bateria de 16 médicos e fui considerado Classe “E”. Quer dizer, especial para a guerra. A turma brincava que era especial para bucha de canhão. Pois bem, não sei como a minha família ficou sabendo que eu estava me preparando para a guerra. Sei que em uma determinada altura da preparação, uma das minhas irmãs — a mais moça, que ainda é viva, somos só dois vivos, dos 14 irmãos — foi ao Rio de Janeiro com o objetivo de me tirar da FEB. Ela tentou de várias maneiras evitar que eu embarcasse, mas eu a driblei e acabei indo. Eu estava com o firme propósito de participar da guerra. Embora com pouca idade, tinha vinte e poucos anos, acreditava que o Brasil precisava mudar. Tinha aquela idéia de que era necessário para o Brasil um novo caminho, um novo rumo. A minha brasilidade é inata.

Só um parêntese: quando, anos depois que eu voltei da guerra, em 1952, era Superintendente de Abastecimento de Aviação, no Rio de Janeiro, um coronel norte-americano me convidou para trabalhar com ele: “Entra aí que eu lhe levo para os

Estados Unidos. Ofereço-lhe o que quiser: *Green Card*, um bom emprego e um bom salário. Você já fala um pouco de inglês e eu preciso de pessoas como você para trabalhar comigo." Eu recusei: "Não! Eu nasci no Brasil e vou morrer no Brasil. E no Rio Grande do Sul, ainda por cima. Eu acredito nesse país. Se Deus me botou aqui é porque aqui eu devo dar aquilo que tenho de bom, e até de mau, para poder levar esse país àquele nível que sempre sonhei para ele."

Realmente, não sei como é que a minha família soube e como ela recebeu a minha ida para a guerra. A minha irmã não conseguiu me tirar da FEB. Eu dei um jeito e segui para a Itália. Só que eu deveria ir no primeiro escalão, no 1º Esquadrão de Reconhecimento, e acabei indo no quarto escalão. Houve realmente uma série de problemas que não me deixaram ir antes. Problemas de saúde. Eu tive uma sinusite muito forte e fui levado para o Hospital Militar e ali eles me seguraram. Eu sempre fui muito despachado, muito brincalhão, e o pessoal gostava muito de mim. Então eu fiquei por lá, trabalhando. Até aperfeiçoei o meu inglês. Permaneci aproximadamente dois meses no hospital.

O nosso preparo no Brasil foi, basicamente, treinamento físico. Muito pouco de preparação psicológica. Naquele tempo não havia psicólogo no Exército. Aproveitavam alguns oficiais que tinham conhecimento do assunto e, então, eles nos orientavam. Lembro que quando eu estava no Esquadrão ficamos um mês fazendo treinamento na Pedra de Guaratiba. Ali, a única coisa que nós fazíamos era treinamento físico. Entrávamos em forma, corríamos, nadávamos, treinávamos defesa pessoal, voltávamos para o acampamento, comíamos e dormíamos. Assim era a nossa vida.

Depois, o Esquadrão saiu e foi para o Morro do Capistrano e nos instalamos num galpão enorme com beliches, sanitários etc. Ficamos muito mal acomodados. A instrução era igual à do quartel. Para mim, especificamente, muito pouco foi ensinado. Eu sei que alguns tiveram instrução mais adequada, mas eu não. Eu era sargento e achavam que, por ter cursado a Escola de Motomecanização, já conhecia o armamento que iríamos usar na guerra. Armamento que acabei não usando porque eu fui para o setor transporte. O que sabíamos transmitíamos aos soldados em nossas instruções. Havia um ou dois sargentos americanos que nos ajudavam. Mas só aqueles que possuíam algum conhecimento de inglês é que tinham capacidade para entender. Eu lembro, por exemplo, da palavra *click*. Nós sabíamos que para regular a alça de mira da arma dava-se dois, três ou quatro *clicks*. Mas não sabíamos o que era *click*. O americano foi quem nos ensinou isso. Ali nós ficávamos cuidando das viaturas e ministrando instrução. Eu tenho lembrança ainda de que nós passávamos, uns para os outros, a animação de ir para a guerra. É da minha geração. Como já disse, uma geração de machismo, uma geração que, necessariamente, teria que fazer a guerra.

Posso dizer que me preparei para a guerra, de um modo geral, e quase que veladamente, na Escola de Motomecanização. Depois fomos para o 2º Regimento de Motomecanização, e eu fui designado para o Esquadrão de Reconhecimento, o 2º Esquadrão. Ele foi escolhido para ser o Esquadrão de Reconhecimento da FEB, e, então, nós tivemos um treinamento mais específico, tanto psicológico quanto físico.

Eu não tive preparação especial para a guerra, porque fui direto para a área de transporte. As minhas tarefas eu conhecia, já as praticara muitas vezes, ainda em tempo de paz no Brasil. Para mim foi uma espécie de continuação: nós recebemos viaturas e passamos a cuidar do transporte do pessoal, de mantimentos, do armamento e munição para a linha de frente, e de lá para a retaguarda. Todo aquele serviço de transporte que um Depósito de Recompletamento necessitava. Agora, a maioria dos companheiros foi para os campos de treinamento e ali ficaram alguns, até o fim da guerra. No fim acabavam detestando aquela situação de instruendo e preferiam ir para a linha de frente a continuar fazendo aqueles massacrantes exercícios diários. Eram exercícios reais de combate, perigosos e exaustivos.

O transporte é muito sacrificado, não tem hora, não tem dia, não tem tempo, não tem nada. Eu, por exemplo, lembro que vivia na boléia de uma viatura para baixo, para cima e para a linha de frente, levando e trazendo gente, munição, armamento etc.

A Seção de Transporte, orgânica da Companhia de Comando do Depósito de Recompletamento, era praticamente uma Companhia de Transporte. O Capitão de Artilharia Fernando Pedra Padron a comandava. Ali nós tínhamos um grupo bastante grande de motoristas, tantos motoristas quantos necessários para dirigir todas as viaturas da Unidade. Fazíamos de tudo: transporte de pessoal, abastecimento de gêneros e de água nas cozinhas etc. Uma vez por semana íamos a Livorno, ao Depósito de Intendência, buscar alimento brasileiro: feijão, arroz, charque. Buscávamos também nos depósitos americanos todos aqueles ingredientes para a alimentação do pessoal. Essa Seção de Transporte tinha quase que autonomia para realizar estes encargos. O Capitão recebia suas ordens, suas missões e as distribuía entre o pessoal da Seção: soldados, sargentos e tenentes que trabalhavam conosco.

A Viagem para a Itália

Nós saímos à noite, de trem, do acantonamento. As Unidades costumavam fazer simulação de embarque voltando do porto, mas nós subimos diretamente para o navio. No meu escalão éramos mais ou menos cinco mil homens. Embarcamos diretamente no *General Meighs*. Começamos o embarque, me parece que no dia 21

de novembro de 1944. Nós ficamos dois dias no porto dentro do navio. O meu compartimento era o 401-L, ficava abaixo do nível da água. Estávamos instalados em beliches com quatro camas, em compartimentos quase que hermeticamente fechados. Era um calor insuportável. Recebemos um salva-vidas que apelidamos de Mae West, uma artista de cinema com seios fartos. O próprio americano adotou para o salva-vidas o nome de Mae West. Ficamos o tempo todo sem tirar aquilo para coisa alguma. O nosso lazer era jogar carta, dama, xadrez e contar histórias. Alguns levaram violão e tocavam música. Eu naquela época era metido a ser cantor de tango. Cantava bem e apresentava meus tangos. Era um garoto, da época de Gardel. Tocava alvorada, levantávamos e ficávamos à disposição do rancho. Éramos cinco mil homens. Quando o último tomava café, entrava o primeiro para o almoço. Nós tínhamos apenas duas refeições por dia. Só quem tinha três refeições era o pessoal do serviço, aqueles que limpavam os alojamentos, estavam de guarda etc. Esses faziam três refeições. Nós tínhamos um tíquete no pescoço e toda a vez que passávamos na catraca eles marcavam o tíquete com o número de refeições que fazíamos. Marcavam para que alguém não voltasse. Eu tenho esse tíquete até hoje.

Eu não enjoei, fui um dos poucos que não enjoou. No segundo ou terceiro dia, fiquei ligeiramente mareado. Fazíamos quase que diariamente um exercício de abandono de navio. Cada um sabia o seu bote no caso de torpedeamento. Fomos comboiados por navios brasileiros e americanos e também cobertos pela aviação. Primeiro, enquanto estivemos nas águas do Atlântico, perto do Brasil, fomos protegidos pela aviação, com base em Itapemirim. Depois que cruzamos para o lado da África, passamos a ser cobertos pelos aviões da Base Aérea de Dacar. Quando nos aproximamos de Gibraltar, foi uma cena muito bonita a nossa despedida da escolta. Ficamos todos no convés, e como naquele tempo não havia ainda a *Canção do Expedicionário*, tocaram *Deus Salve a América*, que todo mundo sabia cantar. Então, todos em forma, começamos a cantar. A frota toda que tinha nos comboiado até lá — eram dois caça-minas, um cruzador e mais um navio que não me lembro o tipo — desfilou na nossa frente. Foi realmente um momento bastante emocionante para nós.

Na passagem para o Hemisfério Norte houve aquela brincadeira de quem é que descobriria a linha do Equador. Quem primeiro visse a linha ganharia um prêmio. Aquelas brincadeiras que o americano gosta de fazer. Houve uma festa muito grande. Um marinheiro se vestiu de Netuno. Portava um tridente e tinha comitiva. Ele passou por todo o navio. Nós estávamos no convés. Subíamos durante algumas horas por dia para poder respirar um ar mais puro. À noite, ficávamos totalmente em blecaute, fechados nos alojamentos onde também não se podia fumar. Havia lutas de boxe; os brasileiros lutavam com os americanos. Eles tinham muito mais

experiência e gostavam do esporte. Os brasileiros chegavam com aqueles homens fortes do interior, mas sempre perdiam a luta. Tinha gente que ficava lendo, outros jogando, ou, se de dia, fumando. Alguns se deitavam no convés tomando o ar fresco do mar e olhando os botos que, vez por outra, nos acompanhavam. Lá pelas tantas, vinha ordem de desembarque. Corria todo mundo. Cada compartimento sabia a hora de saída. De um modo geral ficávamos muito tempo na escada. O meu compartimento era o último e quase nunca chegamos até o bote, mas sabíamos onde é que ele estava. Devido à quantidade de gente, nós do 401-L ficávamos sempre na escada. Em seguida o exercício terminava. Tinha que ser rápido, o treinamento não podia ser retardado. Dali a um pouquinho tocava alarme. Aí sim, tínhamos que sair correndo para os botes.

Tinha um marinheiro americano, chamava-se Souza, que eles chamavam de Suza. A turma aprendeu o nome dele em inglês e volta e meia cobrava dele: “Suza, tá na hora de dar mais uma refeição.” Havia muito dessas brincadeiras. O pessoal passava o tempo todo mais ou menos brincando, ou se distraindo com outras coisas. Quando a gente sentia que alguém estava cabisbaixo, ensimesmado, procurava animá-lo: contava-lhe uma história, ou ajudava-o a escrever uma carta.

Quando chegamos na Itália, subi ao convés e, pela primeira vez, eu vi o Vesúvio. Estava bem na nossa frente. Era um dia muito bonito e bem cedo ainda. Durante o dia nós desembarcamos e nos transferimos para barcaças que nos levariam para o Norte, até o porto de Livorno. Eram duzentos homens em cada uma. Foram 36 horas de viagem. Como eu disse, o mar Tirreno estava muito encapelado e então todo mundo vomitou. Todo mundo, até o Capitão da Marinha comandante da barcaça, menos eu. Com a experiência do navio, fui para o beliche mais de cima. Ali não precisava de guarda-chuva para me proteger dos vômitos. Todo mundo, todo mundo mesmo, enjoou.

Havia exercícios de tiro e houve gente que viu um navio que não sabia se era inimigo. Os alemães ainda tinham aviação e atacaram o comboio. Em Livorno, quando desembarcamos, o porto estava todo entupido. Havia um canal apenas, para o navio atracar. Desembarcamos e entramos em caminhões articulados. Pela primeira vez eu vi um caminhão articulado. Dali fomos para San Rossore, perto de Pisa, local que era um campo de caça do Rei Vitor Manoel II. Ali estavam as nossas barracas. Nós entramos nas barraquinhas, iguais àquelas que temos aqui, para dois soldados; mas para dois homens de um metro e sessenta, um metro e cinqüenta. Eu tinha um metro e setenta e cinco.

O cobertor também era curto. Então, eu puxava a coberta em cima, faltava em baixo; puxava em baixo, faltava em cima. Essas dificuldades que passamos du-

rante aquela noite, eu nunca mais vou esquecer. Tem certas coisas que eu estou dizendo só agora, nesse momento, pela primeira vez, 56 anos depois. Por exemplo, eram quatro horas, começava a escurecer – escurece muito cedo na Itália, no inverno. Nós com aquele uniformezinho, 30% de lã, 30% só. Um cobertorzinho muito ralo, muito ruim mesmo. Um frio de matar, deveria ser cinco, seis graus centígrados, e começou a chover. Nós fomos para o rancho, era a primeira vez que comíamos comida quente depois do navio. Após o desembarque nós só usávamos a ração K. Passamos três dias comendo a ração. Aquilo era horrível. Houve quem comesse tudo de uma vez só, as três rações, e adoeceu. Então fomos para as barracas. Lembro que o meu "derrancho" era um segundo-sargento chamado Guimarães. Eu falei: "Guimarães vamos ter que nos encolher nessa barraca." E nos encolhemos lá dentro. Lá pelas tantas ele falou: "Conrado, a água está invadindo o meu lado." Eu pedi que ele agüentasse: "Fica quieto aí." Eu estava imóvel no meu lugar, tentando me aquecer. Lá pelas três horas da manhã não agüentamos mais. A água realmente invadiu a barraca. Nos levantamos e saímos à procura de outro lugar que nos abrigasse. Por sorte, encontramos uma barraca americana que estava vazia. Sabe por que estava vazia? Porque estava coberta de lama embaixo. Então nós botamos o cobertor sobre aquela lama e dormimos ali.

O banho era gelado, tomado na ducha PVA. Tinha uns que não tomavam banho de jeito nenhum. Era muito frio, realmente um frio de lascar. Depois saímos do acampamento para receber as nossas viaturas. Eu ajudei no recebimento e no transporte das viaturas para o acampamento. Nos deslocamos na noite de Natal e eu até escrevi um artigo *A minha primeira noite de Natal na Itália* ou *A minha noite de Natal em mil novecentos e quarenta e quatro*, assim que cheguei no Brasil. Então eu comecei a entrar em contato com as viaturas. Armamento, nós não pegamos nenhum. Eu não necessitei de treinamento porque o meu trabalho era transporte e isto eu já sabia. Nesses dias todos nós visitamos Pisa. Na Torre de Pisa vimos até um cidadão que ameaçava se jogar lá de cima. No dia 24 de dezembro nos transferimos para Staffoli, que era o local do acampamento. Ficava num bosque de pinho europeu. Eu peguei uma barraca para mim, exclusivamente. Uma daquelas barracas para dez praças, com estufa. Fiquei muito bem acomodado em Staffoli, o ponto final da viagem e minha base de operações até o final da guerra.

Desempenho do Soldado Brasileiro

Foi uma coisa impressionante. Nós, uma raça mesclada, uma miscigenação entre o índio, o branco e o negro, nos juntamos, 25 mil homens, para participar de

uma guerra. Cada um com seu temperamento, cada um com seu tipo de educação. As famílias de diferentes etnias, origens e níveis sociais. Fica-se até abismado de ver como o soldado brasileiro se comportou de maneira tão elogiável. Nosso pessoal realmente não tinha medo. Se pagávamos uma missão para qualquer um dos soldados, ele cumpria à risca. Eu não lembro e não tenho conhecimento de que alguém tenha se recusado a cumprir alguma ordem. Não me lembro disso. Todos sabem que o motorista, e mais na guerra, é uma raça que vou lhe contar. Não é fácil. Mas não tive dificuldade em controlar meus motoristas. Não sei se é porque eu tinha um pouco de habilidade no trato, ou coisa parecida, mas nunca tive o menor problema com relação à disciplina.

Houve uma ocasião, quando chegou o último escalão, que eu fui designado comandante de um comboio para buscar uma tropa que desembarcara em Nápoles. Me lembro que chefiava motoristas de vários lugares: tinha nortista, gente do centro-oeste, sulistas, e eu comandei esse pessoal. Nós ficamos um dia em Roma, e lembro que eu disse para eles: “Olha, eu faço uma proposta para vocês. Se prometerem se comportar direitinho, eu os deixo, na noite que dormirmos em Roma, darem uma saidinha para conhecer a cidade”. Isso aconteceu com a maior disciplina. Não houve nenhuma ocorrência, absolutamente nada.

Às vezes que fui à linha de frente, tive a oportunidade de ver o pessoal que estava avançando, que estava sob bombardeio, que estava sob a tensão dos possíveis contra-ataques do inimigo. Às vezes, quando eu subia a Monte Castelo e Gaggio Montano, na descida, via os soldados subindo o morro, à pé. Iam pela beira da estrada, em duas colunas. Olhava para seus rostos e a impressão que me davam é de que sabiam que caminhavam para algo muito ruim; iam todos profundamente compenetrados mas não se via nenhuma evidência de medo nos seus semblantes. Eu era ainda um garoto, mas capaz de avaliar a fisionomia daqueles soldados que iam para o combate. Estes episódios me marcaram profundamente.

Não é necessário ir muito longe para saber sobre a qualidade do nosso combatente. Basta que se leia o livro do General Mascarenhas de Moraes *A FEB pelo seu comandante*, e nele conferir os elogios feitos aos soldados brasileiros, para avaliarmos o bom desempenho do nosso pessoal na Itália. E em todos os escalões. Elogios, não apenas de seu comandante, mas, também, dos comandantes estrangeiros que estiveram conosco na guerra.

Ainda sobre o desempenho do nosso soldado na guerra, cabe falar sobre o relacionamento com os italianos. Sabemos que o brasileiro é um povo cordato, calmo, amigo, brincalhão e muito alegre. Mas o primeiro contato que tivemos com o povo italiano não foi uma experiência muito boa. Acredito que tudo por causa da

nossa farda. O nosso uniforme era o mais pobre de todos; verde-oliva, mais ou menos parecido com o uniforme alemão. No início eles nos confundiam muito com os prisioneiros alemães. Depois, à medida que fomos nos entrosando, conhecendo o espírito dos italianos e convivendo com eles, as coisas melhoraram muito. Às vezes nós estávamos na linha de frente, numa casa sendo bombardeada, e a família, que não queria deixar a residência, ficava lá embaixo, no porão, misturada aos soldados. Isso aí nos permitiu um entrosamento muito grande com a população. Se a gente for hoje aos Apeninos, Montese, Gaggio Montano, aquelas cidadezinhas nas quais lutamos durante muito tempo, nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro, vai sentir o carinho do povo italiano para com o soldado brasileiro. É uma coisa extraordinária. Eu já voltei algumas vezes àquelas paragens. Nos sentimos em casa. Eles não sabem o que fazer para nos agradar. Têm uma verdadeira paixão pelos brasileiros. Nós somos conhecidos, nos lugares por onde a Força Expedicionária passou, como os libertadores da Itália. Eles nos chamam de *"Brasiliano, il libertatore di Italia"*. É muito comum, na Itália, esse carinho e esse calor humano. Eles escreveram livros, estão organizando uma espécie de museu, em Montese, com um setor destinado exclusivamente à Força Expedicionária Brasileira. Numa excursão que fizemos a Montese, fomos homenageados pela Prefeitura de lá. Eu tenho a impressão de que o soldado brasileiro é mais querido naquela região dos Apeninos do que no próprio Brasil.

O Soldado Inimigo

Eu mantive alguns contatos com patrulhas que traziam prisioneiros e não eram só alemães de quarenta anos. Era muito mesclado. No fim da guerra eles não tinham mais soldados e então recrutavam aqueles meninos de 16 e 17 anos para a linha de frente. Como a Alemanha já não tinha mais Marinha, eles levavam os marinheiros para algumas frentes de combate. Eles eram misturados com os soldados. Certa ocasião, me entregaram quatro alemães prisioneiros, homens já em torno de quarenta anos. Um deles, que falava italiano, me disse que estava há seis anos na guerra e fazia mais de um ano que não via a família. Então, ele se sentia absolutamente feliz carregando água para nós. Até tirei uma fotografia dele com uns camburões de água. Tenho a foto dele. Ele me disse que estava esperando que acabasse a guerra porque já sabia que a Alemanha não resistiria por muito tempo. A guerra estava realmente para acabar. Havia combatentes na Itália que tinham estado na África, na frente russa, na frente francesa. Eram soldados realmente experientes e estavam muito bem instalados naquelas montanhas dos Apeninos: Monte

Castelo, Belvedere e outros. Enfrentamos soldados que tinham uma experiência muito grande, bem armados, bem treinados e disciplinados. Todo mundo reconhece o valor do soldado alemão. Hoje podemos dizer que o soldado brasileiro é melhor, porque ganhou a guerra. Realmente é verdade. Mas nós enfrentamos um soldado de primeira grandeza.

Regresso ao Brasil

Partimos de Staffoli e, se não me engano, o nosso comandante era o Capitão Raulino de Oliveira, que depois foi presidente ou alto funcionário da Siderúrgica Nacional, em Barra Mansa. Nós fomos os primeiros a chegar em Francolise, local de estacionamento de pessoal para embarque. Dali nós fazíamos todos os serviços de transporte. Eu era segundo-sargento e tinha um jipe a minha disposição. Ficamos ali durante dois meses, aproximadamente, até termos ordem de embarque. Íamos muito a Nápoles buscar mantimentos, ou a Roma levar pessoal. No dia que acabou a guerra foi uma alegria geral porque isto era a nossa glória. O soldado da FEB tinha ido lá para morrer, e não morreu. Todo mundo dizia isso. O vaticínio aqui no Brasil era de que teríamos embarcado para morrermos todos. Perdemos 460 companheiros. É uma perda que lamentamos profundamente, mas são as conseqüências da guerra. O dia em que recebemos a notícia de que iríamos para Francolise, porque a guerra tinha acabado, não foi oito de maio; foi no dia dois de maio. No dia oito de maio acabou a guerra na Alemanha, quando ela se rendeu definitivamente. Na Itália, a guerra já tinha começado a terminar no dia 29 de abril de 1945.

Em Francolise, onde nós acampamos, além de muito quente, havia muita poeira. Ficamos em barracas para dez homens, que já encontramos armadas. Havia um poço artesiano nas proximidades onde nós tomávamos dois, três, quatro banhos por dia. O verão na Itália é um verão diferente. As noites são muito curtas. Um exemplo: o cinema — todas as noites havia seção ao ar livre — começava quase à meia-noite por causa da claridade. Onze, onze e pouco da noite ainda tinha Sol; às quatro horas da manhã o Sol já começava a aparecer. Então dormíamos realmente pouco. Também por causa daquele calor e daquela poeira.

Ficamos aguardando o embarque, que seria em Nápoles, e um dia chegou a notícia de que a minha Companhia desfilaria em Lisboa. Embarcamos no navio *Duque de Caxias* que fazia a sua primeira viagem depois de ter sido comprado e reformado nos Estados Unidos. Levamos dois dias de viagem até Portugal. Chegamos a Lisboa pela manhã. Ficamos ancorados por algum tempo próximo da Praia do Estoril. Depois entramos no Rio Tejo e desembarcamos. Nos dois dias de Lisboa, passeamos

pela cidade e desfilamos na Avenida da Liberdade. Visitamos uma Feira Internacional em que os nossos soldados tinham ingresso livre. Aos oficiais e sargentos da FEB foi oferecido um jantar com sargentos e oficiais portugueses. Comandava o 3º escalão de regresso que passou por Lisboa o General, naquele tempo era Coronel, Mário Travassos. Ele foi promovido a General ainda na ativa. Quando desfilamos, a população todinha estava ao longo da Avenida da Liberdade e fomos muito aplaudidos. Os portugueses foram muito carinhosos conosco. Não sabiam o que fazer para nos agradar. Meu grupo teve um rapaz como cicerone. Era um estudante de medicina que nos mostrou toda a cidade. Foi incansável conosco — eu e mais uns dois ou três companheiros. Nós comentávamos muito o seguinte: vivíamos no Brasil uma ditadura, éramos uma tropa que tinha ido lutar contra uma ditadura e fomos desfilar num país comandado por um ditador. Eu discordava dizendo que não havíamos ido a Lisboa para prestigiar o governo português; fomos lá prestigiar o povo português. E fomos muito bem recebidos. Na época eles viviam sob um regime muito rígido e disciplinado. O Serviço Secreto do Salazar era muito eficiente. Havia, inclusive, racionamento na alimentação. Por exemplo: cada português tinha direito a comer só um pão por dia. Para nós essa restrição foi liberada. Chegávamos em um restaurante, qualquer restaurante, comíamos e bebíamos o que bem entendêssemos. Pagávamos, é claro. Foram dias muito agradáveis para nós, quer pela receptividade que tivemos, quer pela identidade da língua, embora as diferenças entre o português e o “brasileiro”. Mas nos entendíamos perfeitamente.

Depois que deixamos Lisboa nos encontramos com um navio que tinha saído da Itália — o *General Meighs*. Na altura de Fernando de Noronha, se juntaram outros navios ao comboio. Soubemos que estava programado para chegarmos juntos ao Rio de Janeiro e desfilarmos pelas Avenidas Rio Branco e Presidente Vargas. Os navios trocavam muitas mensagens por semáforo. A soldadesca toda permanecia no convés. Foram momentos de alegria, uma alegria imensa. Não tínhamos mais blecaute; estávamos livres das medidas de segurança. Ficávamos o tempo todo no convés do navio porque nos porões era muito quente. Permanecíamos ali para pegar a brisa do mar. À noite, alguns ficavam deitados, outros jogavam cartas, tocavam violão ou contavam anedotas.

Como eu tinha pedido minha baixa ainda na Itália, ficava imaginando como seria a minha vida depois que saísse do Exército. Eu só conhecia, praticamente, o Exército. Já estava há sete anos na vida militar, onde havia ingressado com 16 para 17 anos e, ao fim da guerra, já estava com vinte e poucos anos. Recordo de uma noite em que olhava para o céu contando as estrelas quando avistei o Cruzeiro do Sul. É uma lembrança que até hoje me emociona. Naquele instante senti que

estava em casa, que estava livre e voltando vitorioso de uma guerra. Foi um grande momento para mim.

Minha chegada teve uma recepção fria. Não havia ninguém no porto do Rio de Janeiro me esperando. Eu me lembro que quando desembarquei, a primeira coisa que eu pensei foi: vou beijar o solo do Brasil. E fiz isso, no cais do porto. Eu tinha o quê? Vinte e quatro anos ao chegar da guerra.

Um pouco do Pós-Guerra

Minha experiência no Exército foi uma das coisas mais importantes que tive na vida. Como eu já disse, o quartel foi a minha grande escola. Quando eu vim para o Rio Grande, depois que acabou a guerra e saí do Exército, fiquei muito contrariado porque ainda não tinha roupa civil e era proibido, por um decreto do Ministério da Guerra, andar com o uniforme da FEB. Vim para o Rio Grande de trem, fardado, desobedecendo aquela norma absurda. Inicialmente eu queria estudar Direito, mas não fui bem-sucedido. Problemas com um professor que era nazista. Voltei para o Rio de Janeiro à procura de emprego.

Eu sentia muita falta do Exército. Mais do que eu esperava. Acabei me casando com a filha de um oficial e, lamentavelmente, dois anos depois fiquei viúvo. Mantinha contato com o Exército porque meu sogro estava na ativa, era coronel. Depois ele foi promovido a general. Eu gostava muito da convivência com ele. Ele era 26 anos mais velho e nasceu no mesmo dia que eu. Interessante coincidência.

Quando eu cheguei no Rio de Janeiro procurei alguns amigos febianos. Um deles — o Diel Magalhães — tinha me ajudado muito no aprendizado do inglês. Era, na época, químico industrial, hoje engenheiro químico. Ocupava alto cargo na Shell. Eu sempre ia na casa dele jogar canastra e conversar. Íamos à praia juntos, éramos muito amigos. Um dia me perguntou se eu estava procurando emprego e respondi que sim. Mandou que eu fosse na Shell falar com um tal de Mr. Williams — o mais brasileiro dos ingleses que eu conheci na minha vida. Mr. Williams fez uma entrevista com várias perguntas sobre o que eu sabia e o que eu não sabia fazer. O fato de ter trabalhado em Motomecanização e em Transporte no Exército serviu muito para que eu ingressasse na Shell, como Superintendente do Abastecimento de Aviação. Eu já tinha experiência neste setor de abastecimento. Era da nossa missão na guerra abastecer viaturas, carros de combate e, eventualmente, aviões. Fui ser Superintendente do Abastecimento de Aviação na Shell, atuando em vários aeroportos: Santos Dumont, Galeão, Cumbica e Congonhas. Permaneci naquele serviço durante dois anos. Depois exerci outras funções dentro da empresa e acabei ficando 13 anos na Shell.

Falarei agora da nossa participação na guerra e seus reflexos. Considero uma importante vantagem político-militar termos sido a única tropa sul-americana que cruzou o Atlântico para ir combater o inimigo no seu próprio território. Acho, também, que poderíamos ter usufruído maiores benefícios com a nossa participação na guerra; cedemos território e bases áreas; fornecemos material estratégico aos americanos e não tiramos proveito nenhum disso. Haja vista o seguinte: no final da guerra nós prendemos a 148ª Divisão alemã; foram 14 mil homens, inclusive, dois generais, o alemão Fretter Pico e o italiano Mario Carloni. Capturamos, ainda, quatro mil cavalos de tração, 150 canhões e 1.500 viaturas. Todo esse material foi entregue aos norte-americanos. Nós não trouxemos absolutamente nada. Saímos do Brasil com uma das mãos adiante e outra atrás e assim voltamos: com as mãos vazias. O Brasil não tirou vantagem de sua participação na guerra. O Getúlio conseguiu uma ajuda para instalar a siderúrgica de Volta Redonda, mas foi a única coisa que temos notícia de que foi feita em decorrência da guerra.

Eu lembro que recebi, na Itália, ordem para entregar todo o material que pretendia trazer como recordação. Aqueles que conseguiram trazer alguma coisa o fizeram às escondidas. Parecia que a FEB era comandada do Brasil por um grupo que estava enciumado pelo nosso êxito, o que trouxe conseqüências desastrosas, principalmente para aqueles que foram desmobilizados logo após a guerra. Esses soldados não tinham qualificação alguma, e a grande maioria deles foi para a estiva. Eles só sabiam carregar peso ou, então, combater na guerra. Imaginemos um cidadão que saiu lá do interior do Rio Grande, de uma colônia daquelas onde trabalhava a terra manejando o cabo de uma enxada. Esse homem que viveu em sua comunidade até uma certa idade é convocado e vem para o Exército. É ensinado e treinado física e mentalmente para enfrentar a guerra. Foi para Itália e utilizou seu preparo para o combate. Na hora de sair ele é abruptamente mandado embora. Nem muito obrigado lhe disseram. Fico triste com o que aconteceu, mas não culpo o Exército. Para mim foram alguns mal informados ou, até poderia me expressar mais duramente, pessoas de mau caráter, que adotaram essas atitudes maldosas em relação à Força Expedicionária Brasileira que, no meu entender, deveria ter continuado a existir. O pracinha quando voltou para a terra dele já tinha conhecido outra língua, outro povo, outros sistemas de vida e não se adaptou mais às suas antigas condições de vida. Então passou a andar como um guerreiro errante pelo Brasil. Se mudava para lá e para cá. Só começou a se reorganizar como grupo nas Associações de Ex-Combatentes do Brasil, que trabalhavam muito no sentido de amparar o febiano. Hoje, graças a Deus, às Associações e ao próprio Exército, melhorou muito a situação do ex-combatente. Infelizmente muitos morreram no decorrer desses anos passados e não usufruíram deste apoio.

Eu lhe disse que sempre pautei a minha vida na experiência adquirida no Exército. Entre as coisas que aprendi na instrução militar, destaco as normas de comportamento e a lealdade. Experimentei as vicissitudes da guerra, tive oportunidade de visitar quase todas as Unidades da linha de frente e isso me proporcionou muitos ensinamentos na vida. Uma das coisas que me marcou muito foi uma frase que li na porta de entrada de uma Companhia de Intendência do Depósito da FEB, cujo comandante eu acho que era o Capitão Damião: "*Tudo que merece ser feito, merece ser bem-feito*." Esta foi a diretriz da minha vida. Esse lema exige do meu comportamento honestidade, trabalho e muita garra.

Outros Registros

Uma referência aos nossos inimigos internos. Falava-se muito sobre a Quinta-Coluna no Brasil. Ela fez muito mal ao País. Muito mal mesmo. Eu vinha de uma terra — Rio Grande do Sul — onde a colônia alemã era muito grande. Fui criado, até uma certa altura, por um cunhado que dizia ter estudado na Alemanha. Esse cunhado era nazista. Haja vista que ele tinha em casa, me lembro, uma caixa de champanha para comemorar o dia em que o *Reich* declarasse sua vitória na guerra. Naturalmente, depois ele baixou a bola. Lógico, ele estava quase para ser preso aqui em Porto Alegre. Fiquei sabendo, posteriormente, que aqui deram uma bandeirinha amarela com uma estrela azul para as pessoas colocarem na janela de suas casas, significando que daquela residência tinha saído um combatente. Eu era um elemento da casa que estava na guerra e meu cunhado usou a bandeirinha. Isso o salvou de muita coisa. A polícia andava muito em cima daquele pessoal.

Uma avaliação sobre o moral do nosso pessoal indica que ele era muito bom, muito elevado. Tinha um ou outro que andava cabisbaixo, mas a maioria não. Quando se juntam soldados de vinte e poucos anos, conscientes do que vão fazer, com sargentos e cabos que estavam inseridos no grupo, resulta num moral bastante elevado no grupo. Eu por exemplo, sincera e honestamente, não senti medo. Não é que queira me gabar ou contar vantagem. Na verdade, não senti medo nenhum. Eu fazia tudo com a maior naturalidade do mundo. Eu pensava assim: vou para guerra e na guerra pode acontecer de tudo. Tirei da cabeça aquela idéia de que eu poderia morrer na guerra.

Como a maior parte da FEB foi de pessoal do centro do País, é natural que o clima frio da Itália tenha sido motivo de muitas queixas. Eu sou gaúcho, daqui de Santo Augusto, acostumado com um clima mais ou menos temperado, mais para frio do que outra coisa. O pessoal do Sul não sentiu muito o frio. Nós só não

conhecíamos neve nas proporções que vimos na Itália. Chegamos a pegar 20° C abaixo de zero. Mas eu me dei bem, eu sempre me dei bem no frio. Agora, eu percebia que aquele pessoal do Norte e do Nordeste sentiam muito a dureza do clima. Eles saíram de temperaturas, às vezes, de até quarenta, quarenta e poucos graus acima de zero, e enfrentaram até 20° C negativos.

Quero registrar algumas observações sobre o serviço de saúde da FEB. O serviço médico na guerra não digo que tenha atingido a perfeição, mas, para os recursos da época, foi sensacional. Nós tínhamos um médico permanente, bons enfermeiros e cada Unidade a sua enfermaria. Eu me lembro que precisei de atendimento de saúde em duas oportunidades: uma, quando fui ferido lá na linha de frente. Coisa aparentemente sem gravidade, mas como já contei, me custou a visão de um olho; a outra foi quando queimei a mão; eu estava fazendo fogo no aquecedor, dentro da minha barraca, e acabou explodindo uma caneca de gasolina. Certa vez eu visitei o *Service Hospital*, em Livorno. Nossas enfermeiras já haviam sido promovidas a segundo-tenente e estavam perfeitamente entrosadas com as colegas dos hospitais do TO. Os médicos brasileiros também se relacionavam bem com os americanos. O atendimento era o mais perfeito possível. Estive também no Hospital Dezesseis, em Pistóia, um hospital de barraca.

O esquema de evacuação médica funcionava muito bem. Tinha o primeiro atendimento do padioleiro; o segundo atendimento ocorria quando o doente ou o ferido era trazido para uma barraca de emergência ainda na linha de frente. Ali o paciente era operado ou era feita uma triagem. Realizada essa triagem, ele era encaminhado para determinados hospitais da retaguarda. De um modo geral os baixados iam para o Dezesseis, em Pistóia. Se era algo grave, para o Sétimo, em Livorno, que era mais próximo, ou, ainda, para o hospital de retaguarda, em Nápoles. O atendimento médico nas Unidades era excelente.

Já falei sobre meu ferimento no olho, mas vou repetir o que ocorreu com mais alguns detalhes. Aconteceu o seguinte: eu sempre fui muito desligado das coisas da vida e abusei muito da minha saúde. Chegando à Itália, resolvi ir visitar no *front* um amigo sobre o qual já falei, o Diel Magalhães. No Brasil, ele tinha sido meu professor de inglês. Era químico industrial — hoje engenheiro químico — de uma empresa multinacional. Eu levei para ele, na Itália, uns doces que a mãe dele me entregou no Rio de Janeiro. Lutei muito para chegar lá com os doces cristalizados que ele gostava muito, intactos. Acabei entregando-os em mãos, sem qualquer prejuízo para o destinatário. O pessoal queria comer os doces na viagem mas eu não deixei. Quando cheguei na Itália fui visitá-lo na linha de frente para entregar-lhe a encomenda. Entrei na casa onde ele estava e sentei-me em uma cadeira próximo de

uma janela. O Diel estava sentado junto à parede oposta e me alertou: “Sai daí, senão daqui a um pouco você vai ser atingido por um estilhaço de granada.” Obedeci. Minha experiência na frente de combate era pouca. O alemão estava sempre atento. Se andássemos armados ou motorizados era quase certo: levávamos fogo, principalmente de morteiro. Havia um trecho de aproximadamente uns cinqüenta metros de estrada sobre o qual os alemães tinham uma visão completa do terreno. Eu seria obrigado a passar por ali. Então, esperei. Eles deram uma saraivada de granadas em cima da casa, quase demoliram o telhado. Quando aquilo cessou eu corri para o jipe e me mandei. Pois bem! Os alemães estavam com suas armas assentadas e novamente houve uma barragem de tiros de morteiros. Uma das granadas explodiu perto do jipe e um estilhaço pegou no pára-brisa da viatura. Uma limalhazinha me cortou o rosto. Um ferimento superficial, logo cicatrizou. Só vim a descobrir que eu tinha um ferimento no olho sete anos depois. É conta de mentiroso, mas é verdade. Só em 1952, quando comecei a ter um descolamento de retina foi que, pesquisando inclusive na minha documentação do Exército, chegou-se à conclusão de que eu tinha um estilhaço também no olho. Uma limalha se alojou na retina. Lamentavelmente, o fragmento atingiu a mácula. Em conseqüência disso, acabei ficando cego de um olho.

O Exército, só 33 anos depois, graças ao apoio do General Antônio Carlos de Andrada Serpa, que foi uma criatura espetacular, reconheceu meus direitos, e fui reformado. O General Serpa não poderia ter morrido. Para nós, veteranos da FEB, ele deveria ter sido eterno. Foi a pessoa que mais entendeu a minha vida, que mais compreendeu meus sentimentos como ser humano. Ele era fora de série. Uma pessoa boa, com um grande coração, muito inteligente e muito capaz.

Lembro muito dos meus capitães e meus tenentes da FEB, aqueles homens que me ajudaram a empurrar caminhão na lama. Eram pessoas com quem eu tinha contato permanente e uma afinidade muito grande. O Capitão Fernando Pedra Padron foi meu primeiro comandante na Itália. Depois veio como seu substituto o Tenente Kardec Leme, logo também promovido a capitão. São pessoas de quem eu guardo lembranças permanentes no fundo do coração. Eram trabalhadores, honestos, competentes e foram meus amigos. Também lembro muito do Tenente Amaro, morto em combate na Itália. No início da preparação para a guerra servi no Esquadrão de Reconhecimento, que era a Unidade dele. Antes de embarcarmos para a guerra, embora eu fosse sargento e ele oficial, oriundo do CPOR, nós éramos muito ligados.

Para terminar, vou lembrar um chefe e amigo do pós-guerra. Em 1976, o General Yeddo Blauth era Presidente da Associação dos Veteranos da FEB e me convidou para ajudá-lo na diretoria da entidade. Até então eu andava muito desligado

dos meus companheiros da FEB. Gostei muito de trabalhar com o Yeddo. Era uma pessoa inteligente e um oficial muito capacitado. Infelizmente, a carreira dele foi cortada com aquela fatalidade da granada que lhe decepou a perna, após a tomada de Monte Castelo. Sua carreira militar foi interrompida — ele era da turma do General Figueiredo —, mas com as sucessivas promoções, mesmo na reserva, ele acabou promovido a general. Na guerra ele era capitão, e foi dos primeiros a chegar às posições alemães de Monte Castelo. Eu fui ajudá-lo na administração da Associação. Ele quase não saía, tinha dificuldade de locomoção. Terminei substituindo-o na presidência da Associação.

Com este registro, que é uma homenagem a Yeddo Blauth, um herói gaúcho da nossa FEB, dou por encerrada a minha entrevista.

Coronel José Guimarães Barreto*

Nasceu no dia 22 de setembro de 1923, na Cidade do Rio de Janeiro, então Capital do Brasil; é formado pela Escola Militar do Realengo, turma de 1943, na arma de Artilharia.

Casado tem quatro filhos e oito netos, sendo que um deles é Coronel do Exército, também de Artilharia e, atualmente, Comandante do 1º Grupo de Artilharia Antiaérea.

O Coronel Barreto fez a guerra como Tenente Adjunto do S/2 da AD.

Por sua participação na Segunda Guerra Mundial recebeu as seguintes condecorações: Medalha de Campanha, Medalha de Guerra e também a Medalha italiana Cruz ao Valor Militar.

---

* Adjunto da 2ª Seção do Estado-Maior do III Grupo de Obuses, entrevistado em 20 de março de 2001.

Minha geração terminou o curso ginasial em torno de 1940, e eu, em 1939, no Colégio Militar. Acompanhava, com muita apreensão, o desenrolar dos acontecimentos na Europa, onde se via a Alemanha, sob a liderança de Hitler, em 1935, denunciar o Tratado de Versalhes, rompendo nos anos subseqüentes os acordos estabelecidos com as nações aliadas, França e a Inglaterra, de maneira agressiva.

Sentíamos que a paz, que até então existia, estava por um triz, e seria rompida dentro de um curto prazo. A guerra estender-se-ía às nações mais civilizadas do mundo, acarretando mortandade, destruição, pilhagens, roubos, perseguições às mulheres e filhos, a barbárie e o sofrimento para muitas pessoas.

Mas à época não podíamos, efetivamente, imaginar a extensão do conflito, com o envolvimento de muitos países. Como a maioria das pessoas, tínhamos sido surpreendidos com o desenrolar dos acontecimentos. O livro *O Mundo Que Eu Vi* nos adiantava uma noção terrível do que estava por suceder, segundo as sábias e proféticas palavras do grande Presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt que dizia:

– Esta geração terá um encontro com o destino...

E também comentava para o povo americano que a fronteira da democracia estava no Rio Reno.

A guerra iniciou-se em 1º de setembro de 1939, com a invasão da Polônia, tanto pela Alemanha quanto pela Rússia, quinze dias após, e em maio de 1940 o Exército Francês e o Corpo de Expedicionários Ingleses foram derrotados, em pouco mais de um mês, de uma maneira brutal, rápida e atemorizante. Para todos nós parecia que tudo desabava.

A declaração de Aspirantes da minha turma realizou-se no dia 1º de março de 1943, tendo seus integrantes sido designados para várias organizações militares de todo o País. Por escolha, fui para Fortaleza, pois meu pai era o Subcomandante da Escola Preparatória de Cadetes.

Um certo número de cadetes, cerca de vinte, inclusive eu, fez a viagem pelo Rio São Francisco, pois não havia navegação em área costeira, suspensa devido aos torpedeamentos de nossos navios de cabotagem por submarinos inimigos. Fomos de trem da Central do Brasil, no Rio de Janeiro, para Pirapora, onde tomamos um navio no Rio São Francisco e, descendo o rio, chegamos a Petrolina, onde ficamos aguardando as viaturas que nos conduziriam até Crato, já no Estado do Ceará, e de lá para Fortaleza, por estrada de ferro. Os outros Aspirantes foram por rodovia até o terminal da ferrovia de Pernambuco, de onde seguiram com destino a Natal e Recife.

Apresentei-me, em Fortaleza, no 2º/5º RADC – 5º Regimento de Artilharia de Divisão de Cavalaria, após 16 dias de viagem. Verificamos como o Centro e o Sul

estavam separados e distantes do Nordeste, pois não havia estradas de ferro e de rodagem que ligassem as duas áreas geográficas de maneira contínua.

A guerra, com a suspensão do transporte marítimo, dissociou os Estados, as pessoas e a economia do País.

O outro companheiro classificado em Fortaleza chegou antes de mim, pois foi de avião. O pai dele era o Comandante da Escola Preparatória de Cadetes.

Em agosto de 1943, foi organizada a Força Expedicionária Brasileira, para se integrar às Forças Aliadas, na Europa. Discutiu-se muito entre os oficiais da minha Unidade a participação do Exército na Grande Guerra que, para mim, representava a concretização de tudo que desejávamos, pois sempre imaginamos que a guerra poderia ser a realização de nossas aspirações profissionais.

Íamos pôr em prática o que nos tinham ensinado na Escola Militar. Porém, por outro lado, devido à nossa formação cultural, desconhecimento da história de outros países, em particular dos europeus, isso tudo representava para nós um sonho de poder, o de participar de uma guerra na Itália, já que o destino da civilização ocidental estava em perigo.

No caminhão comercial que levava os oficiais do quartel ao centro de Fortaleza e vice-versa, discutimos acaloradamente a ida da FEB para além-mar, pois o Capitão Comandante da 2ª Bateria disse em voz alta e com muita convicção, que se fosse designado para a FEB, desertaria do Exército, pois não admitia combater fora do País.

De imediato, eu lhe disse que me sentiria muito honrado em participar da FEB e me dirigi ao Capitão José Good de Lima, que tinha sido comissionado neste posto e transferido para a FEB, que ele poderia informar ao QG da Artilharia Divisionária, que eu gostaria de integrar a nossa Força.

O Capitão embarcaria no dia seguinte de avião para o Rio de Janeiro, numa terça-feira e na segunda-feira seguinte eu já estava transferido para o Quartel-General da Artilharia. Recebi com muita satisfação a notícia e no dia da minha apresentação ao QG do AD fui levado ao Chefe do Estado-Maior, Coronel Emílio Rodrigues Ribas Júnior, que me falou, após me dar as boas vindas, sobre meu trabalho inicial com o Capitão Francisco Saraiva Martins, Comandante da Bateria de Comando da AD e explicava ele:

– Se existe Oficial de excelentes qualidades, este é um deles. É muito bom em topografia, em transmissões (como se dizia na época), em Serviço em Campanha e é o primeiro Oficial a chegar à Bateria e o último a sair, demonstrando dedicação integral ao dever.

De fato, o Capitão procedia exatamente como ele falava. Por aí percebi que o Coronel Ribas era incisivo, firme, exigente no cumprimento do dever e avaliava muito bem seus Oficiais, o que para mim serviu como parâmetro do grande chefe

militar. Por fim, disse que dentro em breve iria lá na Bateria de Comando verificar o grau de instrução.

Pertencia ao QG da Artilharia Divisionária e antes do embarque deveria dar instrução para duas turmas, a de Topografia e de Meteorologia, que eram subordinadas à Bateria.

Tinha que dar as instruções para o tiro e ensinar os assuntos correspondentes. Surpreendi-me, certo dia, quando dois integrantes da turma de Topografia foram dispensados e substituídos por dois alunos do CPOR do Rio de Janeiro, um deles de nome Oswaldo Gudolle Aranha, como soldado, pois estava no primeiro ano de CPOR, filho do ministro das Relações Exteriores e o outro aluno, seu primo, filho do Embaixador Freitas Vale, como cabo, pois estava no segundo ano.

Esses dois nos acompanharam na guerra, um belo exemplo para o povo brasileiro, pois um dos homens mais importantes do governo mandava incluir na FEB esses dois rapazes, um filho e um sobrinho.

O 1º Escalão da FEB, composto pelo 6º RI, um grupo de Artilharia e outras Unidades, saiu no dia 2 de julho de 1944 e chegou lá no dia 16. Os integrantes dos 2º e 3º escalões, inclusive eu, saíram daqui no dia 22 de setembro de 1944, dia do meu aniversário e chegaram no dia 6 de outubro. A viagem transcorreu serena, eu fazia parte do serviço de distribuição de alimentos, quer dizer, para manter a ordem, pois fazíamos apenas duas refeições por dia.

Era um efetivo muito grande a ser alimentado, em torno de cinco mil homens e nós levávamos até quatro horas para servir a comida, individualmente, e tinha que fazer a limpeza depois. Como eu era da equipe que fazia esse serviço, não usava aquele salva-vidas grande e almofadado, que todos os soldados envergavam; o meu era preso na cintura, só inflava, quando apertávamos as cápsulas.

A viagem no navio *General Mann* foi muito boa; o outro era o *General Meighs*, a escolta era feita por um cruzador americano um pouco à retaguarda dos dois navios, dois caça-minas na frente, um de cada lado e um terceiro circulando.

Um fato interessante que desejo ressaltar foi que o primeiro escalão a embarcar deveria ser o segundo. A manobra foi a seguinte: mandaram que duas unidades acampassem e a restante que só deveria embarcar depois, durante a noite, partiu no trem, com as cortinas das janelas abaixadas, num sigilo total. Eram mais de cinco mil e poucos homens, vararam a noite toda, das 21 horas até a madrugada.

Mas nós, procedemos completamente diferente: partimos de dia, todo mundo vendo, e, quando o navio saiu, eram dez e meia, olhávamos e víamos o relógio da Mesbla, nunca me esqueci disso. Para o pessoal do 1º escalão foi aquele sigilo todo, para nós não precisava mais, os americanos sabiam muito bem o que faziam.

A viagem transcorreu tranqüilamente, houve exercícios, mas estes eram normais durante uma viagem daquelas.

A curiosidade, antes da nossa passagem por Gibraltar, referia-se a uma história segundo a qual os antigos navegantes portugueses tinham que se afastar muito das costas da África, para evitar as calmarias. Pude confirmar isso, pois olhava o Oceano Atlântico e este estava tão calmo que parecia água de poço. Lembrei-me da história e eles tinham razão. Seria difícil imaginar, mas o Oceano Atlântico não tinha onda naquele trecho, nas costas ocidentais da África.

Cruzamos o Estreito de Gibraltar de manhã cedo, lá pelas 9 horas e ventava bastante. Lembro-me de que passamos, com cerimonial. Logo adiante havia um cruzador e três submarinos em linha. Entramos no Mediterrâneo, os dois navios passaram, e a partir dali a escolta inglesa, substituiu a americana. Primeiro o cruzador e depois nós passamos, foi continência, apito, aquela coisa toda, muito emocionante, jamais esqueci isso.

Víamos pela primeira vez a passagem do estreito, a África à direita e a Europa à esquerda, lembro-me de que havia de um lado uma relva bonita e do outro, só o deserto.

Deslocamo-nos para Nápoles e no dia em que aportamos levantei cedo e pude ver a chegada, tudo organizado. Avistei o Vesúvio e me lembro de que no porto havia vários navios, um dos quais semi-afundado e o resto todo estraçalhado, tudo destruído.

O navio encostou, ali permanecemos uns três dias, porque tinha que ser feita a distribuição do pessoal por barcaças, identificar quem ia em cada uma delas, a fim de seguir para Livorno, ao Norte.

Três dias depois saímos, de manhã cedo, após o café da manhã, todo mundo alegre, satisfeito e logo na saída começamos a notar que havia muito vento, uma ventania danada, pouco depois ninguém conseguia ver nada, o dia inteiro foi mau tempo e nevoeiro, e a barcaça jogando.

Todo mundo enjoava, eu me lembro de que quando passamos pela ilha de Córsega um colega me chamou:

– Vem ver, não quer ver não?

Respondi:

– Não, eu não tenho vontade.

Na minha barcaça estava o General Cordeiro e acho que, se enjoou, foi muito pouco.

Chegamos a Livorno e de lá fomos transportados para Tenutta de San Rossore, alguns quilômetros depois daquela cidade, a outros tantos de Pisa. Quando chegamos a esse local, já encontramos organizadas as instalações para o acampamento,

as barracas, os chuveiros, as dependências sanitárias, tudo certinho para cada grupamento, muito bonito aquele campo, hoje é parque da cidade de Pisa.

Naquela ocasião, o 1º escalão já tinha entrado em combate, após ter chegado no dia 16 de julho. A primeira missão que receberam deu-se numa estrada ao longo da margem esquerda do Rio Serchio, acima de Lucca, que é uma cidade muito bonita, monumento histórico, com uma antiga muralha. O Destacamento da FEB, formado com base no 6º RI, progrediu em território inimigo de 13 de setembro a 30 de outubro, um mês e meio mais ou menos e nesse período avançou quarenta quilômetros, atravessando encostas muito íngremes de difícil progressão e com uma frente muito larga. Mesmo assim fez 208 prisioneiros e sofreu 290 baixas, libertou várias cidades, apropriou-se de uma fábrica de munições e de outra de acessórios para aviões.

Julgo que o desempenho deles foi brilhante. Os alemães estavam sendo encurralados, realmente se retiravam. De qualquer modo vendiam caro as posições, tanto é que tivemos muitas baixas porque eles reagiam ferozmente. Essa foi uma grande experiência para o 6º RI, que resolveu de uma forma muito serena e eficaz todos os problemas.

No final da missão, já sabiam que iam transferir-se do Vale do Serchio para o do Reno. O do Serchio sai de Lucca e vai para o Norte; o do Reno é aquele acompanhado pela rota 64 que segue direto para Bologna. Do lado esquerdo dessa estrada desenvolveu-se uma operação muito importante.

Naquele conjunto de montanhas, o Belvedere tem 1.153m, o Monte Castelo, 977 m, o La Torracia, 1.020m. Sei disso porque lidava muito com esses números. Tratava-se de um conjunto orográfico muito grande que deve ter de um lado ao outro uns seis a oito quilômetros, era muito difícil empregar um Grupamento Tático para conquistar o Monte Castelo e o Belvedere.

Essa foi uma questão mais tarde resolvida pelo próprio IV Corpo do Exército.

Realizaram dois ataques, um no dia 24 e outro no dia 25 de novembro, e tanto no primeiro quanto no segundo pediram o reforço de um Batalhão da FEB. O GT atacou a linha de alturas com três batalhões, sendo dois americanos.

O Comandante da DIE achava que esse Batalhão já tinha sofrido, pois lamentara cento e noventa baixas e estivera muito tempo exposto ao fogo inimigo.

No dia 24 eles não conseguiram subir, porque a frente era muito grande, já que o Monte Castelo é uma garupa e fica numa tal situação que aquele que ocupa o Belvedere tem comandamento sobre o Monte Castelo. Por isso, quando atacaram, passaram a receber tiros de flanco dos alemães que estavam em Belvedere. No ataque do dia 25, em ação mais feliz, M. Belvedere foi conquistado, mas ainda não fora possível tomar M. Castelo.

Na madrugada do dia 29 de novembro, antes da arremetida brasileira ao famoso morro, o inimigo contra-atacou ferozmente em Belvedere e o reconquistou, obrigando o Batalhão americano a descer. Este não conseguiu manter a posição porque era impossível, a extensão era muito grande, absorveria até dois ou três batalhões; com as elevações muito íngremes, o homem já chegava lá extenuado. Como foram dois ataques sem êxito, isso levantou o moral da defesa, porque tentamos duas vezes e não conseguimos.

Isso foi ainda em 1944, o ataque vitorioso ao Monte Castelo só iria acontecer em fevereiro de 1945.

O comentário que faço sobre isso é o seguinte: primeiro, não foi compatibilizado o efetivo com a frente correspondente; segundo, era necessário conhecer a força de quem estava lá em cima, saber se eles tinham ou não condições de manter suas posições e isso certamente possuíam. Outra coisa, dar missão não é somente emitir a ordem, mas verificar se a mesma pode ser comprida razoavelmente.

O 6º RI participou, com o seu terceiro Batalhão, dos dois ataques ao Castelo nos dias 24 e 25 de novembro de 1944.

Quando a FEB recebeu a ordem para atacar no dia 29 de novembro criou-se uma dificuldade, porque as demais unidades tinham recebido o armamento quase que na véspera, vinham da área de estacionamento em Porreta Terme e caminharam dezessete quilômetros até a linha de partida. Por terem saído à meia-noite, surgiu mais esse fator preocupante, porque o homem precisava ter um descanso também.

Nos dois primeiros ataques junto com a *Task Force*, a FEB só empregou um Batalhão do 6º RI e havia outros três deles, era muito mais tropa americana que brasileira, mas quando a FEB foi atacar no dia 29 só participaram os brasileiros.

As operações envolveram manobras de batalhões e não de regimentos, ou seja, a Unidade de emprego era o Batalhão.

Os ataques se deram com uma Unidade de cada RI. Só ocorreu o emprego de três batalhões do mesmo RI nas operações que ficaram famosas: Monte Castelo, Montese e Castelnuovo. Penso que isso foi muito bom, para o espírito de corpo da Unidade.

O ataque de 12 de dezembro deveria ser desencadeado sem preparação da Artilharia, para não alertar o inimigo. Além disso, foi um dia incrivelmente frio e sem visibilidade alguma. Não deveria ser realizado. No dia seguinte a mesma coisa, a visibilidade variava em torno de 50m, o que para a Artilharia é nada.

Nós executamos os tiros de Artilharia necessários para apoiar a progressão da Infantaria, porque à medida que os infantes avançam os objetivos vão mudando e são eles que devem pedir novos tiros de apoio.

Foi uma dificuldade muito grande e havia chovido muito naquele dia, transformando o terreno num lamaçal horrível, escorregadio, bastante desagradável, pelas intempéries que prejudicaram demais as operações ofensivas.

Napoleão Bonaparte, na batalha de Waterloo, prevista para a parte da manhã, só pôde realizá-la após o almoço, depois que o terreno havia secado um pouco.

O interessante é que, nesse dia, estavam lá um Embaixador, o Comandante do IV Corpo de Exército que assistiram a um Batalhão do 1º RI receber ordem para recuar, o que fizeram de cabeça erguida. Foi uma coisa impressionante pois, não tendo conseguido conquistar o objetivo, retraíram com o moral elevado, e sem pressão.

A FEB tinha uma frente em arco, de uns quinze quilômetros, a ser mantida; em qualquer ataque que fizesse, deveria rearticular o dispositivo de modo a conseguir economizar meios: alargar mais a frente de um Batalhão, empregar o Esquadrão numa zona maior, a fim conseguir mais eficácia. Foi voz corrente que o Comandante da DIE pediu que liberassem suas tropas do compromisso que ainda tinha em Castelnuovo (junto à estrada 64), onde existia, lá em cima, outro baluarte alemão.

Após tudo isso, informaram-nos que não estávamos mais obrigados a qualquer ação ofensiva, naquele momento. Passamos à defensiva.

Nessa fase procedeu-se a um reajuste em tudo, nos homens, nos comandos, na ambientação, porque todos estavam esgotados.

Acho que esse período foi muito bem aproveitado, para se desenvolverem as ações de patrulhas percorrendo a *terra de ninguém*. Acho que esse foi o primeiro treinamento importante que a FEB teve nessa fase.

Todos patrulhavam, inclusive o Major Uzeda, que era Comandante de um Batalhão. Uma vez ele fez uma patrulha de dia e nessa ocasião os alemães quiseram capturá-lo; pelo rádio ele pedia:

– Aqui é o Comandante, estou cercado e peço apoio.

Ele estava lá, dando o exemplo, e arriscando a vida.

Outros problemas foram o frio e o pé-de-trincheira. O soldadinho tirava a botina, colocava jornal ou feno nos pés e depois calçava a galocha, essa era a técnica e, com isso, a média desse mal na FEB foi inferior a dos americanos. Eles usavam a galocha por cima da botina, tornando o calçado muito duro, que não permitia a movimentação dos pés e dos dedos. Isso foi um ensinamento bastante proveitoso para todos nós.

Vi algumas patrulhas serem enviadas à noite e todo mundo sabia o que ia fazer; já tinham o panorama geral, porque planejavam antes, durante a tarde e à noite executavam o que havia sido previsto.

Estavam tão bem treinados que colocavam um soldado esperto e ágil para chamar a atenção sobre um local diferente do destino da patrulha. Eles emprega-

vam justamente aqueles que eram rápidos mesmo, a fim de desviar a atenção dos alemães para outro lado, diferente do rumo que a patrulha estava seguindo, processo esse muito arriscado.

Outra coisa, todo mundo tomou parte numa série de exercícios na retaguarda, eu mesmo tirei três cursos, sendo que o primeiro foi sobre o tiro contra-morteiro.

Para fazer esse curso tinha que ser da AD, Seção de Contra-Morteiro, na verdade uma Sub-Seção. Era um processo que dava certo, mas hoje está completamente ultrapassado. Consistia no seguinte: o sujeito ouvia o tiro, tirava o azimute da direção de onde partia o som, transmitia para a AD que, de determinado PO, executava o tiro em tal azimute.

Não havia aparelhos para localizar o som, era pelo ouvido e pelo clarão mesmo.

Depois recebíamos as fotografias aéreas, que nos davam uma base substancial muito boa. De acordo com as diretrizes, aceitávamos até informações de civis italianos que atravessavam a linha e faziam esse jogo, tanto de um lado como do outro.

No curso, também ensinaram como determinar de onde vinha um tiro, seja de morteiro, ou de Artilharia, e uma vez o Ribas disse:

– Você veja lá esse 170mm!

Havia um canhão alemão de 170mm, muito preciso, que atirava de uma distância superior a dezessete quilômetros; a nossa Artilharia 155mm não tinha esse alcance e ninguém conseguia descobrir aonde o mesmo estava. Quando o canhão dava um tiro ouvíamos o barulho e a cratera que a granada dele deixava no chão era imensa.

Sua posição só foi descoberta através duma fotografia aérea. Estava entre duas casas e havia um arco no chão, mediram e viram que não era de nenhuma outra peça conhecida e pela distância a arma estava mais de vinte quilômetros, só podia ser o próprio. Esse canhão nos "judiou" muito.

Não conseguimos neutralizá-lo com a nossa Artilharia, mas a aviação foi feliz. Mesmo conhecendo a posição onde estava, nós não tínhamos alcance para batê-la, tinha que ser com a aviação mesmo.

Lembro-me de que quando caía um tiro em Porreta Terme, onde se encontrava o QG dos generais Mascarenhas, Cordeiro de Faria e do Zenóbio da Costa, eles me chamavam imediatamente e diziam:

– Olha o canhão aí!

Eu pegava o jipe e ia onde a granada caía. Lembro-me que certa vez fui a uma área cujo terreno era muito fofo, e deixava uma cratera em que ficava demarcado até o ângulo de queda da granada e, por tais características, a gente localizava, mais ou menos, de onde vinha o tiro.

Quando foi disparado o primeiro tiro, fomos lá; cinco minutos deu-se o segundo, a impressão que tive foi de que ele vinha na minha cabeça, porque era na mesma direção, com os mesmos elementos de tiro. Quando dei por mim, o sargento Alberto, que já estava dentro da enorme cratera, a maior que vi, puxou-me pela perna.

Agora a do morteiro é muito mais simples, é menor e tem menos elementos informativos que uma cratera de 105 ou de 170mm.

Bem, esse canhão ficou ativo durante os meses de novembro e dezembro, sempre atirando na hora da refeição das 17 às 18 horas.

E sempre que atirava, chamavam-me, traziam-me pedaços de estilhaço e tudo, mas não adiantava muito, porque quando caía em cima de uma casa, não ficava nenhum indício que pudesse auxiliar na localização da peça, era apenas para constatar que era o 170mm.

Uma ocasião, reuniram os adjuntos de S/2 de todas as unidades combatentes da DIE, para dar um curso de duas semanas sobre informações, tudo de forma bem prática; e eu me saí bem nesse curso.

Uma das funções do adjunto de S/2 do Grupo era o levantamento preciso da área em que o Grupo deveria ocupar posição. Quando a FEB recebia um reforço qualquer de Artilharia, eu era chamado para fazer o trabalho topográfico da zona escolhida pelo Grupo.

Lembro que certa vez fui chamado para fazer trabalho igual para um Grupo que estava mudando de posição; felizmente, já conhecia aquilo tudo de cor. Fiz uma intersecção e recalculei os dados de orientação para a pontaria das baterias e pude comparar o resultado com os números que conhecia. Eu fazia o trabalho topográfico dos grupos que vinham em Reforço, para os da AD não precisava, porque recebêramos do IV Corpo uma ED – Estação de Declinação e então cada um aferia os seus instrumentos, os goniômetros-bússola e os teodolitos.

Também possuía um posto meteorológico e durante todo o tempo em que permanecemos lá, fornecia quatro boletins diários para os tiros de Artilharia.

Mas todo dia de manhã, na hora do café, a turma me perguntava qual era a temperatura mínima.

De uma hora para outra veio a neve, exatamente a 24 de dezembro; havíamos chegado lá em setembro. Então, na véspera de Natal, caiu a primeira nevasca e me lembro de que havia uma moça recolhendo os seus animais; quando olhou para o céu ela disse:

– Vai nevar hoje!

De fato nevou e pela primeira vez toda a FEB assistiu a neve cair. Nós queríamos ver se combinávamos com os alemães que ninguém atiraria um no outro, pelo

menos na noite de Natal. Daí em diante, não tinha mais como fornecer os boletins, pela falta de visibilidade.

Além disso, na Seção, a gente analisava tudo que recebia de informações, uma posição qualquer ou um alvo potencial que fosse de nosso interesse. Aí eu chamava o sargento Teixeira e perguntava:

– Teixeira, como é que eles fazem para obter informações? Não é possível, não dá para enxergar nada, a gente solta o balão e não o identifica mais, a visibilidade é mínima ou nula.

Tentamos descobrir, porque deveria existir um processo qualquer para fazer os boletins meteorológicos, até que disseram-me como. Havia um posto inglês na nossa área; para visitá-lo tinha que possuir a autorização do General Comandante da DIE, mas como eu não falo bem o inglês e tinha um sargento que falava, pedi autorização para o Sargento e para mim.

Chegamos, lá se encontrava um cabo, que era engenheiro, magrinho, alto e já sabia que iríamos chegar. Então eu disse:

– Nós viemos aqui porque temos um posto meteorológico e não há condições de soltar nossos balões.

Ele respondeu:

– Pois não, vou mostrar a vocês.

Era na base do radar, ele soltava o balão, ia para a mesa do radar acompanhar a trajetória do mesmo e marcar os azimutes e alturas.

Radar, naquela época, era inovação e o Exército Brasileiro não tinha. Os ingleses procuravam ocultar a novidade e até possuíam uma sentinela especial para não deixar ninguém ver, mas acabaram nos mostrando tudo, afinal éramos aliados.

Havia sempre cursos, reuniões e exercícios correspondentes em cada Unidade que faziam os seus, de oficiais e sargentos, dando orientações das mais diversas.

Lembro-me que certa vez no QG houve uma instrução para ensinar como iluminar uma carta com as devidas cores para cada acidente topográfico e para as curvas de nível. Entretanto, isso a gente já conhecia.

Uma coisa interessante, de qualquer parte de onde estivéssemos, víamos Monte Castelo. Para onde fôssemos, dava para ver o baluarte.

Depois do ataque vitorioso a Monte Castelo, três dias após, fui lá em cima, porque como era de informações queria saber onde eles colocavam os morteiros e tudo, mais para checar com as informações que possuíamos. Quando estava lá no topo, um colega que me acompanhava disse:

– Ali há um cadáver!

Eu retruquei:

– Então vamos ver de quem é.

Dirigimo-nos para lá e era de um alemão, jovem, que estava de capacete. Tínhamos o costume de conservar uma recordação qualquer, mas não queria tirar logo o capacete, porque podia ter uma armadilha. Peguei um pedaço de galho e o empurrei de um lado para o outro, tirando-o; ele está comigo até hoje.

Depois fiquei cismado e perguntei ao companheiro que estava ao meu lado:

– Jorge, como é que é, eu profanei ou não o cadáver?

Ele respondeu:

– Não, o Senhor não fez nada de mal.

Depois telefonei para o Serviço de Sepultamento, para retirar aquele corpo dali.

Os cadáveres inimigos eram recolhidos, identificados e, mais tarde, sepultados em cemitério específico. O nosso Serviço de Sepultamento não enterrava inimigo.

Depois disso saímos e começamos a andar ali por cima e, de repente, o sargento Alberto falou-me:

– Tenente, o Senhor já observou a fita branca que está em torno de nós?

Fita branca é demarcação de campo minado e então comentei:

– Eu não estou vendo, Alberto, mas vamos conferir. Primeiro ninguém sai do lugar que está, porque aqui não há nada.

Nós éramos três, eu, o sargento Alberto e o soldado Jorge; então observei:

– Qual é o caminho mais curto?

Escolhemos o mais direto e quando eu disse que ia à frente, o Jorge me ultrapassou e foi embora. Saímos em passos largos, procurando pisar onde o da frente já passara e se, por acaso, a mina explodisse, o outro se "safaria", mas graças a Deus não houve nada.

Em outra ocasião, numa curva da estrada, um caminhão que estava levando suprimentos explodiu e quase desapareceu, ficou todo arrebentado. Eu cruzei com uns civis da área que comentaram:

– Isso aconteceu hoje de manhã.

Gostaria de descrever um pouco a atuação da Artilharia no cerco a Fornovo, pois posso falar sobre esse assunto, de vez que era um dos que faziam aquele percurso, coordenado pelo S/4, o Ten Cel Afonso Henrique de Miranda Corrêa; o Gen Mascarenhas da DIE conversou com o Comandante do IV Corpo que explicou ser impossível ceder viaturas à FEB, para transporte. Vínhamos observando que os alemães mostravam sinais de que iriam retrair. Então o General Mascarenhas se reuniu com os generais Cordeiro de Faria e Zenóbio e comentou:

– Olhem, estou com um problema de transporte. Acho que quem pode ceder viaturas é a Artilharia.

O General Cordeiro, Comandante da Artilharia Divisionária, com muita boa vontade, de pronto concordou em montar esse sistema. O Tenente Coronel Miranda Corrêa, que era o S/4, organizou o serviço.

Ele me dava as ordens, de forma muito simples, pois era muito “desenrolado” e inteligente, e dizia:

– Barreto, vá buscar vinte e cinco viaturas em tal região. Pega as viaturas, acompanha no mapa. Vão para tal lugar, é o “tal” Batalhão. Chegando lá, embarque o pessoal nessas viaturas e leve para esse local.

Por telefone, ele me dava as ordens e eu conhecia muito bem a região. Foi tudo muito ágil, muito rápido, tanto que o próprio General Crittenberger comentou:

– Vocês estão bem rápidos nisso!

Quando descobriram que a 148ª Divisão alemã e a outra, a 90ª Divisão Itália, estavam a ponto de pegar uma estrada para se evadirem, o próprio General Mascarenhas de imediato passou, por telefone, as ordens para o Tenente Coronel Miranda. Foi dessa maneira que ocorreu aquela gloriosa rendição dos alemães para os brasileiros, em Fornovo.

Dessa forma, as viaturas de Artilharia agilizaram o transporte da tropa de Infantaria, do 6º RI, para os pontos-chave que caracterizavam o cerco.

Uma coisa interessante sobre a rendição, é que a mesma foi um jogo de xadrez muito bem planejado, e acionado pelo pessoal da FEB, dada a rapidez com que se deslocava uma Unidade para onde fosse necessário. Caso precisasse colocar uma Companhia ou um Batalhão em determinada estrada para evitar que os alemães pudessem escapar por ali, isso era feito com a rapidez necessária.

Todos eles tinham essa possibilidade, de pedir determinado apoio e ser atendido; o General Mascarenhas comandava:

– Pega o Batalhão tal e põe em tal lugar!

Em Collecchio havia um Batalhão avançado e os alemães tentaram sair por ali, mas já tinha ido para o local uma Bateria do III Grupo, cujos obuses foram conduzidos pelos tratores das peças de 155mm do IV Grupo. Não existiam viaturas 2,5t disponíveis para tracionarem os obuses da Bateria que necessitava deslocar-se com rapidez. Não havia outra solução.

Nessa área, houve troca de tiros e depois tentaram novamente, para testar se estávamos querendo detê-los; e era essa nossa intenção, e eles insistiram umas três vezes, tentaram numa via, depois em outra, mas estávamos em todas e eles não tiveram como escapar.

Chegou o Coronel Nelson de Mello, (que substituíra o Coronel João de Segadas Vianna no comando do 6º RI) e bloqueou com um Batalhão o eixo Collecchio-Fornovo,

onde estava o grosso da tropa inimiga e a Artilharia começou a atirar, o PO ficava na torre da igreja. Daí em diante, já estava tudo cercado, os inimigos não tinham como sair, chegamos antes deles. Foi uma manobra certa, precisa e muito bem planejada.

Fui para lá com o Tenente Coronel Nestor Penha Brasil ver a rendição e observei um Tenente alemão, ao se despedir da sua fração, abraçar chorando cada soldado. Achei emocionante. Os soldados ficaram reunidos numa área e os oficiais em outra. Aquele incidente foi tocante tanto para mim, como para o Nestor Penha Brasil que estava comigo, e presenciou o fato com os olhos marejados de lágrimas.

Um outro detalhe digno de nota: quando abandonavam uma viatura, não desligavam o motor, deixavam-no ligado até acabar a gasolina.

Havia uma mesa grande onde os oficiais depositavam as armas e outra para os soldados. Acontece que em pouco tempo essa mesa ficou cheia e o Tenente Coronel Penha Brasil, que estava a meu lado, disse-me:

– Barreto, eu vou pegar duas armas.

Pegou duas e colocou-as na japona, eram pistolas Luger que os oficiais alemães usavam com Mascarenhas empunhadura anatômica, boas de atirar. Depois ordenou:

– Tenente, pegue também.

Ele guardou as duas e eu idem, as quais possuo até hoje. O mais interessante era que algumas caíam no chão e os civis passavam por ali e as levavam.

Normalmente quando falo sobre a FEB (pois tenho feito muitas palestras ao longo da minha vida), emociono-me bastante em determinadas passagens.

Uma delas aconteceu numa estrada que vai de Monte Castelo para Castelnuovo, onde havia três cruzes e o alemão escreveu assim:

– Aqui jazem três heróis brasileiros.

Eu não tinha nem uma máquina fotográfica para registrar aquela cena, mas me tocou bastante; homens esquecidos, desconhecidos, mas que morreram como heróis, e mereceram reconhecimento do próprio inimigo.

A mensagem final que posso deixar é que vi atos de bravura, de dedicação, de cumprimento do dever, e acho que todo brasileiro é o mesmo, seja do Norte ou Sul do Brasil é feito da mesma alma, a alma brasileira. Foi isso o que senti.

Outra coisa, tanto faz um nortista, um sulista, não importa, quando está ali sofrendo junto, qualquer um pode cumprir a missão, basta querer executá-la!

A alma de todos nós, brasileiros, é a mesma e é por isso que somos um grande País, porque temos uma mescla de muitas coisas, mas no final desejamos a união de todos!

Trabalhei com cariocas, nordestinos e paulistas e pude constatar que o senso de brasilidade é que integra bastante o País, um grande País. Uma grande Nação!

Major Samuel Silva*

Tem 79 anos, é paulista de José Bonifácio, cidade próxima a São José do Rio Preto, onde passou a infância.

Foi por duas vezes presidente da Associação dos Ex-Combatentes, seção de São Paulo, capital.

Fez o curso de aperfeiçoamento no CPOR de São Paulo. Por sua participação na Força Expedicionária Brasileira, durante a Segunda Guerra Mundial, recebeu as seguintes condecorações: Cruz de Combate de 1ª Classe, Medalha de Campanha e Medalha de Guerra.

* Comandante da Seção de Metralhadoras .30 da Companhia de Petrechos Pesados do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria, entrevistado em 21 de março de 2000.

Eu já servia ao Exército, na cidade de São Paulo, no Parque D. Pedro II, de onde se mandava o pessoal para completar o efetivo da FEB; então, fui escolhido e enviado para o 6º RI. Não pedi para ir, nem para não ir, como também não pedi para ser transferido para o 6º RI, de Caçapava. Inicialmente, fiquei em Pindamonhangaba, onde estava o III Batalhão. Depois, o Regimento todo se deslocou para o Rio de Janeiro, onde passamos a receber as instruções preparatórias para a FEB.

No Rio de Janeiro, grande parte do nosso treinamento físico e para a campanha foi realizado na Vila Militar; com muita dificuldade, devido ao calor e ao uniforme da FEB, diferente e muito feio, por sinal. Fizemos o treinamento físico especial, inclusive subir em corda e outros. Não tínhamos, ainda, o armamento norte-americano.

Embarcamos com o 1º escalão, de forma sigilosa. Já haviam recolhido todo o nosso material e armamento. Estávamos sem nada, só com a roupa do corpo, o saco "A" e o saco "B". As peças mais necessárias ficaram no saco "A", que iria conosco. O saco "B" continha as roupas para serem enviadas depois; logo estávamos quase sem nada. No dia do embarque, ficamos de prontidão, não se podia sair, nem se comunicar com alguém fora do quartel. Quando escureceu, uma composição ferroviária, que já estava por perto, entrou no quartel, foi dada a ordem de embarque e o trem seguiu de janelas fechadas, para que não vissem o que estava acontecendo.

Durante o deslocamento, não sabíamos por onde passávamos, quando o trem parou, recebemos ordem para desembarcar; estávamos no cais do porto, diante de um enorme navio de transporte americano, com todos aqueles caminhões e armamento. Olhávamos uns para os outros, pensando: "É agora que vamos."

Embarcamos e permanecemos a bordo por toda noite e mais um dia.

No dia 2 de julho nos deslocamos, sem saber nosso destino. Falava-se que iríamos para a África, mas ninguém sabia de nada. Fomos saindo, me lembro que estava deitado no beliche e notei que, ao entrarmos, o navio não balançava, mas ao toque da alvorada, o navio jogava para cá e para lá e caíamos do beliche. Quando saímos para o convés, o Rio de Janeiro estava ficando distante e víamos a praia, aquele filetinho branco, o Cristo no Corcovado, tudo desaparecendo com a distância. Depois, só mar, água e sol e não sabíamos ainda para onde iríamos.

Durante a viagem, com cerca de cinco mil homens no navio, já se pode imaginar como era difícil aquele calor nos porões. Quase podíamos dizer que estávamos engavetados, muito apertados, usando colete salva-vidas, obrigatório, que não se podia deixar de lado, e havia constantes treinamentos de abandono do barco.

Não se podia abandonar o navio em desordem, no caso dessa necessidade, teria que ser na seqüência de chamada e por compartimento. Por exemplo, chamava-se o compartimento "306 A" para abandonar o navio e aí todo mundo saía correndo

daquelas escotilhas até o convés, para um lugar previamente estipulado para esse fim. Caso houvesse pane ou alguma coisa que contrariasse as normas, era fechada a escotilha para não atrapalhar os outros, porque era melhor lacrar um compartimento. Por isso, todo o pessoal cumpria as ordens.

Os constantes treinamentos da tripulação americana se fixavam na preparação do tiro antiaéreo. Eles soltavam balões e atiravam de metralhadora. Nós não sabíamos quando era treinamento ou quando já poderia ser a iminência de um ataque real ao navio. Fora isso, havia sempre aquela tranqüilidade, aquela monotonia, só água o dia todo, a mesma coisa em 14 dias, naquele calor.

Quando passamos o estreito de Gibraltar e entramos no Mar Mediterrâneo, o General João Baptista Mascarenhas de Moraes, Comandante da FEB, informou que iríamos desembarcar no porto de Nápoles, na Itália.

A imagem de Nápoles, quando chegamos, era muito estranha, com pontes destruídas e navios afundados. Havia, também, os balões cativos para evitar os vôos rasantes de aviões inimigos. Aquilo para nós era uma coisa muito diferente, mas quando desembarcamos em forma, a guarda americana prestou continência à tropa. Ficamos parados, na formatura, aguardando a saída do resto do pessoal e quando jogávamos pontas de cigarro acesas, o povo brigava para pegar, devido à situação difícil da região, onde faltava tudo para a população local.

Dali fomos acampar em uma região chamada Bagnole. Passado mais um tempo, deslocamo-nos para Barga, onde a tropa brasileira foi incorporada ao V Exército americano, sob o comando do General Mark Clark. Recebemos o material de guerra, incluindo o armamento e tivemos instrução de adaptação, conhecimento do armamento, de emprego de metralhadoras etc.

Eu comandei, durante a guerra, uma seção de metralhadoras pesadas, Browming .30, refrigerada a água. Tivemos também instrução de foguetes, que não lembro como eram chamados e depois fomos lançados em combate. Achei pouco o tempo para a adaptação num exército diferente, onde tudo era novo, mas aprendemos logo, pois o soldado brasileiro se adapta rapidamente às novidades, apesar de um preparo bem curto. Alguns foram mandados estagiar no *front*. Não fui designado para fazer isso e, como estava, fui logo lançado em combate.

Depois de Barga fomos para um lugar chamado Costevalete, na região montanhosa dos Apeninos, onde iríamos substituir um Regimento americano, o 370º de Infantaria. Nós seguimos, mas não havia combate nenhum e eu só ouvia falar no inimigo, mas não via nada. Sentia dor nas costas e estava cansado, de tanto subir morro, descer morro e, de vez em quando, passava uma granada e ouvíamos o barulho, mas ela caía lá para trás. Tivemos conhecimento de gente nossa que havia sido atingi-

da com a ocorrência de muitas mortes por bombardeios de artilharia, mas nós mesmos ainda não tínhamos tido nenhum contato e continuamos avançando por Columbo.

Não se tinha idéia da distância porque era montanhoso demais, e assim fomos avançando até que numa tarde, acompanhando o Pelotão de Fuzileiros, de repente estávamos recebendo tiros de metralhadora. Alguns até pensaram que eram brasileiros, que saíram pelo lado e apareceram na nossa frente e foi aquela confusão. Uns diziam que era o alemão, outros diziam que não era, mas eles continuaram atirando com a metralhadora, dando aquele tiro luminoso, um traçante, diferente do nosso. A nossa munição traçante era vermelha na sua trajetória e aquela era meio prateada e esverdeada, bem diferente da nossa; aquilo começou a chamar a atenção e atingir o pessoal, que se dispersou rapidamente. Eu estava com uma metralhadora que caiu num lugar e o reparo caiu em outro; a segunda peça atrás tinha que deitar e não conseguia fazer o tiro. De ouvido não dava, então chegou a um ponto em que eu estava separado, olhando as balas atingirem o pessoal, cortando tudo em que pegavam. Até que recebemos aquela rajada que estremeceu o chão, espirrou o barro e pegou a quase um metro de minhas pernas. E lá naquele local tivemos que permanecer, mas eu consegui que um soldado do Pelotão, que portava fuzil-metralhadora, atirasse para o morro de onde estava partindo o fogo inimigo.

Eu não via as pessoas, não via o inimigo, mas sabia de onde vinha o fogo, até que um soldado da 8ª Companhia, se não me engano, o soldado Maurino, que estava com o fuzil, conseguiu atirar para lá. O meu pessoal, agora já bem posicionado, fazia o tiro ajustado. Estava escurecendo e passaram a atirar granadas de fuzil. Eu ouvia aquelas explosões e não sabia de onde vinham. Ouvíamos as explosões e, quando escureceu, tomamos posição no morro em frente e lá ficamos.

O Tenente, que estava no comando, organizou o pessoal já abrigado. Mas, à noite, o que fazíamos era vigiar; quem aparecesse ali, vindo do lado oposto, era inimigo. Ficamos ali, passamos a noite sem atirar e com muito medo de sermos feitos prisioneiros, porque falavam que eles pegavam e torturavam os prisioneiros. Eu tinha muito receio de ser aprisionado e ficava sempre preparado para atirar no escuro, mesmo sem ver.

Passamos a noite e aí aconteceu uma coisa alarmante: não poderíamos ficar reunidos, nem perto um do outro, porque uma granada poderia cair e atingir a todos. Aí ficava-se longe e o pessoal falava baixinho, mas pouco a pouco todo mundo estava reunido de novo em torno dos chefes, ou seja, havia uma tendência de se reunir em torno do comandante, que não sabia muito mais do que nós. Era a primeira vez, não tínhamos experiência e depois do amanhecer, já no dia seguinte, recebemos ordem para nos deslocarmos para outro lugar. O Comandante desse Pelotão era o Tenente

Gerson Machado Pires e foi sob o comando dele que tive o meu batismo de fogo. Nesse lugar, ainda foi ferido um soldado meu, João Ramalho, que teve uma costela quebrada com um estilhaço e foi mandado para a retaguarda a fim de ser socorrido.

Depois passamos por diversos lugares, fizemos vários deslocamentos, com sucessivos ataques até ocuparmos a pequena cidade de Barga, onde entramos carregando metralhadoras e fuzis, procurando o inimigo que não se manifestou.

Na cidade, as pessoas batiam palmas e gritavam: "*Liberatori! Liberatori! Liberatori!*" E pela primeira vez sentimos o que aquela gente estava passando, mas não pudemos prever que, após entrarmos na cidade, o inimigo desfecharia um violento bombardeio sobre ela e foi assim que conheci a Artilharia pesada alemã; havia, ainda, a população civil, todos correndo com aquelas explosões, se escondendo, mulheres chorando com crianças, um grande transtorno. Depois, o povo naturalmente saiu da cidade e foi para outro lugar, pois os italianos diziam que os alemães voltariam no inverno, mas nós não passamos o inverno lá. Foi uma tropa americana que a ocupou, mas durante a guerra realmente eles contra-atacaram e conseguiram afastar aquele grupamento americano. Realmente, os alemães voltaram e se alojaram por lá.

Depois, fomos atacar um setor em Monte Castelo. Foi feito o reconhecimento do local, nós subimos uma elevação e ficamos em frente ao Castelo, nas cidades pequenas e vilas próximas. Fomos atacar o objetivo e, como ninguém sabia o que era, parecia igual aos lugares por onde a gente passava, um combate aqui, outro ali e avançando. Na hora marcada, à noite, nós tomamos posição e o Capitão Aldévio Barbosa de Lemos, oficial valoroso, firme, decidido e corajoso foi à frente; quando a tropa ocupou as posições, ele estava presente e falou que, se alguém estivesse com medo e quisesse sair, que o fizesse logo, pois iríamos permanecer ali até início do ataque.

Então, mãos à obra, passamos para a frente a seção de metralhadoras que eu comandava, uma peça na esquerda e outra na direita. Recebida a missão de onde poderíamos avançar, passamos para a linha de partida, até que chegou a hora do ataque. O alemão não se manifestou, permanecendo sem barulho, em silêncio, ocupando suas trincheiras e abrigos.

Precedendo o ataque, nossa Artilharia fez uma barragem de fogo sobre Monte Castelo e ouvimos aquele barulho característico das granadas passando e caindo lá no morro, onde explodiam e queimavam tudo; de bombardeio em bombardeio, a área ficou saturada. Então, julgamos que não haveria mais ninguém lá. Saímos atirando e ocupando posições, mas assim que o inimigo percebeu que estava sendo atacado, contra-atacou, atirando sobre toda a tropa, mas nós já tínhamos avançado, eu já estava com a 2ª peça numa posição em frente. E houve um fato interessante e vai ser a primeira vez que me refiro a isso; somente o cabo Manoel Marcelino falou para o

seu filho, mas agora também vou narrar: nós estávamos preparados para aquele bombardeio alemão, violento bombardeio com canhão 88mm, armas automáticas e metralhadoras que tinham o apelido de "Lurdinha". Ela era temida por nós todos brasileiros porque, enquanto a nossa metralhadora dava duzentos e poucos tiros por minuto, eles já estavam dando mil tiros por minuto, era uma coisa terrível. Uma cadência de tiros bem mais forte e mais rápida que a de nossas metralhadoras. Atirando e vendo aquele bombardeiro, na hora me afastei um pouco e deixei minha mochila em um lugar próximo; num dado momento, veio uma bomba que caiu em cima, eu vi aquela explosão e senti o calor, fogo e fumaça, tinha cheiro de pólvora e tudo sendo destruído; a gente fica atordoado, sem saber o que estava acontecendo.

Os soldados que permaneciam ali também não sabiam o que tinha acontecido naquela explosão. Foi uma granada enorme, explodiu muito perto, caiu onde eu estava e foi essa bomba que cortou a mochila e também o estojo que já se encontrava coberto com a manta, que eu guardo até hoje. Até agora lembro o detalhe do corte, a ração que estava na mochila e a Bíblia que eu carregava.

Sempre dei valor ao moral do soldado; acho muito importante não só o preparo físico, mas o preparo técnico, saber atirar, saber se ocultar no terreno, não se expor, mas para tudo isso é necessário moral. Quando a granada caiu, atingiu o meu soldado Pedro Álvares da Silva; depois daquele momento em que ele foi atingido, não o vi mais; soube que ele veio para o Brasil e nunca tive notícias dele. O valor moral é muito importante. Do que adianta o soldado preparado, se numa hora dessa ele perde o controle e fica apavorado, entra em pânico, perde a ação e não faz nada, fica imóvel, estático? Então precisa reagir. E onde vai buscar essa reação? Cada um tem uma motivação, no meu caso era uma, em outros, coisa diferente, mas a Bíblia estava sempre comigo e eu lia muito o salmo 46, que dizia assim: *"O Senhor é meu refúgio e nada me faltará".* O medo é natural, é normal, agora o excesso é covardia. É preciso que o combatente, o homem, tenha valor moral, e isso os soldados, aqueles que eu conheci, tiveram. O chefe tem que ser o exemplo, tem que estar junto, senão é impossível continuar.

Esse foi o primeiro ataque, quando estávamos fazendo parte da *Task Force* 45, sob o comando de um general americano, com o III Grupo e o 6º Regimento de Infantaria, o 4º Esquadrão e mais outra Unidade; entretanto, mais tarde, o General Mascarenhas disse que queria toda a tropa brasileira junto com ele.

Fizemos depois o segundo ataque e voltamos ali, saindo da base também, onde estávamos mantendo a posição para o inimigo não avançar, em uma região chamada Larrancole, perto de um lago. Quando chegamos, havia um depósito e nele guardamos bastante munição, para subir o morro e, devidamente, conquistá-lo.

Chegamos bem próximos, só atirávamos quando necessário; não dávamos tiros a esmo, para não denunciar a posição, pois o canhão 88mm estava sempre em cima. Os alemães eram muito treinados, nos localizavam rapidamente, enquanto tínhamos dificuldade para identificar o inimigo. Nunca se via o alemão, porque ele não ia ficar lá de pé para se mostrar. Assim, nós não víamos, só ouvíamos tiros e só sabíamos mais ou menos de onde vinham; eles, no entanto, nos observavam perfeitamente.

No segundo ataque a Monte Castelo, estávamos avançando, chegamos até um certo ponto e aí começou de novo o bombardeio, configurando mais uma tentativa inválida. Chegava-se até um certo ponto e não dava para prosseguir, pois recebíamos muitos tiros. Uma coisa que me marcou foi o tiro direto do canhão de carro-de-combate, diferente de Artilharia, porque a granada desta vinha com aquele assobio característico, dando tempo para que nós nos jogássemos no chão, mesmo com a impressão que fosse cair nas nossas costas; com o morteiro, também, é diferente. Mas no carro-de-combate era tiro direto, a gente não ouve nem a partida, só a chegada, porque ela penetra no chão e arranca a terra toda. E começou a atingir um Pelotão da 8ª Companhia de Fuzileiros, que teve de recuar.

Agora, fiquei com a Seção de Metralhadoras, com aqueles reparos, para recuar e com medo de cair prisioneiro. O que fazer? Abandonar, largar tudo, sumir e desaparecer de lá, sair correndo? Aí o fator moral, é necessário ter equilíbrio, para não nos deixarmos afobar; tivemos que recuar, sim, mas em ordem.

Tínhamos que preparar o retraimento, pois não dava mais para permanecer ali com eles atirando, atingindo o Pelotão da 8ª Companhia; graças a Deus conseguimos sair daquele lugar. Primeiro uma peça e depois a outra, fomos até um abrigo numa estrada, onde o tiro direto não nos alcançava e ficamos parados, mas, lá no lugar de onde viemos, já não dava para chegar mais perto; a essa altura, chegou alguém com um rádio, *hand talk*, como falava o americano, para que eu me comunicasse com o Comandante do Batalhão, o Major Silvino Castor da Nóbrega. E ele perguntou: “Como é que está a movimentação?” Eu respondi: “Aqui, o pessoal do Pelotão recuou, também tive que retrair e vim para um abrigo na estrada.” Ele falou: “Então fica aí, acalma o pessoal e aguarda.” Eu respondi: “Está bem, vamos aguardar ordens.”

Depois, chegou o pessoal da Cia de Petrechos Pesados do III Batalhão, trazendo mais munição para manter a posição ocupada, a todo custo e, graças a Deus, o alemão não contra-atacou com carro-de-combate, porque se assim o fizesse não iria dar para resistir. Da minha atuação no primeiro e segundo ataques, ganhei um elogio, cujo teor transcrevo:

“Dotado de excepcionais qualidades, condutor de homens, sério, honesto, sincero, leal, valente e decidido, goza da estima de seus comandantes e chefes, que eu

admiro e respeito como executor de suas funções, sabem todos da sua moralidade, sendo dotado de uma grande noção de responsabilidade.

Várias vezes tem se destacado em combate, distinguindo-se sobremaneira em Monte Pedroni e no ataque ao Monte Castelo em que sua seção, apesar do ímpeto do fogo cerrado do ataque inimigo, retraiu-se em ordem e com todo material, graças à sua calma, coragem e iniciativa".

Esse fato que narrei, acumulei como experiência; depois de Castelo, fomos para outros lugares que não me lembro bem, onde vivemos diversas passagens; o primeiro e o segundo ataques foram em novembro, quando o inverno já estava se aproximando.

A conquista do Monte Castelo só foi se concretizar em fevereiro de 1945, pelo 1º RI, o Regimento Sampaio, e nessa ocasião eu estava no lado de Belvedere.

Antes, passamos para uma atitude defensiva e fui para um lugar chamado Morro de Attico, frente à cota 882 do Morro Della Croce, onde estava o inimigo, a cidade de Santa Maria Villiana e outras próximas. Eram cidades que ficavam nessa região, de frente para esse Morro Della Croce. Olhamos no mapa e vimos que ficava na altitude do Morro Della Croce e onde nós estávamos era mais baixo, ali não passava ninguém.

Tomamos posição, havia uma casa e uma igreja; as metralhadoras ficaram uma de um lado e a outra do outro lado da igreja, para guarnecer aquela região e aí o inverno chegou.

Tínhamos ordem para estacionar, muita vigilância, tudo muito calmo e muito frio. Já havíamos recebido dos americanos os uniformes próprios para o inverno. Havia um uniforme branco, mas só para o pessoal do grupo de tiro. Os dois que ficavam lá e os dois que os iam substituir usavam aquela capa branca e o capuz durante a noite, no escuro. Permanecemos naquele lugar cerca de dois meses. Todo dia era a mesma coisa e, quando caía a noite, nos recolhíamos na casa próxima.

Com o frio, recebemos também as galochas. A gente usava aquelas botas, mas fomos alertados que, para suportar o frio, era necessário ter cuidado com os dedos, as orelhas e o nariz para não congelar. O soldado brasileiro inventava, colocava jornal para ajudar a aquecer os pés e às vezes tinha a oportunidade de fazer um fogo, durante o dia (não à noite), sem fumaça, só para esquentar os pés. Já se falava que não era para botar os pés calçados sobre o fogo, era o contrário, tinha que ser feito o aquecimento de dentro para fora.

Quando começou a nevar o soldado ia substituir o outro no abrigo individual, onde já estava caindo neve, e já havia 2cm de gelo no chão, aquele gelo fofo que, ao ser pisado, afundava. Depois chegou a um palmo, mais tarde até o joelho e, quando se pisava, afundava. Depois a neve ia ficando sólida e não afundava mais, era puro gelo e aí vinha a complicação, porque não tínhamos prática de andar no gelo, escor-

regávamos, caíamos muito. Certa vez o pessoal foi buscar o café e eu fui com eles, quando estava voltando, escorreguei, caí e as latas foram parar lá embaixo. Mesmo com aquelas botas, não sabíamos andar no gelo.

Com todas essas dificuldades gerais, tivemos que nos defender. Os alemães atacaram, procurando nos desalojar de lá para tomar aquela posição, porque, daquele ponto, tinha-se ampla visão da estrada lá embaixo, da rota 64 e, se não me engano, da ponte de Marano. Os alemães tentaram à noite. Estávamos assim com todo aquele silêncio e o que resolve à noite é ouvir bem. Se ouvia alguma coisa ali, o soldado já acordava a gente e cada um ocupava um abrigo, rapidamente, e ficava ali esperando. Eles fizeram diversas tentativas para chegar às nossas linhas de combate. Numa dessas arrancadas, em que eles davam os golpes-de-mão, tentando se apoderar de nossas posições, eu dei, aliás eu dava sempre a ordem para que, quando acontecesse isso, o pessoal não saísse do abrigo, porque o inimigo veria e nem perguntaria quem vem lá, já atiraria.

Um deles ultrapassou as nossas linhas e depois, quando estava voltando, um soldado da Companhia atirou no alemão, que caiu. De madrugada, fomos lá e vimos que ele tinha no bolso um tubo de pastilhas, um lenço, um lápis, uma chave e a identidade. Na farda fechada havia uma fita, era símbolo de que possuía a medalha Cruz de Ferro de 2ª classe. Ele era jovem e já estava morto. O soldado que atirou, com quem conversei, falou: “Sargento, eles passaram aqui e vinham falando alto; meu companheiro disse que era alemão, eu achei que não, mas pelo sim, pelo não, atirei.”

O interessante é que o soldado brasileiro se sentiu mal, por ter matado o inimigo e foi conduzido para a retaguarda, a fim de ser observado, ou alguma coisa assim.

Um dia, ao término de uma patrulha, quando já estávamos chegando, recebemos fogo dos dois lados, de metralhadora e outra arma automática. A patrulha recuou, mas foi atingida e um sargento ficou ferido. O cabo João Fagundes Machado também foi atingido, acho que na coxa; ele caiu e rolava para cá, rolava para lá e gritava: “Ai meu Deus do céu!”, rolava e lá ficou; de vez em quando se levantava, mas caía de novo, ficava deitado; o padioleiro não estava presente e, por isso, o deixamos lá. O pessoal da patrulha voltou; o Tenente dele era o Nestor Cordeliano e o sargento era o Guilhermino, num gesto de humanidade, sentimento do dever, coragem e bravura, puseram a vida em risco, foram lá buscá-lo e chegaram próximo à posição alemã; deixaram-no para ser retirado. Interessante, eles deixaram recolher o cabo brasileiro que tinha morrido, uma desolação, não sei o que fizeram lá, mas já estava morto quando chegaram. É fato marcante que mostrou o valor do soldado brasileiro, num gesto que, até hoje, muito me emociona, ao lembrar dele; realmente, fiquei muito sensibilizado, porque são coisas que sensibilizam o combatente; a coisa

que mais castiga é a morte das pessoas. Não só de brasileiros, mas também de inimigos e de civis que a gente encontrava.

Já perto da primavera, mas ainda no inverno, quando íamos avançando para atacar o Morro Della Croce, um soldado me chama a atenção e fala: “Sargento! Olha, lá em cima tem alguém.” Vi por binóculo que era um alemão. Mandei preparar a metralhadora para uma emergência, porque diziam que às vezes uma pessoa saía de uma posição para que um grupo fosse prendê-lo e a equipe de cima metralhava o grupo lá embaixo. Pelo caminho, além de granadas e minas que eles colocavam, havia, também, armadilhas de granadas, improvisadas com um arame rente ao chão, para que a pessoa que estivesse passando tropeçasse, fazendo a granada explodir.

Fomos ao encontro dele, com dois soldados e um sargento, e, ao chegarmos lá, ele levantou os braços e falou: “*Cameram now caput*”. Eu não sabia falar alemão, o soldado foi rendido e levado para a retaguarda. Os brasileiros deram um cigarro e pão comum, porque ele só tinha pão preto na marmita. Havia um negro que, às vezes, nos acompanhava em alguma missão; ele ia de bazuca e quando o alemão o viu exclamou: “África, África, África!” Ele achou que era um soldado africano e talvez tenha ficado com medo de ser executado; depois, esse mesmo soldado foi mandado para a retaguarda e eu peguei o seu cinto de guarnição. Na retaguarda, ele informou ao Comando que na frente das posições alemãs e próximo à cerca de arame os alemães haviam colocado muitas minas.

Realmente, quando avançamos sobre o Morro Della Croce, que era o nosso objetivo, o Tenente Túlio Campello, hoje é Tenente-Coronel reformado, estava caminhando, acompanhando o Pelotão dele, quando pisou em uma mina que explodiu e ele perdeu a perna. Os padioleiros foram lá e colocaram-no na padiola, desacordado.

O prisioneiro havia falado a verdade. Nós tínhamos que avançar no terreno que não era limpo, era minado. E, como chefe, não podia falar para o soldado: “Vem aqui. Vai andando aí, pisa ali para ver se tem mina que eu vou atrás.” Tínhamos que ir em formação onde estavam o sargento, o cabo, a primeira peça e a segunda peça, com muito cuidado. As minas estavam escondidas e camufladas, não havia nada que indicasse onde se encontravam. O que tinha acontecido com o Tenente Túlio tinha nos impressionado; como essa região ainda não estava limpa, caminhávamos, procurando pisar onde alguém já tivesse pisado.

Nessa hora, quando se está caminhando, o que passa na nossa cabeça é angustiante; a equipe não podia ir toda pelo mesmo lugar, uma para cá e a outra para lá. Um passo a mais poderia significar o fim de tudo; houve o exemplo de um Tenente que arrasta a perna até hoje. E quantos não morreram? Estava-se caminhando e um passo em falso poderia ser o fim. O que fazer? Não andar, se acovar-

dar? Mais uma vez falo do valor do moral em si, seja o que Deus quiser, para a frente, aí caminhamos.

Durante o inverno, naqueles ataques de que participei, às vezes a gente era localizado pelo uso do *very light*, granadas iluminativas que chegavam no alto, explodiam e abriam um pára-quedas com uma luzinha, que caía lentamente e iluminava tudo. Quando estávamos fazendo alguma coisa e éramos, então, vistos, os alemães atiravam com a metralhadora “Lurdinha”.

Pelos ensinamentos da guerra, quando tal acontecia, deveria se ocultar a silhueta do corpo, não se mover mais e abaixar a cabeça de modo a não parecer uma pessoa. Nós fazíamos isso, mas ficávamos pensando: “Será que o inimigo me viu? Será que ele está pensando que ali só tem toco? Será que alguma coisa vai atirar?” Veja bem, nessa situação você começa a se sentir mal, pensa em um meio de sair correndo na mesma hora porque talvez tivesse sido visto por alguém. Agora que estou saindo, ele vai me ver. Então, minutos são horas, a situação parece que não acaba, você quer tomar uma iniciativa e não pode. Fatos, que na história fria dos livros, não são registrados. Segundos que se arrastam.

Eu gostaria de não ter que matar ninguém na guerra, mas guerra é guerra. E guerras já existiam desde os tempos antigos. O povo de Deus já fazia guerra, o povo de Israel fazia guerra. Então, a guerra sempre existiu, eu não pedi para ir, assim como não pedi para sair também.

Uma noite, quando estávamos naqueles abrigos, com muito frio, a neve e o alemão chegando, nem se pergunta quem vem lá, porque vindo do outro lado é atirar e lançar granada.

Certa vez, vinha alguém chegando e eu já com a mão pronta para atirar, gritei: “Quem vem aí?” E o de lá respondeu: “É da 9ª Companhia!” Esses fatos assim é que marcam. Fico pensando, é quando lembro de Deus: porque não lancei granada nele? Ele saiu de um lugar onde não deveria estar; então, são coisas que só quem viveu isso tudo sabe.

Naquele local onde passamos o inverno, dois meses no mesmo lugar, os alemães lançaram também alguns panfletos, procurando atingir o moral da tropa brasileira; nós lembramos de um que reproduzimos aqui, nele se via a águia americana:

“Brasileiro a tua maravilhosa terra é a mais rica de todo o mundo.

Por que é que não jorra petróleo? Porque os americanos não querem.

Por que é que não se pode vender o café? Porque os americanos não querem.

Por que é que o Brasil produz tão pouca borracha? Os americanos não querem.

Por que é que as explorações dos minerais não estão um pouco mais desenvolvidas? Os americanos não querem.

Os americanos querem tomar conta do Brasil para que seus capitalistas possam explorar as riquezas da sua terra, por isso você, sendo soldado brasileiro, foi afastado para morrer na Europa e nunca mais voltar à Pátria.”

Em uma outra que lembramos, o soldado americano, a paisagem do Rio de Janeiro, ele pisando na Bandeira do Brasil, hasteando a bandeira americana e em baixo, na Itália, o soldado brasileiro morto. Fora outros panfletos.

Nós tínhamos o rádio, que não era utilizado pela tropa toda; não tínhamos esse meio de comunicação. Quando passávamos na retaguarda, onde estava o Comandante de Pelotão no seu Posto de Comando, Ten R/2 Mário de Carvalho Camargo, a comunicação era feita por telefone, só que ele ficava com fones de ouvido, pois só o fio ia até a retaguarda. Às vezes, à noite, vinha um bombardeio que cortava o fio, então era preciso mandar alguém fazer o conserto, passando a mão onde ele arrebentou, para descobrir o local da ruptura. Eu tinha sempre uma escala para mandar fazer esse serviço, alguém que teria que sair e restabelecer a comunicação. Eu já perguntava: o fio rompeu, de quem é a vez agora? Tinha muito cuidado com isso, não gostava de ser o responsável pela morte de alguém.

Às vezes, estávamos ouvindo o rádio e escutávamos os noticiários; os alemães transmitiam que um soldado brasileiro tinha sido preso e estava num hospital alemão, passando as informações em português. Tudo para minar o moral da tropa. Ficavam dando notícias de encrencas de marinheiros americanos no Rio de Janeiro com mulheres brasileiras. Havia uma moça, acho que se chamava Margarida Irchin que, se não me engano, depois da guerra foi presa e veio para o Brasil. Era ela que dava essas notícias todas, da Alemanha.

Certa vez, num daqueles bombardeios inimigos, uma concentração violenta estava acertando um morro próximo e nós achávamos que seríamos o alvo seguinte. Comunicado o fato, nos mandaram manter a posição, informando que o Tenente logo viria ter conosco. Logo em seguida, chega o Tenente, que saiu do PC e veio até nossa posição e logo começou outro bombardeio. O que desejo deixar claro é que no momento de angústia, de incerteza, com todo mundo apavorado, mesmo a presença do chefe não muda muito as coisas, ou seja, a presença dele não ia parar o bombardeio e nem evitar que alguém morresse; mas, sem dúvida, a presença do chefe reanimava o soldado; o sargento não descolava do soldado, o Grupo de Combate é a única fração que não desmembra, mas havia ocasiões em que o Tenente e o Capitão não estavam no lugar e quem liderava era o sargento. Mas o efeito moral é muito bom pela presença do chefe num momento desses, decisivo na vida da pessoa; por isso eu me sentia muito bem por estar presente. Para minha tristeza, soube que o Tenente Mário de Carvalho Camargo faleceu recentemente.

Sobre Montese, o III/6º RI foi a Unidade mais duramente provada de toda a tropa da FEB. Não vou ler citações constantes dos documentos sobre o III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria, mas o General Floriano de Lima Brayner em seu livro *A verdade sobre a FEB* e o próprio General Mascarenhas de Morais nos elogios que concedeu ao III/6º RI diziam ser a Unidade mais durante testada.

Certa vez houve um insucesso com uma companhia do 11º RI, em frente ao Monte Castelo e nós fomos lá substituí-los; os alemães tinham atacado violentamente naquela frente, a Companhia recuou e deixou uma brecha, que foi tamponada pelo nosso Batalhão, que teve de voltar e verificar, casa por casa, para descobrir até onde o inimigo tinha chegado. Mas o alemão não avançou por não ter percebido que havia uma brecha.

A Artilharia começou a bater muito, e quando nós chegamos encontramos pessoas mortas, tudo destruído, casas abandonadas. Tomamos posição depois daquele bombardeio. Entrei com a Seção de Metralhadoras numa casa abandonada, onde toda a área já estava bombardeada, as paredes tinham furos. Houve um desabamento que soterrou um soldado da minha peça de metralhadora. Achava que três soldados tinham ficado presos aos escombros, não havia jeito de tirar, não dispúnhamos de uma picareta, mas, com as mãos, acabamos conseguindo retirá-los de lá. Tenho até uma citação a esse respeito, por socorrer a minha peça de metralhadora que ficara soterrada. Mas não houve outro jeito, já que era impossível abandonar os homens. Montese foi a batalha mais dura de toda a campanha da FEB, com o bombardeio mais violento que os alemães desencadearam. Foi missão do 11º RI, que enfrentou, talvez, o mais duro bombardeio de toda a campanha da FEB. Com firmeza deu para suportar aquilo lá.

Quando fomos para as trincheiras, já estava com a minha Seção de Metralhadoras e passamos por terreno minado; por ali haviam trilhado os Regimentos que nos ultrapassaram e a nossa frente estava livre. Já tinham colocado uma fita branca na área livre de minas, mas nem tudo tinha ficado limpo. Subindo para entrar na cidade, ouvimos uma explosão, olhei para trás e vi o cabo da peça de metralhadora, João Monteiro da Rocha, que vinha subindo a montanha, ser atingido e morrer ali na hora. Eu tive três feridos e um morto, avançamos e permanecemos lá. Logo depois o inimigo contra-atacou e disparou um violento bombardeio que nos deixou inseguros. Em determinadas horas achávamos que era melhor permanecer dentro de casa; mas, além das bombas, há as pedras que caem, então íamos para a porta e restava o dilema: ficar lá fora ou voltar para dentro. Estava me tornando inseguro, mas não podia ser assim e por isso continuamos firmes. Um soldado me chamava e dizia que não estava bem, que daqui a pouco iria cair, mas

enfim tudo foi se aquietando. Tomamos Montese e de lá fomos para Zocca, passamos por outra cidade e seguimos para Fornovo.

Foi em Fornovo que se passou um dos feitos mais gloriosos da Força Expedicionária Brasileira, em que o 6º Regimento de Infantaria, aquele que primeiro entrara em combate, teve também a glória de realizar o aprisionamento da 148ª Divisão de Infantaria alemã, os remanescentes de uma Divisão Panzer e, ainda, uma tropa italiana. Eles se renderam com todo o armamento e material e foi uma emoção muito forte ver aqueles mesmos soldados e armas que antes tentavam tirar as nossas vidas agora ali, inertes e neutralizados. Foram cerca de 14 mil alemães. Uma glória muito grande para a nossa tropa, uma das mais brilhantes vitórias do Exército Brasileiro.

Em maio, para nós, cessaram as hostilidades, atingimos Alessandria e outras cidades. O meu Batalhão foi levado para um lugar chamado Torton e lá ficamos acantonados num quartel italiano abandonado, numa cidade onde só havia a população civil; lá não convivemos mais com os problemas da guerra; era bem melhor que o Sul da Itália, onde tudo tinha sido destruído. Quando chegou a notícia do término da guerra, para nós já haviam cessado as hostilidades.

Com o armistício de 8 de maio de 1945 acabara a guerra na Europa, aquilo foi uma festa; até as moças entraram abraçando e beijando os soldados, numa alegria muito grande; houve uma igreja que batia o sino, enfim, foi uma experiência agradabilíssima, emocionante, com as pessoas chorando e todo mundo pensando no possível retorno dos familiares, que estavam em outros lugares, como na Rússia, pois a maioria dos homens já estivera em combate; depois de tanto sofrimento, estavam livres para voltar, daí toda aquela satisfação com o término da guerra.

No meu caso, que era de Infantaria, estava pensando sempre, quando encontrava o pessoal da população; era uma passagem sofrida, mas eles estavam muito felizes agora e eram gentis conosco; às vezes, davam alguma lembrancinha e sempre diziam: “Que Deus os proteja!” Eu sabia que ia embora, mas o meu pensamento voltava a cada combate de que participamos, morria um, morria outro, e sempre pensávamos que, no próximo, poderia ser a nossa vez.

Eu queria comentar ainda sobre o soldado alemão e sua experiência militar. Era um grande combatente e de elevado valor militar, isso é inegável; porém, não eram super-homens, tanto que se renderam aos pracinhas brasileiros, gente simples, do interior, considerados, também, soldados de valor, leais, firmes e que acompanham o chefe; eu não tive nenhum problema com soldado, ninguém se apavorava, ninguém entrou em pânico; estavam sempre unidos e cumprindo o seu dever.

Mas também cabe um comentário sobre a alimentação em campanha. Durante o período do inverno, em que estávamos estacionados, a alimentação era preparada

na retaguarda e o soldado tinha que ir buscar e trazer a refeição, mais ou menos parecida com a nossa. Por exemplo, quando fazia um omelete era um ovo só, mas nós colocávamos ervilhas e misturávamos com arroz. A carne era diferente, parecida com presunto, mas não era aquele bife suculento com batatas fritas que a gente comia no restaurante, mas, em todo caso, bem melhor do que a ração de combate. Essa não era boa, mas dava para agüentar bem. Eram três caixas, uma para o café da manhã, outra para o almoço e a terceira para o jantar. O café da manhã era composto de uma lata de queijo, um pacotinho de bolacha e um pedaço de chocolate; o café era solúvel, pegávamos a água fervendo, colocávamos com açúcar; vinham, ainda, cigarros e uma caixa de fósforos. O almoço podia ser composto por umas latinhas com comida enlatada, uma parecia suco de tomate. Era comida americana, feijão, carne misturada, feijão branco adocicado, comida meio doce, não apimentada, carne salgada, tudo muito diferente, esta era a ração de combate.

Para concluir, gostaria de dizer que a FEB trouxe uma modificação para o Exército: antes da guerra adotávamos a doutrina de guerra francesa e dava para sentir a influência da missão militar francesa. Nessa época, havia muita distância entre os oficiais e as praças, mas com a FEB, devido ao contato com o americano, isso tudo foi modificado. Antigamente, um 1º sargento, com 28 ou 30 anos de serviço para falar com um oficial, tinha que fazer continência, se apresentar e ainda permanecer com a mão na pala até que um jovem recém-saído da Academia lhe mandasse baixar a mão, porem lá era diferente. O Exército também ficou mais democrático, melhorou muito, passamos a adotar uma outra visão. A FEB teve, também, influências até na política, porque vivíamos a fase ditatorial de Getúlio Vargas; hoje estamos bem diferentes daquilo que era quando eu estava no Exército. Naquela época, o Serviço Militar sorteava um elemento no interior que não tinha conhecimento algum; não era como hoje, em que há seleção do soldado; atualmente está bem melhor.

Finalmente, ao prestar este testemunho, afirmo que para mim foi um privilégio e uma satisfação ser útil para a história do Exército; é muito agradável servir, assim, da maneira que estou servindo; isso me alegra muito, e agradeço a oportunidade que me foi proporcionada.

Capitão Bertha Moraes Nerici*

Nasceu no dia 2 de novembro de 1921, na Cidade de Santana do Parnaíba, em São Paulo, é viúva, tem um filho, uma neta e um neto.

Por sua participação na Segunda Guerra Mundial, como 2º Tenente-Enfermeira da Seção Hospitalar da FEB, recebeu as seguintes condecorações: Medalha de Campanha e Medalha de Guerra.

A Capitão Bertha esteve na guerra para mitigar as dores dos feridos, ajudar a curar; foi essa a sua missão humanitária, nobre e cristã.

---

* Enfermeira, entrevistado em 7 de dezembro de 2000.

É louvável o que os dirigentes do Exército estão fazendo, no sentido de guardar um pouco da história da FEB, da nossa participação, do nosso sofrimento, de tudo que ocorreu com os pracinhas e oficiais que integraram a nossa Força.

Como é um assunto muito vasto, abordarei o tema dentro de uma ordem cronológica, o que nos facilitará reviver aqueles importantes momentos.

Sobre minha convocação, direi que foi feita pelo jornal. Havia uma vibração fortíssima e também uma indignação muito grande com relação ao torpedeamento dos nossos navios, inclusive navios de passageiros. O espírito de revolta contagiou civis e militares e foi feita a convocação pelo jornal. Tomei conhecimento através de *"O Globo"* e, como eu tinha feito 21 anos na sexta-feira e a apresentação era na segunda, pude me inscrever.

Nessa ocasião, residia e trabalhava no Rio de Janeiro, bem como a minha irmã e morávamos juntas. Em São Paulo não havia tanta possibilidade, pois naquela época não existia Escola de Enfermagem, apenas o aprendizado da Cruz Vermelha, que ainda era pago.

Como estava no Rio pude me apresentar, pois trabalhava no IBGE; saí do trabalho e dirigi-me à Diretoria de Saúde, no então Quartel-General do Rio. Havia mais umas quatro ou cinco moças, mas as outras não puderam se inscrever, ou porque passavam da idade de quarenta e dois anos, (que era a idade limite) ou por causa de problemas com a documentação, ou diploma.

Sei que nesse dia só eu fui aceita. Estava lá o Capitão Luongo, que era médico e coordenava esse trabalho, (depois foi promovido a General). Ele virou-se para mim e disse:

– Então, Dona Bertha, a senhora é a voluntária número um.

Não esperava aquilo, e vieram repórteres de O Globo, Correio da Manhã e Jornal do Brasil registrar o fato.

Fui considerada convocada, só precisava apresentar o diploma de Enfermagem.

Já tinha trabalhado nisso desde os 14 anos, primeiro numa creche, depois na Santa Casa de Cruzeiro, com as Irmãs de Caridade, portanto, tinha uma certa experiência.

Para sobreviver no Rio, continuei labutando. Depois que fizemos o curso e fomos convocadas, nós, as estagiárias, executávamos um trabalho duríssimo. Chegávamos ao Hospital Central do Exército às 7 horas da manhã, depois saíamos correndo do HCE para o almoço e, em seguida, para a Fortaleza de São João, onde fazíamos exercícios, ou para a Diretoria de Saúde, onde assistíamos as aulas teóricas.

Era muito difícil, pois os exercícios na Fortaleza de São João eram os mesmos que os soldados faziam. Foi um curso sacrificado que, graças a Deus, terminei apro-

vada, continuando a preparação para a FEB. Não podia tomar parte mais efetivamente, porque estava cuidando de um bebê recém-nascido, cuja mãe adoeceu e precisou ficar no hospital. Não podia sair um minuto, mas sempre telefonava para saber o dia em que seríamos chamadas, até que chegou a ocasião de preparar os uniformes e seguir destino, como de fato aconteceu.

Viajamos para Natal, de avião, até a Base de Parnamirim.

Nessa ocasião, mais de cinqüenta navios já tinham sido afundados. Em Parnamirim, ficamos aguardando a ordem de embarque, porque os alemães estavam ativos e não deixavam atravessar nada da Argélia para a Itália.

Nunca esqueço o que aconteceu: só embarcaríamos às 23 horas, já era noite fechada. Vi cinco colegas americanas partirem antes de nós e outras cinco ficarem. Saímos de madrugada, ainda escuro. Chegamos à ilha de Assunção (que Dom Pedro II deu de presente para a rainha Vitória) e, quando desembarcamos, o soldado americano ficou olhando meio abobalhado, meio assustado, não conseguia dizer nada e eu pensei:

– O que deu nessa criatura, meu Deus?

Quando ele conseguiu falar, explicou:

– É que as cinco que partiram antes de vocês pediram socorro pelo rádio e não chegaram até agora. Depois que vocês saíram, as outras cinco também solicitaram auxílio.

Ele achava que tínhamos escapado e que as outras não haviam conseguido. A verdade é que não se passava facilmente, os alemães atacavam mesmo.

De lá fomos para a África e passamos alguns dias em Acra, a capital de Gana, depois Costa do Marfim, de onde seguimos até chegar à Argélia, passando antes por Casablanca, no Marrocos.

Na época vivia-se aquela febre do filme *"Casablanca"* e, então, fomos ver o bar que aparecia na película. Enfim, chegamos a Nápoles que estava inteiramente destruída, um monte de escombros, especialmente a área do porto, tudo bombardeado, navios afundados.

O velho *Saint Louis Missouri* que depois virou o porta-aviões *Minas Gerais*, estava no porto, com um rombo no casco de uns cinco metros de largura. Nápoles estava numa total miséria, faltava tudo. Permanecemos uns dias no hospital da cidade e depois seguimos para Civitavechia, já ao Norte de Roma, que foi o primeiro ponto de nosso trajeto no rumo do setentrião.

Depois seguimos para Tenuta de San Rossore e, pouco acima, começamos a trabalhar nos hospitais americanos de campanha.

Agora há umas coisas que não comento fora do Exército, ou em outros lugares porque não quero dar oportunidade a mal-entendidos.

Primeiro, a tragédia dos uniformes. Eram horríveis, saímos daqui com uns trajes cinza, feios e grosseiros.

Quando os americanos viram, não acreditaram e pensei:

– Graças a Deus, eles vão nos ajudar.

Recebemos uniformes americanos, bem melhores, mais bonitos e mais confortáveis. Começamos a trabalhar e, para não desmentir a nossa mentalidade e o nosso modo de ser, os dois pacientes que recebi em primeiro plantão foram brasileiros acidentados em desastre de jipe.

Não foi nem por ação do inimigo, pois ainda não estavam em combate. Até me encontrei, recentemente, com um desses dois, em Belo Horizonte, ele se chama Teixeira e está relativamente bem. Acho que o Tenente que se encontrava junto já faleceu, era de Niterói.

Começamos a trabalhar e como falava um pouco de inglês, repetia-se aquela velha estória: "Na terra de cego quem tem um olho é rei..."

Ajudei os americanos no que podia, agindo como elemento de ligação. Primeiro na enfermaria, depois na clínica médica, para soldados doentes e, mais tarde, como não havia pessoal para cirurgia, nem entre os americanos, fui mandada para a Tenda Casos Cirúrgicos e fiquei até o final atuando na sala de operações, porque era instrumentadora.

E assim prosseguia a nossa luta, éramos muito bem tratadas pelos americanos, havia um congraçamento maravilhoso com a tropa, com os oficiais. Fomos pioneiras, agora já existe gente moça, esclarecida, mas fomos as primeiras e não tivemos problema algum.

Fomos tratadas com toda a consideração, tanto pelos brasileiros como pelos americanos e essa coisa de assédio sexual, jamais aconteceu.

Nunca tivemos aborrecimentos, jamais houve escândalo. Uma até se casou com um americano e outra casou-se com um brasileiro: ela era Tenente e o marido, um praça, ficava um tanto difícil, já que ela não podia ir às festas dele e este muito menos às nossas, pela diferença de círculos hierárquicos.

Trabalhamos muito e sem atritos; o próprio General Mark Clark nos prestigiava muito e ia, às vezes, pessoalmente ao hospital. Um dos seus ajudantes-de-ordens, o Major Walters, que agora está em cadeira de rodas, era de uma região dos Estados Unidos onde há lusitanos, falava fluentemente o Português e fazia-se de intérprete.

A nossa vida foi bastante suavizada por esses bons tratos, por esse modo de ser do americano.

Só uma vez, e graças a Deus nem fiquei sabendo direito por que, o americano chegou e falou:

– Essa, essa e essa, 24 horas para sair daqui!

Saíram, foram embora, não fiquei sabendo do que se tratava e não sei até hoje. Foram para Nápoles e de Nápoles foram recambiadas para o Brasil.

Acho que eram quatro ou cinco, não me lembro bem.

Mas foi um número inexpressivo, considerando que o total absoluto das que se inscreveram e fizeram o curso foi de 75. Mas dessa turma algumas já haviam se casado rapidamente, para não ir e das que foram, umas voltaram logo. Havia também o pessoal da Aeronáutica, que fazia o transporte, e as enfermeiras da Força Aérea, em número de cinco, mas nunca tivemos contato com elas, porque ficaram num hospital mais à retaguarda.

Com os feridos da Aeronáutica, ou era aquela fatalidade, ou era uma coisa leve que não compensava conduzir lá para a retaguarda; quase não iam para o hospital deles, ficavam conosco mesmo.

O Grupo de Caça ficava sempre na mesma localidade que o hospital, sendo três as Unidades que permaneciam nas mesmas cidades: o Hospital Americano, a 1ª Companhia Leve de Manutenção e o Grupo de Caça, o “Senta a Pua”.

Trabalhamos muito, naqueles tremendos combates antes de chegar o inverno, os americanos sempre com aquela mentalidade moderna. Infelizmente, ainda nos encontramos muito atrás deles.

Eles previam e sabiam tudo, pois a sua Logística era perfeita.

Muita gente desconhece, mas quando se contaminavam com malária, não voltavam para os Estados Unidos, ficavam no hospital, mas numa tenda tão retirada, que dava pena. Ninguém ia visitar porque todo mundo tinha medo, porém eu sempre dava uma força para as colegas doentes, sozinhas, mas bem-tratadas.

Continuamos a missão, a comida era meio estranha, havia época em que piorava bastante. Uma ocasião, no inverno, passamos uma boa temporada comendo feijão branco com vinagre, todos os dias.

Uma das coisas que me trouxeram alguma dificuldade foi a falta de “apadrinhamento”, já que uma das colegas, Virgínia Portocarrero, era filha do General Portocarrero, um General de nome ilustre e havia ainda uma neta do General Coutinho, que era médico e a maioria possuía alguma relação com o Exército, só que eu não tinha uma ajuda sequer:

O pessoal apadrinhado estava “nas alturas”. A que era funcionária do Banco do Brasil, por exemplo, não era enfermeira, era uma alta funcionária do Banco, mas neta do General Coutinho e um tio era Presidente do Banco do Brasil e outro, Ministro da Fazenda, então bastava um bilhete.

Mas eu teria que trabalhar mesmo e foi para isso que fui para lá.

Havia uma colega que não comia e foi enfraquecendo, até que um dia estava indo para o refeitório e caiu de fraqueza.

Caiu assim, que nem um "pau podre", nós corremos e a acudimos, levâmo-la para a enfermaria, onde ficou 28 dias. Eu lhe disse:

– O que você veio fazer aqui? Fazer piquenique? Você está pensado que isso aqui é brincadeira? Eu vim para trabalhar porque sou enfermeira.

Ela sempre criticava aquela comida ruim, e eu dizia:

– A comida é ruim, mas alimenta.

– Agora não adianta, você além de não trabalhar, ainda vem atrapalhar?

Não era agradável criticá-la, mas estava merecendo e era a realidade.

Os americanos cultivavam alguns hábitos muito interessantes, muito agradáveis. Havia festas, as mulheres tinham um uniformezinho para essas ocasiões: a mesma saia bege, mas com uma blusinha azul, muito bonitinha, que não se usava no trabalho, só o uniforme do dia. As festas eram divertidas, existia um galpão onde os bailes eram realizados e lá dançávamos.

Nos blecautes o escurecimento absoluto, muita gente não lembra disso, não se podia acender um cigarro, não podia mesmo, vínhamos nessa disciplina desde Nápoles.

Quem não viveu isso não imagina como era!

Na hora dos bailes, a iluminação vinha de uma luz com um funil, que só clareava um pouquinho e o galpão era todo vedado com lonas escuras, afinal as boates são mesmo à meia-luz...

Essas festas amenizavam a situação e a cada três meses recebíamos três dias de folga em Florença ou em Roma, mas nesta última quase não adiantava, porque Pistóia era distante de Roma; Florença era pertinho.

Era muito gostoso aquele feriadinho, mas só. Agora, quando ia haver ataque, a enfermeira chefe chamava e dizia:

– Está previsto um ataque, todos os passes estão suspensos.

E ninguém saía do hospital. Houve uma história desagradável que vou contar e que nunca relatei fora do nosso meio.

Estava na enfermaria e lá baixou um Tenente muito "posudo". Eu lhe falei:

– Tenente, aqui estão o seu pijama e roupão, o senhor faça o favor de ir ali àquela tendinha para se trocar.

Ele disse:

– Imagine, eu não vou me trocar nada. Eu vou é para Pistóia.

Retruquei:

– Tenente, o senhor está bom da cabeça? O que é isso, como ir para Pistóia se o senhor sabe que vai haver ataque?

Ele respondeu:

– Ah, eu vou. Essas enfermeiras são mesmo muito metidas.

Ponderei:

– Nem pense, porque se você for, vai se arrepender.

Mas ele foi embora.

Graças a Deus eu só vi isso uma vez e aí veio o médico da enfermaria e falei:

– Já há um caso aí para resolvermos!

Quando o Tenente voltou, já tinha tomado umas e outras, e eram altas horas da noite. A sentinela americana ficou meio atrapalhada, porque no Exército americano só os generais usam estrelas e as nossas estrelas de Tenente são parecidas, mas deixou-o entrar.

Quando ele chegou, já estavam todos na enfermaria esperando, porque sabíamos que aquilo ia dar confusão; eram 73 homens na enfermaria, ele pegou o pijama, meio sem graça, todo mundo cobrindo a cabeça, deitou-se e eu já tinha chamado os padioleiros, veio o médico e pedi:

– Tenente, o senhor pode me dar a calça do seu pijama.

Ele respondeu:

– Ora, para que você quer a minha calça?

Eu retruquei:

– Me dá logo, porque se o senhor não der olhe ali os dois padioleiros.

Então, muito sem graça tirou a calça e deu, não tinha mais nada por baixo, nem cueca, ficou só com o paletó e então o Tenente-médico falou:

– Agora o senhor vai ficar aqui durante cindo dias, sem sair da cama. Quando precisar de papagaio ou de comadre, você pede. E tem mais, dieta líquida!

Seria algo bem desagradável, especialmente para quem não estava doente, pois a dieta líquida era a mais fraquinha que havia. Esse é um que até hoje xinga as enfermeiras, se é que ele ainda está vivo!

Alguns não se importavam em ficar presos no Depósito da FEB, cujo “xadrez” era uma coisa horrível.

Em todo Exército há cadeia e como lá não existia nem uma tenda, nem nada para servir de “xadrez”, nas emergências e casos graves o Comandante mandava fazer um buraco, tipo um poço, com uns dois metros de profundidade e o infeliz tinha que ficar lá embaixo.

Não tendo como subir, às vezes saía doente. Isso é uma coisa que gostaria de falar para os oficiais de hoje: nestes casos os homens eram muito maltratados mesmo. Uns poucos militares tinham aquela mentalidade que vigiu no Exército antigo, como durante a Guerra da Tríplice Aliança, com a aplicação do Regimento do Conde

de Lippe. Isto é, castigar duramente o militar faltoso. Depois da guerra modificaram bastante tais hábitos.

Outro episódio lamentável é que, voltando de navio para o Brasil, muitos passaram mal, inclusive três enfermeiras. No final sobramos eu e mais uma, pois éramos cinco.

Regressamos num navio que era o iate do dono da fábrica de canetas Parker e foi uma das piores coisas porque passei. Pior que a guerra, porque a capacidade do iate era de oitocentos passageiros e bem apertados, mas ali estavam reunidos 3.200 pessoas, os queimados, os leprosos, os tuberculosos e outras coisas horríveis, além das enfermeiras e uma prisioneira, a Margarida Reichman, que também estava no navio.

Para que o sacrifício e a pressa?

Resultado, uns ficaram na parte interna, quem não coube no interior alojou-se em cima, no convés. Ficaram 12 dias e 12 noites ao relento e com pouca comida.

No décimo dia começou a baixar todo mundo com pneumonia, uma coisa horrível, catastrófica mesmo.

Já havia terminado a guerra, pois era outubro e o conflito acabara em maio.

Foram fatos incrivelmente desagradáveis.

Acabaram também os cigarros que tínhamos na enfermaria para dar aos soldados. Fui falar com o Tenente que era o responsável pelo Serviço de Intendência:

– Tenente, o senhor, por favor, poderia me arrumar alguns cigarros? Os queimados estão passando mal e há mau cheiro.

Ele olhou para mim com o maior desdém, com o maior pouco caso e falou:

– Eu não vou arrumar é nada! Se não tem cigarro lá, é porque o Chefe do Serviço de Saúde é incompetente, ele tinha que pedir!

Falou isso na minha frente, postado na parte mais alta da escada e eu na parte baixa, o que ainda ficou pior.

Pensei: agora vou me “arrebentar”, mas não faz mal, vou reagir!

Então abaixei o dedo dele e retruquei:

– Primeiro, o senhor não vai sacudir esse seu dedo aí para mim; depois vai falar comigo direito. Eu não quero mais cigarro, já vou embora, e tem mais, nem vou pedir licença.

Sabia que tinha que pedir, mas não o fiz. Ele ficou “louco”, fez uma parte feia sobre minha transgressão, para o Comandante.

Mas Deus é misericordioso e calhou que o Comandante, o Coronel Arquimínio, caiu com uma pneumonia daquelas e eu, que sempre tratei bem todos os pacientes que passaram pelas minhas mãos, caprichei mesmo. Cuidei do coitado do Coronel, que estava muito mal e precisava fazer até inalação.

O tratamento para a pneumonia naquele tempo já era na base de penicilina e uma porção de outros medicamentos, além do tratamento com ventosas aplicadas nas costas. Era bem difícil mas, graças a Deus, ele sarou e a parte do Tenente Intendente foi arquivada.

Quem chegasse preso iria para a Ilha das Flores. Inclusive, pelas condições tão graves de saúde a bordo, falou-se que todos iríamos para a Ilha das Flores, para ficar em quarentena.

Sei que por mim iria para a Ilha das Flores presa, ou para qualquer lugar do inferno, mas tudo bem, tinha feito serviço correto até então e ninguém me atrapalharia, mas morreu o assunto e continuei trabalhando feito uma doida.

Esses foram os casos mais difíceis que aconteceram com os brasileiros. O do Tenente foi até engraçado, mas não houve nenhum mal-entendido, eu ajudava todo mundo, até os italianos que estavam precisando muito.

Uma vez, o General Daltro Santos, que era Capitão naquela época e morreu faz uns quatro ou cinco anos, disse-me uma coisa interessante quando me encontrei com ele no hospital e perguntei:

– Capitão, o senhor precisa de alguma coisa, há algo em que eu possa ajudá-lo, como, vai o senhor, como vai a sua família?

Passados uns dias, nos encontramos de novo e ele comentou:

– A senhora foi a única que perguntou pela minha família!

E assim foi passando o tempo. Fiz algumas observações e comentários sobre casos que nunca havia relatado e nem pretendo falar mais a respeito.

Lembro do inverno que passamos em Pistóia, foi terrível. O nosso Comandante Marechal Mascarenhas de Moraes era durão, “era carne de pescoço”. Numa ocasião em que os alemães ameaçaram muito a nossa tropa, em Porreta Terme, onde estava o QG do Marechal, o General Mark Clark, Comandante do V Exército, falou:

– Eu vou mudar o meu QG e acho que o senhor também deve mudar o seu.

Mas o Marechal respondeu:

– Eu não vou mudar, vou permanecer aqui.

E não mudou mesmo.

Tivemos bastante trabalho, até que com o término do inverno em abril, pudemos avançar. Em maio findou a guerra.

Nos últimos dias do conflito, o General Pitaluga, nessa época Capitão, comandava o Esquadrão de Reconhecimento. Eu era a madrinha do Esquadrão, convidada pelo primeiro Comandante, o Capitão Flávio Franco Ferreira, que os soldados apelidaram de Capitão “três éfes”.

Ele adoeceu, veio embora logo no começo e o Capitão Pitaluga, muito exigente assumiu o Comando do Esquadrão. Os soldados o admiravam mas punia quem se fizesse de engraçado.

Um caso curioso: a colega que era neta do General e sobrinha do Ministro da Fazenda não era enfermeira, por isso davam a ela missões mais leves; na área de enfermagem o trabalho menos pesado era o da ala dos venéreos, onde havia mais negros americanos, porque, apesar dos vários avisos de que a área era contaminada, eles não ligavam e quando adoeciam ocupavam uma enfermaria do hospital, que era isolada do centro e uma espécie de segregação, só para esses doentes; não havia cigarros, não tinham chocolate, nem cinema, nem calça de pijama, só o roupão.

Até porque o regulamento do Exército, naquele tempo, previa que o militar que contraísse doença venérea, além do sofrimento pela doença, era punido também com determinados castigos ou restrições.

Essa colega ficava nessa área. Havia um soldado que não melhorava nada e os médicos comentavam:

– Mas como pode, todo mundo melhora e esse não? Então vamos mandar para a retaguarda que lá há mais recursos.

Mas quando levantaram o colchão da cama em que ele estava, era só comprimido, parecia percevejo de tanto remédio; o praça jamais tomou um sequer, punha debaixo do colchão e a moça, inexperiente, não desconfiava do problema.

O rapaz achava que não precisava tomar, era ignorante e muito humilde.

Além dessa, há muitas outras histórias de soldados que não conseguiam ludibriar aqueles sargentos bem espertos, bem afiados, mas os tenentes eram mais crédulos, mais fáceis de serem enganados.

De Pistóia fomos subindo, o Exército alemão já estava em retirada, havia esparsos combates. O Capitão Pitaluga, teve ação destacada na perseguição e cerco dos alemães, cooperando decididamente para que o 6º RI e outros elementos da FEB capturassem a 148ª Divisão alemã e o restante de uma Divisão Panzer que combatera no Norte da África; remanescentes do *Afrika Korps*, ex-comandados de Rommel, um dos destacados generais da Segunda Guerra. O próprio General Montgomery e mesmo Churchill afirmavam que o maior soldado inimigo fora Rommel. Conspirou contra Hitler e foi condenado à morte por suicídio, teve que se matar.

Com a rendição, se entregaram quinze mil homens, seis mil viaturas, quatro mil cavalos, canhões e a oficialidade toda. Muitos oficiais alemães chegavam falavam em francês, pois se recusavam a falar em inglês.

O Rubem Braga esteve na frente, depois foi ao hospital e contou que os alemães vieram cantando, estavam em trapos, o sapato só estava em cima do pé, mas

com suas bandeiras e em forma, cantando o hino alemão. Disseram ao Major João Gross (que estava ali com o seu Batalhão):

– Nós nos rendemos aos brasileiros por absoluta e total falta de víveres e de munição. Nós nos recusamos a nos entregar aos americanos porque soldado só se rende a soldado!

Nesse episódio vieram três generais, dois alemães e um italiano. Ninguém jamais havia capturado algum General alemão naquele teatro, somente os brasileiros o conseguiram.

Essa rendição da 148ª ficou atravessada na garganta dos americanos. Havia um jornal intitulado *Estrelas e Listras*, distribuído na linha de frente. Quando eles faziam algo destacado, colocavam na primeira página com letras enormes. Dessa vez, como fomos nós, puseram no meio do jornal e com a letra bem pequena, escondida, (guardo até hoje) uma notinha breve sobre o grande feito dos brasileiros, coisa que nunca conseguiram, nem os ingleses cheios de pose. Os alemães mesmo morrendo de fome eram adversários de respeito.

Bom, depois da captura da 148ª, logo chegamos a Salso Maggiore, uma das termas mais chiques da Itália, antes freqüentada por Dona Raquel, a senhora do Mussolini.

Nesse tempo conheci um Major italiano chamado Enrico, meio "vermelho". Eram mal vistos no Exército. Ele era amigo do Coronel Valério, italiano, Comandante-em-chefe de toda a facção comunista, cujo QG ficava nos Alpes. O Major recebeu a missão de cuidar dos cavalos apreendidos aos alemães, quatro mil cavalos com fome, sede e alguns até precisando de tratamento. Uma missão quase impossível naquelas circunstâncias.

Mas que aceitou imediatamente.

Foi lá, reuniu seus companheiros, os lenços vermelhos, que eram partisans e recomendou:

– Vocês saiam por aí afora e peguem o maior número de "contadini" e tragam aqui, nem que seja de noite, pois não vou sair daqui.

Contadino quer dizer camponês, e não deu outra, num instante encheu o local de *Contadini*, que saíam alegres com um bom cavalo para puxar o arado. Assim, num instante ele distribuiu todos os animais.

Nessa mesma época, os oficiais alemães vinham e falavam com os nossos oficiais, normalmente em francês:

– O senhor é brasileiro?

– Sim senhor!

– Aqui tem um bom carro para Oficial.

E dava a viatura, porque eles iam para o campo de concentração e não podiam levar veículos. Os americanos entregaram a uma Divisão de negros a guarda dos prisioneiros alemães.

Uma vez um soldado alemão baixou ao hospital e ficou aos nossos cuidados. Ele me disse que tinha sido bagageiro do Marechal Rommel, o que constatei nas anotações que vi e isso era uma honra para ele. Ele estava com um lenço no pescoço, tão sujo, que falei:

– Dê-me que eu lavo.

Ele disse:

– Não, eu não posso, porque quem me deu esse lenço foi o Marechal e há sete anos eu o trago no pescoço.

Eu respondi:

– Pode ficar sossegado que eu devolvo.

Quando abri o lenço, quase "caí de costas", pois era um lenço grande, com uma faixa na diagonal e de um lado o discurso de Hitler em alemão, quando declarou a guerra e do outro lado o discurso do Mussolini, em italiano.

Aí fiz de tudo para ele me dar o lenço, enchi o alemão de presentes; a maior dádiva para eles era um pedaço de sabonete, davam uma Cruz de Ferro por um sabonete, tanto que um me deu a Medalha da Campanha de Inverno na Rússia, que é mais que uma Cruz de Ferro, em troca de um sabonete.

Fazíamos o que podíamos, por misericórdia, mas nem sempre se realizava muita coisa.

As medalhas já não significavam grande coisa. No meu mister que, ao mesmo tempo, era uma missão de guerra e humanitária, cuidei não só de brasileiros, americanos, alemães e italianos, mas também de russos, franceses e ingleses. O enfermeiro não tem pátria, não tem política, não tem raça, não tem cor. Além de cuidar de todos, tratava, em primeiro lugar, os casos mais graves. Aconteceu ter visto um companheiro nosso bem mal e deixá-lo esperando ser tratado e atender a um alemão que morria e salvamos os dois, graças a Deus. Essa era a regra do jogo.

Um morreu na mesa de cirurgia: recebeu um estilhaço de granada que arrancou todo o lado direito da face, até a orelha. Podia-se ver a garganta, mas esse morreu logo, estava muito mal. Fazíamos também muito desmembramento, porque havia ferimento na perna que exigia amputação.

Ninguém imagina o quanto pesa uma perna de homem, só quem já carregou alguma, como fiz, sabe o quanto pesa. Uma foi a do Mário Márcio, que era filho do General Tavares.

Logo nos primeiros combates os alemães atacaram com bastante fúria, nem deu tempo do nosso pessoal se adaptar e já estava sendo agredido e foi aquela correria para levar o pessoal ferido ao hospital. Um deles, o Mário Márcio, falou:

– Só estou com um pequeno estilhaço de granada aqui na coxa e nem está doendo, atendam primeiro os mais graves.

A temperatura estava 18º abaixo de zero, ele veio em cima do jipe porque não havia mais padioleiro, nem ambulância; já se encontravam todos no hospital, quando chegou era tarde demais, pois estava com gangrena. Tivemos que amputar bem em cima, geralmente cortávamos abaixo do joelho, uma coisa muito triste, logo no primeiro dia, em que ele chegou.

Foi nessa ocasião que o marechal Mascarenhas foi ao hospital, às 2 horas da madrugada. Quando vi o Tenente Mário Márcio com gangrena, exclamei:

– Meu Deus, o que foi que aconteceu?

Felizmente ele se salvou, mas ficou sofrendo pelo resto da vida.

Mussolini só foi encontrado porque um soldado, que conhecia bem o Exército alemão e o procurava em um trem que estava de partida para Milão, cheio de alemães, a maioria de feridos tentando fugir, todos de bruços; o soldado olhava e voltava, várias vezes, até que viu uma bota italiana. Ele sabia que um soldado alemão jamais usaria uma bota italiana, era mais fácil ficar descalço do que usar um calçado de outro Exército. Ele foi verificar e constatou que se tratava do Mussolini, que foi preso, fuzilado e o corpo amarrado naquela famosa bomba de gasolina, em Milão.

Já fazia cinco dias que os corpos de Mussolini e de sua amante Clara Petacci estavam pendurados ali e vinham as mulheres que perderam filhos ou os maridos, enfim as pessoas que sofreram nas mãos deles e jogavam porcarias nos corpos. Uma senhora deu cinco tiros na face do cadáver do Mussolini.

Então os ingleses resolveram retirar os cadáveres e enterrar no cemitério dos inválidos. Eles o fizeram, mas se formava aquela fila enorme de italianas que sofreram com o Fascismo, jogavam imundícies em cima da sepultura e lá deixavam a podridão. Os ingleses, durante a noite, desenterraram os cadáveres e sumiram com eles. São esses os horrores que uma guerra causa: continuou a perseguição mesmo aos corpos insepultos.

Uma vez, em Salso Magiore, fui dar uma volta para conhecer a terma principal e havia dezessete caixões em cima das mesas, de rapazes que eram “lenços vermelhos” ou que se manifestavam contra o Fascismo e que foram fuzilados por ordem expressa do Mussolini. Eram garotos de dezessete ou dezoito anos e suas mães choravam, os retratos estavam em cima dos caixões. Fiquei só um pouco ali e depois fui embora porque não dava para presenciar cena tão triste.

Os americanos também faziam suas maldades.

Uma vez eles reuniram uma porção de soldados alemães e havia uma pilha imensa de cerveja em lata e então colocaram os alemães para tomar conta daquelas cervejas, dizendo:

– Vocês vão tomar conta disso aqui, mas ninguém pode chegar perto. Isso aí são caixas de cerveja.

Veja só que “judiação”! Logo o alemão que é doido por cerveja!

Eram uns fatos assim, que não são relacionados à luta, mas que fazem parte da história da guerra.

No meu entender, a coisa mais bonita que vi foi no final da guerra, depois da rendição dos alemães, começou um troca-troca de medalhas, de capacetes e de outras lembranças entre os alemães e os brasileiros, ninguém tinha raiva de ninguém e isso foi tocante.

Os ingleses, sempre muito soberbos, acharam ruim e então veio uma ordem do Marechal Montgomery, através de panfletos lançados por avião, com uma mensagem dizendo que não podia haver amizade com o inimigo e uma série de restrições no trato com os alemães. Mas, apesar disso, havia muita camaradagem com eles e com os italianos, depois da rendição, é claro.

Depois que se entregaram, acabou a guerra e não havia mais ódio entre os inimigos de ontem. Vejo hoje, no Oriente Médio, o prisioneiro amarrado pelos pés, caído no chão e o inimigo ainda dá pontapés no rosto, coisa que o nosso pessoal jamais fez.

O brasileiro é um povo que não sabe odiar, sabe é perdoar.

Na rendição da 148ª Divisão alemã, algumas enfermeiras, eu inclusive, e os médicos, trabalhamos 72 horas consecutivas. Chegava a um ponto em que a gente não agüentava mais, de total exaustão.

Com a rendição, vieram também três hospitais alemães de campanha e várias ambulâncias da mesma procedência.

Numa ambulância cabiam oito homens, bem apertados, mas havia, em média, dezesseis homens, um em cima do outro. E agora, como pegar aquele pessoal para se fazer triagem rapidamente e acudir os mais graves?

Nessa ocasião, trabalhamos 72 horas, só com alemães. Houve o caso de um dos nossos que precisavam de atendimento, mas poderia esperar e deixamos para depois. Os alemães foram colocados em uma grande tenda nos fundos do hospital, não havia guarda nem nada, apenas uma plaquinha no chão dizendo que era proibido passar; jamais chegaram ali perto, só iam até onde era permitido, tudo dentro de rigorosa disciplina.

Depois fomos de Salso Magiore para Piacenza, daí para Bologna e mais tarde voltamos para as cidades do Norte da Itália, Parma, Alessandria; seguimos para aqueles lugares onde quase não havia combate, em comboios de caminhões, e o povo na rua batendo palmas e gritando:

– *Liberatore! Liberatore!*

Muito antes, quando seguimos para a linha de frente, pois estávamos em Pisa, ficamos entre os fogos dos alemães e dos americanos. As balas passavam em cima da tenda, os tiros de metralhadora chegavam a furá-la, a ponto de podermos ver o céu pelos furos, eu avisava para que ninguém se levantasse e, de preferência, que ficasse deitado no chão. Mas o piso era mato, estava molhado e ruim e, como a cama fosse muito baixa, permanecemos nela. Essa foi a primeira e única vez em que nós, as enfermeiras, ficamos em meio ao fogo cruzado, numa situação muito desconfortável e perigosa.

Depois desse episódio veio a enchente. Em Pisa, com o degelo houve a enchente do Rio Arno, inundando a cidade e cobrindo tudo. As tendas eram altas, mas só tivemos tempo para retirar o pessoal e, depois, uma colega e eu ficamos numa sala tentando salvar o material para manter alguma coisa em uso e, graças a Deus, conseguimos nosso intento.

Depois fomos para uma casa para a qual nos designaram e não havia cobertores, nada que pudesse nos agasalhar. Permanecemos cinco dias e não havia comida também.

Numa ocasião chegamos a ficar três dias sem comer, somente no terceiro é que recebemos uma refeição; não havia acesso para lá, a água subia muito, mas os doentes se alimentavam e foram bem-tratados, apesar de toda dificuldade.

Já estava acostumada ao trabalho, porque o meu pai era operário e não tínhamos folga financeira, então eu tinha que trabalhar mesmo e, graças a Deus, sempre lutei bastante; não foi tão difícil para mim.

Depois da guerra, passados os anos, voltei lá três vezes, em viagem de reminiscências.

Encontrei outra Itália, reconstruída, irreconhecível, linda... linda!... A Itália é uma beleza! Roma é perfumada, a cidade não foi bombardeada, mas no local houve aquela trágica questão das cavernas Adriatinas. A situação era a seguinte: se um civil matasse um alemão, os alemães pegavam imediatamente dez civis italianos e fuzilavam. Então, quando os partisans mataram trinta alemães em Roma, estes revidaram matando trezentos italianos em retaliação. Saíram correndo atrás dos adultos, mas não existiam homens, porque estavam todos na guerra e pegavam velhos e meninos de doze ou quinze anos e matavam assim mesmo.

Tal fato aconteceu nas tenebrosas cavernas Adriatinas, um enorme espaço de grutas, local em que mataram os trezentos italianos.

Quando chegamos à guerra, estava todo mundo num sofrimento e num horror sem par. Os italianos jamais gostaram dos alemães, sempre viveram em brigas, estavam mais ou menos juntos no tempo da guerra por causa do Mussolini. Na hora em que os italianos puderam atacar os alemães, eles o fizeram.

Os ingleses eram os mais posudos, os menos agradáveis. A farda das enfermeiras tinha uma saia bem curtinha para gastar pouca fazenda e uma camisa simples, de manga bem curta e só, isso até chegar o frio. Elas não aceitavam nossos convites quando fazíamos festas e reuniões.

Tinham vergonha, porque não possuíam roupa apresentável e não aceitavam. A única condução de que dispunham era a carona; a gente dava e pedia carona, todos faziam isso, já os ingleses não davam, mas pediam. Outra coisa: havia muitos desastres de jipe por causa dos ingleses, acostumados com a "bendita" mão do lado contrário, porque na hora do perigo a reação do motorista é automática e aí batia de frente.

A maioria dos desastres de automóveis que vimos ocorreu por essa razão.

Nosso primeiro Comandante, um Major-médico já falecido, não se deu bem. Não sei por que motivo, nunca quis encrenca e sempre ficava longe. Sei que um dia ele revistou as tendas das enfermeiras: olhava, abria a mala para ver o que havia dentro. Eu já escrevia um diário, depois parei, do que me arrependo até hoje. Mas não tinha como guardá-lo, era difícil. Se o Major tivesse achado teria sido um horror.

Outro fato que os companheiros não puderam contar foi sobre a famosa "Rádio Norte-Sul Verde-Amarela" dos alemães; a locutora era a Margarida Reichman, uma moça muito bonita. Ela voltou conosco, a bordo, no mesmo local das enfermeiras, mas na cadeia do navio. Havia necessidade de carceragem por motivo disciplinar ou para loucos, ela veio conosco, só que nunca saía dali.

Ainda durante a guerra arrumamos um rádio; não era sempre que se podia ouvir, por causa do horário de trabalho. Naquela época, já tocava a Aquarela do Brasil e adorávamos aquelas músicas "gostosas". Pois a "Rádio Norte-Sul Verde-Amarela" anunciou que acabara de chegar a Nápoles um navio com uma tropa de tuberculosos, sifilíticos e loucos e enumerou uma série de coisas horríveis sobre os brasileiros da FEB. Também lançaram de avião aqueles famosos panfletos para desgastar a tropa brasileira e colocar a população civil contra nós.

O Major, que era nosso chefe, foi logo mandado embora porque criou muito caso e dificultou a vida do pessoal. Eu até desconfiava da saúde mental dele; entretanto, mais tarde foi Diretor de Saúde, então não era louco.

Em contraposição tivemos ótimos comandantes. No tempo do Major Ari Duarte Nunes, o nosso trabalho fluiu perfeitamente bem. Depois veio um padre, que ficou no hospital conosco, deveria ter uns 23 anos, tinha sido ordenado naquele ano. Seu nome era Enzo de Campos Gurzo. Mais tarde foi monsenhor e trabalhou na PUC, em São Paulo. Tinha acabado de sair do seminário e foi para uma situação daquelas, de guerra, e então ficávamos nos policiando para não falar tolices, não contar anedota e nem dizer palavrão, mas de vez em quando saía. Um dia, o Major me chamou e disse:

– O padre está aborrecido porque ninguém o procura, ninguém fala com ele. Ele me disse que vai embora.

E acrescentou:

– Fale com suas colegas e arrume isso, já!

Pedi e implorei a cada colega que o procurasse e que, pelo menos, fosse à missa no domingo. Era eu que ajudava na celebração, porque vivi muito tempo com as irmãs na Santa Casa de Cruzeiro. Já nenhum soldado sabia ajudar na missa e nem tinha como saber, soldado não é muito lá de igreja. O padre Enzo, ficou até o final e só veio no último escalão.

Acho que valeu a pena, trabalhei muito, fui Oficial-de-Ligação, ajudei bastante os americanos, porque as enfermeiras americanas, não sei se eram profissionais do Exército, mas não davam muita confiança para os soldados de seu país. Muitos vinham me pedir para comprar coisas para eles em Florença, a fim de mandarem para as mães ou namoradas, perfumes e aquelas coisas boas da Itália, não pediam nada para as enfermeiras americanas.

Enfim, acredito que cumprimos com o nosso dever, participamos com um quinhão muito grande, inclusive quando terminou a guerra, a enfermeira-chefe americana me convidou para ir com elas às Filipinas, a fim de tratar dos soldados americanos, porque lá não tinham enfermeiras suficientes. A tal ponto, que o Presidente Roosevelt publicou um decreto, onde todas as enfermeiras registradas deveriam se apresentar voluntárias. Teriam todo o tratamento e todas as garantias do Posto de Oficial, mas se não se apresentassem seriam convocadas como soldados e não ficariam nos ambientes das voluntárias.

Bom modo de voluntariado, esse, quase obrigatório!

Mas logo depois terminou a guerra e não foi necessário ir para o Japão. Mas quando ela perguntou se eu e outra colega queríamos ir, aceitamos, mas o General Mascarenhas não permitiu, ficou bravo, e quando ficava bravo, não mandava recado.

Nossas colegas todas trabalharam bastante e com muita honra, não houve escândalos, não houve nada que pudesse desabonar o nosso desempenho, graças a Deus.

Depois que chegamos ao Brasil, o Presidente Getúlio dissolveu a FEB e tivemos que procurar trabalho; só muito depois o Exército resolveu nos convocar. Nessa época, já trabalhava na Policlínica e em outros hospitais e não voltei ao Exército. Regressei, já doente, da guerra e atualmente só tenho um pulmão, então não pude voltar, mas gostaria muito de ter continuado. Muitos companheiros morreram a míngua, em São Paulo. Quando fui da Diretoria da Associação dos Ex-Combatentes, mais de uma vez nós os recolhemos, abandonados nas ruas, para morrer no hospital. Aconteceu muita injustiça, os febianos ficaram esquecidos e só estão recebendo amparo há pouquíssimo tempo.

Tenho a consciência de ter cumprido o dever, pois fiz o que pude e, graças a Deus, até hoje muitos ex-colegas são amigos, como o General Sousa Carvalho, já falecido, que comandou o Grupo Bandeirantes na guerra. Esse Grupo, por sua liderança, deveria ser chamado Grupo Sousa Carvalho.

Outra coisa engraçada acontecida na enfermaria: infelizmente havia muito pé-de-trincheira e quando começava a congelar o pé, o soldado vinha para o hospital e não ficava deitado, nem colocava pijama, ficava com o uniforme, caminhando na enfermaria. De vez em quando, conforme a gravidade, tinha que tomar um pouco de uísque para esquentar um pouco e ajudar a circulação; se os soldados não ganhavam uísque ficavam reclamando.

Uma vez vi um Oficial americano conversando com as enfermeiras, (eles davam muita importância às enfermeiras, tratavam de igual para igual) e ele disse o seguinte:

– Tantos pés que nós amputamos de americanos por causa do pé-de-trincheira e tão poucos de brasileiros. Como é que se explica isso, se eles é que deveriam estar pior já que vêm de um país tropical?

Afinal descobriram que os americanos usavam meias de lã bem grossas, punham duas, três e até mais, aquilo apertava tanto que, com o frio, não sentiam que a circulação ficava presa mais ainda. Já os brasileiros receberam meias de algodão que, quando esticavam, não voltavam mais, uns trapos; eles calçavam umas duas ou três e colocavam feno dentro da galocha, aprenderam com os italianos, então com aquelas meias folgadas e com o feno, dificilmente pegavam pé-de-trincheira.

Nossos soldados se davam muito bem com os italianos, muitos se casaram com italianas, o sargento Miguel Pereira que foi meu sargento, ficou na Itália e se casou com uma italiana, cuida do cemitério em Pistóia.

Hoje, quando escrevemos cartas para os italianos, quem lê é o filho do Miguel, ele lê as cartas em português e as traduz.

Os italianos fizeram um monumento lá em Gaggio Montano, em honra aos soldados brasileiros e vão inaugurá-lo no próximo dia 21 de junho, uma homenagem muito bonita, hoje lembrados lá mais de meio século depois.

Recentemente recebi uma correspondência dum casal de Bologna e pediram-me uma lembrança para o museu e vou mandar. Por sorte, ainda tenho a Medalha de Campanha do Inverno na Rússia, que eu ia dar para o Esquadrão. Tudo que tinha doei para o Esquadrão, inclusive um capacete e um sabre alemães.

Para terminar, vou contar um episódio triste ocorrido numa ocasião em que fui a Florença.

Era uma noite bonita, de lua e tinha havido um bombardeio. Nós vimos os italianos cavando, tirando entulho de cima de alguma coisa e as senhoras nas janelas rezando e chorando. Então fiquei curiosa e fui ver por que os italianos estavam tirando aqueles entulhos muito rápido e deu para ver o bracinho dum bebê, um bebê bonitinho, deveria ter um ano e pouco. Isso me chocou muito, por mais que estivesse preparada, por mais que tentasse não me impressionar, porque enfermeira tem de aceitar a morte, mas ficaram seqüelas.

Às vezes, eu sonhava e no sonho eu via um varal, mas ao invés de roupas, via aqueles pedaços de pernas, de braços e de carne, mas graças a Deus passou logo e eu superei completamente esse trauma. Graças a Deus!

Altibano Ortenzi*

Nasceu no dia 29 de outubro de 1917, na Cidade de Jacutinga, Minas Gerais. É viúvo, tem dois filhos e um neto.

Fez a guerra como cabo motorista e mecânico da 2ª Bateria de Obuses do Grupo Bandeirante.

Por sua participação na Segunda Guerra Mundial, foi condecorado com a Medalha de Campanha.

* Mecânico da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses, entrevistado em 15 de maio de 2001.

Quando me convocaram para integrar a FEB, já havia servido antes no 8º Regimento de Artilharia, em Pouso Alegre. Fui convocado, na criação da FEB, para formar o Corpo de Especialistas, previsto para ser mecânico e instrutor de motorista.

Na oportunidade da minha convocação, o Exército estava recebendo as primeiras viaturas americanas, os jipes, as Dodge ¾ e os caminhões de transporte. Fomos obrigados a tirar um curso no Rio de Janeiro, na Escola de Moto-Mecanização, que ainda existe até hoje. Depois fomos às Unidades transmitir os conhecimentos adquiridos no curso, aos oficiais e praças, porque era tudo novidade.

Isso fizemos durante dois anos, até ser formado o Corpo de Especialistas da Força Expedicionária Brasileira. Para integrá-lo, foram convocados os estudantes de cursos superiores, engenharia, medicina etc, que naquela época eram os mais preparados, além dos especialistas em mecânica e motoristas.

Apresentei-me ao Grupo de Quitaúna, antigo GO, depois transformado em Grupo de Artilharia, e atualmente Grupo Bandeirante.

Fui convocado em São Paulo porque já estava na cidade há um mês, tirando um curso na Ford. Ao tomar conhecimento da chamada, me apresentei aqui mesmo.

Mandaram-me, então, expor no Regimento e nas Unidades o que era a novidade: o jipe ¼ ton, Dodge ¾ ton e o caminhão. Demos instrução, porque, naquela época, saímos do Exército hipomóvel para o motorizado, conforme diziam:

– Nós estamos saindo do "casco de cavalo" e passando para o "casco de borracha".

Após a transmissão de ensinamentos, apresentação de novidades, embarcamos para o Rio de Janeiro. Ficamos acampados na Vila Militar até completarem a organização da FEB, com 25 mil homens. Nesse período que passamos na cidade, recebemos outras instruções e treinamentos específicos para a guerra, além de exercícios de embarque e desembarque de navio.

Veio a ordem de partida, navegamos para a Itália, desembarcamos em Nápoles e depois, em barcaças, fomos até Livorno, naquela viagem que todo mundo lembra até hoje, por causa dos enjôos.

Chegando a Livorno, nos deslocamos para um acampamento perto de Pisa, que diziam ser antigo campo de caça do rei.

Lá começamos a receber o material de guerra que iríamos usar. A primeira tarefa foi equipar as viaturas, pois precisávamos pôr uma metralhadora .50 em cima dos caminhões, adaptar tudo aquilo.

Depois de preparar as viaturas, deveríamos entregá-las às suas respectivas Unidades, chamar o pessoal para dar instrução sobre a manutenção das mesmas, porque lá havia mais uma preocupação diferente do Brasil, a temperatura. No inverno era obrigatório usar líquido especial anticongelante no radiador, para não fundir o motor.

Outra coisa, no frio todos os carros eram obrigados a andar com correntes nas rodas, porque deslizavam muito na neve, mas havia brasileiro que repetia a basófia:

– Não, eu não preciso disso!

E aconteciam muitos desastres, morreram muitos americanos nessa situação, quando tombava o caminhão.

Depois dessa época em que passamos acampados por alguns meses, recebendo e dando instruções, veio a ordem de partir. Foi no dia 14 de novembro de 1944, quando seguimos para a linha de frente, ficamos acantonados e no dia seguinte ocupamos posição, para entrar em combate.

Enquanto estávamos pondo as peças no lugar, procurando local para estacionar as viaturas, inclusive os caminhões, a fim de deixar tudo certo para a hora do ataque, o alemão começou dando tiros de *Shrapnel* sobre nós e tivemos que nos jogar naquele barro misturado com neve, era uma lama só.

Shrapnel era uma granada que explodia no ar, antes de chegar ao solo, e formava uma chuva de estilhaços, mais ou menos a uns 10 ou 15 metros acima dos combatentes, e nós, que estávamos em formação, éramos obrigados a abandonar tudo e procurar abrigo.

Dessa maneira combatemos a guerra, coube-nos lutar nos piores pontos, porque só sobravam para os brasileiros os mais difíceis, americanos no flanco esquerdo e ingleses no flanco direito. Tivemos que combater nas montanhas, mas serviu para mostrar ao mundo que, sem experiência e treinamento próprio, fizemos um belo trabalho.

Outra coisa: recebíamos alimentação pela manhã, ao meio-dia e à tarde. Fui para a Itália com 63 quilos, a guerra fez com que engordasse quarenta quilos, voltei com 105! Depois é que fiquei sabendo, pelo médico, que era uma conseqüência do sistema nervoso, que alterava o metabolismo. Mas a comida era razoavelmente boa.

Fiquei muito feliz por ter sido convocado, mas houve muita gente, companheiros nossos, que no dia da formatura, quando do embarque para a Itália, abandonou tudo, ficou com medo.

Aliás, dentro do navio mesmo, ainda, muitos ficaram doentes, mas de nervoso. Depois confessaram que estavam temerosos, pois não sabiam ainda o que os esperava na Itália, a ansiedade era muito grande.

Após a nossa chegada, vimos que a realidade era outra. É claro que não se podia facilitar e nem querer ser herói, sempre tomando cuidado, porque a vida em Campanha era muito perigosa.

O transporte lá também era completamente diferente. Se aqui há a lama, lá, além disso, havia a neve. Éramos obrigados a acorrentar as rodas e sujeitar o veícu-

lo a uma manutenção especial todo dia. Por exemplo: um caminhão que entregava munição era obrigado a remuniciar diariamente quatro canhões e não deixar faltar material para aquelas peças.

Se um caminhão passasse por dentro de um riacho e, ao retornar, não fosse lavado, no dia seguinte não saía, porque as rodas congeladas ficavam travadas; tínhamos de esquentá-las com maçarico para derreter todo aquele gelo que se acumulava na parte interna da mesma. Possuíamos um maçarico próprio para essa finalidade.

Certa noite em que a temperatura chegou a 25°C abaixo de zero, os canhões e as metralhadoras não funcionaram, só sei que houve uma correria medonha, mas nos saímos muito bem, graças a Deus.

Na Artilharia e na Infantaria, muita gente lutou bravamente, mas a minha atividade não era na frente de combate e sim na retaguarda. Entretanto, observava a turma, quando cabia-me fazer manutenção em alguma viatura na linha de frente. Às vezes, um carro quebrava e era obrigado a ir até o local da luta. As faixas brancas demarcavam os campos minados, não se podia pisar ali. Mas certos inocentes queriam verificar se realmente existia mina; nós tivemos amigos que perderam o pé ou a perna toda, porque teimaram em entrar naquelas áreas proibidas.

Uma vez um companheiro do nosso Regimento entrou em um campo de minas, não conseguia sair e ninguém podia entrar. Então, fomos obrigados a jogar uma corda, um artifício para ver se ele se arrastava, porque se estourasse um artefato pegava todo mundo. Assim era a turma.

Coisas boas nasceram durante a guerra; entre elas as amizades. Fizemos grandes amigos que mantemos até hoje, os companheiros de caserna. Essa união fraterna engrandeceu o Exército Brasileiro, que conseguiu fazer de nosso País um vencedor, como é ainda hoje e será sempre na graça de Deus.

Minha missão específica na guerra era manutenção. Eu usava minha própria viatura. Na manutenção de primeiro escalão, cuidávamos dos problemas de carburação, gasolina, congelamento da água, velas e outros menores.

Na de segundo escalão, dificuldades maiores: um pneu que estourava e precisava substituir, tinha que pegar no depósito; havia também a de terceiro escalão, para problemas piores: um motor que fundia, um diferencial que quebrava, coisas bem mais sérias. E o americano não concordava com certos reparos trabalhosos, preferia que levassem a viatura para eles e retirassem outra nova.

Argumentávamos:

– Não, no Brasil é diferente, nós no Brasil tiramos a peça e consertamos.

Tirávamos o motor, o diferencial de um carro que não dava mais para rodar, e colocávamos em outro, não custava nada, já que estava parado mesmo. Às vezes,

um carro passava em um campo minado e na explosão danificava toda a dianteira da viatura, mas existiam partes que não sofriam dano algum. Quando as desmontávamos, restava ainda muita coisa boa, o motor ou o diferencial. Aproveitávamos o que podíamos e colocávamos em outra viatura que precisasse da peça.

Eles admiravam aquele serviço de manutenção do brasileiro, mas não queriam aceitar:

– *Não pode, tira essa e coloca uma peça nova.*

Tentava explicar:

– *Vou colocar porque ainda está boa.*

E com isso ganhamos muito, porque recuperamos várias viaturas em plena zona de combate. E aprendemos isso na Escola de Moto-Mecanização, aqui no Brasil.

O desempenho da viatura ¾ de tonelada, Dodge, que chamavam de "Maria Gorda", mostrava tratar-se de uma grande viatura, mas tinha defeito na carburação, não sei se devido ao clima. Às vezes não pegava, precisava desmontar o carburador, porque aparecia um problema na bóia. Então tínhamos de usar "o jeitinho brasileiro" para funcionar e dava certo. Os carros andavam todos muito bem, mas o mais importante era a fiscalização constante, como verificar se o pessoal estava usando a corrente. Falávamos sempre:

– *Isso aqui é gelo, não é lama! Isso aqui vira! Põe a corrente!*

Perdemos companheiros que não seguiram as orientações dadas. Muitos acidentes que poderiam ter sido evitados, se o motorista seguisse as instruções referentes à segurança.

A temperatura muito baixa na Itália, particularmente nos Apeninos, na ocasião em que os nossos combatentes ali se encontravam, provocava o congelamento. Então o piso virava um espelho gelado e era um escorregão só, se a viatura não tivesse os pneus preparados com correntes ou pregos para fixar no gelo, era fatal: iria derrapar, escorregar, capotar e se estivesse em velocidade, podia acontecer acidente grave.

Outro fato ocorrido no inverno: muitos companheiros, depois do serviço, visitavam a casa de algum italiano em que houvesse vinho, uma grapa e então eles saíam à noite e iam beber com eles, quando voltavam, alguns esqueciam da neve, se distraíam e deixavam os pés congelarem e por isso ficavam sob a ameaça da amputação do pé ou da perna.

Depois o número de casos diminuiu porque aprendemos a evitá-lo.

Para tomar banho com aquele frio, sem local apropriado, íamos para baixo das casas, onde ficava o estábulo dos animais. Pegávamos um pouco de feno, molhávamos com gasolina, fazíamos fogo e esquentávamos a água para nos banharmos.

Mas havia gente que era obrigada a ficar sem banho, porque estava na trincheira, no abrigo; quem se encontrava na retaguarda tinha mais facilidade.

Mas, mesmo assim, tivemos um acidente em uma Bateria do nosso grupo: pegou fogo na rede de proteção, de camuflagem, e começou a incendiar a pólvora posta do lado, que explodiu. Abrigamo-nos o dia todo dentro de um buraco, escutando as explosões das munições; só quando terminou tudo é que pudemos sair. Foram quatro peças de uma Bateria, derreteu tudo e queimou toda a munição que estava ali.

De madrugada o pessoal levantava para limpar os carros, pois, pelo menos seis viaturas, precisavam estar em ordem, durante à noite, prontas para pegar e sair, três jipes e três caminhões, abastecidos com gasolina e com motoristas em condições. Cada um tirava suas horas, mas graças a Deus correu tudo muito bem.

Dentre as viaturas usadas pela Artilharia, o jipe dava mais trabalho para a manutenção, porque era o mais exigido, e tinha tração nas rodas dianteiras e traseiras, além de redutor.

Outra coisa que os alemães faziam era colocar um fio nas estradas, de um lado ao outro, na altura do pescoço do motorista. Onde aquele fio de aço pegava, cortava logo. Quando chegamos à Itália, o americano foi obrigado a pôr na frente do jipe um pedestal de aço para arrebentar o fio e evitar que o mesmo apanhasse quem estivesse na frente do carro.

Isso porque na guerra se usava muito o pára-brisa abaixado, rebatido sobre o capô, para permitir uma melhor observação e reação, caso o inimigo atacasse e, dessa forma, os fios se tornavam muito perigosos. A providência com o pedestal neutralizava a ameaça. Era uma defesa muito usada nos jipes.

Com o tempo, tudo se moderniza, hoje a Artilharia pode até ser helitransportada, o próprio helicóptero desce no chão e em cinco minutos está preparada uma peça.

O Exército Brasileiro, na ocasião da guerra, estava passando da fase de transporte hipomóvel para a de viaturas, e mesmo assim todo o material que foi utilizado na Segunda Guerra foi recebido do americano, desde a Infantaria, passando pela Cavalaria, Artilharia, Engenharia etc.

Hoje, o Exército Brasileiro pode não ter a última palavra em termos de material bélico do mundo, mas já tem condições com o material de que dispõe, muitos dos quais fabricados no próprio Brasil, deslocar-se para enfrentar uma guerra em qualquer lugar.

Em matéria de viaturas não devemos a quem quer que seja, já as temos produzidas no Brasil; o motor, principalmente, é tão bom quanto o europeu, tanto que é exportado, para a Europa, Estados Unidos, Ásia, Japão. São levados do Brasil a transmissão, direção e motor, tudo feito aqui.

Voltando ao período da guerra, o nosso relacionamento com a população local era muito bom. Saíamos a passear quando tínhamos uma folga, dançávamos nos bailes. Havia um colega que tocava acordeão e levávamos uma sacola de lado, com chocolate, cigarro e até comida, as *scatolettas*. Quando chegávamos a uma casa ou a uma vila, distribuíamos tudo para os italianos e ficávamos dançando com as jovens durante horas.

De vez em quando a amizade evoluía para os namoros com as italianas; por sinal, tivemos muitos companheiros que se casaram com elas.

Alguns trouxeram as mulheres para o Brasil, outras voltaram, não se adaptaram e regressaram, mas a maioria que veio se acostumou.

Em qualquer cidade que chegávamos éramos bem recebidos, o povo nos abraçava e beijava, todos nos acolheram com bastante alegria.

Fomos para a Itália porque a tropa brasileira foi escolhida; contaram-me que o Papa havia solicitado que um contingente latino também participasse do conflito, porque havia marroquino, hindu, inglês, americano e nenhum latino.

O desempenho da Artilharia brasileira em combate foi muito bom. Como trabalhava com transporte na Artilharia e tinha dado uns tiros no 8º RAM, em Minas Gerais, ao ver os novos canhões, aparelhos de pontaria, manejos, achei uma maravilha. Vi o primeiro tiro que o Capitão Comandante da Bateria programou. Ele disse:

– Olhem, aquela casinha que vamos destruir!

E comandou quatro tiros, cada Bateria deu um.

A distância era mais ou menos de uns oito quilômetros .

A equipe de Engenharia, na hora em que precisasse transpor um rio, estava pronta e trabalhava bastante. Se dissessem que em tal hora estaria em condições de abrir a transposição do rio, podia chegar lá que já estava preparada, com passadeira, portada ou o que fosse necessário.

Durante a guerra a Marinha, o Exército e a Aeronáutica faziam um conjunto perfeito.

Quanto ao atendimento médico, tivemos boa assistência. Em Pistóia, havia um Hospital de Campanha que era uma beleza, levei muitos companheiros para lá e pude constatar; eu mesmo tive uma pneumonia e fui bem medicado. Não faltavam médicos e dentistas, que nos atendiam muito bem.

O Serviço Religioso também era eficiente; meu capelão era o Sr. Francisco, um cearense. Havia capelão católico, evangélico e espírita. Desde o nosso embarque para a Europa, tínhamos todos os dias missa, culto espírita e evangélico, ainda dentro do navio.

Já em campanha era mais difícil, mas o capelão ia às Baterias e celebrava a missa, sempre que possível.

Outra coisa: quando alguém fazia aniversário, recebia peru e bolo. O aniversariante podia ficar sossegado, ganhava esse presente para comer com os companheiros que convidasse. Isso era infalível! E presenteado pelos americanos. Para ver como éramos bem tratados.

Os americanos sempre muito ciosos do bem-estar dos homens: uma comida caprichada, um presente, uma dispensa. Aprendemos com eles.

O pouco contato que tive com o soldado alemão foi só quanto ao transporte. Quando conduzia algum prisioneiro, notava como eram jovens, eram mocinhos, na faixa de menos de vinte anos.

Quando aprisionados, eram comportados, pediam "cigarretes"; não tinham cigarro, não possuíam nada. Dávamos cigarro para eles.

Ao término da guerra, nem acreditávamos, foi uma felicidade só, pois ficávamos lá sossegadamente, e um olhava para a cara do outro e dizia:

– Ué, não tem mais tiros, vamos soltar os alemães...

Era tanto silêncio que a gente estranhava. Uma tranqüilidade, uma beleza! Quando chegou a notícia do fim da guerra na Europa, os italianos e nós ficamos muito alegres. Foi uma festa mesmo, as pessoas se abraçando nas ruas.

Voltando da frente de combate, ficamos em Francolise, acampados até o embarque e o retorno.

Quando chegamos ao Brasil, desfilamos no Rio de Janeiro, fomos bem recebidos, chegamos ao cais do porto e a cidade toda compareceu. Foi uma beleza! Naquele tempo não existiam essas bexigas como hoje, então, como o pessoal tinha preservativos, enchiam os mesmos e começavam a soltar e festejar no navio. Foi tudo muito bonito, um desfile maravilhoso no Rio.

Depois em São Paulo também, tivemos um outro, aliás, em toda cidade éramos bem recebidos.

Que bom! Era o reconhecimento da Pátria pela missão cumprida!

A FEB foi desmobilizada, eu já havia sido na Europa, agora era paisano. E, como funcionário do governo, fui direto para o meu departamento.

Gostaria de destacar um companheiro que fez a guerra comigo e que morreu de acidente, prestando-lhe assim a minha homenagem.

Seu nome era Dirceu, motorista de um caminhão que caiu. Ao virar, tombou a caixa de munição na sua cabeça e morreu. Eu lhe dizia sempre:

– Precisa pôr corrente nos pneus!

Ele não quis e acabou morrendo.

Alertava todos os companheiros. Eles foram muito bons, a oficialidade, sargentos, praças, todos amigos, não se pode ter queixa de ninguém, tanto na ida, como na volta, fomos unidos.

E isso é muito bom, é uma característica do povo brasileiro: saber fazer amizade.

Até hoje dentro das Forças Armadas somos bem recebidos, e em todas as cerimônias no Exército estamos presentes, prestigiando e vibrando.

Quando fui para a guerra, era jovem e hoje estou com 83 anos, mas tenho certeza de que as principais coisas dentro do Exército ainda são o respeito, a honra, a dignidade e o amor à Pátria.

Antônio Dezotti*

É paulista da Cidade de São Manuel e tem 81 anos de idade. Casado, tem seis filhos e sete netos. Fez a guerra como atirador de metralhadora da CPP/2, Companhia de Petrechos Pesados, do 1º RI, Regimento Sampaio.

Por sua participação na Segunda Guerra Mundial foi condecorado com a Medalha de Campanha.

* Atirador de Metralhadora .30 da Companhia de Petrechos Pesados do II Batalhão do 1º Regimento de Infantaria, entrevistado em 25 de julho de 2000.

Fui servir ao Exército, em janeiro de 1943, no 4º Regimento de Infantaria, Osasco-SP e relacionado na primeira leva, a fim realizar testes para ingresso na Força Expedicionária Brasileira. Prestei exame com mais alguns companheiros no aquartelamento do Cambuci onde foi reunido um bloco suficiente para completar o efetivo do 6º Regimento de Infantaria, de Caçapava-SP. Em seguida a Unidade se deslocou para o aquartelamento do Batalhão Escola, no Rio de Janeiro. Fomos vacinados e passamos a receber uma série de instruções de preparação para a guerra. Ficamos algum tempo nas imediações da Vila Militar, no Rio de Janeiro.

Depois de tudo organizado, prontos para embarcar, o General Zenóbio determinou que a tropa desfilasse na Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro. Na ocasião, ele prometeu uma dispensa para os militares, após a parada, mas, em seguida, deu última forma. Isso causou um certo transtorno na tropa, pois o pessoal queria visitar as famílias, antes de seguir para a guerra. Isto posto, cada um por sua própria conta, sem autorização, viajou para seu estado e cidade, a fim de visitar os familiares.

Um numeroso grupo, mais ou menos 800 militares, invadiu um trem na estação Central do Brasil, para viajar a São Paulo. Quando chegaram a Barra Mansa, por ordem do Ministério da Guerra foram todos presos. O General Zenóbio enviou um trem especial para buscar-nos em Barra Mansa e levar-nos de volta para a Vila Militar. Chegando lá, distribuiu os homens pelos quartéis dos 1º RI, 6º RI e 11º RI; fui transferido para o 1º RI e fiquei preso uma temporada, como os demais, também.

A esposa do Presidente Vargas pediu ao Coronel Caiado de Castro, Comandante do 1º Regimento de Infantaria que soltasse todos os presos. Alegou que a tropa tinha sido inspecionada para ir à guerra e que por causa do transtorno causado, devido a uma ordem contrária à dispensa que deveria ter sido concedida, o pessoal fora detido, convinha ser posto em liberdade.

Fui incluído na 2ª Companhia do II Batalhão e ainda, durante um determinado tempo, continuamos a receber instruções de preparação para a guerra. Treinávamos também, ações de embarque e desembarque.

De um momento para outro veio a ordem para partirmos e então embarcamos em dois navios de transporte de tropa, dos maiores existentes na ocasião. Levavam pessoal, equipamento, armamento e carga. Em um deles ia o Regimento Sampaio e outras tropas, no outro o 11º RI, também com a mesma quantidade de pessoal.

Aviões sobrevoavam o comboio; na frente, os navios caça-minas, alguns mais dos lados e outros atrás, completando a escolta. Naquele em que viajei, para nossa proteção, havia seis canhões e doze metralhadoras. A viagem do porto do Rio de Janeiro até Nápoles, na Itália, durou dezoito dias e dezoito noites, só enxergávamos o céu e o mar. Demorou esse tempo todo por causa da preocupação com a

segurança: submarinos e minas. O navio viajava fazendo ziguezague. Já no regresso, viemos em um transporte para três mil pessoas, mas éramos muito mais, e a demora foi de apenas seis dias.

Chegando ao porto de Nápoles, tomamos conhecimento da morte de alguns companheiros do 1º escalão. Outros, doentes, precisavam ficar internados em hospitais na cidade. De lá, acomodados em barcaças navegamos até Capri e, em seguida, para o Porto de Livorno.

Depois fomos transportados em caminhões americanos para uma área chamada San Rossore que, segundo constava, era um campo de caça do Rei Victório Emanuell; ali havia também uma criação de camelos.

Ficamos acampados durante um tempo, recebendo instruções diversas e mais tarde nos encaminharam para a frente de combate.

Inicialmente, seguimos para um local próximo de Livorno, depois seguimos combatendo por várias cidades e vilarejos da Itália, sabíamos que a missão do Brasil era lutar pela liberdade, na Europa; participamos dos primeiro e segundo ataques ao Monte Castelo; estivemos em Montese e em várias outras pelejas conforme progredia a Força Expedicionária.

Ocorriam baixas para todos os lados; homens ficaram desnorteados, eu mesmo perdi a minha Companhia, o meu Regimento; somente depois de uns dois ou três dias fui encontrá-los. Já tinham seguido para descansar em Porreta Terme. Encontrei uns americanos e eles pensaram que eu era alemão. Os italianos chamavam os alemães de tedescos. Um americano confundiu-me com um deles e tentei explicar:

– *Io brasiliano, brasiliano.*

– *Como brasiliano? Os brasilianos estão em repouso na cidade de Porreta Terme!*

Eu o informei que de fato o Regimento tinha ido para o descanso, mas havia ainda vários militares extraviados e que tentavam encontrar o Regimento. Depois que mostrei o meu cartão militar, fui identificado e estando tudo certo eles me levaram lá. Ficamos em repouso alguns dias e, em seguida, o Regimento foi recompletado em seu efetivo por outros militares, em substituição aos mortos, feridos e aos que foram aprisionados pelo inimigo; quando o contingente ficou completo, novamente, realizamos o ataque vitorioso ao Monte Castelo. Nesse ataque, estávamos cientes de que eles se encontravam cercados por todos os lados e não havia meios de continuarem resistindo.

Certo dia, pela manhã, avistei um grupinho de alemães que vinha se entregar. Eles soltaram um foguete que estourou lá no alto e veio descendo num pára-quedas branco, em direção à minha posição de tiro; eu era atirador da metralhadora *Browning* .30. Quando chegaram a uma distância de aproximadamente 50 metros,

fiquei imaginando se, com a desculpa de querer se entregar, eles pretendiam me prender ou me matar e pensei:

– Seja o que Deus quiser!

Meus companheiros estavam descansando, porque havia tempo de permanecer na posição de tiro e tempo de repousar na trincheira. Quando chegaram a uma distância de mais ou menos uns 20 metros, dei uma rajada de metralhadora por cima deles, que se deitaram no chão e ergueram os braços e gritaram:

– No caput! No caput!

Penso que queriam pedir para não matá-los, suspendi o fogo e eles se aproximaram. Quando chegaram a uma distância de uns 10 metros dei outra rajada de metralhadora por cima da cabeça deles. Cá comigo, aquilo era um jogo; sempre estávamos entre a vida e a morte e novamente a idéia voltou: eles podem estar vindo para se entregar, mas pode ser uma desculpa para me prender ou me matar. Eles gritaram:

– No copare!

No copare, em italiano, significa não matar, mandei que se aproximassem e quando chegaram mais perto, fiz um sinal para que pusessem as mãos na cabeça, o que foi feito e, bem mais perto, fiz outro sinal para que colocassem as armas a tiracolo. Estavam com os capacetes cheios de munição, mas notei que queriam se entregar mesmo.

Usávamos uma cordinha, estendida da posição de tiro de metralhadora até a trincheira, que ficava amarrada no pé do companheiro que estava descansando; se ele estivesse no sono pesado, puxávamos aquela cordinha para acordá-lo e eu a puxei. Veio um companheiro, um negro que tinha o apelido de "Grilo". Então, quando o "Grilo" chegou, desarmamos os alemães, um sargento, um cabo e três soldados, os cinco alemães que prendemos. E em italiano, perguntei ao sargento:

– Você é casado?

E ele respondeu:

– Sim, sou casado.

Aí indaguei:

– Quantos anos você tem de guerra?

– Seis anos de guerra.

Já o cabo tinha cinco anos de guerra e os soldados, um estava com três e outro com dois.

Nós nos entendíamos em italiano e em castelhano também, não falávamos corretamente, mas dava para compreender, o mais difícil era perguntar em alemão ou em inglês, mas ainda indaguei ao sargento se tinha filhos e ele respondeu:

– Sim, tenho.

E enfiou a mão no bolso e tirou uma fotografia da esposa com quatro filhos. Agora imagine, já estava há seis anos na guerra e então eu perguntei:

– Você está bem de saúde?

Aí ele disse:

– Não, eu sofro do coração.

E acrescentou:

– O que vocês vão fazer conosco?

Eu respondi:

– Agora vocês serão encaminhados para a retaguarda, receberão atendimento médico e em seguida serão encaminhados para um campo de concentração.

Depois, sinceramente, fiquei com dó. Porque não foi ele quem inventou a guerra e nem eu. Então fiz um café no meu cantil, servi a cada um deles e dei-lhes também um maço de cigarros e um tablete de chocolate, pois tínhamos bastante, depois ficamos ali “batendo papo”. Quero dizer que, na ocasião, o fato passou despercebido, mas acho que a prisão dos alemães merecia uma medalha especial, mas alguém foi beneficiado por aquilo que fiz.

Eles foram encaminhados para a retaguarda, mas as tropas alemãs já estavam cercadas pelos brasileiros e nesse momento o Coronel Comandante do 6º Regimento de Infantaria, o Coronel Nelson de Mello, mandou o *ultimatum* para o General alemão, para que eles se entregassem imediatamente, pois estavam cercados por todos os lados, para evitar mortes desnecessárias. Logo, o General alemão veio com as suas tropas para se entregar, eram uns vinte mil homens, mais ou menos; desarmamos todos eles e os encaminhamos para os campos de concentração e pouco depois acabou a guerra.

No dia seguinte fui conhecer Bologna e cruzei uma ponte que fica na cidade; avistei uma multidão na praça de nome Veneza, que gritava:

– Culpare Mussolini!

– Culpare Mussolini!

– Culpare Mussolini!

– Culpare Mussolini!

Mussolini estava naquela praça com três generais italianos que o acompanharam durante a guerra. Foram aprisionados e os italianos os mataram a pauladas; eu estava lá e assisti ao massacre. Depois de mortos foram amarrados numas vigas, de cabeça para baixo, no meio da praça. Enquanto isso, os outros ficaram batendo palmas, aplaudindo aquilo tudo e veio uma velha italiana que disse:

– Traidores da pátria, na última convocação foram chamados todos de 16 a 45 anos. Morreram o meu marido e mais cinco filhos, seis da minha família foram mortos e para vingá-los darei seis tiros na face do Mussolini.

Ela ergueu a arma e atirou na face do cadáver.

Essa é a história que tinha vontade de narrar, porque depois de passados 55 anos, não nos lembramos mais de todos os detalhes.

Na guerra, passamos por inúmeras situações difíceis e não é possível, depois de tanto tempo recordar tudo, mas lembro muito bem que as nossas tropas, principalmente o 11º RI, de Minas Gerais, sofreram muitas baixas, era uma barbaridade; de madrugada escutávamos:

– Me acudam, pelo amor de Deus!

E quem iria acudir? Certamente uma situação muito difícil, não havia como socorrer os feridos no meio da madrugada. Era grande a quantidade de neve, existia lugar em que atingia até três metros de altura, principalmente em Porreta Terme. O pobre sujeito que estava ferido, agonizando, se não fosse socorrido acabaria morrendo congelado.

A neve ia caindo, parecia algodão, cobria tudo e quando dava um vento, o frio piorava mais ainda. A salvação foi que a nossa tropa recebeu agasalhos dos americanos, porque se fôssemos ficar só com os nossos, acabaríamos morrendo de frio.

Esqueci de mencionar que os alemães possuíam uma metralhadora, apelidada de "Costureira" porque tinha uma cadência de tiro muito rápida, superior a mil tiros por minuto e, quando atirava, parecia uma máquina de costura trabalhando.

Já a nossa tinha uma cadência menor, a *Browning* .30; atirei muito com a mesma e troquei muitos canos da arma no combate de Monte Castelo, no primeiro e no segundo ataques. A metralhadora deles era muito mais rápida do que a nossa *Madsen* e a *Browning*. Havia outra menor, semelhante à nossa *Browning* .30, nós apelidamos de "Lurdinha".

Fui homenageado com uma medalha, cujos dizeres são os seguintes:

FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA
REGIMENTO SAMPAIO – EXPEDICIONÁRIO
CONQUISTA DE MONTE CASTELO

DIPLOMA

O bravo expedicionário Antonio Dezotti foi elogiado no Boletim Especial de 26 de fevereiro de 1945, individualmente, pelo Coronel Caiado Aguinaldo de Castro, Comandante do Regimento Sampaio, nos seguintes termos:

"Tomou parte no ataque vitorioso ao Monte Castelo, conquistando para o Regimento Sampaio e para o Brasil novos troféus de vitória, merecendo pelas suas quali-

dades combativas e pela bravura dos seus feitos a admiração e os calorosos elogios deste Comando.

Por seus atos heróicos na Campanha da FEB, na Itália, os veteranos de guerra do Regimento Sampaio outorgam ao portador deste diploma, a Medalha Comemorativa da Conquista de Monte Castelo."

Assinado: SAMUEL DA SILVA PIRES.
Subcomandante do Regimento Sampaio – Expedicionário.

Foi em 21 de fevereiro de 1990, ou seja, 45 anos após a batalha final.

O Certificado de Reservista dos que participaram no Teatro de Operações na Campanha da Itália, dizia:

"Certifico que o soldado Antonio Dezotti, da classe de 1919, nascido em São Manuel, São Paulo, filho de Benjamim Dezotti, serviu no Teatro de Operações da Itália, no período de 6 de outubro de 1944 a 11 de agosto de 1945, incorporado ao Regimento Sampaio, tendo sido licenciado do serviço ativo no dia 27 de setembro de 1945, ingressando na Reserva do Exército Nacional".

Gostaria de falar agora sobre alguns dos tiros de Artilharia que caíram sobre a tropa amiga.

No primeiro ataque ao Monte Castelo, a Artilharia atirou em nossa Infantaria. Naquela região, não morri por sorte, porque a noite toda ficamos sob o fogo de canhões e somente de manhãzinha, quando já estava para clarear o dia, foi que perceberam o que acontecia.

No dia seguinte, houve um certo desacerto, pois alguns tinham sido presos pelo inimigo, outros morreram e diversos ficaram feridos. Como a tropa ficou muito dispersa e logo em seguida os inimigos abriram fogo sobre a nossa posição, retraímos por conta própria. Não houve jeito, eles estava bem abrigados e nós atacávamos desabrigados e levando uma série de desvantagens.

Nós retraímos por conta própria, não havia ordem do General Zenóbio da Costa para que o fizéssemos, muitos ficaram extraviados e somente quando foram sendo encontrados é que ficaram sabendo da ordem de se dirigir para a Cidade de Porreta Terme, para descanso.

Essa cidade ficava afastada da frente de combate mais ou menos uns 35 ou 40 quilômetros, mas a artilharia de grosso calibre dos alemães alcançava esse lugar.

Um dia de manhã, um companheiro me convidou para ir tomar banho numa fonte de água sulfurosa na Cidade de Porreta Terme, que é uma estação termal muito afamada até hoje. Esse companheiro era um negro muito bom, um excelente

guerreiro, um homem de muita coragem, não tinha medo de nada, insistiu para eu ir com ele, mas não fui.

Quando saiu do prédio onde nos encontrávamos e chegou à rua, uma granada caiu dentro de um jipe em que estavam quatro americanos, morreram os quatro, um estilhaço cortou a perna duma mulher e um outro, bem pequeno, pegou no coração desse negro e varou as costas, ele morreu na hora.

Depois disso, procuramos nos abrigar da melhor maneira possível, porque o armamento deles alcançava o local onde estávamos descansando. Felizmente passamos poucos dias ali, foi só até completar o efetivo, porque tínhamos que repor as baixas que sofremos no primeiro ataque ao Monte Castelo e, poucos dias depois, quando já estavam completos os quadros de pessoal, voltamos para outro ataque.

Mas nesse intervalo entre o primeiro e o segundo ataque, fiquei doente, tive pé-de-trincheira, o sangue parou de circular e o Comandante do meu Batalhão, o Major Sizeno Sarmento, ao ver-me com as pernas inchadas, tudo roxo, carregou-me nas costas até onde havia uns padioleiros, que depois me levaram para o Posto Médico e, em seguida, fui encaminhado para o Hospital de Campanha, na Cidade de Livorno.

Lá fui atendido por médicos, oficiais americanos que queriam me mandar aos Estados Unidos para cortar o meu pé, pois diziam que ele não voltaria mais ao normal, mas eu não quis. Não acreditei naquilo e, graças a Deus, fiquei bom, voltei para a frente de combate, participei do ataque vitorioso ao Monte Castelo, quando conquistamos o baluarte.

Depois do término da guerra, ficamos acantonados num quartel italiano que estava abandonado, na Cidade de Bologna. Passamos alguns dias ali e nesse período havia bailes. Nos dos brasileiros se misturavam negros com brancos, mas nos dos americanos brancos, os negros não podiam entrar, era só para os brancos e então houve uma confusão, porque esses três tipos de bailes, de americanos brancos, de americanos negros e o nosso, misto de negros com brancos, gerou muita agitação.

O General Mascarenhas de Moraes deu uma ordem para que a nossa tropa se deslocasse para a baixa Itália, para a Cidade de Francolise e nesse local ficamos acampados aguardando a ordem de embarque, a fim de retornar ao Brasil.

Nesse ínterim, viajei bastante, fui a Bologna, Roma, Milão, Pompéia, Nápoles, quer dizer, fui conhecer essas cidades da Itália, porque durante a guerra passávamos por elas, mas não as conhecíamos, não tínhamos tempo de passear.

Logo em seguida, chegou a ordem para retornar e então embarcamos num navio chamado *SS Mariposa*, italiano, que tinha capacidade para três mil pessoas, mas vieram muito mais.

Muitos companheiros e eu viajamos desde o Porto de Nápoles até o do Rio de Janeiro no convés, porque não havia mais vagas no interior do navio e aí quando chegamos ao Rio de Janeiro a tropa foi posta em forma, houve o licenciamento do pessoal, fomos condecorados e tudo mais.

Quem estava doente ficou para se tratar. Eu, por exemplo, que estava um pouco doente, pedi ao Coronel Caiado de Castro para ser internado, porque da vida civil eu não tinha mais nada, não tinha calçado, nem roupa, nem coisa alguma. Já eram quatro anos de Exército, porque depois que o Brasil rompeu com os países do Eixo, nós não tivemos mais licenciamento, fomos sendo reengajados. Eu e muitos outros companheiros, que também tinham cinco ou seis anos de caserna, quando voltamos para a vida civil tivemos que iniciar tudo de novo, recomeçando uma nova vida.

Mas, voltando atrás sobre a guerra, gostaria de comentar um pouco sobre duas situações aflitivas que vivi.

Uma delas é o problema do extraviado (isso ocorre em todo tipo de luta) é muito sério, porque um soldado extraviado é um militar perdido para o combate, fica sem assistência e sem apoio, é claro, até que consiga retornar e se reintegrar à tropa amiga.

Tanto que nos mapas de operações são coladas linhas de extraviados, para que se possa recuperar o combatente que se tenha perdido no fragor do conflito.

O tiro da Artilharia, em apoio, pode, eventualmente, atingir a tropa amiga. Isso também ocorre em todos os exércitos, e por uma razão muito simples, quem está atacando se desloca em direção ao inimigo que está entrincheirado.

Em Monte Castelo, por exemplo, o inimigo estava em posições mais altas, de onde tinha comandamento de vistas e de fogos sobre quem estava atacando. De forma que a vantagem em termos de preservar a vida está com o defensor, o atacante corre todo o risco, ele se expõe para poder se deslocar e se aproximar do inimigo.

Os fogos da Artilharia que fica desdobrada na retaguarda, a quilômetros de distância da linha de contato, têm que cair muito próximos da tropa amiga para poder bater a tropa inimiga que está ali quase junto. Se alongar o tiro, não vai adiantar muito.

Nessa hora pode ocorrer algum erro e algumas granadas acertarem a tropa amiga, sem que para isso tenha ocorrido qualquer tipo de imperícia.

Para externar a minha opinião sobre o desempenho do soldado brasileiro em combate, devo dizer que os alemães tinham muita fama, como os melhores combatentes do mundo, mas as tropas brasileiras, destacaram-se e, às vezes, superavam as alemãs. Nossos homens eram como uma irmandade, agiam com bastante fé e coragem.

Existiram problemas sim, antes de embarcamos para a Itália, que foram ultrapassados mas, com tudo isso, as nossas tropas foram elogiadas por todos, pela bravura com que enfrentaram as dificuldades encontradas em combate.

Agora, não desfazendo do Exército de hoje, acho que antigamente havia um pouco mais de patriotismo. Se bem que, mesmo naquele tempo, houve companheiros que chegaram a me convidar para desertar, antes do embarque, mas eu lhes dizia:

– Se vocês quiserem desertar, vocês desertem, mas eu não vou fazer isso. O destino me colocou nessa situação, se eu tiver a sorte de lutar, vencer e voltar são e salvo, para mim será uma glória e se ficar ferido ou morrer durante a guerra, foi porque o destino assim o quis, portanto eu vou cumprir a minha missão.

Tanto assim que, antes de ir para a guerra, depois do primeiro desfile, conforme já expliquei, eu fui ao PC do Capitão e pedi permissão para visitar a minha mãe em São Paulo, velha e sozinha, que estava passando até fome. Eu, soldado do Exército Brasileiro, ganhando 21 mil réis por mês, guardava aquele dinheirinho religiosamente e dava uma escapada por conta, para visitar minha mãe em São Paulo e deixava aquela soma modesta para ela e voltava rapidamente. Quando chegava de volta ao quartel, eu ia até o meu Capitão e dizia:

– Pronto Capitão! Soldado Antonio Dezotti, número 1635.

Aí ele ordenava:

– Sargento! Recolha o Dezotti ao xadrez.

Era recolhido ao xadrez, mas em seguida, ele ficava com dó e me soltava. Isso aconteceu várias vezes, um dia eu lhe disse:

– Capitão, o senhor pode contar comigo em tudo que for necessário, vou para a guerra, nunca fui covarde e não sou, mas se um dia eu pedir permissão para visitar a minha mãe, uma velhinha que está passando necessidade e o senhor não permitir, vou por conta.

Ele respondeu:

– Aí, quando você voltar, mando colocar você no xadrez.

Então falei:

– Não tem problema, mas eu quero que o senhor saiba que vou para a guerra com o senhor.

Com isso, ele criou uma confiança tão grande em mim que, durante a guerra, sempre falava em meu nome.

Hoje em dia ele é General, está reformado, mora em Brasília, mas de vez em quando vou visitá-lo. Ele tem um caderno com a relação de todos os componentes da nossa Companhia. Na primeira visita que lhe fiz, ele chamou a esposa e pediu-lhe para pegar o caderno com a relação dos componentes da Companhia e disse a ela:

– Este aqui é o Antonio Dezotti, um homem com quem se podia contar para tudo. Na linha de combate mais avançada, ele não tinha o mínimo medo de enfrentar o inimigo.

Falou isso para a esposa; o nome dele é Celestino Nunes de Oliveira.

Então, voltei são e salvo e hoje estou com 81 anos de idade, tenho alguns problemas, estou diabético, já perdi parte da audição, mas fisicamente, graças a Deus, ainda estou bem.

Como filho de italianos vim duma família totalmente pobre, de lavradores; o meu pai morreu e deixou a minha mãe com oito filhos. Não conheci o meu pai porque quando ele morreu eu tinha dois anos de idade e, segundo consta, era um homem inteligente. Imigrante, conheceu a minha mãe na viagem da Itália para o Brasil.

Inicialmente, ficaram onde hoje fica o Museu dos Imigrantes, no Brás, dali foram distribuídos, os alemães para o sul, os italianos ficaram em São Paulo e os japoneses, para o Paraná, inclusive há uma cidade no Paraná de nome Açaí, que é só de japoneses.

Depois da morte do meu pai, minha mãe continuou trabalhando na roça, na enxada e criou os filhos dessa maneira, inclusive também trabalhei na roça. Portanto, era filho de família pobre, morávamos em fazendas e não tínhamos contato com pessoas mais esclarecidas, tanto assim que fui sorteado para servir ao Exército e não sabia.

Como eu queria largar aquela vida de lavrador, que era muito sacrificada, resolvi vir para a capital, falei com um Oficial de Justiça e este mandou um requerimento pedindo a minha Carteira Profissional, para eu poder vir com a documentação em ordem, a fim de poder arrumar serviço aqui na capital.

Ainda nessa época, alguns companheiros me convidaram para desertar. Havia um de Caçapava, que chorava que nem criança, houve outro que deu um tiro no próprio pé, tudo “armação” para não ir à guerra. Esse de Caçapava, certa vez falou-me:

– Olha, nós temos uma fazenda, lá tem um matagal, onde há umas cabanas no meio do mato, a gente deserta, passa na minha casa e fala com a minha mãe e ela manda levar comida para nós, ninguém vai encontrar a gente lá.

Aí eu lhe disse:

– Olha, se você quer desertar, você deserta, mas eu vou para a guerra. Já estou escalado para isso e vou cumprir a minha missão.

Ele realmente desertou, ele e outros mais. Houve um da minha terra, um tal de Bortolete, que também fugiu.

O próprio Comandante do Regimento, o Coronel Caiado de Castro, de manhã cedo, colocava o Regimento em forma e falava:

– Meus camaradas, bom dia! Os que não quiserem ir para a guerra, que se acovardarem com medo de ir para a luta, desertem. Não criem problemas, desertem.

Agora, se forem pegos, serão conduzidos para a Ilha de Fernando de Noronha, lá já há uma porção de covardes desertores.

Então, a turma tinha medo, porque ele falava abertamente, não tinha receio de enfrentar o pessoal:

– Eu não quero covardes comigo na guerra.

Se alguém estava com a intenção de desertar, naquela noite mesmo já se mandava.

Diria que todos nós, tanto civis como militares, principalmente os militares, temos a nossa missão e acho que o soldado, desde a sua inclusão no Exército, como homem na defesa da Pátria, jamais deverá se omitir e sim, mostrar que é patriota de verdade e não de mentira, como muitos, que eram falsos e que na hora em que a nação precisou deles, acovardaram-se.

Creio que hoje o Exército está mais organizado que no nosso tempo e não devem existir essas situações que ocorriam no passado. Os militares, da mais baixa à mais alta graduação devem ser corajosos no momento que a Pátria deles precisa.

César Serau*

É paulista da Capital, nascido em 8 de junho de 1922. Casado, tem dois filhos e cinco netos.

Fez a guerra como soldado, depois promovido a cabo da Seção de Comando da 9ª Companhia do III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria, Regimento Sampaio. Seu Comandante de Companhia foi o Capitão Farah.

Foi condecorado com a Medalha Sangue do Brasil por ter sido ferido em ação; além desta condecoração, por sua participação na Segunda Guerra Mundial, recebeu também a Medalha de Campanha e a Medalha de Guerra.

---

* Cabo da Seção de Comandos da 9ª Companhia do III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria, entrevistado em 26 de outubro de 2000.

Antes da guerra, morava num bairro de São Paulo em que havia uma escola alemã. Com quase 13 anos, ficava revoltado com o pessoal do educandário, pois até escoteiros vinham da Alemanha fazer demonstrações para os alunos da escola, o que no fundo se constituía em propaganda nazista.

A professora de português da escola, minha tia, acabou se casando com um professor de alemão que, dessa forma, se tornou meu tio. Mas sempre tive raiva daquela escola, tanto que, em dois anos que a freqüentei, não aprendi a falar uma palavra de alemão, porque tinha ojeriza, não gostava e não queria.

Passa o tempo e em 1944 sou convocado para a guerra.

Quando fui convocado, fiquei contente, pois acompanhava a evolução do conflito desde 1939; tenho em casa umas quinhentas publicações de livros, revistas e coleções sobre o tema. Tenho, por exemplo, quase todos números da revista *Em Guarda*, bem como recortes de jornais de 1939 até 1944, sobre a Segunda Guerra.

Com a minha convocação, fui primeiro para o 4º RI em São Paulo e desta Unidade transferido para o 1º RI, no Rio de Janeiro, para integrar a Força Expedicionária Brasileira.

Classificado no Depósito, pensei que iria servir num depósito de munições ou de armas, mas me enganei: tratava-se do Depósito de Pessoal da FEB que reunia em seu efetivo soldados, cabos, sargentos e oficiais, eventuais substitutos daqueles que, por qualquer razão, deixassem as Unidades onde estivessem classificados.

Até escrevi uma carta para casa, para os meus pais e meus irmãos, na qual dizia:

– Pensei que ia tomar conta de um depósito, mas quem foi para o depósito fui eu.

Quando embarcamos para a Itália, já tinha sido transferido do Depósito para o 1º RI. Muito boa a viagem, 14 dias de navio.

Já na Itália, fomos primeiro para o Depósito, em Stafolli, para instrução e entrega de material: capacete, uniforme, tudo mais. Mais tarde, seguimos para a linha de frente. Participei do ataque de 12 de dezembro a Monte Castelo. Nessa oportunidade fui promovido a cabo porque o Capitão achou que eu me destacara no cumprimento da missão.

Na linha de frente participávamos de patrulhas; todos os Pelotões as enviavam, normalmente à noite. O Capitão sempre mandava alguém da Seção de Comando, a qual eu pertencia, acompanhando as patrulhas, a fim de fazer relatórios especificamente para ele. Não que ele não acreditasse no sargento que comandava a patrulha, apenas precisava de alguma informação adicional.

Até que, finalmente, deu-se o ataque vitorioso do dia 21 de fevereiro ao Monte Castelo, no qual tomei parte também. O Capitão Farah estava preso porque se desentendeu com o General Mascarenhas. Em pleno inverno, mandaram soldados do

Depósito, sem fardamento apropriado, jaqueta de lã e outras peças. Aí ele telefonou para reclamar, e o General falou para ele pedir uma peça para um soldado, outra peça a outro soldado e assim por diante. Por esse atrito com o Comandante, ficou preso trinta dias. Nesse meio tempo, para substituí-lo, veio o Capitão Paulo para comandar a Companhia. No ataque do dia 21 de fevereiro, a minha Companhia foi uma das primeiras que chegaram lá em cima do morro, animada pelo excepcional desempenho dos praças da Seção de Comando.

O 3º sargento Hermínio, o soldado Otto e o soldado Arthur (dois primos) já estavam há quatro anos no Exército, tinham uma tarimba maior, combatentes já experientes; eu estava junto com eles. Fizeram prisioneiros que conduzi lá para baixo, em local bem afastado, na Rota 64, a uns cinco quilômetros de distância da linha de frente. Quando cheguei, encontrei o Capitão Paulo, na frente de uma lareira, o que me levou a admitir que ele não participara do ataque.

Posteriormente, tomamos parte no ataque a Montese, em 19 de abril, quando fui ferido.

Havia um soldado na cozinha que não queria ir para a frente de jeito algum. Tinha medo, sempre fugia e se escondia na cozinha; aí o Capitão ordenou:

– Serau, vai lá e traz ele na marra aqui para cima. Nem que seja morto, mas traz ele aqui.

Fui buscar o homem e, quando estávamos subindo o morro, uns 4 ou 5km de descampado, a toda hora ele queria descer e dizia:

– Ah! Eu vou lá embaixo fazer uma necessidade, que eu estou com dor de barriga.

Era mentira, ele só queria dar um jeito de fugir, mas devagarinho a gente foi se aproximando lá de cima, num grupo de casas onde estava acantonada a Companhia. Nesse vai e não vai, de vez em quando, a cada trinta ou quarenta metros o alemão atirava granadas em cima da gente, quer dizer, dois soldados sozinhos, eles jogando *bombinhas* em cima de nós e a gente avançando.

Quando chegamos lá onde estava acantonada a Subunidade, o alemão bombardeou bastante o local, porque perceberam que na Companhia se encontravam mais soldados, que havia mais gente. Como conseqüência onze foram feridos e morreu um que era do Pelotão de Morteiros. Fui ferido nas costas com um estilhaço pequeno que quase atingiu minha coluna vertebral. Eu levava a arma do outro soldado, porque, durante a subida, ele estava com a mochila e com o fuzil e eu estava só com o meu. Em dado momento ele havia pedido:

– Leva o meu fuzil, me ajuda.

Eu ajudei, peguei o fuzil dele e coloquei a tiracolo; nisso ocorreu aquele bombardeio em que fui ferido. Na coronha do fuzil do soldado encravou um estilha-

ço de granada, bem grande; se eu não estivesse com o fuzil nas costas, teria morrido na hora, pois um estilhaço daquele tamanho em cima da coluna teria me matado. Veio uma ambulância, levou todos os feridos para o hospital, mas depois de trinta ou quarenta dias voltei para a Companhia, já recuperado. Então perguntei:

– E aquele soldado?

Disseram:

– Ah! O Capitão mandou ele embora, quase o matou.

Ele disse ao Capitão que durante o bombardeio um estilhaço batera na coronha do fuzil que, com o impacto, bateu no tornozelo. Por isso mancara. Ficou claudicando, fingindo que tinha se machucado. O fuzil dele estava com o estilhaço encravado na coronha e então usou isso para justificar a mentira, mas quem estava com fuzil na hora do bombardeio era eu. Devem ter percebido a comédia; não sei o que aconteceu com ele, mas o Capitão mandou-o embora da Subunidade.

Depois que acabou a guerra ficamos estacionados em Nápoles, durante uns trinta dias, até poder retornar ao Brasil. Voltei para casa, e recomecei a trabalhar na minha profissão de desenhista.

Antes de ir para a guerra, quando estava no 4º RI, em São Paulo, de manhã a gente tinha instrução no campo e depois ia para a sargenteação fazer uns mapas do pessoal. Vinham muitos soldados do Sul, a gente preenchia os mapas, escrevia o nome, endereço, profissão e até se sabia nadar ou não, entre outras anotações.

Eu relacionava de trinta a quarenta soldados, diariamente, para a publicação em Boletim no dia seguinte. Um Capitão instrutor dos cursos de cabo e sargento, ao invés de pegar um giz e fazer o desenho de uma trincheira, uma peça de fuzil, sabendo que eu era desenhista, mandava-me fazer os desenhos que eu fazia numa cartolina: uma peça de fuzil, um sabre e outras coisas; ele pendurava aqueles desenhos na parede e dava instrução com eles.

Eu poderia ter permanecido no 4º RI, não precisava nem ter ido para a guerra, mas coloquei o meu nome numa daquelas listas, pensando:

– Vou embora daqui, fui convocado para a guerra, então eu não vou ficar trabalhando de desenhista.

Mas no dia seguinte o Capitão queria me prender, dizendo:

– Eu deveria prender você! Você só quer ir passear...

Deixei que falasse, não poderia brigar com ele; graças a Deus fui embora para o Depósito de Caçapava, de lá para o Rio de Janeiro e em seguida para a Itália.

Mas o motivo pelo qual fui classificado para servir na Seção de Comando da Companhia é que eu descendia de italianos, sabia falar bem o idioma. Acontece que o Capitão tinha justamente uma carta de uma italiana e pediu:

– Traduz isto aqui para mim.

Traduzi aceitavelmente, não 100%, mas deu para entender e então ele disse:

– Você fica na Seção de Comando.

Na linha de frente sempre chegavam *sfolatti*, os italianos que fugiam de lá, atravessavam as linhas alemãs e vinham para o nosso lado. Aí era importante obter informações deles, inclusive porque, de vez em quando, vinha um espião italiano, que depois, por outro caminho, voltava para o lado do inimigo.

Por isso fiquei na Seção de Comando, por falar italiano e para servir de intérprete, entre outras funções, é claro.

Um outro soldado da nossa Seção, natural do Paraná, filho de alemães, quase não falava português, mas era soldado nosso, brasileiro. Fizeram uns prisioneiros alemães e o Capitão determinava:

– Pergunta, especula isso, especula aquilo!

Mas ele ficava meio assim... era filho de alemão, não queria entrar em atrito com o soldado da mesma raça. Coisas que aconteceram.

Uma situação bastante estranha: muitos combatentes brasileiros, sobretudo os que saíram de São Paulo e foram combater alemães e até mesmo italianos fascistas, eram descendentes de italiano. Uma situação meio constrangedora combater contra os patrícios dos antepassados, mas o nosso patriotismo suplantou tudo e todos foram excelentes soldados, que só pensavam em cumprir o seu dever pela Pátria brasileira.

Outro aspecto difícil, que superamos, foi o frio europeu.

Quando chegamos e fomos para a linha de frente já era quase início do inverno; o brasileiro é meio bonachão, mas esperto. Por exemplo, devíamos calçar uma galocha grande, pesada sobre a botina, mas descartava-se a botina, enchia-se a galocha de palha, jornal ou penas que arranjavam com as italianas. Mas usava-se principalmente a palha para aquecer o pé. Como a gente ajudava muito os italianos, eles também nos ajudavam. Lavavam as roupas, esquentavam água para o banho. Estávamos na casa de uma italiana e junto conosco um carioca que pediu a ela:

– Prepara a água aí, que eu tenho que tomar um banho.

Mas antes eu vou dar uma volta na neve...

E lá foi ele, só de "shortinho", dar um passeio na neve e a italiana comentou:

– Que brasileiro louco! Brasileiro louco!

E ele deu uma volta na neve, sem roupa, quase pelado e depois foi tomar banho de água quente, tudo para sentir o contraste do frio com o quente.

Nas casas em que a gente costumava ficar, a família consistia no dono da casa, a mãe e as crianças; como eu não fumava, tinha cigarros e chocolates que

também não comia, distribuía tudo para eles O maço de cigarros entregava ao italiano, a caixa de fósforos para a dona, o chicletes para um menino, o chocolate para o outro e eles gostavam muito de mim. O interessante é que os italianos não abandonavam suas casas, podiam estar sendo bombardeados, destruindo quase a casa toda e eles não iam embora, não abandonavam o local, porque não tinham para onde ir e depois tinham medo que lhes roubassem as coisas.

Numa casa em Monte Castelo, depois do ataque, ficamos por mais de trinta dias. Naquele tempo ninguém tinha relógio e eu fazia a escala de serviço de sentinela da moradia, onde estávamos acantonados. Eu deixava sempre a minha hora para o fim, das 5h às 6h ou das 4h às 5h, porque era o último que ficava de sentinela. Aí vinha lá da cozinha com uma lata grande de café, que eu já deixava pronto, esquentava para a turma e torrava o pãozinho.

Não lembro mais porque tivemos que mudar daquele lugar; como eu fazia a escala de serviço e o italiano me emprestava o relógio de bolso, com uma grande corrente de ouro, acabei, distraidamente, levando o relógio do homem.

Mas a Companhia voltou àquele local e, então, falei ao Capitão:

– *Capitão, preciso ir à casa daquele italiano, para devolver o relógio.*

E ele falou:

– *Também vou lá!*

O Capitão tinha um negócio com uma mulher da casa que lavava roupa, ele queria especular alguma coisa.

Fomos juntos e eu devolvi o relógio para o italiano que até chorou ao me ver e disse:

– *Puxa! Brasiliano, eu pensava que não ia mais ver esse relógio!*

O relacionamento com a população local era muito bom, a gente era recebido em suas casas como se fosse a nossa própria, pois os italianos apreciavam os brasileiros, mais do que os outros aliados, como ingleses e americanos.

Alemães então nem pensar; também ficavam naquelas casas, na ocasião em que estavam de posse do terreno, mas os locais não gostavam.

A gente passava bem quando calhava de ficar na casa de italianos. A Seção de Comando geralmente permanecia um pouquinho mais à retaguarda e desfrutava dessa possibilidade.

Chegamos mesmo a experimentar algum vinho italiano, pois quando a gente ia às casas situadas na linha de frente, seus donos eram sitiantes e todos eles possuíam um garrafão de vinho; mas já não era tanto, porque primeiro passaram os alemães, depois os americanos, mais tarde os brasileiros, ainda tinha algum vinho, mas não era tanto. Na verdade quase não tinha mais, até porque tanto o alemão

como o americano são grandes bebedores de tudo quanto é alcoólico, e os alemães, principalmente, levavam embora tudo o que podiam.

Mas, como soldados, os alemães eram muito bem qualificados. Fizemos uns prisioneiros em Belvedere, antes do ataque de 21 de fevereiro ao Monte Castelo, e eu ia levá-los para a retaguarda, mocinhos de 14, 18 anos, pois no final da guerra recrutavam adolescentes a partir de 13 anos e igualmente pessoas idosas.

Mas não foi fácil para aqueles jovens: uma italiana nos contou, em uma casa em que estivemos e onde tinham estado alemães também, que ao saírem em uma patrulha para uma região ocupada por nós, aqueles meninos, aqueles soldadinhos de 13 a 18 anos, choravam de medo de enfrentar os brasileiros.

Dizia que eles choravam mesmo e, se pudessem se entregar, se entregariam.

Só os alemães mais velhos eram fanáticos pelo nazismo, porque esses mocinhos de 17 anos...

Quando fui ferido, depois de passar 10 ou 11 dias no hospital, recebi alta e me mandaram para um acampamento a fim de descansar uns trinta dias, antes de voltar para a linha de frente. Nesse acampamento, cuja localização não lembro, estavam lá os integrantes dos 4º e 5º escalões que chegaram já no fim da guerra. Uma garotada de vinte anos que foi convocada e enviada, quase sem instrução, diretamente para a Itália. Mas não foi uma providência correta. Iniciaram as instruções na Itália, acabou a guerra e eles, até o fim, ficaram só realizando treinamento. Saíam às 4 horas da manhã em marchas, depois voltavam todos sujos, rasgados. Penso que os mandaram pela eventualidade da ocorrência de maior número de baixas e a necessidade de recompletamento.

Depois dos trinta dias em que fui obrigado a permanecer no Depósito, regressei à Companhia, mas aí já havia acabado a guerra. Realmente terminara quando eu me encontrava baixado ao Hospital. A Companhia estava numa cidade perto de Bologna, onde ficamos mais uns trinta ou quarenta dias.

Depois voltamos a Nápoles e lá ficamos cerca de um mês, num acampamento em Filletori, perto de Nápoles, quando aproveitei para passear por todos aqueles lugares ali próximos

Mas a nossa chegada à Itália foi trabalhosa, logo que desembarcamos em Nápoles. O navio que nos transportou, com seis mil soldados brasileiros, de grande porte, não tinha condições de atracar em Livorno. Por isso, desembarcamos em Nápoles e fomos colocados em barcaças, duzentos homens em cada uma, aproximadamente.

Foram 36 horas de viagem até chegar a Livorno, e a maioria enjoava, porque o mar estava muito agitado.

Eu e o soldado Arthur não enjoamos, ficávamos na ponte, numa escadinha de desembarque. As ondas batiam nas pernas da gente, até quase no peito e a gente

achando que era divertimento, mas era uma coisa muito errada. O Capitão a toda hora chamava a atenção:

– Vocês saiam daí! Eu vou prender vocês!

Mas até ele estava enjoado e todos os outros, os duzentos soldados da Companhia também. Recebemos umas latinhas de ração, com carne. Mas ninguém comia, porque se o fizesse, depois jogava tudo para fora, literalmente, "cargas ao mar". Eu e esse meu companheiro enchemos, cada um de nós, um saco com as latinhas que rejeitaram, para distribuir aos italianos.

Mas apesar das dificuldades da viagem, à noite alguns conseguiam dormir; havia beliches individuais. Ficar 36 horas em pé, não dava.

Não era exatamente uma barcaça, era um tipo de navio pequeno. Conhecíamos aquelas lanchas de desembarque, as que chegavam até a praia e abriam a proa formando uma rampa para o desembarque do pessoal; mas ali não, era um tipo de navio pequeno, mais para transporte do que para desembarque e que podia entrar em portos menores sem muito cais.

Transportavam uma Companhia inteira, tinham uns quatro ou cinco tripulantes que também enjoaram, porque, como nós, pegaram uma tempestade na viagem.

Um tornado que não chegou a nos atingir passou perto, mas era bonito olhar de longe, cada vez chegando mais e onde passava destruía tudo. Por isso digo que a gente teve sorte.

Um tio meu, ainda no Brasil, falou, antes do nosso embarque:

– Agora vocês abracem seus pais, porque não vão nem chegar lá...

Eu comentei:

– Deixa falar.

A minha tia achou ruim com ele e eu completei:

– Deixa falar, eu não vou passear, eu vou é para a guerra. Eu vou para lá e quero ir, tá bom?

E acrescentei:

– Eu vou chegar lá.

E, afinal, combatemos e brilhamos.

Os soldados brasileiros não se apertavam em nada, eram bons em patrulha, em combate, em tudo que faziam, serviam de pau para toda obra, para qualquer coisa, sempre alegres. Até nas perigosas patrulhas, jamais vi um brasileiro com receio, a ponto de acovardar-se, de não querer ir numa patrulha. Bastava ordenar. Até para as patrulhas na "terra de ninguém", as mais difíceis, porque o inimigo também ia lá, e, às vezes, havia combate entre patrulhas brasileira e alemã que se encontravam, resultando em feridos, prisioneiros e mortos.

Os brasileiros não estavam infelizes por terem de participar da guerra. Cumpriam o dever.

Possuo um livro editado pela Biblioteca do Exército onde se afirma que foram convocados quatrocentos mil brasileiros para conseguir formar uma Força Expedicionária de 25 mil. Fora uma minoria, ninguém queria ir para a guerra, mas 100% dos que foram combateram com muita boa vontade para cumprir com o seu dever.

Lembro-me que, ainda no 4º RI, descia do trem para entrar no portão do quartel, mais ou menos às 7 horas, muitos convocados, à paisana ainda, chegavam com papel na mão gritando:

– Sou casado! Eu sou casado!

Com certidão de casamento em punho.

Muitos tinham casado na véspera, só para não irem para a guerra, pois quem era casado não ia, só se fossem oficiais ou sargentos.

Então era esse negócio aí, o casado chegava com o papel na mão para não ir, mas eu não era casado, e se por acaso fosse, não iria chegar com papel na mão pedindo para não ir. Eu desejava ir para a guerra, talvez, em parte, desde pequeno quando passei por aquelas experiências no meu bairro, em relação àqueles alemães, pelo sentimento de raiva que me dominava.

Sei de uma pessoa que fez de tudo para casar antes, para não ir à guerra, mas não conseguiu arrumar uma jovem para contrair matrimônio; era incompetente até para arrumar mulher. Mas esse dado é significativo, pois precisaram convocar quatrocentos mil, para no final escolher 25 mil.

Isso dá uma taxa de aproveitamento de aproximadamente 6%, mas esses 6% foram lá e dignificaram o nome do Brasil, ajudaram a apressar o final da guerra, cumpriram o seu dever para com a Pátria e para com a história.

Já no final da guerra eu me encontrava hospitalizado, e o pessoal colocou um mapa da Europa, de bom tamanho, na parede, onde eram marcados, com bandeirinhas, a posição e o avanço das tropas brasileiras.

O final da guerra na Europa, para nós, foi normal; a turma ficou contente como algo já aguardado, comum, coisa do dia-a-dia. Entretanto, a guerra continuava no Japão.

Quando estávamos em um acampamento em Nápoles, aguardando a hora de regressar para o Brasil, juntamos uns três, três ou quatro combatentes, incluindo o soldado Arthur, e fomos falar com o Capitão que éramos voluntários para lutar no Japão. O Capitão deu uma bronca em nós, dizendo:

– Eu mando prender vocês! A gente já está indo de volta para casa e vocês querem começar tudo de novo! Vão parar de ficar falando besteira por aí, pois isso

acaba chegando nos ouvidos de alguém a aí vão acabar querendo mandar uma tropa para lá também.

E quase fomos presos, pois o Capitão não via a hora de ir para casa, ele era capitão do CPOR, novo ainda, mas muito "Caxias", um excelente Comandante.

O período passado na guerra não atrapalhou em nada a minha vida pessoal, porque era um profissional realizado; quando fui para a Itália já estava pagando INPS há seis anos.

Comecei na minha profissão como aprendiz, desenhava para trabalhos de litografia, mapas, rótulos, tudo isso aí. Em 1942, estava trabalhando na Companhia Melhoramentos, que editava aqueles mapas do mundo, do Brasil e outros.

Na Companhia Melhoramentos havia umas máquinas planas; numa pedra grande iam imprimindo mapas e papéis diversos. Por exemplo, os alemães avançavam na Polônia, aí eles modificavam o mapa: precisava ir lá naquela pedra de litografia limpar uma parte, e aumentar a área dominada pela Alemanha. Quando os alemães tomavam mais uma parte, eles paravam o que estavam imprimindo e atualizavam o mapa e assim por diante. Porque os donos da Companhia Melhoramentos de São Paulo eram todos alemães, e, várias vezes, fui à máquina atualizar o desenho. Como aprendiz, fazia o serviço mais difícil; era uma pedra grande, de mais de dois metros quadrados, a máquina plana de pedra de litografia. Eu tinha que ir lá, limpar e modificar o desenho das fronteiras, porque os alemães as iam expandindo.

Então eles pegavam o mapa anterior, jogavam fora o que já estava impresso e passavam a imprimir o novo, com a fronteira da Alemanha maior. Até por isso eu passei.

Na profissão de desenhista gráfico, desenhista de litografia, seria preciso trabalhar quatro anos como aprendiz para passar a meio oficial, mais quatro anos como meio oficial e, só depois de oito anos, passava a ganhar como oficial.

Já tinha seis anos que trabalhava nessa área e, quando voltei da Itália, fui para o mesmo emprego, mas estava meio atrapalhado e então falei:

– Eu não vou trabalhar de empregado aqui!

Naquela época havia muitas litografias pequenas, daí eu decidi:

– Eu vou trabalhar por minha conta!

Foi o que fiz. Trabalhava um pouco numa litografia, um pouco na outra, fazia desenhos de tipografia, o que desse, por isso é que eu digo que tinha uma profissão muito boa, não me faltava serviço.

Eu não perdi nada indo para a guerra, passei a trabalhar por minha conta, não pagava mais INPS, e aí, na época do Castello Branco, talvez um pouco antes, o ex-combatente se aposentava pelo INPS com 25 anos de serviço, depois podia continuar trabalhando por conta, já como aposentado, sem pagar ao Instituto.

Meu pai alertava:

– *Paga aposentadoria.*

O meu sogro falava a mesma coisa:

– *Paga aposentadoria.*

Mas eu achava que não queria pagar e acabou. Trabalhava e ganhava bastante, ganhava bem, dava para os filhos todos estudarem, acabei dando uma casa para cada filho quando eles casaram. Para que pagar aposentadoria?

Foi quando deram uma colher de chá para ex-combatente reformar-se; eu me apresentei à junta e fiquei adido uns três ou quatro meses, ganhando como soldado, e depois me reformei, porque, sem esse cuidado, não teria aposentadoria. Um favorecimento por ser ex-combatente, me reformando como 3º sargento.

Na época em que me reformei, tinha também um auxílio invalidez que era equivalente a uns R$ 150,00 por mês. Havia também a pensão para quem não era reformado, hoje em dia a pensão é muito menor que a reforma. A patroa estava usando muitos remédios caros e naquela época a pensão pagava um pouco mais, dava uns R$ 100,00 a mais do que a reforma, então fui à SIP-2 para poder ganhar aquele dinheiro a mais a fim de comprar o remédio para a patroa; passei da reforma para a pensão.

Considerando tudo isso, eu acho que a Pátria foi reconhecida pelo nosso sacrifício, apesar de muitos dizerem:

– *O governo é isso, o governo é aquilo, não sei o quê...*

Mas no fim o governo é uma coisa e a Pátria é outra e eu achei que fui recompensado, por ter cumprido com a minha obrigação.

Mas, relembrando minha experiência de guerra, o que eu gostei, que me impressionou mesmo foi a habilidade dos americanos, a sua organização, tudo bem estruturado. Falava em casa:

– *Puxa vida! O brasileiro deveria ser igual ao americano!*

Os militares alemães que caíam prisioneiros trocavam cigarros dos brasileiros por suas medalhas, diziam:

– *Vamos trocar medalha? Leva o meu distintivo e tal.*

O brasileiro era assim, eu tenho livros que foram publicados pelos inimigos e que falam bem dos brasileiros. Nosso combatente era um inimigo leal, porque mesmo no auge da guerra, o verdadeiro militar mantém o sentido de honra, de respeito ao derrotado e essas coisas todas. Agora, o mau militar não, tripudia sobre o mais fraco, sobre o prisioneiro, ele maltrata, mas o brasileiro não, o brasileiro é magnânimo para com os mais fracos.

Quando a gente fazia um prisioneiro alemão, ele dava graças a Deus por ter caído prisioneiro de brasileiro, porque o americano era muito ríspido com eles.

Na Rota 64, uma estrada muito estreita, certa ocasião, um comboio nosso que ia para a linha de frente cruzou com um comboio de ambulâncias de feridos, com destino à retaguarda; numa encruzilhada formou-se um angu de caroço, um engarrafamento, não andava nem para frente e nem para trás. Ficou uma trapalhada como a que costuma ficar no trânsito das grandes cidades. Aí um General americano desceu do jipe, subiu num barranco e lá de cima com um apito organizou o trânsito. Um General, hein! Um General subiu lá com um apito, mandava parar aqui, manda seguir ali...

E deu tudo certo, senão ficavam por lá, ninguém se entendia, um queria passar, o outro não deixava, uma confusão tremenda, eu nunca esqueci disso, o senso de organização dos americanos.

Tenho um companheiro da campanha, figura marcante, um colega que trabalhou muito tempo lá na Associação, como caseiro; morava de graça lá e a mulher fazia limpeza na Associação dos Ex-Combatentes. Trata-se do Guilhermino André de Moraes, de quem batizei uma filha. Foi o primeiro brasileiro que caiu prisioneiro dos alemães, quando reparava uma linda telefônica, ele sempre conta a história.

Em dado momento, estavam cercados de alemães, eu não sei direito, mas ele conseguiu atingir num soldado, com um tiro de fuzil, parece que pegou na fivela do cinto e feriu a barriga do alemão, mas não o matou; aí deram um couro nele e o levaram para a retaguarda preso. Transportaram o Guilhermino na ambulância em que ia o soldado alemão ferido. Diziam a ele que se o alemão morresse ele também seria morto. Teve sorte que o soldado não morreu.

Ele ficou prisioneiro, foi para a Alemanha. Lá trabalhava nas casas de alemães. Não o mataram porque era o primeiro brasileiro prisioneiro, e depois, quando acabou a guerra, veio embora, e juntou-se de novo aos brasileiros.

Como minha mensagem final concito os jovens militares de hoje a se manterem sempre bons soldados, patriotas, cumpridores de seus deveres e, se um dia a Pátria precisar, que acatem o seu chamado e sejam os primeiros a se apresentarem para a defesa de sua soberania.

Guilhermino André de Morais*

Paulista da Cidade de Itaquaquecetuba, com 80 anos de idade, é casado, tem três filhos e dois netos.

Fez a guerra como soldado de Infantaria, trabalhando nas Comunicações, como integrante da 6ª Companhia do II/6º Regimento de Infantaria.

Durante as ações de guerra, caiu prisioneiro das forças inimigas.

Por sua participação na Segunda Guerra Mundial foi condecorado com a Medalha de Campanha.

---

* Fuzileiro da 6ª Companhia do II Batalhão do 6º Regimento de Infantaria, entrevistado em 31 de agosto de 2000.

Vou começar pelo episódio da minha prisão pelos alemães.

Nós estávamos na área de Barga, fazendo uma verificação no fio telefônico, às 5 horas da manhã: um sargento, um cabo e quatro soldados, inclusive eu, próximos a três casas de italianos, quando o fio escapou da minha mão; peguei o canivete e fui descascá-lo, para fazer a emenda. Nós nos encontrávamos numa baixada. À frente havia um bosque de castanheiras; mas adiante, o parreiral que ficava em volta de três casas habitadas por famílias italianas produtoras de vinho.

Um dos soldados falou:

– Corre, vamos embora!

Cada um saiu para um lado, mas eu e outro companheiro acabamos nos escondendo dentro de uma das casas, a que estava vazia e fiquei atrás de um guarda-roupa.

Foi aquele movimento, cercaram a casa toda, eram 36 alemães que faziam patrulha de madrugada.

Alguém entrou na casa e dei-lhe um tiro com a carabina – sem saber quem era –, que acertou no cinto de guarnição de um alemão.

Fiquei com pena dele, porque sangrava muito.

O sargento e o cabo sumiram, não sei para onde foram. O outro soldado que estava comigo, um negrinho baixinho de Volta Redonda – nós o chamávamos de "Comprimido", porque era pequenininho –, conseguiria escapar e voltar, ao passarmos pelo parreiral; os alemães ainda lhe deram uns tiros, mas não o acertaram. Depois soube que, ao chegar à Companhia, falou:

– Nunca mais eu vou à linha de frente. Nunca mais! Mandem-me embora para casa!

Isso tudo aconteceu em dezembro de 1944, quando estava fazendo reparação de linhas e houve esse encontro com o inimigo.

Fiquei dentro da casa, mas o alemão jogou uma granada fumígena e escureceu tudo; notei que alguém segurou meu braço, mas fiquei bravo com ele e falei:

– Antônio, larga meu braço!

Mas não era ele, e sim o alemão; havia cinco dentro da casa; depois me puseram para fora, ficaram em volta de mim, andamos um pedacinho pelo parreiral, por onde o "Comprimido" fugiu, entramos numa ambulância e seguimos, já nas mãos deles, não havia mais jeito!

O Tenente Camargo – que era muito meu amigo, ainda hoje existe a loja dele na Praça dos Correios, no centro de São Paulo – tinha ouvido os tiros e se deslocou para o local, mas já era tarde. Na verdade, conseguimos salvar a Companhia inteira, porque nos encontrávamos a trezentos metros dela, quando os alemães nos surpreenderam. Estávamos bem longe, sempre andando. Permanecemos 16 dias em San

Giovani, uma cidadezinha inexpressiva. Lá existia um lugar todo cercado, onde ficavam os prisioneiros dos alemães naquela região. Deveria ser um ponto de coleta de presos: havia uma cerca de tela mais interna, outra mais externa e, no meio, concertinas de arame farpado, para ninguém passar. À noite, os alemães nos mandavam para o alojamento. O soldado Antônio e eu tentamos fugir, entramos numa vala e ficamos escondidos.

Andávamos agachados ou rastejando, mas encontrávamos sempre um cachorro, mudávamos de lado e aparecia outro. Acabou amanhecendo, saímos de leve e voltamos para o alojamento e, graças a Deus, ninguém soube de nossa tentativa de fuga.

Eles não usavam holofotes para nos vigiar durante a noite. Nesses 16 dias em que fiquei lá só havia os guardas em volta e cada um com um cachorro, para ninguém escapar mesmo. O cachorro era aquele grande, peludão, pastor alemão, um cão que se presta muito bem ao treinamento para a guerra. Ele não late, mas ataca.

Foram 16 dias nesse local e depois andamos por muitos lugares, parávamos um pouco em cada um, viajando de viatura ou trem, na direção da Alemanha. Durante esse tempo, dormíamos no chão; eles estendiam capim no piso do galpão, que era o alojamento, e ali passávamos as noites. Quase não havia comida.

O transporte era feito em caminhões, mas os bancos da viatura eram colocados ao comprido, na longitudinal da carroceria, então, um ia sentado no colo do outro. Aconteceu que numa viagem dessas para outro campo de prisioneiros, depois de termos andado bastante, lá pelas tantas da noite, um colega meu ficou sentado no final, bem na beiradinha do banco. O guarda parece que dormiu um pouco e, quando o caminhão deu uma brecada, um companheiro caiu e rolou para a ribanceira.

Com isso escapou, teve sorte. Falando muito bem o italiano, pela manhã encontrou uns homens trabalhando, explicou a situação e imediatamente lhe deram umas roupas. Ficou lá até o final da guerra.

Não tive a mesma sorte, acabei indo para a Alemanha; viajamos três dias em um trem vagaroso, só de prisioneiros, até chegarmos lá.

No trem de carga, para fazer as necessidades, existia um barril com areia no vagão.

Havia presos brasileiros e de outros exércitos, também, principalmente ingleses, a maioria dos quais aviadores que ficavam uma semana ou duas e conseguiam fugir com facilidade, porque eram treinados para isso.

Chegamos e permanecemos em Mosburgo, cidade que dista cinqüenta quilômetros de Munique, onde íamos trabalhar todos os dias. Em Mosburgo mesmo, só trabalhei uma vez, em um prédio de quatro andares; quando os ingleses iam bom-

bardear, não avisavam ninguém, vinham com seus aviões e lançavam as bombas; uma vez mataram uma porção de italianos dentro do prédio.

Numa dessas situações, fomos limpar o terreno com caminhões basculantes, a fim de carregar o lixo; os motoristas dos veículos eram mulheres alemãs, muito rudes, que se sujeitavam a qualquer trabalho, tão dispostas quanto os homens.

Comíamos um pouquinho melhor nos dias em que íamos trabalhar fora. A comida era sopa de trigo servida em uma xícara e o guarda advertia (Para cada cinqüenta prisioneiros havia cinco guardas e um deles falava bem o português.):

– Se você ainda estiver com fome, entra de novo na fila, até encher a barriga.

Em outra ocasião, fomos trabalhar em um lugar onde havia muitas vacas mortas. Enquanto ajudávamos a carregar os caminhões com aqueles animais, vimos uma mesa muito farta, cheia de cerveja e de comida, mas quando íamos colocar a colher na boca, tocou a sirene e todo mundo correu para o abrigo; caiu uma bomba na porta do mesmo e complicou a nossa situação: ficamos sem almoço e só saímos de lá às 5 horas da tarde, nós e os alemães permanecemos fechados a tarde toda até a hora de irmos embora.

O ataque aéreo não escolhia onde ou em quem a bomba iria cair, se no prisioneiro, alemão ou trabalhador, poderia atingir qualquer um. Houve um dia em que a gente estava limpando neve da rua e próximo existia um lago e, durante o ataque, fomos obrigados a nos jogar na água gelada. Mas foi coisa de momento, a bomba cai e não se tem escolha.

A comida consistia num pedaço de pão preto e outro de lingüiça, nem recebíamos café.

O desjejum era água de beterraba, mas não dava para tomar de jeito algum, aquele líquido avermelhado, sem açúcar e sem nada. Naqueles três dias que passamos no trem, viajando para a Alemanha, o almoço era raspa de pão com lingüiça, que, aliás, os alemães sabem fazer muito bem, mas nos serviam muito pouquinho.

Não havia esse hábito de café, almoço e jantar. Nem sei como é que agüentamos aquilo, acho que o próprio ambiente de lá nos sustentava, porque não sentia muita fome, ficava fraco, mas dava para suportar.

Apesar de tudo, não emagreci e até cheguei a engordar.

Quando ia viajar para a Itália, meu Tenente dizia:

– André, quando você puser os pés no navio, vai "cair duro", pois está muito fraquinho.

Mas não aconteceu nada disso, tive boa saúde; apesar de tudo, quando embarquei estava com 52 quilos e voltei com 63; parece mentira, mas não é só a comida que faz a pessoa engordar.

Não vi sequer um companheiro adoecer ou morrer de fome lá no campo de concentração, mas sentíamos o cheiro de carne queimada, porque havia um lugar onde eles cremavam os corpos dos mortos.

Houve um companheiro que falava muito bem o alemão, mas desapareceu e ninguém soube mais dele. Era quem nos explicava o que estava acontecendo:

– Tenham calma, vamos embora. A guerra vai acabar em maio.

Era sempre aquela rotina de serviço, só que no regime do alemão, trabalhávamos uma hora e descansávamos dez minutos, eles tocavam um apito na hora de parar.

Labutávamos oito horas por dia de acordo com a tarefa a ser executada, quando terminávamos, recomeçávamos muitas vezes.

Tive a oportunidade de fugir de lá, certa vez, mas não deu certo porque não falava nada de alemão. Quando a gente executava um trabalho fora do campo, pedi para fazer uma necessidade, já estava perto da hora de voltarmos, eles foram embora e esqueceram de mim. Eu tinha ficado atrás de uma rocha, no campo e, quando olhei, não havia mais um sequer; já era bem de tardezinha. Fiquei pensando no que deveria fazer. Poderia ter fugido, mas sem falar o idioma, em plena Alemanha, acabaria morto, certamente.

Um pouco mais tarde, apareceram três alemães com fuzis e de dedo no gatilho. Eu não estava nem ligando, e nem sentia medo; então falei:

– Se quiser atirar, que atire!

Passei no meio deles e fui andando com certo receio, pois não estava acostumado a tal situação. Sempre morei no interior e estudei muito pouco.

Um companheiro chamado Amintas anotou muitas coisas, tudo que se passava ia para o caderninho dele. Ele também foi prisioneiro de guerra, o nome todo era Amintas Pires de Carvalho. Escreveu sobre os prisioneiros de guerra brasileiros na Alemanha e sua vida no campo de concentração.

Em uma espécie de homenagem aos soldados brasileiros que foram aprisionados, gostaria de citar seus respectivos nomes constantes desse documento relativo ao fato.

PRISIONEIROS DE GUERRA BRASILEIROS NA ALEMANHA

A Cruz Vermelha brasileira recebeu a primeira relação de prisioneiros que se encontram nos campos de concentração – STALAG, na Alemanha, cujos nomes são os seguintes:

Stalag 24 *– Bernardo Carafiol*

Stalag 4F *– Luiz Argentos*

Stalag 64 *– Dominique Martines*

Stalag 7A – *Guilherme Barbosa*
Milton Bragança
Waldemar Seresoli
Antônio Ferreira
José Ferreira
Ilário Furlan
Pedro Godoy
Geraldo Gomes
João Gonçalves
Mário Gonçalves
Antônio Júlio
Alcides da Rocha
Guilhermino Moraes
Oswaldo Muller
João Muniz
Elizeu Oliveira
Anézio Pinto
Amintas Pires
Alcides Ricardino
José Rodrigues
Antônio da Silva
Geraldo da Silva
Osvaldo Varela
Emílio Varolli

Stalag Marlag Milag Norte
Joaquim da Silva

Deilag 18 – *4 transferências para Ilag 7*
Enrique Osman
Enrique Goudestain
Eugênio Querne
Silvaz Silberfeld

Ilag Biberac 2
Ozena Novique
Gabriel Novique

Esses foram os prisioneiros brasileiros levados para campos de concentração na Alemanha, dos quais só restam vivos o Amintas Pires e eu.

Fui prisioneiro dos alemães de dezembro de 1944 até o dia 1º de maio de 1945, quando o VII Exército americano nos libertou. A 1 hora desse mesmo dia, escutamos um barulho e todo mundo levantou e correu. Como o campo ficava em uma planície, de longe se avistavam luzes de faróis, era uma fila enorme de carros blindados americanos.

Às 6 horas da manhã já estavam dentro do campo e aí foi aquela euforia. Uns subiam nos caminhões, ainda rodando, quem pudesse embarcar em qualquer veículo ia embora. Em seguida, fomos para um pequeno campo de aviação e às 4 horas da tarde apareceu um avião alemão que ficou sobrevoando a área, os americanos atiraram com a metralhadora .50, tentaram abatê-lo, mas os pilotos conseguiram pousar. Eram um sargento e um cabo que disseram:

– Viemos aqui para atacá-los, mas não queríamos matar ninguém. Desejamos ficar presos.

Ficamos na expectativa, aguardando o aparecimento de outros alemães, mas não aconteceu mais nada.

Depois nos alojamos em uma barraca, a uns 50km do campo de concentração; estávamos deitados e, de repente, ouvimos uma rajada de metralhadora. Quando amanheceu, fomos ver e havia dois alemães sem cabeça. Um americano negro passou fogo neles, matando-os. Estavam cheios de granadas, queriam jogá-las dentro da barraca, a fim de nos matar, mas graças a Deus, o americano estava pronto pra tudo e cortou o pescoço dos dois.

Depois de sermos libertados, ainda passamos algum tempo na Alemanha, acampados em locais protegidos pelas tropas americanas.

Fomos retornando via aérea e, como estava difícil conseguir aeronaves maiores para transportar tanta gente, seguimos nos próprios aviões de combate, que levavam apenas quatro ou cinco pessoas, muito desconfortáveis pois eram bem pequenos e balançavam muito.

Viemos primeiro para a França, lá ficamos por uns dois ou três dias e depois tomamos um avião de transporte de passageiros para a Itália e nos unimos às Forças Brasileiras.

No dia 2 de maio saímos do campo, já quase livres e, poucos dias depois, estávamos na Itália, não me lembro mais do dia exato. Sei que durante o período passado na França, fomos conhecer um pouco os arredores e nesses passeios chegamos a nos perder. Pegamos o caminhão de um soldado americano, fomos até o ponto final, todos desceram e nós também. Havia um parque de diversões, onde começamos a brincar um pouco, o tempo foi passando até que anoiteceu. Estávamos no Sul da França e não sabíamos voltar. Passamos a noite inteira andando, tentando reconhecer algum lugar por onde houvéssemos transitado.

Como não conseguíamos entender o idioma e ninguém nos compreendia, o jeito foi tentar encontrar o caminho; andamos 46km a pé, de manhã passou um caminhão e falamos:

– *Campo 7!*

O motorista respondeu:

– *Yes!*

Levaram-nos para lá e depois nos reunimos aos brasileiros na Itália.

Voltando ao tempo de prisioneiro, devo afirmar que os alemães não nos maltratavam e nem torturavam. Só ameaçavam, mas os brasileiros tinham muito cartaz com eles que, afinal, nos tratavam bem. Havia um intérprete que ficava nos aborrecendo todo dia.

Quanto ao nosso interrogatório para colher informações, primeiro começou com uma moça em San Giovani, que era professora de natação em Santos. Ela falava alemão e estava lá a serviço deles.

Conhecia o Brasil inteiro, muito melhor do que eu, que vivia no mato, e dizia:

– *Conta a verdade, fale sobre a linha de frente que eu quero facilitar a sua vida aqui dentro. Não quero que você seja maltratado, desejo que relate toda a sua atividade.*

Eu lhe respondia:

– *Não posso dizer o que vocês querem saber, porque eu trabalhava na cozinha, era ajudante. Só conheço o movimento de lá.*

Usei, portanto, uma estória de cobertura e não contei a verdade, que era o que o inimigo queria saber. Não entreguei o "ouro aos bandidos".

Depois o outro intérprete me chamou, e disse:

– *Você tem que depor de novo, pois não conseguiu falar nada.*

Daí pensei:

– *Então está tudo bem, "eu sou bobo mesmo".*

É claro que eu não ia falar nada.

Desde quando estávamos em San Giovani, os alemães já diziam:

– *Em maio a guerra vai terminar, a Alemanha já perdeu.*

Eles já estavam sabendo, o "bigodudo" – Hitler – insistia em continuar com o conflito. Mas a alimentação era precária e sem ela é impossível combater. Tanto é importante, que Napoleão Bonaparte já dizia que a Logística, a alimentação principalmente, é fundamental para obter-se a vitória em qualquer peleja.

Mas, graças a Deus, houve muita gente que contribuiu para o término da guerra, cada um no seu terreno, o General Mark Clark, o Primeiro-Ministro da Inglaterra, Winston Churchill que, inclusive, elogiou o soldado brasileiro, afirmando que era muito bom profissional.

O pracinha do Brasil deixou uma boa impressão porque foi um combatente inteligente, versátil e corajoso.

Voltando à minha narrativa de retorno, não reencontrei os brasileiros na Itália, pois quando conseguimos chegar ao campo 7, depois que nos perdemos na França, o pessoal já tinha se movimentado de volta ao Brasil.

Nunca mais retornei à Itália, mas o pessoal do Rio já organizou algumas viagens e consegue até passagens de graça. Os ex-combatentes se reúnem e obtêm algumas cortesias, dez ou vinte passagens, tudo de graça e aí viajam, passam uma semana. Os colegas que estiveram na Itália não reconheceram mais nada, porque no tempo da guerra quase tudo estava destruído, mas agora mudou muito, reconstruíram tudo.

A Itália, que naquele tempo era só miséria e desolação, é, atualmente, um dos países mais ricos e adiantados do mundo, bem como a Alemanha também.

Gostaria de deixar uma mensagem ao jovem brasileiro do Exército: se um dia tiver que ir para guerra, que leve o mesmo espírito de luta e de patriotismo que tivemos.

Quando for convocado, deve fazer de conta que o Exército é a casa dele, deve trabalhar e entender que, mesmo em tempo de paz, está se preparando para a guerra.

Admirei muito a tropa do Exército em São João Del Rei, aqueles soldados são habilidosos, escalam lugares muito difíceis de se chegar. É um orgulho saber que hoje o nosso Exército possui um pessoal tão bem instruído.

Eles cumprem sua missão de Tropa de Montanha com bastante profissionalismo.

Passamos uma semana lá e observamos que o Comando não deixa ninguém de fora, oficiais, sargentos e soldados, o que um faz os outros também executam; durante o dia todos treinam com aquelas cordas nos ombros e tem que ser assim mesmo porque, havendo necessidade, o homem estará bem preparado.

Houve gente que chegou à Itália e só pensava em matar, mas foram os que mais sofreram. O soldado deveria saber combater e se proteger, principalmente contra o alemão, que conseguia andar por lugares cheios de folhas secas sem fazer barulho e, quando percebíamos, “o cara” estava em cima da gente, era um perigo.

Tomara Deus que não precise, que não haja guerra, mas é preciso estar sempre treinado e nas melhores condições.

João Francisco da Silva*

Natural de Sertãozinho, São Paulo, tem 80 anos de idade, é casado há 51 anos, tem três filhas, seis netos e um bisneto.

Fez a guerra como soldado de Artilharia da Bateria de Serviço do Grupo de Obuses Auto-Rebocado, hoje 20º Grupo de Artilharia de Campanha Leve, Grupo Bandeirante.

Por sua participação na Segunda Guerra Mundial foi condecorado com a Medalha de Campanha.

---

* Motorista da Bateria de Serviços do III Grupo de Obuses, entrevistado em 5 de setembro de 2000.

Em junho de 1941 fui sorteado e servi no quartel do Grupo de Artilharia de Dorso, em Quitaúna, onde permaneci até 1943, quando segui para Vitória, Espírito Santo. Ainda em 1943, voltei a São Paulo, passei por exames médicos e depois fui movimentado para Campinho-RJ, onde, durante mais um tempo, assisti a instruções as mais variadas, inclusive como evitar as armadilhas lançadas pelos alemães, que as deixavam nos mais diversos objetos. Fomos orientados para não tocar, por exemplo, em um quadro numa parede, tomar cuidado ao sentar no banco de um jipe inimigo, porque poderia haver minas ou outras armadilhas deixadas por eles.

Quando embarcamos em 1944, o navio não zarpou logo, ficamos a bordo durante alguns dias, esperando o restante do material, até que, finalmente, partiu. Levamos quinze dias para chegar à Itália. Tive sorte durante esse período de viagem, tirei serviço na proa, lá em cima e, de vez em quando, passava um americano e me dava uma maçã.

Duas semanas depois desembarcamos em Nápoles e seguimos em barcaças para Livorno. Ficamos acampados, até que, certo dia, o nosso Comandante avisou:

– Preparem-se que amanhã à noite nós vamos para a frente de combate.

Mas ninguém ligava, a gente já queria ir de uma vez.

À tardinha, os caminhões encostaram e partimos. Caíam aquelas pedrinhas de gelo, batiam no capacete, estalavam, mas não estávamos nem ligando, um olhava para a cara do outro e sorria. Quando chegamos perto da linha de frente, o Comandante, ordenou que descêssemos.

Dali, já dava para ouvir os tiros, as granadas de Artilharia passando por cima; nessa hora muita gente deu “uma balançada”. A turma toda desceu, era tiro de metralhadora, os canhões passando, nesse momento, realmente sentimos muito medo, mas depois nos acostumamos.

No dia seguinte, os canhões entraram em posição: eu era municiador da Bateria de Serviços. Quando estavam preparados, já em ação, havia um sargento, um cabo e quatro soldados para descarregar a munição dos caminhões, os quais levavam duzentos tiros. Só podiam transitar à noite, pois o remuniciamento era feito no escuro e não se podia acender um cigarro; de vez em quando, descia um soldado para ver se a roda do caminhão estava na estrada. Preocupação com a segurança do deslocamento.

Não se acendia nem a luz de *black out* nada, e a estrada era como a de Santos, com muitas curvas, subidas e descidas, muito perigosa então o soldado “guia” falava:

– Motorista, está certa a direção. Vamos!

E nós, em cima do caminhão, não sabíamos por onde se estava passando, certa vez, rodamos ao pé do Monte Castelo, bem pertinho dos alemães e o motorista advertia:

– Pelo amor de Deus, ninguém acenda cigarro.

Ficávamos sempre com muito medo; quando nos aproximávamos dos canhões tínhamos que descarregar. Como as granadas de Artilharia são grandes, descíamos cada um com duas no ombro. Trabalhávamos muito rápido para irmos embora logo. O processo era o mesmo de quem leva tijolos, ficava-se em fila e um jogava a granada para o outro e o último as empilhava perto do canhão.

Quando caiu neve a primeira vez, foi no Natal e eu estava com 38º de febre. Das palhas de trigo fazíamos colchão, eu ficava deitado no meu e os companheiros vinham me ver e perguntavam:

– Como é, você não está melhor? Levanta! Tenta levantar.

Mas eu não conseguia. Havia uma senhora de idade, uma italiana, que vinha me trazer castanhas e chá; mas aquela febre não passava e, na barraca, só escutava o barulho das granadas passando por cima.

Os canhões americanos eram muito grandes, seu barulho quase estourava o ouvido da gente.

Tínhamos os tapa-ouvidos, os protetores auriculares mas, às vezes, nem os usávamos, pois não somos muito de usar equipamento de segurança.

O brasileiro é muito valente, assim diziam os alemães. Na hora em que se entregaram, os americanos vinham para lhe tomar as armas, mas eles diziam:

– Não! Nós nos entregamos aos brasileiros, para os americanos, não!

Foram os brasileiros que receberam a rendição da 148ª Divisão alemã.

Gostaria de falar um pouco mais sobre a primeira Unidade onde fui incorporado. Era um Grupo de Artilharia de Dorso (GADO), as novas gerações do Exército não sabem o que é isso.

Os canhões eram transportados em muares, cada soldado tinha um burrinho para carregar as peças e os carregadores que a gente chamava de "queixinhos", eram os que seguravam o burro pelo cabresto, ou seja, pelo queixo do animal; eu era "queixinho".

A turma colocava no lombo do muar as peças do canhão; quando um burro daqueles encostava no outro e eles se tocavam, aquilo virava um "banzé" e quem soltasse o muar era punido, mas, às vezes, os burros davam coices e tínhamos que soltar, não havia jeito. Quando chegava ao local de posicionar as peças, o pessoal descarregava e nós, os "queixinhos", ficávamos segurando os animais. Cuidávamos deles enquanto os artilheiros montavam os canhões e ficavam em suas peças. Íamos muito para Barueri e Cotia fazer esse treinamento.

Quando seguimos para Vitória, levamos os burrinhos, viajamos de trem e ao chegar lá tínhamos que atravessar um "braço" do mar e levar os canhões lá no alto

de um morro. A travessia era feita com os burrinhos, pela água. Às vezes a força da água queria puxar o animal e tínhamos que nos esforçar para não perder o rumo, porém, em alguns momentos, puxava tanto que nos tirava da direção.

E eu, que não sabia nadar e nunca tinha visto o mar, passei um susto, mas conseguimos atravessar e subimos o morro com os burrinhos. Deixávamos as peças e depois voltávamos com os muares para colocá-los na cocheira. Ficamos quase um ano em cima daquele morro e tínhamos que pegar comida no rancho, mas nem sempre havia bote para a travessia, então nadávamos com a comida no ombro e ainda a mochila e o fuzil. Eu passava uns apuros, porque não sabia nadar direito.

Não podia deixar molhar o fuzil, nem a comida, o problema era esse. Uma vez, eu ia morrendo afogado, a minha sorte foi que os outros que estavam comigo sabiam nadar muito bem.

Então, antigamente, a Artilharia de Campanha era transportada em lombos de animais, cavalos ou burros mesmo, e nem sempre era fácil cuidar dos mesmos, qualquer um que encostava no outro ou um barulho maior o animal já se assustava, dava coice e derrubava o material. O sargento reclamava com o soldado que não segurava direito no queixo do burro.

Uma vez, atravessamos o Rio Tietê com os burrinhos, com uma corda de segurança, se acontecesse alguma coisa o soldado segurava nela. Ia um de cada vez, mas o burrinho nunca ia certo, sempre queria descer, não havia jeito.

É bom lembrar também que essa maneira de transportar o canhão, utilizada em 1941, mudou. Hoje o Grupo de Artilharia Leve transporta suas peças em helicópteros, os canhões são 105mm, com muito bom desempenho, um material moderníssimo, são levados pelo ar a qualquer lugar, ou seja, bem mais fácil do que com o burrinho.

Achei boa a viagem marítima para a Itália, a refeição começava de manhã e só terminava à noite, porque era muita gente para ser alimentada.

O meu navio foi com 6 mil homens e o outro com 5 mil. 11 mil nos dois navios, o *General Mann* e o *General Meighs* .

Tive sorte, pois naquele tempo, apesar de sofrer do estômago, não enjoei. Mas alguns não agüentavam ficar em pé. O pessoal que tirava serviço no porão do navio não suportava meia hora o cheiro da comida e do óleo. De vez em quando, subia um soldado desmaiado, sendo carregado nos braços dos outros para tomar ar fresco lá em cima, a fim de se recuperar. Eu tirava guarda e via tudo o que se passava.

Na guerra, a minha função principal como integrante da Bateria de Serviços era fazer o remuniciamento das baterias que estavam desdobradas à frente. A gente levava as granadas, às vezes em comboio de até quinze caminhões, mas só nos deslocávamos à noite, para evitar as vistas e fogos do inimigo.

Tudo isso, porque tínhamos que “desfilar” embaixo de onde eles estavam posicionados. Entretanto nossa Artilharia estava por trás de um morro, onde os alemães não podiam observar.

Os artilheiros sempre ocupavam posições de tiro nas contra-encostas, para se furtarem à observação inimiga e ao conseqüente tiro de Contrabateria. Os oficiais observadores informavam as posições dos alvos inimigos.

Utilizavam binóculos e pelo rádio comunicavam à Central de Tiro onde caíam os tiros para fazer a regulação.

E a Infantaria avançava conforme a nossa Artilharia atirava, os inimigos recuavam porque as granadas não os deixavam em paz.

É interessante lembrar também que o consumo de munição em guerra, sobretudo na ofensiva, é muito grande e o remuniciamento é crucial, sem munição não há tiro. A munição é pesada, de difícil manuseio. Os paióis e os caminhões não podem ser descobertos pelo inimigo, porque se tornam um alvo muito bom, uma granada certeira faz tudo ir pelos ares.

É uma situação muito perigosa, porque o inimigo tenta evitar que a munição chegue ao seu destino, deixando a Artilharia sem condições de atirar.

O inverno para nós foi muito difícil, o brasileiro não conhecia a neve. A primeira noite em que nevou foi surpreendente. Alguns pensavam que era algodão. A neve caindo no nosso capote, no cabelo, fez tudo ficar branco. Havia momentos em que nem sabíamos mais onde era a estrada. Quando saíamos da trincheira, quase sempre ficávamos atolados na neve, dávamos um passo e não conseguíamos puxar a perna, tinha que ter a ajuda de alguém para poder sair.

Os castanheiros ficavam branquinhos, os caminhões da noite para o dia amanheciam cobertos de neve e não sabíamos se era um caminhão, um monte ou um morro.

E o frio doía no “lombo”, a nossa sorte era que possuíamos bons agasalhos, fornecidos pelos americanos. Chegamos com nossas roupas normais, mas no inverno recebemos agasalhos para suportar o frio.

Não me lembro da minha Bateria ter sido atingida alguma vez pela Artilharia inimiga, porque ficávamos mais à retaguarda; nem pela aviação, porque conhecíamos o barulho dos aviões alemães e, ao se ouvir o ruído de algum deles, nos escondíamos à sombra das castanheiras, quando estávamos de guarda.

Sempre procurávamos a camuflagem para nos furtarmos à observação do inimigo, inclusive aérea. Usávamos, também a rede de camuflagem; quando havia muita neve, enquanto montávamos guarda, entrávamos no caminhão e abríamos um pouco a janela, mas não se podia dormir, pois em situação de guerra, se a sentinela cochilar, podem morrer todos os companheiros.

Por isso eu tirava uma guarda responsável, não dormia e na estrada ia ao meu ponto e voltava. Quando acabava a minha hora ia me deitar, mas não dormia direito, sempre ficava preocupado (a preocupação era constante, não dava para relaxar nem um minuto).

Sobretudo em matéria de minas, os alemães armavam um dispositivo letal, colocavam várias delas interligadas de tal maneira que se alguém pisasse em uma, acionava todas as outras, matando inclusive quem estivesse por perto.

Os alemães eram mestres em colocar explosivos nos menores objetos; quando a pessoa menos esperava, estavam armadilhados.

Ainda bem que o nosso Exército tinha o pessoal de minas, os sapadores, eles as tiravam e colocavam umas fitas brancas para marcar os locais perigosos e nas viaturas alertávamos os motoristas:

– Não entra aqui não, motorista, olha a fita branca de minas!

Uma das missões da Engenharia de Combate é justamente localizar e neutralizar campos de minas. Normalmente abrem passagens que são balizadas, tanto para pessoas como para viaturas, para depois, quando houvesse mais tempo, limpar o resto do campo, localizando, desenterrando e desarmando as minas.

É uma missão árdua e perigosa, mas os nossos engenheiros ou mineiros fizeram muito bem seu trabalho nos campos de batalha da Itália.

Lembro-me ainda que, como municiador, só deixávamos as granadas perto dos canhões e voltávamos, mas não esqueço de que durante a ofensiva de quinze dias, eu estava de guarda na estrada e via passar as ambulâncias com as sirenes ligadas, uma atrás da outra e não sabia o que estava acontecendo, até que uma parou e eu perguntei ao motorista o que estava sucedendo e ele explicou que os alemães atacavam os brasileiros.

Uma Campanha que durou dez ou quinze jornadas, era dia e noite sem parar, comida só em lata. Os alemães fracassaram, porque a Artilharia, a Aviação e a Infantaria, combatendo os obrigaram a recuar, terminaram cercados.

Vale ressaltar que a logística é muito importante; os alemães já estavam recebendo pouca munição, pouca comida, pouco combustível, sua logística sofria um colapso e ainda mais, era fustigada pela Artilharia, pela Infantaria que avançava. Eles, sem gasolina, sem munição e com carência de gêneros alimentícios, acabaram sendo envolvidos por uma manobra em que as tropas brasileiras cercaram a 148ª Divisão alemã, mais os remanescentes de uma Divisão Blindada e da Divisão Itália (uma divisão de italianos que lutava ao lado deles).

Aprisionar mais de 15 mil inimigos, foi uma das glórias das Forças Brasileiras, graças ao esforço conjunto de todas as armas: Artilharia, Infantaria, Enge-

nharia e Cavalaria que possibilitou esse sucesso e, ainda mais, possuíamos uma boa logística.

Os italianos dizem que ajudaram o Brasil, mas não ajudaram muito, porque, às vezes, passávamos por algumas cidades com os caminhões para mudar de posição e, de repente, os italianos atiravam em nós. Eles ficavam com canhões dos alemães dentro do quarto ou da sala e era um perigo. Começamos a ficar desconfiados e mandávamos uma turma na frente para vigiar as casas, a fim de completar a limpeza da área, porque a cidade já tinha sido conquistada, não havia mais alemães, mas apareciam esses italianos, ainda aliados dos alemães.

A Itália naquela ocasião da guerra, ficou muito dividida. Uns eram a favor de Mussolini e lutavam com os alemães e outros, contra o *Duce* e ficaram a favor dos aliados. Então, era muito difícil ter certeza se determinado italiano era simpatizante, aliado ou contra. Acredito que a maioria ficou do lado dos brasileiros, mas um ou outro se desviou.

No começo, quando chegamos à Itália, eles não podiam nos ver, porque os alemães soltaram umas granadas com uns folhetos dizendo que os negros brasileiros comiam crianças. Os italianos fugiam com as crianças, tinham pavor e, mais ainda, quando viam um negro.

Isso a gente chamava de guerra psicológica, uma mentira plantada no meio da população e que acabou produzindo efeito.

Depois que chegávamos, acampávamos e instalávamos o rancho, encostava aquela multidão de senhoras, crianças famintas; o brasileiro tem coração bom e dava cigarro, chocolate e, às vezes, deixava de comer e distribuía alimento para as crianças. Só então viram que não era nada daquilo que estavam pensando, diziam:

– O brasileiro é bom!

Ofereciam dormida na casa deles e nós aceitávamos.

De vez em quando nos davam um vinho e grapa, também. Grapa é a cachaça feita de uvas. Os vinhos eram bons.

Nossa comida, era feita no âmbito do grupo, que preparava e distribuía para as baterias da retarguarda.

Já as baterias de tiro, na frente, faziam a sua comida, com seus próprios cozinheiros.

O soldado brasileiro, é um valente, corajoso mesmo. Vivia alegre apesar da situação, não se via ninguém nervoso ou irritado, mesmo nos momentos mais difíceis, sempre com alegria.

Era até difícil de entender como não tinham medo de nada. Quando íamos à linha de frente só com o capacete de fibra o Tenente brigava:

– Como é que vocês vêm aqui sem o capacete de aço?

Incômodo e pesado, era deixado de lado.

Já o soldado alemão não era de brincadeira, não tinha dó. Assim contavam os italianos que, ao chegarem a uma cidade, pegavam aquela rapaziada na faixa de 18 anos e levavam; quem não quisesse ir era metralhado na hora.

Passavam numa casa, onde encontrassem uma máquina de costura, cavalo, carneiro, o que houvesse de valor, levavam tudo embora. Ajudei a desenterrar uma máquina de costura de um italiano. Os alemães já tinham ido embora, fui à casa dele e o vi procurar a tal máquina. Perguntei-lhe o que fazia e o auxiliei. Ela tinha sido escondida, para o alemão não confiscá-la.

Portanto, além de serem bastante perversos, também pilhavam, ou seja, roubavam os bens dos civis na zona de combate.

Muito mais coisa os italianos nos contavam que os alemães faziam com as crianças, com as meninas e com as moças.

A população italiana, nos adorava e nós tratávamos as senhoras de idade por *nona,* quer dizer, vovó, elas gostavam muito, assavam até castanhas e nos davam.

Também o uniforme do brasileiro era de um verde muito parecido com o do alemão e isso assustou um pouco os italianos, já que a diferença era só nos capacetes, que cobria uma parte da nuca e da orelha.

Uma vez houve uma notícia de que a guerra tinha terminado, o pessoal foi para as ruas comemorar e festejar, mas não tinha acabado coisa alguma, os alemães ainda estavam combatendo. Começou tudo de novo, mas logo depois terminou de verdade.

É muito comum ocorrerem, às vezes, os mais estranhos boatos e que acabam não se confirmando e, como o que mais se desejava era o fim da guerra, de vez em quando vinha a notícia, mas precisou chegar o 8 de maio de 1945 para ser o Dia da Vitória.

Inclusive, todo ano, nessa época, no Grupo Bandeirante, há uma cerimônia comemorativa do último tiro da Artilharia, na Itália.

Todo ano se reúnem os velhos artilheiros (sobretudo os que fizeram a guerra) com os novos, no Grupo Bandeirante, em São Paulo, para comemorar o último tiro brasileiro na Itália.

Na última vez eu dei a salva de tiros.

Sobre o retorno ao Brasil, foi muito bonita a nossa chegada ao Rio de Janeiro. Desfilamos e depois fomos dispensados, cada um para as suas casas, dei baixa e fui para o interior. Meu pai estava com uma roça cheia de mato, que dava até medo.

Fiquei olhando bem, na cidade as moças todas nos querendo; eu só desejava ir para lá, então meu pai falou:

– O que tanto você vai fazer na cidade?

E eu tentava explicar que lá era melhor.

De Sertãozinho, éramos treze ex-combatentes, o que era bastante para uma cidade pequena. As moças me chamavam para ir tomar café na casa delas e eu ficava pensando:

– Deixar isso aqui para ir capinar terra!

Falei para minha mãe:

– Mãe, eu vou embora para São Paulo, não vou ficar aqui não, para pegar na enxada de novo, não quero não.

Aí ela disse:

– Mas você ficou tanto tempo na guerra e agora quer ir embora de novo?

Eu retruquei:

– Mas aqui eu não tenho futuro nenhum!

Arrumei a mala e fui embora para São Paulo, morar numa pensão. Arranjei um emprego, como funcionário do Ministério do Trabalho e não voltei mais para lá, ia só passear.

Para finalizar, afirmo que se tivesse um filho homem, faria questão de que ele servisse ao Exército, porque gosto muito de nossa Força, adoro estar no meio dos colegas de farda, por mim eu não teria dado baixa.

No Exército há disciplina, camaradagem, um ajuda o outro aprende-se muita coisa no quartel, nossos meninos se tornam homens. Aprendem o que é responsabilidade que, para mim é a qualidade essencial ao homem de verdade.

Para essa rapaziada que hoje está aí, desejo que não seja necessário que peguem em armas novamente para defender o Brasil, mas se isso acontecer, que não se neguem e nem se acovardem, porque no nosso tempo houve gente que se acovardou, fugiu e não foi para a guerra.

É meu desejo que façam como nós, que fomos para outro país, lutamos em outras terras para impedir que o mundo acabasse nas mãos dos nazistas. Mesmo sem ter experiência de guerra, como tinham os alemães e os outros soldados dos outros países que lutaram na Segunda Guerra, fizemos bonito, pois enfrentamos o inimigo, conquistamos vitórias importantes e prendemos os que eram considerados os melhores soldados da guerra. Missão cumprida!

José Bernardino de Souza*

Mineiro da Cidade de Juiz de Fora, criado em São Paulo, tem 79 anos de idade, é casado, tem cinco filhos e sete netos.

Fez a guerra como soldado do 1º Regimento de Infantaria, Regimento Sampaio, onde atuou como atirador de bazuca da Companhia de Canhões Anticarro.

Por sua participação na Segunda Guerra Mundial, recebeu a Medalha de Campanha e a Medalha de Guerra.

---

* Atirador de Bazuca do 1º Pelotão da Companhia de Canhões Anticarros do 1º Regimento de Infantaria, entrevistado em 11 de julho de 2000.

Fui incorporado à 2ª Companhia do 33º BC, em Três Lagoas. Freqüentava o Curso de Cabos quando começaram as convocações para a FEB. Apresentei-me como voluntário, fiz os exames preliminares em Campo Grande e voltei para Três Lagoas, a fim de aguardar o embarque.

De Três Lagoas fui para Taubaté e de lá para o Rio de Janeiro. Dos seiscentos que vieram do Mato Grosso, fui o único designado para a Companhia de Canhões Anticarro, que era mista em seu efetivo: paulistas, gaúchos e catarinenses. Depois, veio do 19º BC, de Salvador, mais uma leva de soldados. Não foi fácil adaptar-me a todos eles, uns falando meio italiano, outros falando meio alemão e outros com sotaque de paulista, cada um se expressava segundo suas origens.

Na viagem para a Itália, após cinco dias de percurso, fomos acompanhados por submarinos alemães, o que me trouxe um certo receio. Entretanto, estávamos bem escoltados por três belonaves de grande porte, três destróieres e, inclusive, aviões. No quinto dia soou o alarme de submarinos na área, os destróieres lançaram quatro bombas de profundidade, giraram rapidamente e foram atrás do submersível que se afastou. Nesse mesmo dia, de manhã, um soldado morreu e foi lançado ao mar, eu fiquei indignado com aquilo e então perguntei a um Tenente:

– Tenente, porque que não levaram o soldado para ser sepultado em terra?

E ele me deu a seguinte explicação:

– Quando um soldado morre em um navio, antes de 48 horas para chegar a terra, o seu corpo pertence ao mar.

Mas aquilo nos deixou tensos; colocaram o corpo dentro de um saco branco com um peso; uma tábua foi virada por uma manivela, toque de silêncio e o jogaram na água; com o peso, afundou rápido. Até hoje revivo aquela cena.

É algo que já vem de séculos atrás, faz parte da tradição naval, quando morre alguém em alto-mar, 48 horas de distância da terra, o corpo é ensacado, colocado o peso e jogado ao mar, caso não haja condições para embalsamamento, não exista urna forrada de chumbo ou outro recurso apropriado.

No navio, a gente podia ficar no convés até 9 horas da noite, sem fumar, para não mostrar brilho ou luz para o inimigo. Olhávamos o mar, de dia ou à noite, principalmente à noite, fitando o céu e imaginando que aquele saco branco estava nos acompanhando, tinha essa impressão, mas depois que o Tenente me deu aquela explicação, passei a pensar diferente.

Quando chegamos a Nápoles, após deixar o navio, para chegar ao cais, andamos uns quinhentos metros por cima de cascos de navio, utilizando uma ponte armada para isso. Os alemães, sem poder resistir aos aliados e sem tempo para retirar os navios, bombardearam todos e os afundaram ali mesmo.

Transportaram-nos em barcaças, 180 soldados cada uma, para Livorno. De lá fomos para a cidade de Pisa. Aquele deslocamento foi pior de que os 16 dias no navio, embora fossem somente três dias de Nápoles até Livorno; o único mal que sofri nessa viagem foi dor de cabeça, porque as barcaças jogavam muito, quando as ondas batiam no casco parecia que ia estourar tudo, muitos enjoaram, mas eu só senti dor de cabeça.

De Livorno, deslocamo-nos em viaturas para uma área que teria sido parque de caça do rei; fomos margeando o Rio Arno, pois o local escolhido ficava próximo do mar. Quando estávamos acampados, recebíamos instruções num trecho entre o Rio Arno e a praia. Como a praia estava minada, foi designado um Pelotão de Engenharia com detetores para retirar os engenhos, a fim de que pudéssemos realizar treinamentos. Permanecemos na região até recebermos o armamento, adaptando-nos ao clima. Ainda não nevava, mas esfriava, já ocorriam geadas; de manhã cedo fazia tanto frio que ninguém agüentava amanhecer na cama. Pegávamos aquelas latas de doce, de cinco quilos, cheias de gasolina que possuíamos à vontade, colocávamos pedras dentro delas e acendíamos o fogo.

Às quatro ou cinco horas da manhã, os cabos que *estaiavam* as barracas amanheciam cobertos com a geada; a turma os balançava e caíam pedras de gelo. Para aquecer um pouco, nos encostávamos perto do fogo das latas de doce e, de repente, a gente ficava com o rosto todo preto da fuligem da fumaça.

Não havia banheiro; os americanos fizeram as latrinas e um barracão com água quente, quente mesmo, quase fervendo. Os canos tinham orifícios por onde saía a água; a gente se banhava com aquela água aquecida que tornava mais rija a pele, protegendo-a mais dos mosquitos da malária.

Mais tarde fomos para outro local, antes da cidade de Lucca; como muitos soldados transitavam na área, uma baixada, formou-se um lamaçal. Passamos dois dias naquele lugar, e por causa da lama o coturno ficava mais pesado. Montaram a cozinha no alto dum morro, a mais ou menos uns seiscentos metros, no meio das oliveiras. De Lucca seguimos para Pistóia e imediatamente para um local antes de Porreta, chamado de Monte Vitorino, onde permanecemos por mais 15 dias.

Aquilo tudo para nós era novidade. Até um projetor de mais ou menos dois metros de diâmetro, que alcançava trinta quilômetros em direção ao Monte Belvedere, que fica ao lado do Monte Castelo; lá estavam os alemães: uma parte naquela elevação e outra neste último.

Do Monte Vitorino seguimos para Porreta Terme, onde ocupamos um convento. Ali planejava-se a saída das patrulhas, determinava-se o dia em que se tinha de apoiar a Infantaria com os canhões anticarro; eram, então, designadas as frações

para apoiar os Pelotões de fuzileiros. Eu pertencia ao 1º Pelotão da Companhia de Canhões Anticarro. Apoiávamos os ataques da Infantaria e as patrulhas nos lugares onde não tinha acesso para o canhão 57mm de tiro direto e 1.400kg de peso. Os *bazuqueiros* substituíam o canhão.

O calibre da bazuca era 2,36 polegadas. Partimos para o nosso batismo de fogo na Torre de Nerone e ficamos lá até que houve uma passagem interessante com um amigo meu, *de rancho*, Pedro Vieira, natural de Barra Mansa. Os alemães estavam nas posições elevadas; todo movimento que a gente fazia eles observavam. Um dia, à tardinha, fomos substituir o pessoal que estava no *fox hole*; eu, o Pedro Vieira e o Procópio; entrei no abrigo, assumi a metralhadora .50. O Vieira, meio desligado, com o fuzil no ombro, sentou próximo à entrada e começou a cantar um sambinha e, de repente, recebeu uma rajada do inimigo, aí se abrigou e disse:

– Procópio, a instrução aqui é com munição real, fica esperto aí.

Outra passagem interessante que aconteceu nesse lugar: A gente acantonava numa casa; dali saíamos para as posições e voltávamos. O soldado Aquiles Brasil estava de sentinela da hora e, como fazia frio, foi até a cozinha da casa, no fogão, para esquentar as mãos. O sargento da cozinha quando saiu não viu o sentinela no seu posto: escreveu, passou a caneta nele. O sargento da cozinha era de Santa Catarina, e o Aquiles Brasil foi afastado para aguardar o resultado do processo.

Da Torre de Nerone, fomos para Bombiana, atacamos o Monte Castelo, caiu também o Monte Belvedere, seguimos com Companhia em direção a Garfagnana. O Aquiles Brasil falou ao nosso Comandante, Capitão Décio Moraes de Sousa, que, por estar demorando sair o resultado do processo, desejava ir para a linha de frente. O Capitão Décio concordou. Então ele foi para o Monte Campi Bienzio, com 1.400 metros de altitude; os alemães bombardeavam aquelas posições o tempo todo. Nesses bombardeios, quando as granadas não caíam curtas, eram despejadas uns dez quilômetros atrás; mas uma delas explodiu em cima do Monte Campi Bienzio e atingiu o Aquiles Brasil, arrancou uma perna e feriu um braço. O Tenente Comandante do Pelotão tirou o relógio do Aquiles e disse que iria enviar para a mãe dele. Para descer do Monte Campi Bienzio havia um bondinho igual ao do Pão de Açúcar; comportava duas pessoas de cada vez. No sentido de Garfagnana, que era o nosso lado, existia uma ravina: certa feita um soldado deixou cair um capacete e quando escutamos o barulho da chegada ao solo, já tinham decorridos vários segundos. O Aquiles Brasil desceu no bondinho, mas, ao atingir à base, faleceu. No dia seguinte, chegou um material que a mãe dele havia mandado, cachecol, luvas, tudo de lã verde. Já se passaram mais de cinqüenta anos, mas são coisas que a gente jamais esquece; foi na Semana Santa de 1945.

No dia 19 de março, informaram que iria passar um avião e recebemos ordem para não atirar nele; cerca de duas ou três horas, o avião passou, enquanto nos abrigamos nos *fox hole*; quando a aeronave cruzou sobre nossas posições, não nos localizaram, mas quando chegou a Santa Maria do Ático, o pessoal ficou acenando, festejando, pensando em uma missão pacífica, mas ele bombardeou o local e desapareceu, até feriu um soldado. Era um avião alemão, observando a área para atacar.

Voltamos de Garfagnana, ficamos na Companhia e recebemos permissão para passar três dias de folga; fui a Pistóia, na Sexta-feira Santa já me encontrava lá.

Depois disso, voltamos para Castel d'Aiano, já em direção a Montese. Nesta cidade tomamos parte no combate em que morreu o Oswaldo Neres, lá do Pontal, mas morador de Pompéia. Um dos cinco de Pompéia que foram para a Itália e ele ficou em Montese.

Nesta localidade, asseguradas as posições conquistadas, fomos para Zocca e em seguida para São Damázio, em cima da montanha. Lá do alto, ainda nos Apeninos, quando amanhecia o dia, a gente avistava as cidades do Vale do Pó que atingimos depois de descer durante o dia todo.

No Vale do Pó, as casas todas com bandeiras brancas nas portas e o povo na rua acenando para nós, sempre que chegávamos. O Capitão repetidamente me chamava e me ordenava que desse uma volta para sondar a situação. Eu era seu ponta-de-lança. Certa vez, numa dessas cidades, encontrei um senhor dizendo que a guerra estava para acabar; fui falar com ele que me disse:

– Pode falar em português, porque moro em São Paulo. Vim visitar a minha família por causa da guerra, e o Mussolini não me deixou voltar, estou aguardando a situação melhorar para poder retornar a São Paulo.

Continuamos a descer em direção ao Vale do Pó, paramos em Parma, Florença, mas já não se combatia, só fazíamos prisioneiros fora das cidades. Em Florença bombardearam o campo de futebol, ficou só o muro. À medida que vinham os prisioneiros, lotavam o campo, chegava o transporte e a gente os levava para o de concentração: passava por Parma, largava a estrada, entrava à direita para deixar os prisioneiros naquele local.

Quando terminamos naquele setor, fomos para uma cidade entre Piacenza e Florença, na noite que mataram o Mussolini. Antes de chegar a Piacenza há uma fábrica, daquelas bicicletas Bianco, uma enorme construção onde se encontrava um monte de bicicletas penduradas, todas retorcidas. A fábrica fora bombardeada e incendiada. Quase tudo estragado, mas aproveitamos para fazer outro depósito de prisioneiros. Quando aquele local lotava, a gente levava os prisioneiros para o campo de concentração. Perto de lá havia um convento onde ficamos instalados.

Como já tinha acabado a guerra, seguimos para Piacenza; nas folgas a gente passeava.

Numa ocasião, eu mais dois colegas fomos a Milão, o Sérgio de Sousa e o Bridão, dois negros e um branco. O pessoal de lá nunca tinha visto negros. Também fomos a uma região, única daquela área, que produzia arroz. Vinha gente de locais distantes até 200km para a colheita do arroz. Só havia um trem que fazia aquele percurso, um trem suíço. Um dia de manhã, aquele povo todo fez uma procissão atrás de nós, por causa dos dois negros que eles nunca tinham visto. Para onde a gente ia, o povo seguia atrás.

Quando chegamos, fardados, à estação de trem, perguntei:

– Quando passa o trem para Milano? Milano era um entroncamento, o trem só ia até ali e voltava.

Então ele disse:

– Depois de amanhã.

Aí pensei:

– Como é que eu vou fazer, meu Deus do céu?

Virei para o Sérgio de Sousa, de Itapeva, e falei:

– Escuta, vamos ficar na estrada, o carro que passar nós pegamos e vamos embora de carona.

Conseguimos pegar uma carona num caminhão de um americano negro que também estava meio perdido por lá, e ele nos conduziu. Eu e Bridão, que éramos negros, aparecemos na frente da viatura, o Sérgio de Sousa, branco, ficou para trás, caso contrário, ele não pararia. Porque um americano negro não o faria para um branco; quando ele estancou, subimos no caminhão e fomos para Milano. De lá era mais fácil a gente chegar ao nosso destino.

Em determinado ponto manobrou e entrou para os lados de Turim e disse que ia ver uma namorada. Ficamos umas três horas na viatura, esperando por ele. Fazia muito calor, bastante quente, e como já estava ficando tarde, seguimos para Milano. Mas ao chegarmos, o trem já havia saído a fim de buscar mais gente para a colheita do arroz. Finalmente em Piacenza, a turma toda já ocupava os caminhões que nos levariam a Pisa e de Pisa para Nápoles para embarcar no navio de volta para o Brasil. Quase perdemos o transporte de retorno.

O que nos fez sofrer muito foi a neve que a gente não conhecia de perto. Só vi neve em Porreta Terme, na véspera de Natal, pela primeira vez.

Certa vez, numa patrulha no Monte Campiano, estávamos na parte mais elevada e, mais abaixo, havia uns platôs com roças de italianos. Na margem de um pequeno rio, um lançador de foguetes de oito bocas a cada dez ou vinte minutos

atirava, os foguetes passavam por cima de nós e iam cair lá para as bandas do Belvedere, mais para trás.

A patrulha deveria localizar aquele *ninho* de foguetes; tivemos que descer, dar a volta no morro para poder chegar ao local onde se ouviam os tiros. Fomos avançando por lanços, ia um na frente e dava um sinal para nós que estávamos mais atrás, para que fizéssemos outro lanço; no pé duma castanheira bem grossa havia um corpo no chão, com um relógio de bolso à vista, pendurado pela corrente. Paramos e verificamos se não existia nenhum cordel amarrado no pé do defunto ou no relógio. Em caso positivo passaríamos um cordãozinho com bastante cuidado, e abrigados atrás de uma árvore ou de uma pedra, daríamos um puxão para ver se explodiria. Os alemães deixavam muitas armadilhas. Por isso fomos cuidadosos. O sargento Godoy, Comandante da patrulha, constatou que não havia armadilhas e pegou o relógio de bolso. O sargento Godoy é hoje Coronel reformado. Depois disso, quando andamos mais ou menos uns duzentos metros, começamos a descer, encontramos outro alemão morto, mas conforme ele caíra no solo, em cima de neve, esta derreteu e ele ficou com as costas voltadas para baixo, as pernas e os braços no ar. Era tempo da caneta Parker 51. Havia uma em seu bolso e uma pistola no coldre. Estavam bem aparentes, verificamos, novamente, a existência de algum cordel de tropeço no corpo; se a pessoa bate no cordão de tropeço ou o traciona, inadvertidamente, a armadilha explode. A caneta Parker, no bolso da *gandola*, e a pistola estavam ligadas a uma bomba colocada debaixo dele. Como a neve havia derretido e o piso tinha abaixado, ele ficou fora, o corpo já endurecido. A gente deu a volta, deixamos ele lá e fomos ver o local onde estavam os foguetes.

A nossa missão era só localizar e depois voltar, missão de uma patrulha de reconhecimento. Havia uma casa branca, fizemos o cerco, entrei e verifiquei que a moradia era o alojamento dos alemães, possuía vários beliches. Um alemão fora atingido, não sei se por granada, mas havia arrancado uma parte do corpo e os outros o puseram no beliche e largaram lá. Quando deparei com o alemão tomei um susto.

Como não encontramos mais nada na casa, descemos para chegar até o local de onde partiam os tiros; a neve estava com uma capa de gelo por cima, quando pisávamos fazia aquele ruído de gelo quebrando. Era importante andar com muito jeito para não chamar a atenção; quando chegamos a uns vinte metros da pirambeira, onde deveriam estar os foguetes, no meio da mata, eles receberam ordem de tiro, isso a vinte metros de nós, um lança-foguetes de oito bocas, que fazia um barulho enorme. Foi a hora de tremer na base, bambolear as pernas.

Aí voltamos, informamos a posição e a Artilharia mandou fogo em cima deles e acabou com aquilo tudo.

Ficamos em Pisa uns dois ou três dias, fomos para Livorno e pegamos o navio de retorno.

Lembro-me de nossos mortos que eram levados para Pistóia. Os que morriam durante o combate permaneciam no campo de luta. Depois, o Pelotão de Sepultamento recolhia os corpos e os levava em um caminhão para enterrar no cemitério de Pistóia, por isso dado como terra brasileira. Anos mais tarde, os restos mortais dos brasileiros foram trasladados para o Rio de Janeiro, para o Aterro da Glória, onde se encontra o Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial.

Os familiares do Oswaldo Leme ainda quiseram levar seus restos mortais para Pompéia, mas não conseguiram. A última vez em que estive no Rio, há uns três anos, fui visitar o Monumento.

A parte do Exército está no piso, os da Marinha e os da Aeronáutica na parede, nas gavetas.

É muito bonito, muito tocante, emociona todo brasileiro.

Outra lembrança que guardo é a do Gregório Vilar, também de minha Companhia, de Três Lagoas. Quando fomos substituir a tropa que estava em Castelnuovo, com o movimento da troca de homens e material, o inimigo percebeu; naquele silêncio, qualquer barulho é ouvido de longe, uma batida de cantil num cinto, é percebido à distância, então os alemães notaram a troca de guarnição. Assim que tomamos posição nos abrigos, os alemães iniciaram um bombardeio e caiu uma granada dentro do buraco em que estava o Gregório Vilar, um mato-grossense lá dos cerrados do Centro-Oeste. Quando cessou o bombardeio, nós colocamos a cabeça para fora e vimos que do abrigo dele saía fumaça. Tivemos que procurar outras áreas mais à frente para preparar outros, porque aqueles já estavam localizados pelo inimigo.

Também em Montese, outro soldado da minha Companhia, de Penápolis, o Garcia Martins, um baixinho barrigudinho, de nariz torto, cavou o *fox hole* e, ao terminar, ficou em pé e recebeu um tiro bem em cima do umbigo; caiu morto dentro do buraco.

Em Bombbiana, antes da tomada de Monte Castelo, o cabo Barros, de Recife, comandava um grupo que estava colocando minas numa estrada, na chegada da localidade. Havia também um soldado, o Coré, negro do beiço vermelho em que coloquei o apelido de "forma de fazer capeta". Ele pertencia ao Pelotão de Minas. Quando a turma chegou na viatura, o Coré falou:

– Cabo Barros, eu coloquei a mina da estrada, mas não tenho certeza se ela ficou bem.

Estavam todos com aquela véstia branca, porque, com a neve alta, servia de camuflagem; com o uniforme branco, o inimigo não nos distinguia ao longe.

Aí o cabo Barros foi lá para verificar a colocação da mina. A gente puxava um pouco o pino com o barbante amarrado, para que o dispositivo fosse acionado com o mais leve toque. No que ele se agachou para ver, escutamos aquele estrondo seco e a granada subiu cerca de um metro para depois detonar. A explosão atingiu o cabo em cheio.

O soldado Valdir disse assim:

– Nós não vamos embora sem o cabo Barros.

Existe aquela amizade que envolve a todos. O Valdir foi lá, pegou aquele "molambo", colocou nas costas, transportou e colocou em cima da viatura. Nós o levamos para a Companhia. O soldado Valdir foi promovido a cabo e aí perdemos um amigo, porque ele achava que tinha sido preciso morrer um companheiro para que fosse promovido, por isso se isolou, a gente puxava conversa, mas ele permanecia indiferente.

Esse tipo de artefato que matou o nosso companheiro tratava-se de uma mina antipessoal muito perigosa que, ao ser acionada, lançava uma granada a mais ou menos um metro de altura, justamente para causar maior efeito letal. Aí, a um metro de altura a granada detona.

Era toda cheia de pedacinhos de ferro, quer dizer, naquela altura, aqueles verdadeiros estilhaços tinham um raio de ação de cinqüenta metros e, onde pegasse, cortavam.

Havia também uma granada do inimigo, bastante empregada; no dia 12 de dezembro, no ataque ao Monte Castelo, em que não conseguimos êxito, muitas foram lançadas e explodiam ainda no ar, gerando uma chuva de estilhaços, capaz de atingir o combatente até dentro do abrigo.

Neste combate de Monte Castelo, a 12 de dezembro, segundo ataque ao baluarte alemão, foi muito grande o número de nossas baixas. O primeiro se deu a 19 de novembro. O do dia 12 de dezembro foi um ataque potente, a fim de derrubar a resistência inimiga. Os alemães fizeram uma cortina de fumaça no Vale do Abetaia, como a da ponte de Assíria que era bombardeada o dia todo, por ser o único lugar que permitia a passagem das viaturas. Só transitava o pessoal a pé, era o único caminho.

A cortina de fumaça cobriu o vale e nós a aproveitamos, porque o ataque começou às 6 horas, Mas às 10 horas da manhã veio um vento, descendo lá do morro, limpou a cortina de fumaça, e os brasileiros que estavam subindo o morro ficaram expostos; os alemães começaram a atirar e a gente, ao olhar para trás, só via o pessoal deitado, parecia uma manada de bois derreados, muitos feridos e mortos. O Comandante desse ataque foi o Major Sizeno Sarmento, mais tarde Gene-

ral, morreu muitos anos depois. Ele ligou para Porreta, onde estava o General Zenóbio da Costa, perguntando se poderia retrair, porque não estava agüentando os fogos do inimigo.

Sei que houve erro no cálculo na munição da Artilharia, porque o americano forneceu vinte mil tiros para serem usados sobre Monte Castelo, mas só distribuíram quatro mil tiros, quer dizer, na hora que mais precisamos de apoio de Artilharia, não havia mais munição. Para recuarmos, o americano teve que direcionar suas peças de Artilharia para o Monte Castelo e atirar, apoiando nosso retraimento.

Nós recuamos, ficamos na estrada que vai para Bologna de 11 horas da manhã até 1 hora do outro dia. Havia um barranco e ficamos agachados ali; devido o movimento dos soldados, a neve decongelava e escorria água para dentro da galocha, uma água muito fria.

Um soldado paraíbano, quase da minha cor, com o cabelo liso, parecia cabelo de japonês, estava agachado, de joelhos e segurando o fuzil entre as pernas; estava à minha frente e percebi que estava escorrendo sangue pelo fuzil dele. Aí perguntei:

– China, que sangue é esse?

Quando ele olhou, soltou o fuzil, ainda não tinha percebido. Um estilhaço pegou no fuzil e na mão dele, apenas cortou, não quebrou e como estava frio ele não sentiu. Somente quando falei, ele notou: a mão tinha um corte grande e do fuzil arrancou uma lasca. Recebeu atendimento médico e quando voltou à linha de frente eu indaguei:

– E aí, como é que está?

Respondeu:

– Não foi grave, eu vou é para a frente com vocês.

Estava com a mão enfaixada, mas não baixou. São coisas que a gente vai falando e lembrando.

Na posição em que nos encontrávamos usávamos mais as metralhadoras .50 e a .30, porque a bazuca deveria ser empregada contra viaturas ou blindados, mas não houve situações em que fosse necessária a sua utilização. Na Infantaria, por exemplo, atirava mais o morteiro, e quando foi necessário a Artilharia sempre atendeu muito bem os nossos pedidos de apoio. Os fogos eram realizados com muita eficácia, sobre os objetivos. O sargento Pedro era observador, estava sempre ao nosso lado, naquelas elevações do Monte Campiano; do PO ficava atento às atividades do inimigo e pelo rádio enviava as coordenadas das posições do inimigo para a Artilharia.

Dos fogos executados por nossa Artilharia, mais de 95% foram aproveitados, atingiram o objetivo e, graças a Deus, todas as missões atribuídas a nós acho que foram bem cumpridas.

Deixo uma mensagem aos soldados de hoje: devem aproveitar tudo que seus superiores e comandantes ensinam, transmitir esses ensinamentos para outros, além de tomar consciência do porquê estão no Exército e o que o Exército representa para a Nação, como seu instrumento de defesa.

Devem estar cientes da importância de sua preparação emocional, na eventualidade de um chamamento para a guerra. E quem não for chamado, que faça como eu, se apresente voluntário, como fui. Se algum dia a Pátria ainda precisar de mim, seja como instrutor, seja como atirador, estarei pronto para atender. É claro que não tenho as condições de minha juventude, mas o que puder ainda fazer para servir à Pátria eu farei.

É o que desejo que meditem. Só se sabe o valor que tem o nosso Exército, quando se chega ao ponto a que chegamos, de ir para a guerra e fazer coisas que o mundo todo admirou.

Nós, durante a guerra, recebíamos folhetos alemães, perguntando o seguinte:

"Brasileiros, o que nós fizemos para vocês estarem contra nós?

Vocês morrerão.

Venham para o nosso lado.

Vocês não têm instrução para a guerra..."

Quer dizer, eles queriam fazer com que a gente se bandeasse para o lado deles. E a nossa resposta era *bala*.

Esses folhetos de contrapropaganda alemã eram lançados por granadas; há colegas que recolheram alguns desses folhetos. Eu também trouxe algumas coisas da guerra, não digo que de forma irregular, apenas pensava que podia guardar como recordação.

Outra coisa que fez aumentar o nosso ódio contra eles, durante a guerra, foi a afirmação de que não sabiam se o brasileiro era valente ou selvagem, porque as nossas patrulhas e os nossos ataques eram realizados como se já estivéssemos há muito tempo em guerra; como eles que já se encontravam há seis anos, fizemos até melhor, tanto é que vencemos.

O Exército não tinha experiência de guerra, tinha atuado recentemente em conflitos internos, mas nunca numa guerra mundial, passou a atuar em terreno desconhecido, com neve, com frio, a gente agüentou e ainda saímos vitoriosos.

José Teixeira*

Nasceu no dia 19 de janeiro de 1919 na Cidade de Laranjal Paulista, é casado, tem cinco filhos e sete netos.

Fez a Guerra como Soldado Artilheiro – C2, atirador do I Grupo do 2º RO Auto-Rebocado, atual 20º Grupo de Artilharia de Campanha, Grupo Bandeirante.

Por sua participação na Segunda Guerra Mundial foi condecorado com a Medalha de Campanha.

---

* Servente de peça (soldado atirador) da 3ª Bateria do III Grupo de Obuses, entrevistado em 9 de novembro de 2000.

Na ocasião da minha convocação aconteceu uma coisa interessante: estava no Largo da Santa Efigênia, ali perto da igreja e um jornaleiro passou anunciando que tinha sido publicada a lista dos convocados para a FEB. Naquele tempo, o jornaleiro andava com um maço de jornais debaixo do braço e passou gritando que eram os primeiros chamados para a guerra.

Aquilo me deu uma sensação esquisita e deu vontade de comprar o jornal para ver; custava 200 réis e fiquei olhando aquelas fotografias nos painéis ali do cinema, folheei as páginas e tive a surpresa de verificar que o quinto nome era o meu, José Teixeira, filho de Sebastião Teixeira e então pensei:

– Não é possível!

Eu era da 3ª Categoria, tinha sido dispensado fazia uns 15 dias, e logo fui convocado!

Foi uma surpresa! Saí meio emocionado e na esquina da Rua Santa Efigênia reparei que lá embaixo vinha um soldado com o uniforme verde e então cogitei:

– Deve ser do Exército!

Era um sargento e lhe perguntei:

– O senhor pode me dizer onde fica esse lugar aqui?

Ele respondeu:

– Você pega a Rua Santa Efigênia, vai até o fim, lá há a estação de onde vai sair um trem em 20 minutos; vá pegá-lo, pois o mesmo pára na Estação de Quitaúna.

Agradeci-lhe, ainda não estava acreditando, mas fui, desembarquei, bem como uma porção de outros convocados. No quartel havia uma fila enorme, entrei e aguardei minha vez. Apresentei-me, dei o meu nome, o rapaz puxou o cartão com a minha fotografia e concluí:

– *"Puxa vida, sou eu mesmo!"*

Dali em diante a minha vida modificou-se completamente.

Na hora de ir embora avisaram que havia o trem militar, que saía a tal hora e que não podia chegar atrasado. Fui para casa, éramos só eu e minha mãe e então eu lhe contei sobre o alistamento. Ela ficou meio triste.

No dia seguinte, levantei-me bem cedo, tomei um banho e fui para lá, mas ainda tinha esperança de não ficar no Exército. A partir de então minha vida tornou-se outra, tinha ordem e disciplina, e eu, modéstia à parte, fui um bom soldado. Só não sei a razão por não ter sido promovido, acho que foi porque não fiz o curso.

Mas o tempo passou e depois recebemos o uniforme, incluindo aquelas polainas, das quais não gosto nem de lembrar.

O meu grupo se movimentava com mulas e cavalos, as peças dos canhões eram desmontadas e transportadas nesses animais; chamava-se Artilharia de Dor-

so. Tinha que domar as mulas e os cavalos e isso era feito pelo nosso próprio pessoal, lá no picadeiro.

Passamos uma temporada de mais ou menos um ano nessa atividade e depois houve uma manobra perto de Itu, junto com o quartel daquela cidade, além de outras unidades. O Coronel Sousa Carvalho, em uma tarde de sábado, pôs toda a tropa no campo de futebol, ele e outros oficiais subiram em um palanque e depois de dizer umas palavras bonitas e comentar a manobra, falou:

– Nós tivemos a honra de sermos escolhidos para participar da Segunda Guerra Mundial.

Então ficamos sabendo, naquele momento, que iríamos para a guerra, pois tínhamos sido selecionados. De tantos grupos de Artilharia, escolheram logo o nosso, mas foi bom, sofremos bastante, mas valeu a pena.

Com o passar do tempo, graças a Deus, acabaram com as tropas de animais e começaram a chegar as viaturas, os jipes, recebemos novos uniformes e melhorou o rancho, ficou especialíssimo.

Tudo progrediu, recordo-me, ainda, de alguns bons oficiais que tivemos, os tenentes Paulo Carneiro Tomás Alves, Francisco da Silva Gomes e outros mais de que não me lembro agora.

Com o passar do tempo, fomos fazendo mais exercícios e depois de uma temporada embarcamos para o Rio, levando nosso material, inclusive os canhões 105mm, que já tínhamos recebido, rebocados por caminhão. Demoramos cerca de uma semana de São Paulo até o Rio. Paramos em vários lugares, porque íamos devagar. Ficamos num local onde fizemos um bivaque, perto do Campo dos Afonsos, que muitos aviões sobrevoavam.

O local era a Vila Militar, mas não em Gericinó, que é bem mais afastado.

Ali havia muito pernilongo; os aviões faziam barulho de dia e os pernilongos, à noite.

Tínhamos muitos colegas folclóricos, como o “Boneca” e o “Fricote” (tudo isso era apelido). Dentre esses, o José Gonçalves era cantor e tocava violão muito bem.

Fazíamos exercícios em Gericinó, toda semana, sendo que permanecíamos três dias no quartel e outros três no estacionamento.

Fizemos treinamento de tiro real com o material 105mm; acho que foi daí que surgiu o apelido de cobra fumando, pois naquele tempo havia muita cobra e, quando atirávamos, lá embaixo onde caía a granada, levantava poeira e, como existia muita cobra no local, alguém falou:

– É, a cobra está fumando!

Então hoje há muitas versões para a origem dessa expressão, mas a primeira vez que ouvi foi essa.

Fomos ficando, passamos uma boa temporada no Rio e uma ocasião acampamos e passamos três dias no local; quando voltamos, não fomos mais para a região em que estávamos bivacando, dessa vez seguimos para Campinho e aí melhorou, era um local muito bom.

Com a saída da tropa do 1º escalão, que já embarcara, fomos para o local por eles ocupado antes; não sabíamos, mas depois nos contaram. Melhorou muito a nossa situação, podia-se ir ao centro da cidade e passeávamos bastante, indo a restaurantes e até para São Paulo, de vez em quando. Uns, que eram mais desinibidos e conseguiam dispensas, divertiam-se e os que eram mais envergonhados ficavam para tirar serviço.

Lembro-me de uma vez em que fui falar com o Capitão Campelo, Comandante da Bateria afim de pedir-lhe permissão para vir a São Paulo visitar minha mãe. Ele disse:

– Ah, Zé, não dá, não pode.

Respondi:

– Mas como é que para o fulano pode?

Certa feita estava de plantão no alojamento, era um domingo e não havia uma pessoa sequer. Eu tinha uma permissão antiga e brotou uma idéia: vou apagar a data antiga, colocarei a de amanhã, sigo para São Paulo. Fui até a máquina, escrevi a data do dia seguinte, tirei passes na Legião Brasileira de Assistência e embarquei para São Paulo.

Mas havia fiscalização e todo mundo passava por ela. Era patrulha em Caçapava, em Taubaté, mas de noite, naquele vagão de trem, apresentei a permissão e nessa hora fiquei meio nervoso, com medo de ser descoberto. Mas o sargento parece que estava cansado, pegou a permissão, conferiu e depois me devolveu e aí senti aquele alívio. Depois ainda passei por mais umas três vistorias dessas até chegar a São Paulo.

Passei cinco dias em São Paulo, voltei e quando cheguei peguei oito dias de xadrez, que funcionava no corpo da guarda, pois o prédio estava em construção.

Mais tarde foi pior; estavam aprisionados comigo, o Bruno, o Boneca, aquela turminha do violão, do cavaquinho, que ficava tocando na maior animação, fazendo hora. Quando foi um dia, o Subcomandante flagrou a turma na batucada e então disse:

– Ah, muito bem vocês, assim até eu tiro xadrez aqui!

Mandou recolher todos os instrumentos e aí acabou a farra, foi duro, mas faltavam só três dias para a viagem. Até que enfim chegou o momento da partida, nem acreditávamos, parece que a estrada de ferro passava atrás do quartel de Campinho, tomamos o trem ali e chegamos ao Porto do Rio de Janeiro.

Lá estava aquele navio enorme, subimos e fomos para o alojamento, quatro camas, uma em cima, duas no meio e uma mais embaixo; peguei logo a de baixo. Passamos ainda uns três dias ali, se o soldado quisesse desertar não teria dificuldade, eu estava trabalhando na cozinha com os americanos e saí umas três vezes à rua, poderia fugir se quisesse. Mas eu não queria fazer aquilo e pensava:

– *Eu vou agüentar até o fim. Seja o que Deus quiser!*

O navio zarpou e foi para a Itália; na saída foi uma emoção tremenda.

Acho que se chamava *General Meighs*. A viagem durou dezesseis dias e houve um comboio de navios de guerra brasileiros e americanos, os nossos foram até a altura de Recife e daí ficamos sendo comboiados pelos americanos. Estes eram muito ligeiros, enormes, mas rápidos e, de vez em quando, havia exercícios de tiros. Uns aviões que vinham não sei de onde também faziam a escolta bem como uma espécie de dirigível que sobrevoava o local; creio que eles estavam patrulhando, para ver se encontravam algum submarino. Uma vez eles lançaram aquelas bombas de profundidade.

Depois entramos no Estreito de Gibraltar, houve uma cerimônia e então os americanos foram embora. Nós ficamos um tempo sozinhos e pensei:

– *Se os alemães vierem aí eles podem pegar a gente.*

Mas demorou pouco e lá na frente apareceram os cruzadores ingleses; fiquei admirado com a rapidez daqueles navios. Chegaram, tomaram posição e partimos em direção à Itália.

Chegamos a Nápoles, vários navios afundados, aquele porto todo arrebentado e, certamente, o 1º escalão já tinha entrado em contato com o inimigo. Daí descemos seguimos em barcaças com capacidade para duzentos homens, e nos dirigimos a Livorno. Essa viagem, com aquele balanço do mar, foi uma tragédia.

Todo mundo passou mal, vomitaram bastante, havia uma grande barrica e quando aquilo enchia, jogava-se no mar. Durante a noite as ondas batiam nas laterais e no fundo da barcaça, era um tormento. Um rapaz chorava e tentei consolá-lo:

– *Ei, rapaz, isso não é nada. Calma que nós vamos chegar bem!*

Chegamos a Livorno, uma baía vistosa, bonita. Aí fizeram um café, o mais gostoso que já tomei na minha vida, porque tínhamos passado mal nas últimas 24 horas.

Quando estávamos ali, chegaram os americanos negros com aqueles enormes caminhões e nos levaram para Pisa, onde ficamos durante algum tempo.

Lá recebemos os armamentos novos, além de outros uniformes, porque se ficássemos só com os nossos, brasileiros, não agüentaríamos o frio. Recebemos tudo, até calçados e luvas.

Afinal a tropa saiu em direção à linha de frente; começou a esfriar logo em seguida. Viajamos à noite por uma estrada muito ruim e, de vez em quando, tínhamos

que descer da viatura para ajudar a desatolar. Isso foi a noite toda, andando devagarinho, com muito cuidado, porque não se podia acender luz e, finalmente, chegamos ao nosso destino.

Passamos o dia ajeitando as peças, uma noite sem dormir e logo veio a ordem para fazermos uma espécie de mapa com a localização das posições do inimigo. Só então fomos descansar um pouco; antes uns tanques americanos executavam o tiro de Artilharia e, após nossa chegada, foram embora.

Permanecemos bastante tempo ali, mesmo com a chegada do inverno ainda continuamos lá. Sei que o 1º RI atacou o Monte Castelo, mas os alemães contra-atacaram, houve uma outra tentativa e aí caiu a neve e parou tudo.

A linha de frente ficou estabilizada, mas prosseguiram os tiros de Artilharia. Eles atiravam em nós, mas como estávamos na contra-encosta, as trajetórias passavam por cima; atrás havia um grupo de ingleses; quando atiravam na gente os ingleses eram as vítimas. Nós ficamos ali até acabar a neve, passamos quase três meses naquela posição.

Depois de algum tempo, em 21 de fevereiro de 1945, houve aquela grande preparação para o ataque a Monte Castelo, nessa terceira e grande tentativa finalmente conseguimos alcançar nosso objetivo.

Depois que tomamos o Monte Castelo o resto foi tudo de roldão, "levamos tudo no peito" e terminamos com a captura da 148ª Divisão Panzer e parte da Divisão Itália.

Depois disso acabou a guerra, deslocamo-nos para um local próximo de Bologna, lembro-me que passamos por várias cidades destruídas e nessa região o movimento era bem menor, mais calmo, então, resolvemos fazer uma festinha. Todos se divertiam nesse baile e, de repente, mandaram parar e um italiano falou:

– Atenção! Atenção! Acabamos de receber a notícia que Mussolini foi morto!

A turma toda gritou e aplaudiu; tinha sido fuzilado pelos partisans, inimigos dos fascistas. Aconteceu em Milão: penduraram uma porção deles num posto de gasolina, até a namorada do *Duce* foi morta, Clara Pettacci, mulher muito bonita. Estive no local e presenciei o fato.

Mataram os dois e mais outros que também eram fascistas.

Como já tinha acabado o conflito começamos a nos preparar para voltar.

Senti a falta de alguma preparação moral ou psicológica para a guerra, pois só sabíamos que íamos combater os alemães, porque torpedearam os nossos navios. Não estava preparado para enfrentar a morte ou para ver companheiros mortos a toda hora, ou coisa que o valha.

Mas a nossa tropa, pelo menos os artilheiros, era constituída por rapazes excepcionais, uma mistura de várias origens, corajosos e criativos.

É incrível, uma vez eu vi um que estava fazendo um colchão e ele explicou:

– Eu trabalhava com colchão lá no Brasil, aqui tem feno e eu vou fazer um colchão, com palha de trigo e feno.

Pano nós tínhamos bastante, aquelas granadas também vinham em sacos que depois eram jogados fora e ele os aproveitava e realizava um bom serviço.

Assim fez muitos colchões para vários companheiros, porém quando mudávamos de posição, eram abandonados.

Mas como a Artilharia permaneceu três meses no mesmo lugar, com a estabilização no inverno, ficamos bastante tempo sem mudança.

Isso foi muito bom porque quando estávamos na primeira posição, começou o inverno. Foi na véspera de Natal, lembro-me que fazia frio, mas não havia ainda neve. Falavam tanto dela, mas não vinha e aí passou um italiano e perguntei quando é que teríamos neve; ele me respondeu que daquela noite não passaria.

Mais tarde fizemos tiros de inquietação e parte da guarnição foi descansar, eu e mais dois rapazes entramos no nosso abrigo, em um barranco. Ficamos ouvindo a Artilharia inglesa atirar e quando o faziam lá embaixo, era um barulho enorme, eu não sei o porquê, mas naquele dia não escutávamos nada.

Perguntei ao colega que estava no abrigo:

– O que será que aconteceu? Será que eles fizeram alguma coisa com o canhão?

Abri o encerado que fechava a entrada do abrigo e, quando olhei, estava tudo branco e aí eu disse para os outros:

– Venham cá, venham cá, para ver uma coisa!

Quando eles viram, admiraram-se:

– Nossa! É a neve!

E começaram a pegar,a brincar e acharam tudo muito bonito.

Aquela neve abafava o barulho dos canhões, que ecoava pelas montanhas.

Então achamos a neve uma coisa “fora de série” e brincávamos feito crianças. Quando mudávamos de posição e passávamos perto de algum riacho, víamos que a água também tinha virado gelo. Nessa hora percebemos a utilidade das luvas, porque usávamos uma de flanela e mais outra de couro por cima, porque senão o sujeito não agüentava.

Era uma coisa incrível e, às vezes, passávamos na beira da estrada e víamos pés de figo, cujo sumo também congelava, uma fruta tão doce que parecia mel.

Mas ninguém queria saber de pegar os figos, a preocupação era chegar à posição e tomar um chá ou qualquer coisa quente.

Nós ficamos encantados com a população italiana, que nos acolheu muito bem. Todos os dias recebíamos uma quantidade de diversas marcas de cigarros

Philip Morris, *Camel*. Havia um tal de *Bionda Cativa*, que era o *Iolanda*, um cigarro brasileiro. Este eles não queriam e diziam que era a loira ruim. Quando os oferecíamos eles retrucavam:

– Não quero essa Bionda Cativa!

Muitas vezes não fumávamos e vendíamos para o italiano ou trocávamos por vinho, panetone.

Uma ocasião estávamos numa cidadezinha, já tínhamos avançado muito, era uma localidade pequena, a guerra estava quase terminada.

Chamei uns colegas e lhes disse:

– Vamos dar umas voltas por aí, para ver se arrumamos um vinho.

A fama dos vinhos italianos era incrível e então fomos procurá-lo. Chegando à casa de um italiano, este nos mandou entrar e como tínhamos caixas de ração, com carne e outras coisas mais, perguntamos se vendia vinho e ele respondeu:

– Os Tedescos levaram tudo embora, não deixaram nada.

Ficamos conversando e lhe demos as rações. O homem estava meio desconfiado, mas depois que ganhamos a sua confiança, ele disse:

– Vamos ver se eu acho algum garrafão lá embaixo da árvore.

O italiano tinha escondido o vinho dos alemães, pegou a enxada, cavoucou até aparecer um tonel grande. E então fizemos uma força danada para tirá-lo de lá do buraco e bebemos o vinho no próprio capacete, porque usávamos dois, um de aço e outro de fibra. Enchemos os de aço com o vinho e tomamos.

Aquilo foi um alívio, era muito bom mesmo, sem dizer que para nós foi uma alegria, ficamos amigos daquele italiano.

O alemão levava o que desejasse e não dava nada em troca, “passava a mão” e nós não, comprávamos com liras, ou então trocávamos por alguma coisa, como ração, pois eles estavam com muita falta de comida. Produziam também a tal grapa, que era violentamente forte.

Eu a experimentei e achei-a mais forte do que a nossa cachaça; esquentava a ponto de queimar por dentro. Havia um soldado, o tal de “Fricote”, um negrinho beiçudo, que sempre bebia um traguinho.

À medida que recordamos, dá uma saudade dos companheiros, pois muitos já se foram.

O relacionamento com a população local, entre os brasileiros e os italianos, era pois muito bom, porque somos um povo de natureza boa, simples e também existiam muitos filhos de italianos que foram conosco.

Uma vez, fui visitar um colega da Infantaria lá na linha de frente, o Antônio Dezotti. Fui procurá-lo e o pessoal me advertiu:

– Toma cuidado aí na baixada, porque senão o alemão te pega com fuzil de luneta.

Andei procurando até que encontrei o Antônio Dezotti, que estava dentro de um abrigo, de um *fox hole*.

Ele, falando meio engraçado, pois é filho de italianos, disse:

– Ei rapaz! o que é que você está fazendo aqui? Cuidado senão o alemão te pega, desce aqui para baixo.

Ficamos conversando, recordando as coisas do Brasil, de São Paulo, pois éramos do mesmo bairro, da Pompéia, e eu falei:

– Cadê o alemão de que vocês falam tanto?

Aí ele me mostrou:

– Você está vendo ali em cima?

Olha um lá, ele está tirando qualquer coisa do casaco.

E eu retruquei:

– Eu não estou vendo ninguém, não.

Ele respondeu:

– Olha lá, rapaz!

Eu não via nada, mas os infantes estavam tão acostumados, habituados com aquela situação, que distinguiam um galho de um inimigo, por mais parecido que fosse, mas eu não vi nada, fiquei umas horas e depois fui embora, com cuidado, voltei para meu abrigo.

Depois de dois dias atacaram, tomaram aquelas posições todas. Sei dizer que depois de Monte Castelo, houve combates terríveis, como o de Montese e ali não foi brincadeira. As cidades por onde passamos, estavam destruídas, mas penso que foi lá onde se deu a maior resistência; eles atacavam e avançavam até certo ponto, mas os alemães reagiam e eles recuavam. Até que conseguiram conquistar Montese.

Em Fornovo, nosso contingente fez um cerco, fechou as saídas, os inimigos tentaram passar, mas foram rechaçados. Não sabiam que a nossa tropa era pequena, muito menor que a deles, mas ignoravam a realidade e se entregaram.

Ainda bem que se renderam, senão haveria com certeza um massacre, a nossa Artilharia, a Infantaria e a nossa Aviação acabariam com eles. Renderam-se, uma Divisão alemã e parte de uma Divisão italiana.

Quando vi aqueles enormes grupos de prisioneiros pela estrada, com meia dúzia de pracinhas lá na frente, alguns do lado e um jipe com metralhadoras atrás, fiquei avaliando que situação difícil, mas o inimigo já estava todo desarmado.

Depois fomos até Milão, passear, fazer turismo, não temíamos mais os alemães e lá visitamos o famoso Teatro Scala, a Catedral e outros pontos turísticos.

Mas voltando às lembranças do combate, lembro-me de que estávamos num determinado ponto, já com neve, meia-noite em ponto, um monstruoso canhão, não sei de onde, atirava em nossa posição. Eles já tinham determinado o local em que estávamos. Não era bem no sopé, ficávamos mais ou menos na meia encosta. Então eles atiravam e as granadas estouravam lá em cima e isso durou uma semana.

Um dos nossos oficiais de Artilharia que ficavam junto à Infantaria lá na frente, à meia-noite, com um aparelho de localização pelo som após o canhão atirar, ligou o instrumento que começou a funcionar e assim que a granada estourou, ele marcou no aparelho. Com aqueles dados fizeram uns cálculos complicados e conseguiram enquadrar o canhão inimigo.

Aí prepararam os nossos grupos de Artilharia, mais os ingleses que estavam atrás, os nossos 48 canhões, não sei quantos eles possuíam, todos receberam as coordenadas. A nossa peça preparou vinte e cinco projetis para serem atirados, com carga 6 ou 7, não me lembro.

Nós só escutamos o tiro, um barulho tremendo, já sabíamos que era ele. Então as peças que já estavam prontas, apontadas e municiadas, dada a ordem de fogo, atiraram na contrabateria, e silenciaram definitivamente aquele canhão.

Descobriram que eles atiravam e depois o recolhiam num trilho para dentro de um túnel, por isso a aviação procurava e não o achava.

Na Campanha morreu muita gente, mais do inimigo do que dos nossos, visto que o soldado brasileiro é esperto. Não digo isso só porque sou um deles, mas a nossa gente é diferente, é filho de italiano, de turco, é negro, é descendente de índio, é uma mistura.

E filho de japonês também; havia um no grupo, o Kodama. O nosso pessoal inventava de tudo, não se apertava muito possuía iniciativa, inteligência e adaptabilidade ao combate.

Eu era o C2 de minha peça. O C2 é aquele que fica ao lado direito do canhão, é quem aciona o gatilho, puxando uma cordinha; depois do disparo, abre a culatra, que expele o cartucho e aí os municiadores já põem uma outra, fecha, dispara, abre e assim vai.

Agora o C1, normalmente um cabo, conferia as regulagens da peça e aos instrumentos de pontaria.

Tudo era conferido antes do tiro, porque conforme a distância, havia uma quantidade certa de pólvora para a propulsão das granadas.

A carga era definida pelos saquitéis, podia ser carga 1, carga 2, carga 3 etc.

Por exemplo, carga 2 era para perto, agora carga 6 ou 7 era mais ou menos para uma distância como a de São Paulo a Santo Amaro.

A carga máxima era a 7, com 7 saquitéis de pólvora. A pólvora parecia um macarrão, amarelinha.

Os municiadores, que eram três; abriam a caixa de papelão (os projéteis vinham todos acondicionados em caixas de papelão) e tiravam os projetis. Esperavam então, a ordem para pôr a carga no estojo de metal, tiravam a trava de segurança e aguardavam a hora de atirar. Colocavam o projetil na culatra, disparavam, abriam-na o municiador já colocava outro, e assim sucessivamente em todos os combates de Artilharia.

No momento do tiro quem ficava mais próximo da peça éramos eu e o cabo que conferia a pontaria. Nós tínhamos protetores auriculares, mas parece que não adiantavam muita coisa, pois eu tenho um pequeno problema no ouvido, que zumbe até hoje.

Um zumbido constante que apareceu em um dia que chuviscou; parece que a granada estava meio molhada e na hora em que atirou fez um barulho diferente, daí esse ruído, mas eu tinha que atirar, e o fiz. Melhorou, mas ainda sofro um pouco.

É o mal de muitos artilheiros e, com o tempo, sobretudo os que fazem carreira e ficam a vida toda na Artilharia, passam a sofrer do ouvido e até mesmo de surdez, porque o som e o impacto são muito fortes no momento do tiro.

Naquele dia, a explosão foi mais violenta. Até o sargento ficou impressionado, um catarinense, cujo nome esqueci, um sargento muito boa gente.

Gostaria de escrever bonito para incentivar essa rapaziada toda, esses moços de hoje que são maiores em tamanho, mas não em patriotismo, tão necessário para o nosso País.

Meus netos todos estão com mais de 1,80 m, isso ainda antes dos 18 anos. Gostaria que a dedicação à Pátria dos jovens de hoje fosse igual ou até superior aos brasileiros que em 1944 atravessaram o oceano para cumprir o dever e se cobrir de glórias.

Luiz Pedrozelli*

É paulista da Cidade de Campinas, São Paulo. Atual presidente da Associação Nacional dos Veteranos da FEB – Regional de São Bernardo do Campo, tem 80 anos de idade, é casado e tem dois filhos e sete netos.

Fez a guerra como Sargento do I/2º Regimento de Obuses Auto-Rebocado, hoje Grupo Bandeirante.

Por sua participação na Segunda Guerra Mundial foi condecorado com a Medalha de Campanha.

---

* Chefe de peça da 2ª Bateria do III Grupo de Obuses, entrevistado em 19 de setembro de 2000.

Nasci em Campinas, criei-me no interior, em Salto de Itu e em 1948 vim para São Paulo, já com 21 anos. Chegando à capital, soube que tinha sido sorteado para servir ao Exército, porque naquela época vigorava esse sistema. Apresentei-me em Campinas, fiz os exames de rotina e me mandaram para Jundiaí. Naquele tempo, muita gente de São Paulo ia servir no Mato Grosso ou em Goiás; já em Jundiaí, ficamos alguns dias aguardando, mas, para minha sorte e alegria também, quando fomos embarcar soube que a gente não iria nem para Goiás nem para Mato Grosso e sim Itu, para o quartel que eu já conhecia, porque havia morado perto de lá, o que para mim foi uma alegria muito grande.

Em Itu, logo no segundo dia, disseram que precisavam de alguém para ser encarregado da Escola Regimental, porque havia muitos analfabetos. O Tenente perguntou, na formatura, quem queria fazer um serviço, mas não explicou do que se tratava; quem fosse executar o serviço não iria ter as mesmas regalias que os outros. Quem aceitasse, ficaria no quartel depois do jantar, logo em Itu onde há um jardim muito bonito, um coreto com banda de música. Como ele disse que quem concordasse não poderia sair à noite vi que poucos se manifestaram.

Ingressei no Exército com o propósito de fazer pelo menos o Curso de Cabo, mas não tinha instrução, porque na época em que deveria estudar tive que ir para o interior trabalhar na lavoura, onde permaneci muito tempo. No tempo da Revolução de 1932 fracassou o empreendimento que meu pai fazia e tivemos que ir para o interior. Quando o Tenente propôs aquele serviço, pensei comigo:

– Enquanto eles estão estudando, como no quartel há muitos livros, eu, pegando esses livros, vou tentar, pelo menos, fazer o Curso de Cabo.

E foi o que deu certo; mas na hora em que levantei o braço e disse que aceitava a missão, o Tenente perguntou:

– Você está ciente do que eu falei?

– Estou!

Nunca me esqueci da comida do quartel, além disso, o rancho ficava perto das cavalariças e juntava muitas moscas. Quando entrávamos no rancho, nas vasilhas de arroz havia tantas moscas pousadas que ninguém enxergava o arroz.

Não dava para comer mesmo; eu me virava com um pãozinho e uma banana, para escapar. Depois da proposta do Tenente eu aceitei o serviço, os colegas passavam por mim e diziam:

– Ah, você é bobo, rapaz?

– A gente passar um ano aqui e você vai ficar preso aí, fazendo isso?

Eu respondia:

– Ah, não tem problema.

Mas não confessei que o meu interesse era fazer o Curso de Cabo.

Vale destacar que a Escola Regimental funcionava em todos os quartéis, com a finalidade de erradicar o analfabetismo dos soldados incorporados. Se hoje o Brasil ainda tem muitos analfabetos, naquele tempo o número era bem maior.

Mas, com a ajuda dos próprios militares de cada Unidade que tinham condições de dar aulas, era organizado um programa e dessa maneira se lutava contra o analfabetismo, de forma que todo soldado quando desse baixa do Exército tinha que saber ler e escrever.

Por isso, quando os colegas comentavam sobre eu ter aceitado aquele serviço eu pensava:

– Eu já me propus e vou continuar.

Mas como ressaltei, a comida era muito ruim e no segundo dia, depois de iniciar atividade na Escola Regimental, foi publicado em BI que, a partir daquele dia, eu não estaria mais arranchado e que passaria a receber para comer fora; os colegas comentavam:

– Ah, você se deu bem, heim!

E eu aproveitei:

– Vocês não quiseram!

Passei a receber para comer fora e isso para mim já foi uma grande coisa. Fiz o curso que terminou no dia 23 de maio de 1942. Eu tinha entrado para o Exército em 1941 e no dia 24 de maio fui promovido. No dia seguinte, houve exame para o Curso de Sargento, mas não quis fazer porque queria ficar somente mais um ano; achei que não fosse mais necessário, eu já era cabo e o Tenente que comandava o Curso de Sargento falou:

– Quem não quiser fazer o curso pode colocar no papel que desiste e cair fora.

Então a maioria desistiu e fui um deles também, mas vinte dias depois chegou uma ordem no quartel suspendendo o licenciamento por um ano, o Brasil entrara em guerra!

Aí concluí:

– Agora me estrepei!

Fazer o quê? E continuei, mas como naquele tempo havia muita falta de sargentos, quando terminou o primeiro curso, imediatamente abriu outro e nesse eu entrei, fui aprovado em 3º lugar. Inicialmente, foi promovido o 1º colocado e o 2º, uns seis ou sete meses depois. Mais tarde, abriria uma vaga para eu ser promovido, porque um sargento foi designado para fazer curso de especialização no Rio; seria desligado e eu promovido. Entretanto pediram um cabo com Curso de Sargento, a fim de servir no antigo GADor, em São Paulo e era a minha vez.

Esqueci de comentar que o Tenente que comandava a minha Bateria, a Segunda, era o Instrutor-Chefe da equitação. Como eu montava muito bem, ele me pôs como monitor de equitação, seu nome era Edir Portocarrero Peixoto e ele me disse:

– Você não vai, vou falar com o Coronel e você não vai porque preciso de você aqui.

Eu respondi:

– Não, Tenente, eu vou.

Ele disse:

– Mas por quê? Você quer ir?

Eu argumentei:

– Não é que eu queira ir, mas se não for, estarei colocando o que está atrás de mim no fogo. Se ele falasse com o Coronel que precisava de mim, eu ficaria e outro iria no meu lugar, então expliquei:

– E se ele morre lá, como é que eu vou ficar?

– Mas você não pode pensar assim.

– Poder eu não posso, mas penso. Vou fazer o quê? É uma questão de consciência.

– Não é a minha vez? Então deixe eu ir!

Vim para Quitaúna, para o 6º GADor, que depois passou ser o I/2º Regimento de Obuses Auto-Rebocado, onde permanecemos mais três meses antes de ir para o Rio.

Chegamos ao Rio já em fevereiro de 1944 e uns cinco meses depois embarcamos para a Itália, após ter treinado bastante no campo de instrução de Gericinó, inclusive na execução do tiro real de Artilharia.

Lembro-me de que em Itu utilizávamos o Krupp-75mm, alemão. Quando embarcamos para a Itália nada levamos, recebemos o material no destino.

Costumo brincar com os colegas dizendo que o armamento que levamos era o cavaquinho e o pandeiro.

Desembarcamos em Nápoles, pegamos as barcaças e fomos para Livorno, de onde partimos para Tenuta de San Rossore, onde ficamos acampados até receber o armamento.

Voltando ao tempo em que eu estava em Itu, às vezes, ajudava na sargenteação, ainda como cabo; o nosso sargenteante era meio folgado e gostava de lidar com cavalos, então eu fazia todo o serviço. Entretanto, na parte da tarde não havia o que fazer, eu saía com o motorista e ia para Salto buscar paralelepípedo, a fim de fazer calçamento no aquartelamento. Quando vim para o Exército, aquele motorista trabalhava na Companhia de Cigarros Sudan, e não se apresentou, passou a desertor. Certa vez, quando estava voltando de Uberaba, foi apanha-

do na estrada e levado para o quartel. Teve que servir e já estava há dois anos nessa situação. Como éramos amigos de infância, chamava-me para acompanhá-lo e foi ele quem me fez dirigir o caminhão, dizendo-me:

– Agora você vai guiar!

Peguei o caminhão, via como ele fazia e guiei normalmente, ele até disse:

– Você falou que não sabia guiar, estava mentindo?

Respondi:

– Eu nunca guiei, vi você dirigir e fiz do mesmo jeito.

No quartel havia ainda os caminhões Ford, um Chevrolet tigre e o carro do Coronel. Esse meu amigo tinha sido mecânico da Ford, antes de ir para o Exército, por isso, desfrutava de alguma regalia, pois quem caía na situação de insubmisso, ficava preso quase um ano. Mas como mecânico, puseram-no para trabalhar e era tratado igual aos outros que estavam servindo.

Passei a guiar o tempo todo. Em São Paulo, depois de transferido para a FEB, num domingo, estava de serviço de Comandante da Guarda e chegou um motorista dirigindo um carro. Pensei que fosse o Kodama, que também era motorista, mas ele negou.

Sei que chegou um “japonês” num carro e me comunicou que o Oficial de Dia mandou ele me ensinar a dirigir. Isto posto trouxe o jipe; eu, que já me acostumara a guiar caminhão, com o jipe era muito mais fácil. Fiz umas “piruetas” com a viatura ele falou que já estava bom e informou ao Tenente que eu estava apto.

No Rio, numa das instruções em Gericinó, acabou sobrando um jipe, não havia quem o conduzisse; o Tenente Padilha me chamou e me ordenou que pegasse a direção. Voltei no jipe, porque depois da instrução a gente voltava no carroção, puxado a cavalo, e rebocando o canhão.

Quando estávamos em San Rossore, existiam um caminhão Dodge ¾ de toneladas, um GMC e alguns jipes. O Tenente encarregado do comboio, a fim de buscar os outros carros que tinham chegado a Livorno, foi procurar quem pudesse servir de motorista, mas não encontrou. Os nossos estavam em outras missões com a FEB, preparando-se para entrar em combate.

Não sei quem falou para o Tenente que eu dirigia e ele me escalou. Chegando lá, distribuiu as viaturas e coube-me um caminhão grande. No começo fiquei meio inseguro, mas o caminhão já possuía o câmbio sincronizado, muito melhor que o outro que eu guiara no Brasil; aquilo foi uma brincadeira e, então, o Tenente perguntou:

– Você já tem carta do Exército?

Respondi:

– Não, não sou motorista, sou chefe de peça.

– É, mas você guia bem.

Mas a minha função era outra e aí ele falou:

– Está bem, mas vou mandar a carta para você.

Fiquei quieto. Eu sei que se passaram uns quatro ou cinco dias, eles apareceram lá; um dos tenentes que levei no jipe, naquela vez em Gericinó (ele não sabia dirigir, depois fez um curso no Rio), me chamou e disse:

– Venha aqui, eu quero ver se você sabe dirigir mesmo, para eu entregar a carta.

Recusei:

– Eu não quero carta alguma, Tenente, minha função é outra. Para que eu vou querer uma carta?

Ele respondeu:

– É, mas o Tenente Padilha mandou para você, e eu quero ver se você sabe dirigir mesmo, para eu poder lhe entregar a carta.

Voltei:

– Tenente, o senhor está brincando comigo. Quem foi que levou o senhor no jipe em Gericinó, quando o senhor não sabia dirigir ainda?

Aí ele deu uma risada e disse:

– É, eu estou brincando com você.

Eu sei que na Itália ainda andei dirigindo porque, às vezes, era necessário. Mais tarde, quando entramos em combate, antes do ataque a Monte Castelo, uns dias antes, fizemos o reconhecimento de jipe e tivemos que nos esconder porque começaram a bombardear.

Afinal, na linha de frente, viajamos a noite toda e posicionamos os canhões atrás de um morro muito grande, num terreno, em que descer o caminhão foi bem difícil; após cair a neve a munição tinha que vir escorregando, amarrada por um cabo. Mas nesse tempo era pouca porque não havia muitas missões de tiro na época de neve, pois a frente estava estabilizada.

Em fevereiro, parando de nevar, no dia 21 de fevereiro, de manhã, recebemos ordem para preparar as peças, a fim de começar a atirar. A minha peça deu 500 tiros sobre o Monte Castelo, naquele dia; o grupo tinha doze peças, das três baterias, saíram 6 mil tiros.

Isso foi em 21 de fevereiro, quando houve o ataque vitorioso ao Monte Castelo.

Houve três ataques antes, mas a Artilharia não podia ajudar, nem a Aviação, porque não se enxergava nada; mas no dia 21 estava tudo claro, começamos de manhã e os arrancamos lá de cima. Foi dito pelos italianos que moravam na região que, mesmo nos outros três ataques que lançamos, o grosso da tropa alemã recuou, ficando apenas uma guarnição lá em cima. De lá, com os morteiros

conseguiam acertar na gente, pois tinham comandamento de vistas e de fogos sobre os brasileiros.

Nesse apoio de Artilharia, num dado momento em que a Infantaria se aproxima da posição de assalto, o fogo da Artilharia é alongado, para impedir que atinja a própria tropa amiga.

E lá em Monte Castelo, a concentração foi despejada mesmo em cima, porque, do alto tinham muito mais vantagens, viam tudo, e com os morteiros nos atingiam.

Os canhões alemães não eram como os obuseiros, tinham maior alcance, mas como nossas posições estavam nas contra encostas, não conseguiam nos pegar. Depois começaram a atirar com granadas de tempo, que explodiam no ar. Antes, batiam na crista, ou passavam direto; não conseguiam atingir as nossas posições.

Já os tiros da Artilharia brasileira caíam nos alvos, aproveitando bem a área de ação das granadas.

Talvez porque a Artilharia brasileira empregasse obuseiros, com ângulos de tiro maiores e a alemã canhões, que têm trajetórias mais tensas, isso nos favoreceu para desalojar os alemães do Monte Castelo. Tinha vindo para o grupo um sargento do Rio que atuou na turma do Observador Avançado junto à Infantaria. Regressou assustado, dizendo que não tinha mais condições de ir novamente, queria trocar com alguém para voltar no lugar dele, isso na 2ª Bateria. Tínhamos quatro sargentos comandantes de peça, porém ele disse que era Comandante de peça, que queria ficar na sua função e não como Observador.

Mas os outros sargentos não aceitaram, ele veio falar comigo e eu disse:

– *Se o Capitão concordar eu aceito.*

Embora não queira ser melhor que ninguém, na realidade, foi um fato que ocorreu.

A minha peça era a melhor da Bateria e, naquela época, sargento não se misturava com soldado ou com cabo, porém eu era diferente, sempre cultivei a amizade da minha tropinha ali. Havia onze soldados e um cabo na minha peça, eu era amigo de todos, saíamos juntos, sempre que podíamos.

Entretanto, um dos sargentos foi fazer queixa ao Capitão, dizendo que só vivia misturado com os soldados e que eu não estava certo, porque pelo regulamento do Exército tinha que ficar só sargento com sargento, cabo com cabo, mas eu não tinha nada com isso e falei:

– *Na minha peça, ando com quem trabalha comigo.*

O Capitão, me chamou e disse:

– *Mas Pedrozelli, logo você, largar a sua peça e entregar na mão do outro.*

Argumentei:

– Mas já falei para ele como é que procedo com os meus soldados, para que faça o mesmo. O homem está assustado, não tem mais condições de voltar para a linha de frente.

O Capitão retrucou:

– Está bem, então você vai.

Fui para observação avançada, o Tenente Padilha, eu, um cabo radiotelegrafista e um soldado telefonista.

Isso porque, na verdade, a observação avançada era feita por uma equipe, composta por um tenente, um sargento, um cabo e um soldado.

O soldado era um molecão e logo o Tenente mandou-o de volta; o cabo ficou doente e ficamos apenas o Tenente e eu.

Para cumprir a missão, usávamos binóculos, eu ficava observando, o Tenente anotando e passando para o calculador de tiro. Depois este ficou doente e permaneci como calculador até o fim da guerra.

No último ataque, em 28 de abril de 1945, fui designado para comandar a 1ª peça da Bateria, porque o sargento adoecera e o cabo, que era o apontador, tinha se machucado. Então me puseram para comandar a peça com apenas o soldado atirador, passando a apontador, pois tinha prática nisso também.

Quando iniciou o tiro (a gente não tinha carta da região, só possuíamos o mapa da Itália), o Tenente me chamou. Como era calculador de tiro, com isso, deixei o soldado comandando a peça e passei a fazer aquele trabalho.

Recebemos ordem para dar o primeiro tiro, para começar a missão. Atiramos e o Comandante da Bateria, Capitão Valmick, que estava lá na frente também, disse que não tinha visto nada. A gente atirava primeiro com uma granada fumígena, para ver onde caía o tiro, daí demorou um pouco e ele disse que estava muito longe. Fomos encurtando, atirando e encurtando, até que ele concluiu que estava bom e mandou que nós continuássemos atirando, que não era mais para esperar pedido de tiro.

Fomos carregando e atirando e ele ainda adiantou que era para dar a impressão de que havia mais de quatro peças.

Falei para o Tenente:

– Tenente, vamos atirar primeiro com as duas peças das pontas, a 1ª e a 4ª, depois com as duas do meio e assim por diante, revezando.

Ele concordou.

Depois de um certo tempo, o Capitão disse pelo rádio:

– Está ótimo assim!

E continuamos dessa maneira, a gente sempre lhe perguntando como é que estava o tiro e ele informava:

– Está bom assim, continua!

A gente perguntava e ele respondia:

– Está bem, continua.

Mais ou menos às 2 horas da tarde, repentinamente a voz dele sumiu e passamos quase uma hora sem comunicação. Não podíamos parar e depois de uma hora, o Capitão entrou no ar outra vez:

– O que foi que houve, Capitão? Pensei que o senhor tinha ido também!

Ele explicou:

– Não, foi o microfone que falhou. De agora em diante, diminuam os tiros, só atirem de cinco em cinco minutos. Continuem com o mesmo esquema, só que de cinco em cinco minutos e não precisa esperar ordem.

Após duas horas ele falou:

– Agora vamos atirar de dez em dez minutos.

Já estava quase escurecendo, recebemos ordens para atirar quando ele comandasse. Isso até mais ou menos umas 11 horas da noite. Neste intervalo o Tenente foi descansar, bem como os outros que também se encontravam por ali. Às 11h30mim recebi uma chamada pelo rádio, era o Coronel Sousa Carvalho, Comandante do grupo que perguntou:

– Quem está Comandando a Linha de Fogo?

Eu disse:

– É o Tenente Raposo, mas agora ele está descansando e eu o estou substituindo.

Como eu era muito conhecido, ele perguntou:

– É o Pedrozelli?

Eu disse:

– Sim, Coronel, sou eu.

– Pedrozelli, eu quero que mande carregar as quatro peças e fique aguardando ordens minhas para atirar, não atire sem ordens minhas.

Eu mandei carregar as quatro peças e uns vinte minutos depois ele chegou na Bateria, veio de jipe, aproximou-se de onde estavam as peças e perguntou:

– Como é, a Bateria está pronta?

Respondi:

– Está pronta, Comandante, só esperando as suas ordens.

Aí então ele disse:

– Eu vou comandar esse tiro porque esse é um tiro de salva. Acabou a guerra!

Fiz logo um alarde, acordei todo mundo e depois, ainda ficamos uns dois dias ali, de prontidão, porque havia tropas que ainda não sabiam que a guerra havia acabado.

Isso foi do dia 28 para 29 de abril de 1945, já na madrugada de 29 de abril, era 1 hora da madrugada do dia 29.

Para nós estava acabando; mas os integrantes do 6º RI e os de uma das baterias estavam fazendo o cerco aos alemães em Fornovo.

Ficamos na posição mais uns dois dias, porque o Coronel Nelson de Mello fez o ultimato e eles não queriam aceitar a rendição incondicionalmente; quando íamos voltar a atirar, eles concordaram.

Houve um padre que ajudou a convencê-los, esteve junto na hora da rendição. Quando começaram a se entregar, nós também fomos e com a intenção de pegar as coisas que os alemães deixavam. Entretanto, houve um que se aproximou com um binóculo que eu quis tomar. Num daqueles marcos da estrada, ali perto, ele pegou o binóculo e o quebrou. O Tenente chegou, apontou-lhe o revólver, mas ele já o tinha destruído.

Depois chegou outro numa moto italiana, que era adaptada para a guerra, de um cilindro só, mas que possuía quatro marchas e o seu tanque de gasolina continha 23 litros.

As estradas da Itália eram muito bem construídas, algumas estavam estragadas por causa dos bombardeios, mas eram bem-feitas, tinham até valetas para escoar a água. O alemão jogou a moto na valeta, mas chamei uns colegas e a tiramos de lá. No entanto, tinha quebrado a vela, mas debaixo do banco havia uma caixinha com vela de reserva e ferramentas. Troquei a vela e pus a moto em funcionamento e ainda me diverti um bom tempo com ela.

Quando chegou o tempo de descer para Nápoles, a fim de embarcar veio um italiano querendo comprá-la. Sua transmissão era em eixo kardan, não era de corrente, portanto bem avançada para aquele tempo.

Ele queria fazer um triciclo, colocar uma carroceria para comerciar e me ofereceu 12 mil liras e eu a vendi.

Depois distribuí essas 12 mil liras com os colegas, porque não podia trazer, só podia trazer o que eu ganhei. Não gastei nada lá, houve alguns que gastaram, compraram coisas e então adverti os colegas:

– Cada um levou um pouco e quando chegar lá cada um me dá uma parte.

Mas ninguém me deu nada, não, fiquei só com o que trouxe mesmo.

A guerra transforma as pessoas: nunca tive medo, medo de me acovardar, é lógico que ninguém ia ficar no meio de um bombardeio sem se proteger ou coisa dessa natureza.

Certa feita estava na turma de observação e chegamos a uma pequena aldeia beirando o Rio Reno, quase anoitecendo, a Infantaria parou e nós também.

O soldado brasileiro é meio folgado, espalhava-se por ali e não queria nem saber se havia guerra e, de repente, vêm três soldados e dizem:

– Sargento, os alemães estão atravessando o rio carregando um canhãozinho no lombo dum burro. Vamos atirar neles!

Então, montamos o rádio e pedimos tiro de Artilharia, mas não havia uma peça com alcance suficiente, tinham destruído as pontes e a Engenharia não teve tempo para repará-las.

O Tenente ficou bravo, e disse:

– E agora? E se eles voltarem?

Então era isso que eu queria contar, essa transformação que acontece, porque se os homens estavam fugindo, que se deixasse fugir, por que aquela ânsia de querer matar?

Depois do caso passado fiquei pensando:

– Que besteira! Mas, na verdade, não é besteira, porque na guerra existem os contendores, o amigo e o inimigo, é um querendo matar o outro e isso faz parte da sua realidade.

Outra coisa que aconteceu quando era calculador de tiro é que numa tarde fazia um Sol bonito, mas ventava bastante e estávamos num casarão todo fechado com as cortinas. A gente estava calculando os tiros, eram 8 horas da noite, estávamos regulando com uma Bateria e depois de três ou quatro tiros o observador disse que o tiro estava bom e que havia derrubado uma parte da torre da igreja. Um Major que coordenava a equipe de calculadores disse:

– Esse observador está louco, são 8 horas da noite, como é que ele viu?.

Eu falei:

– Não é, Major, são 8 horas, mas não é noite, ainda não escureceu.

Ele disse:

– Você também é louco.

Puxei a cortina, abri a janela, e ele retrucou:

– O louco sou eu!

Lembro que na Europa, de um modo geral, no verão, anoitece tarde e até 11 horas da noite ainda está claro e às 5 horas da manhã já nasce o Sol, a noite é muito curta.

Falando em clima, o inverno foi realmente muito rigoroso, a neve chegou a ficar com mais de um metro de altura. Na manhã do dia de Natal de 1944, a gente ainda estava atirando sobre o Monte Castelo e a minha barraca era ao lado do obuseiro, eu estava sozinho lá dentro, porque havia telefone e tudo.

Pela manhã, queria sair da barraca e não conseguia, existia uma janelinha do lado, que consegui abrir. Chamei a turma. Eles vieram e chocalharam a rede, para

subir, porque ela havia baixado com o peso da neve e ficou prendendo a barraca, somente depois disso é que consegui sair.

Mas não senti tanto frio, tanto é que recebemos umas capas com capote, mas não usei nem um dia, luvas, também não. A galocha que recebemos, eu não usava com o calçado dentro. Recebíamos pano para limpar os canhões, eu pegava aqueles panos e enrolava nos pés e punha dentro da galocha sem a botina, para proteger contra o pé-de-trincheira.

O soldado brasileiro não deixou a desejar em nada, atuou como quem já sabia muito do combate, mesmo sem experiência alguma. O brasileiro é assim, de improviso, na hora que precisar ele faz mesmo.

Eu tinha um soldado atirador, um japonês; três peças de Artilharia pegaram fogo. Estávamos lançando granadas de propaganda, que eram leves. Era preciso levantar muito o tubo do canhão e ele enrolou na rede, porém com os tiros a rede foi desenrolando e num dos disparos ela pegou fogo, perto havia sobras de pólvora.

Lembro que para cada granada vêm sete saquinhos de pólvora, mas conforme a distância em que íamos atirar, alguns sobravam: o tiro podia ser feito com carga quatro ou cinco e, com isso, as sobras iam se amontoando no local.

Na rede o fogo alastrou-se para a pólvora e incendiou três peças nossas. Foi o dia em que passamos mais perigo. Aconteceu na 3ª Bateria. Eu pertencia à 2ª Bateria, tivemos que recolher a nossa munição, por causa dos estilhaços das granadas que explodiam.

Também voavam sobras de pólvora. Caiu um estilhaço quente de granada perto das nossas peças, e começaram a pegar fogo. O japonês saiu correndo, apanhou o pedaço de granada fumegante, jogou longe e voltou de novo para se esconder, quer dizer, arriscou-se também.

Por infelicidade, o japonês pouco tempo após ter voltado ao Brasil, com menos de um ano, foi para Itanhaém visitar uns parentes. Quando um deles derrubava uma árvore, esta caiu em cima do Koie Maezo, matando-o.

Não sofremos nenhuma contrabateria. Eles atiravam sobre nós, mas os tiros passavam direto. Estávamos desenfiados atrás de um morro bem grande. Quando começaram a atirar com granadas de tempo, passamos a receber aquela "chuva" de estilhaços.

Já os americanos apareceram com uma espoleta nova, quase no final da guerra, uma espoleta com um dispositivo eletrolítico que, uma vez rompido, emitia um sinal de modo que a granada ao chegar a dez metros de distância de um objetivo qualquer, explodia, ao receber de volta o sinal refletido. Essas espoletas eram autodestrutivas, caso a granada caísse sem detonar.

Era a nova tecnologia sendo empregada já no final da guerra.

O relacionamento com a população local foi muito bom, o problema era que a gente não falava o idioma, compreendia, mas não sabia falar. Quando eu estava com a moto, que apreendi do alemão, saí uma vez e conheci uma família de italianos.

Depois que acabou a guerra, enquanto esperávamos para embarcar de volta para o Brasil, fomos a um vilarejo onde havia um arvoredo muito bonito. Paramos ali embaixo e então as italianas começaram a encostar, umas moças bem bonitas, esse meu companheiro falava o italiano muito bem e começou a dizer que éramos do Brasil e disse-lhes que tinha uma fábrica de galinhas verdes e eu, uma criação de porcos vermelhos. Ele continuou com aquela brincadeira. Como havia várias mocinhas por ali, logo os pais delas também começaram a encostar. Eles falavam bem o Italiano, porque o italiano falado direitinho a gente compreende, não compreende aqueles dialetos deles. Aí um italiano falou:

– Vocês já falaram muito. Agora vamos lá em casa tomar um vinho.

Ele falou em italiano, mas deu para entender direito e fomos à casa dele tomar o vinho. Eu não bebia, mas ele disse:

– Pode tomar, esse vinho é bom, é um vinho tinto e doce, é muito bom.

E naquela brincadeira, batemos os copos e derramou um pouco na minha camisa, a nossa camisa era verde, a única que eu tinha e ele disse:

– Não se preocupe, que não mancha.

E realmente não manchou mesmo, só que daí comecei a namorar a filha dele, minha mulher sabe, eu inclusive ainda tenho uma fotografia dela em casa.

Os apoios de Saúde e Religioso proporcionados à nossa tropa foram muito bons.

Os capelães visitavam freqüentemente a frente de combate, inclusive na manhã de Natal houve uma missa no grupo. Os padioleiros estavam sempre a postos, acompanhavam a tropa de perto, para atender os feridos e prestar os primeiros socorros. Muito bom, muito eficiente.

Quanto aos soldados inimigos, tive algum contato só no dia da rendição, quando disse que peguei a moto e que queria o binóculo que o alemão quebrou.

Eles deveriam estar muito envergonhados, porque estavam sendo cercados, quase 15 mil alemães por menos de cinco mil brasileiros. Era o orgulho ferido.

Após terminar a guerra, depois que regressamos da Itália fomos abandonados. Quando cheguei, comecei a trabalhar, passei a viajar de caminhão, labutei quase doze anos com transportes e sempre estava longe dos filhos, que ainda eram pequenos. Então quis ganhar a vida em São Paulo e fui trabalhar no Expresso Brasileiro, onde ficara mais preso do que quando trabalhava com transporte. Quando eu

chegava à noite em casa, os filhos já estavam dormindo e, quando saía de manhã, ainda não estavam acordados.

Depois abandonei o Expresso Brasileiro e fui para outra empresa, como instalador de antenas de televisão. Trabalhei um tempo nessa firma e, em seguida, voltei ao setor de transporte por mais um período.

Nessa época, freqüentava mais a Associação dos Ex-Combatentes de São Paulo e eles começaram a arrumar emprego para os expedicionários, então disse:

– Eu sou motorista, se vocês me arranjarem um emprego, eu quero.

Nesse tempo eu estava viajando e alguns dias depois recebi um aviso comunicando-me que tinha sido incluído nos Correios e pensei:

– Eu não vou entregar cartas nas ruas!

Carreguei o caminhão outra vez e fui viajar, mas essas nomeações para o serviço público caducavam em trinta dias, deixei passar os trinta dias e fui falar com o diretor dos Correios aqui em São Paulo, que era um Coronel do Exército. Fui lá e disse:

– Coronel, o senhor vai me desculpar, mas eu estou trabalhando com transporte e quando eu soube da nomeação já tinham se passado os trinta dias e minha nomeação já caducou.

Ele disse:

– Não, para vocês não caduca, não.

Então, tive que ficar mesmo.

Em Diadema havia apenas um posto dos Correios, mas que seria transformado em agência, só havia uma senhora que trabalhava lá e ela era meio desorganizada. Quando soube que eu tinha sido nomeado para os Correios e como estivesse precisando de mais gente no posto, ela mesma pediu ao Prefeito de Diadema a minha nomeação para a agência local.

Aí foi bom para mim, porque fui trabalhar pertinho de casa. Diadema começou a crescer e precisou formar os distritos para a entrega de correspondência, porque antes não havia, cada um vinha até a agência ver se sua correspondência tinha chegado e ela sozinha não conseguiu organizar esse serviço.

Então, organizei os distritos para poder entregar as correspondências, pegamos alguns carteiros e passado mais algum tempo ela veio para uma agência aqui em São Paulo, na Carneiro da Cunha e me deixaram como agente em Diadema, naquele tempo não era gerente, era o Agente Postal Telegráfico, o APT.

Trabalhei lá até 1972 e resolvi pedir reforma no Exército. Mas para pedir a reforma eu não podia ser funcionário federal, então fui a uma repartição estadual e preenchi uma ficha, declarando que eu não era funcionário em órgão algum.

Procurei me safar, porque nessa ficha eu declarava que não era funcionário municipal, nem estadual ou federal e então me mandaram fazer exames médicos, porque já estava com a idade avançada e, no laudo, deu que eu era incapaz para o serviço militar, sendo assim podia pedir a reforma.

Vim ao Quartel-General do Exército e me deram um documento para eu me apresentar à Junta Médica, isso já era no final do ano, fiquei aguardando durante todo o ano de 1972 e quando foi no fim do ano eu recebi outra carta dizendo para eu fazer novos exames. Fui lá, fiz novos exames e havia um 1º Sargento que trabalhava na Junta, que me disse:

– Você vai lá no QG e fala com o sargento fulano de tal, que ele encaminha logo o seu processo para Brasília. Se não, o seu processo vai ficar engavetado por aí. Você diz que fui eu que mandei pedir.

Quando cheguei ao QG, fui procurar esse sargento, que estava doente, internado em Brasília. Em dezembro de 1973 recebi uma carta de Brasília, dizendo que tinha saído a minha reforma e como eu era funcionário dos Correios, precisaria me desligar da função para poder receber. Eu não tinha falado que era, mas eles sabiam.

Fui aos Correios, falei com o Coronel, ainda era o mesmo para quem me apresentei quando fui nomeado, eu lhe disse que queria saber quanto tempo ainda teria que ficar, caso precisasse passar a função para o substituto.

Ele me disse que não, que eu não me preocupasse, porque seria desligado imediatamente e já mandou a secretária bater uma carta dizendo que eu já estava dispensado do serviço nos Correios, mas que realmente, ele queria que eu ainda ficasse uns oito ou dez dias orientando a pessoa que fosse para o meu lugar, o que foi feito.

Para terminar, minha mensagem para os jovens militares de hoje, concito-os a honrar a farda e se orgulharem dela, a coisa mais linda que há.

A maior bobagem da minha vida foi sair do Exército, saí porque naquele tempo era inexperiente e não tinha quem me orientasse, caso contrário não teria saído do Exército.

Se houver outra guerra, vá sem medo, vá e defenda a sua Pátria. Outra coisa, os nossos jovens têm que saber que constitui uma obrigação defender o País e que eles não podem se furtar dessa obrigação caso a Pátria os chame, a exemplo dos nossos pracinhas que cumpriram com o dever na Segunda Guerra e que foram elogiados e comparados aos melhores soldados daquela época.

Pedro Rodrigues dos Santos*

Paulista da cidade de Santa Cruz do Rio Pardo, completou 80 anos de idade, é casado, tem dois filhos e seis netos.

Lutou durante a guerra como soldado de Peça de morteiro 81mm da CPP/2 do II Batalhão do 6º Regimento de Infantaria.

Por sua participação na Segunda Guerra Mundial foi condecorado com a Medalha de Campanha.

---

* Motorista da Seção de Morteiro 81mm da Companhia de Petrechos Pesados do II Batalhão do 6º Regimento de Infantaria, entrevistado em 17 de agosto de 2000.

Na ocasião do nosso embarque, tomamos o trem na Vila Militar, no Rio de Janeiro, seguimos para o cais do porto e viajamos no navio americano *General Mann*. Não sabíamos para onde, o destino era incerto, mas no meio da viagem tomamos conhecimento de que iríamos para a Itália.

Tivemos instruções a bordo, para o caso de torpedeamento e abandono do navio. Era treinamento de desembarque, pegar os botes de salvamento, em caso de afundamento. Mas correu tudo bem, graças a Deus, e não fomos torpedeados.

Se não me engano, foram 14 dias de viagem, o navio navegava em ziguezague, por isso levou mais tempo.

Chegamos a Nápoles, desembarcamos, tomamos um trem e fomos para Bagnoli, onde recebemos material e acampamos. Não me lembro exatamente quantos dias ficamos ali, cerca de uma semana, acredito, e depois seguimos para Tarquinia.

Nesse local, acampamos em um parreiral e lá recebemos as viaturas, que vieram desmontadas e tivemos de reparar; depois disso veio a ordem de fazer o primeiro deslocamento, mas ainda estávamos longe da frente de combate.

Nessa primeira saída, já segui como motorista. Parti de Tarquinia dirigindo o jipe da Seção de Morteiros. Lembro-me de que saímos de lá à noite, para chegarmos às nossas posições de frente de combate.

O pessoal estava muito ansioso, havia gente pensando que os alemães nos esperavam, que iríamos levar tiros, mas não foi bem assim, não.

A verdade é que, ao chegarmos, vimos tropa amiga nos aguardando em preparativos; começamos a tomar posição. Como o morteiro e a metralhadora são armas de apoio, e ficam sempre mais atrás, mais à retaguarda, a fim de prestar o apoio conveniente, não ficávamos face a face com os alemães.

A metralhadora se posiciona mais à frente que o morteiro, porque deve visar o inimigo, mas este último, que faz o tiro indireto, fica mais escondido, normalmente numa contra-encosta.

Mais ou menos na área de Camaiore recebemos o nosso batismo de fogo e depois seguimos adiante. Em Pisa, a coisa começou a esquentar. Mas desde Camaiore já combatíamos, e cada Batalhão, cada Companhia tinha o seu setor e faixa de atuação.

Quando saímos de lá, fomos para San Martins de Fredane, um lugarejo situado ali perto, onde ficamos um bom tempo, mas combatendo sempre, alternando posições. Desse vilarejo saímos para outra cidade chamada Barga.

Em Barga, levamos "umas chumbadas", mas sem grandes danos, quase tudo normal e nos retiramos, transferindo as posições para um Regimento de negros americanos.

De lá seguimos para Porreta Terme, onde realmente entramos em batalha e ganhamos terreno. Eu, por exemplo, estive em Soprassasso, postado mais atrás e os

fuzileiros lá na frente. Permanecemos no local durante o inverno todo, cerca de dois ou três meses, em que se estabilizaram as operações de combate, por causa do clima rigoroso.

Nessa mesma época, os americanos com sua Artilharia, à nossa retaguarda, também participavam do bombardeio. Alguns colegas diziam:

– Estão "arando" o lado dos alemães.

Em seguida, veio a ordem para conquistar as posições dos alemães, mas na frente da minha Companhia não encontramos resistência alguma, passávamos sem maiores dificuldades, até que o nosso Comandante disse:

– Vamos parar, porque acho que ultrapassamos os fuzileiros.

Ocorreu tudo muito rápido. Participamos do cerco e rendição da Divisão alemã, a 148ª, que estava em Fornovo. Quando chegamos ao local fiquei à disposição de um oficial encarregado de ligação com o padre que auxiliava nos contatos com os alemães, para a rendição que estava sendo preparada.

Esse episódio é muito interessante, pois mostra um aspecto especial. Um padre foi o intermediário, isto é, cooperou na rendição dos alemães às tropas brasileiras, evitando dessa forma uma carnificina de parte a parte, sobretudo dos alemães que estavam cercados.

O religioso cumpriu a sua missão cristã, estabelecendo a paz que, se não tivesse ocorrido, poderia aumentar em muito o número de mortos da nossa FEB e também do inimigo.

Esse padre foi de muita utilidade nas negociações para a rendição da 148ª Divisão alemã e outras forças alemãs e italianas para o 6º RI.

Recordo que as manobras de Fornovo di Taro, com a conseqüente rendição de quase vinte mil inimigos às Forças brasileiras foi o grande feito do 6º Regimento de Infantaria, na campanha da FEB.

Ficamos lá uns três ou quatro dias e, de vez em quando, os alemães davam uns tiros para "homenagear" a gente, tiros de canhão. Eu entrava debaixo do jipe e pensava:

– Puxa vida! Está na hora de ir embora, quase acabando a guerra e esse pessoal ainda fica atirando!

Bom, felizmente correu tudo bem. Uma noite o meu oficial mandou-nos descer para o local onde eles estavam cercados e transportamos todos que permaneciam lá, veículos e homens, tudo para uma cidadezinha próxima. Durante toda a noite mantivemos a operação. Levei vários prisioneiros em meu jipe, sem escolta, inclusive um oficial; de manhã cedo os italianos postados na entrada da cidade xingavam os alemães, e o oficial me falou em italiano:

– Eles estão fazendo isso agora, mas nós já recebemos flores.

Aí eu respondi:

– A vida é assim mesmo, senhor oficial, as coisas mudam.

Dali fomos para Alessandria, na verdade uma cidadezinha bem próxima de Alessandria, Castelnuovo de Escrive, onde aguardamos o nosso retorno. Enquanto se passaram alguns dias, aproveitei para passear pela Itália.

Um companheiro e eu fomos até Milão numa motocicleta, tenho a impressão de que fomos os primeiros brasileiros daquela turma a entrar em Milão, porque não havia ponte, nada.

Milão é a segunda maior cidade da Itália, depois de Roma é a mais importante.

Quando voltamos de Milão, deram um aviso para evitar a cidade, porque havia perigo. Estavam atirando em soldados nossos naquela região, mas já tínhamos ido e regressado sem problemas.

Dali saímos e estacionamos numa cidade próximo a Nápoles, aguardando o embarque, tomamos o navio e retornamos ao Brasil.

Quando desci no Rio de Janeiro, já tinha dado baixa, cheguei ao porto do Rio com o meu Certificado de Reservista, datado de 2 de agosto de 1945.

Fomos muito festejados quando do retorno à Pátria e então muitas Câmaras Municipais nos outorgaram diplomas e outras homenagens, inclusive fazendo monumentos aos combatentes da FEB, normalmente nos principais jardins ou praças públicas da cidade.

Cumpre-me relembrar os pracinhas sepultados em Pistóia. Bem mais tarde, os restos mortais desses combatentes brasileiros mortos na campanha foram trasladados para o Aterro da Glória, no Rio da Janeiro. Ficaram em Pistóia apenas os restos mortais de um soldado, que foi encontrado depois.

Lembro-me também de meu Tenente que se chamava Irani de Oliveira e de mais dois americanos que sempre estavam conosco, pertenciam à Unidade que nos apoiava com blindados.

Voltando agora à minha designação para a FEB, a minha família não reagiu bem, porque eu era arrimo de família, filho único. Segui mesmo assim, mas eles lamentaram.

O meu embarque se deu poucos dias após a apresentação, então não houve muito tempo para uma preparação específica para a guerra.

Os outros companheiros do 6º RI que vieram antes tinham feito os exercícios lá em Gericinó e tiveram um treinamento melhor.

Durante a travessia, passei bem, mas houve uns que enjoaram e até se enfraqueceram.

A comida no navio era boa, tinham que alimentar seis mil homens, a fila de rancho ficava desde a manhã até a noite, não parava nunca, porque era muita gente.

No navio tirei serviço de plantão, porque se houvesse algum bombardeio, havia compartimentos que deveriam ser fechados, nesse local ficava o pessoal de serviço, inclusive um oficial.

Já na Itália, quando fui enviado para a zona de combate, estava tranqüilo.

Até então não tinha feito exercício real com tiro de morteiro, mas cheguei a praticar lá, antes de entrar em contato com a tropa inimiga.

Passamos o inverno na área do Soprassasso, aguardando ordem de avançar.

No inverno, nos esquentávamos com vinho e à noite fazíamos uma fogueirinha bem escondida, para não denunciar a posição.

Forrávamos as galochas para esquentar os pés, com jornal ou feno.

O brasileiro, pelo próprio clima de nosso país, com exceção do extremo sul, é acostumado com temperaturas mais quentes. Apesar dessa situação, agüentou o inverno de até vinte graus negativos, com neve e congelamento. Nem houve muitos casos de doenças pulmonares.

Para obter maior precisão dos nossos tiros de morteiro recebíamos informações do observador avançado que corrigia os tiros; e pelo que ficávamos sabendo, a pontaria era muito boa. Houve alguns erros, mas isso é natural, no geral foi muito bom, pois somos criativos, não temos medo de nada e há os que nos momentos mais difíceis são bem-humorados.

O brasileiro, mesmo no ardor do combate ou em situações extremas, não perde a alegria de viver e tem sempre a esperança de se sair bem.

Houve situações em que a gente montou a peça e nem sequer atiramos, os alemães se anteciparam e tivemos que mudar de posição.

Acredito que o primeiro soldado brasileiro a morrer em combate foi do Pelotão de Morteiro, atingido por um estilhaço alemão.

Lembro que, pela natureza do combate, os morteiros e a Artilharia ficam à retaguarda e livres dos tiros diretos do inimigo. Isso não significa que não recebam saraivadas de bombardeios de armas de tiro curvo.

Os fuzileiros tinham que se esconder nos abrigos, porque naquele caminho que fazíamos entre o Comando do Batalhão e a Linha de Fogo ficávamos expostos, pois o inimigo estava sempre em posições dominantes.

Como o alemão ocupava posições defensivas, optava pelas posições mais altas, de onde tinha comandamento de vistas e de fogos sobre a tropa brasileira e, a qualquer descuido ou movimento, mandava fogo.

Depois de certo tempo já com o ouvido apurado, na hora em que eles davam um tiro lá de cima, sabíamos mais ou menos onde iria cair a granada.

Os alemães também eram grandes combatentes, bons soldados, disciplinados. No transporte da Divisão, após a rendição constatamos isso; por exemplo, no meu jipe iam cinco e no reboque mais cinco, todos muito comportados, com disciplina e dignidade até mesmo depois da derrota.

Como comentei antes, para conseguir vinho, dávamos as barras de chocolate e as trocávamos por bebida com os italianos. Para eles era bom, porque produziam o vinho, já o chocolate eles não podiam sequer comprar. E mesmo que tivessem dinheiro, não havia chocolate para vender, aliás, não existia quase nada.

Quando eu saía para levar alguém à retaguarda, para fazer um curativo ou outra coisa, procurava manter um pequeno estoque de chocolate, para ter mercadoria de troca.

O relacionamento da tropa brasileira com a população local era muito bom e até no idioma os italianos procuravam entender os brasileiros e os nossos também tentavam aprender o idioma deles. A diferença de língua não era problema. Já os americanos não tiveram essa felicidade.

Na região de Soprassasso, os italianos falam um dialeto, até esse linguajar a gente já estava aprendendo.

Os brasileiros eram sempre bem recebidos, e as mulheres diziam que eles eram todos "*signori*", ou seja, gente boa, pessoas de respeito.

Mas havia soldados de outra nações que não procediam assim, desrespeitavam as famílias e até abusavam das moças.

O brasileiro tem sempre muita consideração, sobretudo com quem está por baixo.

Quanto ao apoio de saúde, o socorro aos feridos sempre foi prioridade e, apesar de existir ambulância, qualquer viatura era utilizada no transporte dos feridos. Os padioleiros também eram bastante eficientes, iam até a frente prestar os primeiros socorros, eram rápidos nesse atendimento.

A assistência religiosa era eficaz; inclusive na triste atividade de dar a extrema-unção aos moribundos. Uma vez, eu fui a Roma levar o capelão para conhecer o Papa, a quem puder ver bem de perto.

Como mensagem final, exorto o jovem brasileiro a ser destemido e não fugir ao chamamento da Pátria, a exemplo de nós, ainda moços, que fomos para a Itália livrar o mundo do domínio nazista.

O brasileiro é um homem que preza a paz, mas que não se furta a defender a Pátria de qualquer agressão, venha esta de onde vier e é isso que eu espero dos nossos jovens de hoje, que serão no futuro próximo os líderes desse nosso Brasil.

Rômulo Flávio Machado França*

Potiguar de Natal, nasceu em 23 de janeiro de 1922, casado, tem um filho e um neto.

Fez a guerra como cabo Atirador-Apontador de morteiro 81mm, no 1º Regimento de Infantaria, Regimento Sampaio. Por sua participação na Segunda Guerra Mundial, foi condecorado com a Medalha de Campanha.

* Apontador de peça de morteiro 81mm da 9ª Companhia do III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria, entrevistado em 19 de outubro de 2000.

Fui convocado em 1942 e, nessa época, era estudante em João Pessoa. Comigo foram mais três irmãos, que acabaram dispensados. Apenas eu fiquei, como o mais jovem, o único que reunia melhores condições de permanecer no Exército, até ser desligado por término de tempo de serviço.

Nossos treinamentos eram realizados no interior de Pernambuco, em Aldeia. Após o retorno, permanecemos em João Pessoa, onde foram abertas as inscrições para a Força Expedicionária Brasileira, quando me apresentei como voluntário.

Saímos de João Pessoa para Recife, juntamente com uma turma de cabos e sargentos da 7ª Região Militar e, desta cidade, seguimos para o Rio de Janeiro. Com alguns colegas, fui incorporado ao Regimento Sampaio. Os outros foram designados para o 11º Regimento de Infantaria.

Quando chegamos ao Rio de Janeiro, o 6º RI já havia seguido para a Itália. Viajei no Segundo Escalão com meu Regimento, tendo chegado, em outubro de 1944, à Itália. No mês seguinte, entramos em combate. Os três primeiros ataques ao Monte Castelo foram desencadeados nos dias 24, 25 e 29 de novembro, o primeiro sob a responsabilidade da *Task Force* norte-americana e os dois seguintes sob o comando da FEB.

Todas essas tentativas foram infrutíferas; a quarta se deu no dia 12 de dezembro, realizada pelo Regimento Sampaio: um ataque frontal do III Batalhão coadjuvado por elementos do 6º e do 11º RI, mas que também não obteve êxito. Depois, sobreveio o inverno, cessaram as ações de grande vulto, permanecemos na defensiva com intensa atuação de patrulhas etc.

Em fevereiro, foi lançado o quinto ataque ao Monte Castelo, enquanto a 10ª Divisão de Montanha, norte-americana, investia à esquerda do Monte Belvedere. Explico: toda vez que atacávamos o Monte Castelo, recebíamos fogos vindos dos flancos direito e esquerdo. Isso, porque ele ficava um pouco avançado e as duas linhas de montanhas, nas suas laterais, proporcionavam aos alemães uma situação privilegiada.

No dia 21 de fevereiro de 1945, foi então realizado o ataque com o emprego de toda a Artilharia Divisionária, elementos do IV Corpo do V Exército Americano e a 10ª Divisão de Montanha sobre Belvedere.

Após Monte Castelo, em uma série de manobras e ações ofensivas, o Regimento atuou no Soprassasso, em La Serra, Bela Vista, Montese em abril e, após a descida para o Vale do Pó, a conquista de diversas localidades e vilarejos como Vignola e Zocca. Os alemães, em plena retirada, foram cercados em Fornovo. Ocorreu a rendição e, pouco depois, o final do conflito. Depois disso ainda ficamos na Itália mais ou menos um mês como tropa de ocupação, aguardando o retorno ao Brasil.

Voltando agora ao tempo da preparação, no Rio de Janeiro, lembro-me de que a instrução do nosso Exército seguia o modelo francês.

Mas, as novas circunstâncias obrigavam-nos a deixar de lado a orientação francesa e a utilizar os procedimentos e condutas de combate do Exército norte-americano. Nós não tínhamos armamento atualizado; no Rio de Janeiro fazíamos exercícios em Gericinó, mas com nossas próprias armas. E eram as antigas. Não possuíamos sequer idéia do material que iríamos receber, sem propósito de fazer críticas de qualquer espécie. Por isso, embora tivéssemos feito parte do treinamento em Gericinó, somente ao chegarmos à Itália, na Quinta de San Rossore, é que começamos a ter instrução nos moldes do Exército norte-americano, mas ainda sem ter recebido grande parte do material.

Quando já estávamos na frente de combate, é que alguma coisa foi distribuída para as subunidades que mais necessitavam. As demais continuaram aguardando. Como Comandante da Peça de Morteiro, tinha direito a uma metralhadora de mão, entretanto entregaram-me um fuzil que era mais um empecilho para mim.

De novembro para dezembro, começamos a receber o restante do equipamento e armamento. Nessa época quase toda a FEB já estava adaptada aos novos parâmetros do Exército norte-americano, inclusive na utilização das armas que tinham sido fornecidas por eles.

Só tomei contato com o morteiro 81mm, nessa ocasião, lembrando que os procedimentos que deveríamos empregar para utilizá-lo eram diferentes dos anteriormente conhecidos por nós.

Foi necessária uma adaptação, na qual fomos muito felizes, porque ocorreu rapidamente, principalmente com relação aos tiros: os cabos tiveram instrução suficiente, receberam mapas onde se localizavam os alvos através de coordenadas fornecidas pelos oficiais; fazíamos a “angulação”, para depois executar os tiros de acordo com os pedidos dos pelotões e batalhões. O transporte e a movimentação do morteiro eram idênticos, mas a maneira de operar, não.

O emprego tático era diferente também. Na escola francesa, antes seguida por nosso Exército, o morteiro ficava mais afastado da tropa, era como se fosse um pequeno canhão para executar o tiro curvo, mediante os pedidos de qualquer Companhia ou Pelotão. Já na escola norte-americana, o morteiro deveria ficar perto das frações do Batalhão, porque seu uso se daria no apoio aos companheiros, com os tiros necessários.

Quando os alemães atacavam, era de tal maneira que exigia ação rápida, não se podia aguardar sua aproximação a longa distância e, sim, estar próximo para poder agir com eficiência e solucionar o problema com rapidez.

Nós, das guarnições, utilizávamos a pistola e a metralhadora de mão, necessárias à defesa individual.

Para fazer pontaria com o morteiro, empregávamos balizas. Por elas aferíamos os tiros necessários e previstos na programação de fogos. As balizas eram colocadas no prolongamento dos espaldões que preparávamos para posicionar o morteiro. O balizamento era organizado com números.

No momento em que houvesse necessidade de tiro, em determinada cota, nós o realizávamos imediatamente, pois já se sabia a distância, a carga a ser colocada, bem como a movimentação e os procedimentos, desde que fosse progressivo, para executar tiros à distância, os de aproximação, e assim por diante.

Preparávamos as granadas com antecedência e, para não perder tempo, já colocávamos a carga certa, de acordo com a distância prevista. Separávamos em carga dois, quatro, seis etc. Cabía-me controlar tudo isso, porque era uma atividade séria e delicada. Na hora do aperto, o indivíduo fica meio atrapalhado, quer dizer, sofre uma tensão muito grande e precisa de alguém que o controle. Como o meu sargento tinha ido para a retaguarda, a fim de ser submetido a tratamento psíquico e não voltou mais, terminei ocupando o seu posto, como sargento Chefe de Peça.

Quando recebíamos ordem para atirar em determinado lugar, já se sabia qual munição usar e aí eu comandava:

– Pega lá daquele lado, tantos tiros.

Reuniam a quantidade estabelecida, dez, vinte, trinta ou quarenta tiros, para “despejar” na cota tal; colocavam as granadas no tubo, até a ordem de cessar fogo. Parávamos e esperávamos: era essa a nossa rotina de tiro, porque o mais importante era proporcionar apoio total à Infantaria.

Dessa forma, a dificuldade de preparação, pela falta de material ainda no Brasil, foi superada pela capacidade do soldado brasileiro de adaptar-se a novas situações e aprender a lidar com armamentos novos. Dessa forma, cedo dominávamos bem o tiro com morteiro.

Em dezembro de 1944, já conhecíamos todo o mecanismo, toda a movimentação e tudo o que se tinha de fazer com o morteiro, como também os nossos colegas com as metralhadoras, com os novos fuzis e com as outras armas que tinham sido distribuídas ao Exército Brasileiro.

Tínhamos muita munição à nossa disposição, porque os americanos acreditavam na máxima: “um tanque se faz em dez minutos, para um homem, necessitamos de vinte anos”.

O material bélico era colocado à nossa disposição sem restrição, com muita fartura de munição.

E quando pediam dez ou vinte tiros numa determinada cota, perguntávamos logo:

– É para deter aproximação?

– É para bater?

– É para apoiar retraimento?

Após o primeiro tiro mapeava-se a área.

O pessoal do PC dizia:

– Dá o primeiro tiro.

O observador localizava onde caía e informava ao PC, que depois ordenava:

– Recua tantos graus.

Ajustávamos a peça e atirávamos de novo. Eles informavam:

– Agora, tantos graus à direita.

Tratava-se de uma regulação: era importante fazer a regulação antes e depois de aferir, "amarrar" os tubos. Esse era nosso procedimento para realizar, eventualmente, tiro sobre o inimigo naquela área onde se regulara.

Daí era só pegar os dados daquele tiro e centrar naquele alvo.

E passar todos os dados para a planilha que possuíamos. Assim se procedia de forma correta, para evitar um arrebentamento errado sobre tropa amiga, da Companhia que ficava muito perto, pois o apoio do morteiro é bem próximo.

Aconteciam alguns incidentes de tiro que tínhamos a obrigação de sanar e, na frente dos soldados, não podíamos deixar para depois.

Uma vez uma granada foi colocada no tubo e, após acionada, não saiu, só a fumaça. Fiquei numa situação crítica, tenso, esperando. Só havia duas alternativas: ficar lá dentro ou sair. Se saísse com pouca força poderia explodir na nossa frente, o que seria um problema muito mais grave, muito sério. O que fiz? Tive que extraí-la, desmontar o tubo todo, virá-lo ao contrário, colocar a mão em concha e dizer para o soldado ir inclinando o tubo, aos poucos, para eu segurar a granada sem deixá-la cair no chão.

Lembro-me disso e não foi brincadeira, uma situação muito desagradável, muito tensa, mas, felizmente, consegui pegar a granada. Outra vez, em um tiro, o soldado errou a carga e o projétil caiu perto, mas não explodiu, veja só que sorte. Havia granada para todos os lados, prontas para serem colocadas no morteiro. Resultado, tive de procurar aquela granada, já existia neve, chamei a turma da Engenharia para ajudar e eles me disseram:

– Não se meta onde você não entende, fique na sua posição, deixe que nós vamos procurar.

Beleza! Formidável! Os rapazes chegaram, fizeram um trabalho perfeito e recolheram a granada, felizmente tinha sido só isso, na época do frio, as cargas se soltaram e, por sorte, ela não explodiu, pois na ogiva fica a espoleta.

Na verdade, para que a espoleta se arme, a granada, na trajetória, deve adquirir determinada velocidade, para, em seguida, explodir com o impacto.

Houve ainda um caso muito triste em que um soldado errou a colocação da granada e esta explodiu com o morteiro provocando a detonação de várias granadas que estavam por perto, resultando na morte de alguns soldados e ferimentos em outros. Foi uma coisa terrível. O fato foi difundido para o conhecimento de todos, sem omitir coisa alguma aos homens; é preciso tomar conhecimento de tudo o que se passa para evitar que se repita o erro no futuro.

Um incidente de tiro, com uma arma coletiva tipo morteiro, sempre preocupa mais do que com uma arma individual tipo fuzil porque, se houver explosão, é algo muito grave e pode ceifar várias vidas.

Mas, de um modo geral, houve poucos incidentes na peça que eu comandava, só três e mais nada, sem conseqüências graves.

E olha que demos milhares de tiros, cerca de cem ou duzentos por missão, às vezes.

Passamos oito meses em combate e aquilo era uma constante, com raras exceções, como as fases em que ficávamos um ou dois dias mudando de posição ou fazendo limpeza do armamento.

Não precisamos trocar os tubos dos morteiros, apesar da grande utilização dos mesmos.

Na minha peça, quando notava que estava esquentando o tubo, pedia para meu companheiro:

– Começa você!

Ele então dava os tiros que eu havia preparado; chefiava a 6ª Peça e meu colega a 5ª Peça; estávamos próximos. Era uma doutrina já estabelecida pelo Comando:

– Um morteiro não pode ficar isolado, porque na hora em que esquentar não há tubo sobressalente para trocar.

Em determinadas situações é possível levar dois ou três tubos. É só pegar na retaguarda e trazer, mas no combate nem pensar, não existe essa disponibilidade. Então, como proceder? Pedia-se auxílio ao colega, passando-lhe a missão:

– Dê tantos tiros em tal cota, assim, assim, assim...

Nesse ínterim, o nosso esfriava e quando estava em condições colocávamos uma espécie de bucha, limpando e soltando um pouco de óleo para lubrificar; começávamos tudo de novo, pois é sabido que o morteiro aquecido se dilata e o mínimo que pode acontecer é a pontaria ficar prejudicada.

Esse era o maior problema, principalmente para quem se encontrava na linha de frente, aquele que está mais avançado, digamos a uns cem ou duzentos metros. Na frente de combate, o alemão estava a trezentos ou quatrocentos metros, nós aqui e eles lá, quase olhando um para a cara do outro.

Só que eles dominavam uma posição privilegiada, porque se encontravam na cota mais elevada; assim mesmo, sabíamos compensar bem.

Havia as patrulhas de contato, as de assalto, e de busca de prisioneiros, e mesmo no inverno a turma já estava mais adestrada, bem mais experiente e calejada.

Não participei de patrulhas, combati o tempo todo com o morteiro.

Ficávamos sempre junto dos fuzileiros, mas nunca fomos porque estes estavam habituados a realizar essa tarefa.

As patrulhas saíam constantemente, embora com dificuldade pois o inimigo começava a metralhar só para indicar que estava muito bem abrigado e em situação privilegiada. Toda vez que saía uma patrulha da 9ª Companhia do Regimento Sampaio, já sabíamos que deveríamos ficar alertas e de prontidão. Caso o inimigo se aproximasse tínhamos de atirar, a partir de um determinado limite, a fim de dar cobertura ao Pelotão no retorno às nossas linhas.

Sobre os soldados estrangeiros, tenho uma opinião muito pessoal: existem dois grandes combatentes, o alemão e o inglês. Explico: quando necessitávamos de um tiro de tanque, em apoio direto, em determinada situação, os tanques americanos podiam fazê-lo, seja de metralhadora .30 ou .50. Davam cobertura, mas só nos atendiam depois de passar por todos os canais de comando. A solicitação tinha que seguir a burocracia, até chegar ao Comando do IV Corpo de Exército; a requisição de tanques para tal local, tal cota etc... E explicar o porquê! Certamente, em duas horas, os americanos iriam lá, atirariam, mas depois dariam as costas, manobrariam o tanque e nos deixariam com os tiros de contrabateria dos alemães.

Agiam assim, geralmente.

Nós nunca tivemos esse problema com os ingleses, quando solicitávamos apoio ao VIII Exército inglês, mandavam os tanques, atiravam e ficavam lá, até serem dispensados.

Os soldados brasileiros, nas diversas frentes de combate, inicialmente estavam inseguros, quanto a isso não há dúvida, mas, com o decorrer do tempo, em três semanas, quatro semanas, um mês já estavam aptos a enfrentar qualquer adversidade.

Sabiam perfeitamente o que estavam fazendo, utilizar com perfeição as armas que foram colocadas à sua disposição, realizar o remuniciamento e como proceder no caso de um ataque inimigo, tanto de dia quanto à noite, mesmo na neve, nas situações mais diversas. Isso foi mais do que demonstrado e consta de relatos dos comandos que narram com minúcias o desempenho dos homens em situações difíceis, os procedimentos do soldado, e a maneira como ele se "safava" com expedientes próprios, de fortuna.

Suportamos temperaturas de 20° abaixo de zero. Vínhamos de um País tropical; os soldados do Sul do Brasil estavam mais habituados a temperaturas baixas, mas os demais como do Nordeste, certamente não; de qualquer forma, os pracinhas, gaúchos, nordestinos, paranaenses, catarinenses, goianos etc..., suportaram todas as agruras do inverno.

Quando notávamos que os pés ficavam gelados tirávamos os calçados colocávamos feno, ou se em alguma aldeia daquelas encontrávamos jornal velho, nós o utilizávamos, púnhamos os pés dentro das botas, fechávamos tudo e íamos enfrentar a neve.

E mais duas meias grossas, os pés diretamente nos galochões. Com isso se evitou muito pé-de-trincheira.

A 10ª Divisão de Montanha, tropa de elite dos Estados Unidos, treinara dois anos nas montanhas do Alasca, antes de ser transportada para a Itália, a fim de lutar nos Apeninos. Faço, então, a minha comparação:

– Vim do Norte do Brasil, meus colegas do Sul, do sudeste e do Centro-Oeste, sem preparação de dois anos em montanha e ficamos em igualdade de condições com eles.

Quando recebíamos fogos de contrabateria (contramorteiro), não podíamos mudar de posição; os nossos companheiros que se encontravam a nossa frente, a trezentos metros do inimigo e a cem metros de nós. Se trocássemos de local, teríamos problemas, pois todos os tiros estavam aferidos para situações predeterminadas em apoio a cada Pelotão da Companhia. Por isso, suportávamos o bombardeio, protegendo-nos nos abrigos.

Era a única solução viável quando não era possível atirar, não podíamos de maneira alguma abandonar os nossos companheiros, pelo fato de estar havendo um bombardeio. Bombardeio era comum no combate, tínhamos que enfrentá-lo, dando apoio aos homens que confiavam em nossos tiros para sobreviverem.

Vi um companheiro ser ferido e morrer depois, um soldado da minha peça. Os alemães empregavam, com o canhão 88mm, a granada *shrapnel* que explodia no ar, antes de atingir o chão. Sua ação provocava o maior medo; podíamos estar abrigados, com madeira e pedra na cobertura, com o pensamento otimista de que uma granada não caísse em cima, e sim ao lado, sem nos atingir, mas os estilhaços da *Shrapnel* vinham de cima e, por isso, eram tão perigosas.

Quando começavam a atirar, pelo ruído da granada, já sabíamos de que material se tratava: 88mm, canhão de grosso calibre, ou de pequeno calibre, de onde estava vindo, se era morteiro, obus etc.

Com o tempo, o infante vai-se habituando a tudo o que é possível para garantir a sua integridade física e isso é importante.

– Deixa, aquela vai cair longe.

Não dava outra.

– Essa daqui vai cair perto.

– Essa outra vai cair à sudeste.

E assim por diante, quando o barulho é mais forte, a granada cai perto e a turma corria para as posições, a fim de se prevenir de um impacto mais grave.

As patrulhas inimigas nunca atingiram as nossas posições, pois teriam que passar antes pelos fuzileiros que se encontravam a cem metros a nossa frente.

O absurdo de tudo é que quando se fala no inimigo lá e nós aqui, a distância real era de quatrocentos a quinhentos metros. Durante o dia a Unidade de Guerra Química do V Exército fazia cortina de fumaça, para que as nossas posições não fossem localizadas pelos alemães.

Mas aí o que é que fazíamos?

Durante o dia o avião de reconhecimento, um tipo teco-teco, para regulagem de tiro de artilharia, ficava sobrevoando a frente de combate, localizando pelas coordenadas posições de Artilharia, de morteiros e metralhadoras do inimigo. Esses aviões pertenciam à Esquadrilha de Ligação e Observação – ELO. Aqueles homens tinham muita coragem, pois todo "santo dia" estavam lá em cima. Bastava clarear um pouco e, apesar da cortina de fumaça, iam transmitindo as informações codificadas para a Artilharia. Para mim, eles eram tão úteis quanto os PO. Destes você observa parte da linha de frente, mas de cima a visão é bem maior.

Com o mapa na mão, um Oficial Observador aéreo indicava os possíveis alvos a serem batidos e logo solicitava:

– Observe a cota número tal, assim, assim, assim, disparar uns tiros de inquietação nessa área.

Munição tínhamos de sobra. Sem restrição.

Nos Apeninos, os italianos trabalhavam mais em colheita de frutas e criação de animais como gado bovino, caprino etc... Produziam queijos e manteiga e residiam nesse local.

A maioria de suas casas eram feitas de blocos de pedras com argamassa, construções sólidas por causa do inverno. Quando estávamos nos Apeninos e íamos ocupar determinada posição, normalmente encontrávamos casas de italianos na região e, coitados, não tinham outra alternativa a não ser permanecer por lá. Conversávamos com as famílias e perguntávamos por que se mantinham ali, não iam embora. Eles explicavam:

– Para onde? Aqui sei que tenho onde dormir, mesmo que caia bomba toda hora, dos alemães ou dos aliados... é esquisito, mas aqui é o meu ponto de apoio, é

da minha família, é aqui que eu guardo, no porão, os meus queijos, o meu feno, as minhas frutas, os meus salames etc... para as necessidades de consumo do inverno, então nós não temos outra alternativa, senão, ficar aqui.

O que fazíamos era ajudá-los com as rações que recebíamos, e distribuíamos conforme a família. Quando havia crianças, dávamos chocolate, repartíamos tudo. Nós, brasileiros, éramos generosos, não podíamos ver um garoto daqueles nos fitar com os olhos esbugalhados. Ficávamos e distribuíamos o que tínhamos .

Em todas as regiões pelas quais passamos, as casas nos serviram de abrigo porque, muitas vezes, não havia sequer um lugar ou um abrigo individual seguro. A neve era terrível e não tínhamos onde dormir. Então, íamos para a casa do italiano, abrigados no celeiro, no feno quentinho e nos revezávamos nas posições, quer dizer, houve um entrosamento muito grande entre italianos e brasileiros, latinos que somos.

Além disso, boa parte da tropa brasileira, sobretudo os que foram de São Paulo, eram descendentes de italianos.

Foi fácil, em pouco tempo já entendíamos o que os italianos falavam, parecia que estávamos em casa, uma coisa impressionante. Eles ficavam felizes com isso. Os alemães, quando se afastavam de uma determinada posição, diziam para os italianos tomarem cuidado porque, entre os brasileiros, havia negros que gostavam de comer criança. Só inventavam mentiras.

Até que provássemos que era tudo mentira, não foi fácil, mas depois de uns dois meses não havia mais problema, pois já tinham confiança em nós, sabiam que ninguém iria molestar as moças.

O meu Comandante do Pelotão de Morteiros casou-se com uma italiana. Hoje é o Major Glauco, engenheiro. Quando começou a namorar a moça, o Comando não queria que se casasse, mas ele insistiu, veio para o Brasil, e depois retornou à Itália, a fim de contrair matrimônio e ainda trouxe a jovem para o Brasil. Teve quatro filhos.

No dia 8 de maio de 1945, os oficiais vieram nos comunicar que o Comando tinha expedido um documento informando que os aliados tinham sido vitoriosos e a guerra acabara. Os alemães haviam deposto as armas. Ficamos eufóricos.

Começaram a aparecer os fascistas fazendo tocaias. Só podíamos sair do acantonamento, três ou quatro homens, todos armados de metralhadoras de mão, porque a dificuldade de identificação era muito grande. Eles faziam tocaias nos milharais, nos bosques, esperando que alguém passasse para atirar, mesmo contra a tropa brasileira.

Não tinham admitido a derrota, mesmo com a morte de Mussolini e da Clara Pettacci em Milão, por onde passamos e assistimos a cena. Sabiam, mas colocavam na cabeça dos outros italianos que era mentira forjada pelas tropas americanas, que o

Mussolini estava vivo, esperava só a reação deles e ajuda para poder sublevar novamente o país e botar para fora os americanos, brasileiros e todas as outras tropas aliadas.

Depois do término da guerra e antes de voltar ao Brasil, ficamos em Piacenza. Lá tivemos de permanecer mais ou menos dez ou quinze dias. Pegávamos o jipe, pois tínhamos condições de encher o tanque de gasolina em qualquer posto do V Exército americano e, com o mapa, partíamos em busca das cidades; foi quando conhecemos Milão, Florença e outras cidades.

Fizemos essa peregrinação até chegar o dia de voltar a Pisa e aguardar a vez do embarque para o Brasil.

Depois da guerra, retornei à Itália uma vez, com minha esposa e há uns seis ou oito anos atrás, fui com uma turma de ex-combatentes. Circulamos pelos Apeninos e visitamos Monte Castelo, Abetaia e todas aquelas montanhas.

Está tudo muito diferente, Montese, por exemplo, naquela época, estava toda destruída e agora não a reconhecemos, muito linda, tudo florido, sem vestígios do conflito e da luta. O Monte Castelo também tão cheio de flores, que não se sabe mais nem onde se esteve, não há marcas de guerra, a não ser que se encontrem, por acaso, restos de alguma casamata alemã.

Não dá nem para acreditar que ali foi alvo de tanto bombardeio e do derramamento de sangue dos dois lados.

O que mais me impressionou, na experiência de vida, com a Força Expedicionária Brasileira, foi o espírito de equipe.

Havia muita união entre os combatentes, sobretudo da tropa com os tenentes. De Capitão para cima o contato era menor.

A partir da hora em que houve um congraçamento maior entre a "tropa" brasileira e americana vimos o Tenente, o Capitão, o Major e o Coronel na frente de combate. Foi quando mudou um pouco aquela estrutura; até então a turma reclamava da presença do Comando da Companhia:

– O meu Comandante não aparece por aqui. Ele é quem deveria estar aqui para ver a nossa situação, se é boa ou se é ruim, porque ele tem que ver para fazer a sua avaliação. Como é que ele vai dar uma avaliação correta de uma coisa que não viu?

Isso é um ponto muito importante, mas a partir daí o próprio Exército Brasileiro mudou muito, cresceu essa união, a aproximação entre a oficialidade e os comandados, como acontece nos dias de hoje.

Para terminar, quero deixar bem claro que dessa integração entre a oficialidade e os soldados, resulta um melhor Exército e, quem sabe, no futuro, quando houver a necessidade, o País encontrará uma tropa mais aguerrida e mais disposta a dar tudo o que puder em seu benefício.

Walter Reina*

Paulista da Cidade de Tremembé, no Vale do Paraíba, tem 75 anos de idade. Casado há 52 anos, possui um filho e quatro netos.

Fez a guerra como cabo de Infantaria, integrou o Depósito da FEB que permaneceu em Staffoli, na Itália.

Foi condecorado com a Medalha de Campanha.

* Monitor (auxiliar de instrução) do Depósito de Pessoal, entrevistado em 22 de julho de 2000.

Inicialmente, me apresentei ao 5º Regimento de Infantaria como voluntário. Servi em Lorena, Pindamonhangaba, estive dois anos no litoral, entre Ubatuba, Caraguatatuba e São Sebastião e depois fui designado para o Depósito de Pessoal da FEB, com o qual segui para Europa. Chegando à Itália, de Nápoles fomos estacionar em Staffoli, com o Depósito, onde atuei como instrutor; lá preparávamos o pessoal que se destinava à linha de frente. Desenvolvemos todo o período de instrução, adaptação ao terreno, habilitação ao uso do armamento americano, porque o nosso era diferente; trabalhamos com morteiro, bazuca, máscara contra gás, minas e outros tipos de armas e equipamentos.

Realizamos também o treinamento para uso da baioneta no combate corpo a corpo (guarda, estocada e grito – RAA!); salto, novo grito e golpe (até hoje me lembro daquela instrução); nos animava e excitava. Era a esgrima a baioneta.

No acampamento, as instruções eram todas feitas com munição real. Começava de manhã e ia até às 9 horas da noite, diariamente. A única folga, quando tínhamos um pouco de sossego, era no sábado, quando visitávamos um vilarejo que havia lá perto. Podíamos vaguear um pouco e tomar um vinhozinho e depois voltávamos. Não havia essa manha de ficar zanzando para lá e para cá não, era no regulamento; qualquer deslize, já ficava preso, porque seguíamos as instruções do Comando americano, bem duras, não era brincadeira. O povo italiano se sentia oprimido, por vir sofrendo os efeitos da ocupação alemã, por isso por uma falta que afetasse qualquer cidadão éramos enquadrados.

Nos treinamentos, praticávamos marcha progressiva, de oito, doze quilômetros etc.

O efetivo aproximado do Depósito era de cinco mil homens. O nosso Comandante era o Coronel, mais tarde General, Travassos, o meu superior, Coronel Raul Oliveira Rolim e o meu Tenente se chamava Jorge. Nos dávamos bem com todo o pessoal e lá se encontravam soldados de todas as partes do Brasil: gaúchos, mineiros, pernambucanos, sergipanos e outros.

Para que todos bem entendam, inclusive os jovens militares brasileiros que estudam a organização de guerra do Exército, o que chamávamos, na época, de Depósito da FEB, hoje é representado pelas Companhias de Recompletamento, integrantes dos Corpos de Exércitos; o nome bem diz a que serve. Os Batalhões, as Unidades da frente de combate que tivessem baixas, ferimento ou morte, recebiam as substituições provenientes do Depósito.

Aquela tropa encontrava-se preparada para ser utilizada a qualquer momento e nas mais variadas situações, porque recebia todas as instruções necessárias, estava apta para entrar em combate.

Considerava-se muito importante que aqueles homens, enquanto aguardavam o momento de serem levados para a frente de combate, não ficassem ociosos

(porque sabemos o inconveniente de manter o soldado parado: dá alteração). Dessa forma, recebiam instrução o tempo todo, não só para estarem ativos como também treinados para emprego imediato. Na verdade, as táticas de combate empregadas e a região de operação eram estranhas aos pracinhas brasileiros.

A adaptação ao terreno foi difícil, mas o que maltratou muito o combatente foi o frio, a neve caindo todo dia; enquanto nevava não fazia tanto frio, porém quando parava de cair, o frio aumentava bastante.

O local do Depósito era afastado da frente, sobretudo para não ficar exposto aos tiros de Artilharia do inimigo.

Os alemães, que já mostravam o apoio logístico precário, possuíam mínima capacidade de ataque aéreo; sequer sofremos esse tipo de bombardeio.

Retornando à viagem para a Europa, viajamos em um navio de transporte de tropas, com mais de cinco mil homens. Eram servidas duas refeições por dia. Quando passava o primeiro pela linha de servir, dava a volta no navio e chegava de novo ao local onde tinha recebido o almoço, já era a hora do jantar.

Outra coisa, o navio não tinha condições de fornecer água potável à vontade para o pessoal todo, não se podia encher cantil ou coisa assim. Só se podia beber água no bebedouro e o banho tomado com água salgada: foram dezoito dias de higiene com água do mar, deu-me coceira no pescoço e debaixo do braço, na axila.

Não podíamos tirar o equipamento, dormia-se dessa maneira; durante o dia havia instrução de abandonar o navio, tocava o alarme e todos se deslocavam para os locais previamente determinados, com os coletes salva-vidas. Um dia, me encontrava no tombadilho do navio e chegou um baiano chamado Bartolomeu que fumava um cachimbo "desgraçado", daquele fuminho de Arapiraca, não sei onde ele o conseguiu. Estava sentado, ele chegou e disse:

– Ô, seu cabo.

Respondi:

– O que é, Bartolomeu?

Ele continuou:

– A gente não toma leite todo dia?

Concordei:

– Sim, tomamos.

E ele:

– E onde é que tem tanta vaca aqui que eu ainda não vi?

Não lhe expliquei que jamais tinha visto leite e ovos em pó que nos eram servidos. No desjejum, aquelas omeletes com bacon já vinham preparadas nos pacotes, o açúcar que nos serviam era em tablete.

O meu compartimento no navio situava-se três andares abaixo do nível da água e era extremamente quente.

Mas nessa viagem, poucos enjoaram, o pior mesmo foi nas barcaças.

Em Nápoles desembarcamos com cerração. Deu-me um nó na garganta, uma angústia observar aqueles navios todos adernados, porque grande parte da esquadra italiana foi a pique na Baía de Nápoles. Aí pensei:

– O que foi que vim fazer nessa terra?

Era um garoto ainda, tinha apenas 19 anos.

A gente jogava uma ponta de cigarro e os italianos corriam para pegá-la, tal a situação de desespero daquele povo.

Após desembarcarmos, foi servida uma ração farta e depois ocupamos as lanchas que começaram a navegar dentro da Baía de Nápoles até escurecer; por toda a baía havia balões que protegiam o porto contra ataque aéreo.

Quando escureceu, as lanchas saíram, uma atrás da outra; tinham sido pintadas recentemente com zarcão e exalavam aquele cheiro desagradável. Possuíam três linhas de beliches, a sorte é que não havia ninguém armado, porque o de cima vomitava no segundo e esse, por sua vez, no mais de baixo; existia um latão de cem litros para o pessoal vomitar.

Eu exclamava:

– Minha Nossa Senhora da Aparecida!

Chegou a minha vez de ir lá e faltavam uns quatro dedos para encher o latão.

Sei que foi muito sofrida essa parte da viagem, foram 36 horas de mal-estar naquelas barcaças, onde ninguém conseguiu comer nada.

Quando chegamos a Livorno, desembarcamos, entramos em forma e comandaram “cobrir”; quando disseram: “firme” e olhamos em torno, era um caído para cá e outro para lá, não havia ninguém na posição correta. O resto da viagem foi de caminhão, não me lembro se foram 12 ou 18 horas de Livorno até Staffoli.

Da minha família, fomos três à guerra: eu como cabo, meu irmão e meu cunhado, sargentos. O meu cunhado, depois que voltou, formou-se em dentista, em médico e em professor de Educação Física. Ele não está mais entre nós, morreu atropelado em Cantagalo, no Estado do Rio de Janeiro, e deixou oito filhos.

Meu irmão não foi ferido na guerra. Depois trabalhou muito tempo na Associação dos Ex-Combatentes. Foi reformado, pois teve problema nos tímpanos.

Em Staffoli, acampamos em barracas mesmo, nas quais cabiam dez homens: um sargento, dois cabos e sete soldados.

Sempre tive jeito para desenho, um dia fomos a Pisa e perguntei:

– Quem sabe falar italiano aí?

Um mineirinho respondeu:

– Seu cabo, eu sei falar italiano.

Perguntei:

– Você pode nos acompanhar até Pisa?

Ele foi conosco. Quando chegamos à cidade, vi escrita numa parede a seguinte frase, *"Vendici burro";* e perguntei:

– O que quer dizer aquela frase ali?

Ele respondeu:

– Olhe, seu cabo, esses italianos estão todos morrendo de fome. Então eles matam os burros velhos da prefeitura e vendem para os outros compatriotas.

Mais tarde, aprendendo o idioma, vi que não era nada daquilo que ele falara e que burro em italiano quer dizer manteiga. Observei umas barraquinhas onde estava escrito *"Tiene sale e tabaco"* e aí compreendi que sal, no tempo da guerra, era vendido por gramas e tabaco em pedacinhos. Eram produtos muito escassos. Constatei que o mineirinho não sabia nada de italiano, o "desgraçado" tinha me tapeado, mas não perdia a pose. Fomos visitar a Torre de Pisa e depois o batistério que é muito bonito.

A cidade ficou quase que inteiramente destruída, menos a igreja, o batistério e a torre. Realmente havia muitos prédios bombardeados, mas, dentro do possível, preservaram o patrimônio histórico. Após o término da guerra, fui visitar Roma, que era cidade aberta, e não foi bombardeada. Visitei também o Vaticano, um Estado independente dentro do território italiano.

Fui visitar o Papa: não havia elevador, porque não existia eletricidade, era preciso subir a pé. Quando o Papa Pio XII chegou, falou em português claro e disse o seguinte:

– Soldado brasileiro que conserva as tradições da Igreja Católica, o Papa vos abençoa.

Lembro até hoje e nos deram a bênção do Papa por escrito.

Não cheguei a ir à linha de frente, porque não deixaram. Cada um tinha sua área de atuação e não podia passar dali, mas muita gente fugia do Depósito, ia se apresentar lá na frente e depois voltava preso. Achavam que no Depósito a vida era sacrificada, como um trabalho forçado. Pensavam que seria vantagem ir à frente, mas acabavam presos.

Todas as barracas americanas tinham aquecedor e as nossas, não. Um sargento comentou comigo:

– Cabo, vamos fazer um aquecedor que nem aqueles dos americanos?

Respondi:

– O senhor é quem sabe, sargento.

Ele chamou um soldado e ordenou:

– Soldado, vai à cozinha, pega uma lata de banha e quatro latas de carne, daquelas de 50cm.

Era uma lata comprida, que vinha com carne prensada dentro. Eles tiraram o fundo das latas e fizeram a chaminé; o sargento mandou que dois soldados pegassem uns sacos para catar castanhas. Quando trouxeram as castanhas, ele colocou fogo. Foi uma beleza! Todo mundo dormiu aquecido ali dentro. Quando estava terminando o fogo, chamou um companheiro gaúcho e disse:

– Fulano, abasteça o fogo aí.

Quando o soldado levantou a tampa, aquele negócio estava tão quente que queimou as sobrancelhas e enrolou o bigode, de tanto calor. Quando foi de madrugada, um soldado levantou, saiu para urinar e quando chegou lá fora olhou e chamou:

– Sargento!

– O que é?

– Venha aqui para o senhor ver uma coisa.

O sargento foi lá fora e todas as barracas estavam cobertas de neve, só a nossa não. A barraca, que era verde-oliva, tinha ficado amarela e aí ele falou:

– Sumam com o aquecedor e joguem água para resfriar a barraca.

A gente jogava água, que escorria porque a barraca estava aquecida, e quando foi de manhã o Capitão chamou o sargento e perguntou:

– O que aconteceu com essa barraca?

– É que essa barraca é nacional e já desbotou.

– Não, vocês vão pagar a barraca, porque colocaram fogo dentro dela.

E pagamos a barraca que mudara de cor.

Só não pegou fogo porque a neve caía em cima e resfriava, mas isso era coisa de soldado, inventar um negócio desses, típico da criatividade do brasileiro.

Eu gostava de desenhar. Quando fui a Pisa comprei uma fotografia de Nossa Senhora do Menino Jesus, em italiano Nuostra Signora del Bambino Jesu. Arranjei um papelão grande, uma caixa de lápis de cor e desenhei a Nossa Senhora. Um soldado do Pará, muito católico, me disse:

– Seu Cabo, o senhor quer trocar?

E eu perguntei:

– Quer trocar o quê?

(Ele não falava vender, falava trocar); queria comprar a santa e eu indaguei:

– Quanto você dá pela santa?

Ele acertou:

– Tanto.

Nem me lembro quanto foi, mas topei:

– Então a santa é sua.

Com aquele dinheiro, tomamos vinho. E ele ainda pediu ao capelão para benzer a Santa. Toda noite quando ia dormir perguntava:

– Seu cabo, o senhor quer que eu reze para o senhor?

E eu falava:

– Pode rezar.

Um dia, ele foi para a frente de combate e desapareceu, uns falam que morreu, mas ninguém sabe realmente o que lhe aconteceu.

Com as latas de cerveja vazias, os soldados faziam enfeites para colocar na frente de suas barracas, outros colocavam nomes nas ruas, havia “Avenida Copacabana”, todas tinham nome.

Só na FEB havia 126 José Pereira da Silva e João Batista, nem sei quantos.

Para recompletar o efetivo na frente, eram selecionados aqueles que estavam aptos, que já tinham recebido todas as instruções, e possuíam conhecimento do armamento, das técnicas de progressão no terreno, porque, no treinamento, o homem tinha que rastejar por baixo de arame farpado, com a metralhadora atirando por cima. Então, os que estavam aptos, adaptados ao terreno, ao clima, a gente reunia o número necessário, punha no caminhão e mandava embora.

E não adiantava apresentar-se voluntário, tinha que ser escalado mesmo, precisava estar habilitado para combater. Quem indicava era o Capitão, este consultava o Tenente e os sargentos, para confirmar se o homem estava em condições. Saía indagando:

– Tenente, este homem está preparado?

– Está, Capitão.

– Sargento, como é que está este homem?

– Está em ordem, Capitão.

– Cabo, este soldado é bom fuzileiro?

– É sim, Capitão.

– E granadeiro, ele é?

– É também.

– Então subam todos.

E iam para a frente e nós pedíamos a Deus que os acompanhasse.

Havia um menino do Ceará, que aumentou a idade para poder ir à guerra, mas descobriram e foi recambiado para o Depósito, ficando como bagageiro do Coronel. Ele não tinha nem 20 anos.

O nosso relacionamento com a população local, com os italianos, era ótimo. Eles nos respeitavam e nós a eles, também. Era um povo que estava oprimido, o seu

país ocupado. Com a mesma religião, íamos juntos à missa, eles cantavam os hinos sacros em italiano e nós em português.

As italianas iam ao Depósito para pegar as nossas roupas e lavar; se um soldado deixasse de pagar seria preso. O regulamento era duro e bebida alcóolica só entrava se fosse escondida.

Havia vinho e grapa; saía até fumaça dos ouvidos quando a gente bebia desta última. A grapa é a pinga italiana, feita de bagaço de uva.

Não existiam vinhos bons naquela região, só no Vale do Pó.

Mesmo quando a FEB avançou, rompeu a Linha Gótica e investiu sobre o Vale do Pó, o Depósito continuou em Staffoli. Não saiu dali, continuou o tempo todo no mesmo lugar, e, após o término da guerra, fomos para Francolise montar o destacamento de embarque para o retorno ao Brasil. Nesse local víamos plantações de linho, de uvas e de figo e no centro havia umas valas; diziam que elas provocavam a maleita. Passavam ali, então, com um aparelho para matar os mosquitos que causavam a doença, porque as barracas do nosso acampamento ficavam perto.

Depois que o pessoal embarcou de retorno, em reconhecimento ao nosso trabalho e dedicação (até porque a nossa tropa era considerada de elite), a convite do governo português, fomos desfilar em Lisboa.

Conhecemos a cidade e o Primeiro-Ministro Salazar.

Recebemos 30,00 escudos para gastar em Portugal, mas eles nos trataram tão bem que nem conseguimos gastar um centavo; se chegássemos a um lugar e pedíamos um cafezinho, quando íamos pagar, os portugueses diziam:

– *Deixe estar, deixe estar, não precisa pagar, brasileirito.*

Havia uma feira, tipo feira de exposição, onde nos davam comida e não recebiam o nosso dinheiro. Alguns portugueses iam-nos buscar no navio para almoçar ou jantar com eles em suas casas. Saboreávamos caldo verde, sardinha na brasa, bacalhau.

Havia umas escurinhas, das colônias portuguesas, que nos chamavam e colocavam colares nos nossos pescoços; o mineirinho que disse saber falar italiano comentou:

– *Eu conheço essa negra aí.*

Aí eu perguntei:

– *Conhece de onde?*

– *É da Lapa.*

– *Que Lapa que nada, elas são da colônia portuguesa!*

Ele dizia que conhecia tudo.

Os portugueses nos trataram muito bem, se vissem um esparadrapo no braço de um brasileiro perguntavam se o ferimento tinha sido causado pelos alemães.

Deram uma medalha para os brasileiros e, quando viram a Banda da FEB desfilar, todos aplaudiram. Realmente foi muito bonito!

Recebi várias condecorações, das quais me orgulho, tais como: a Medalha de Campanha, que ganhei por ter participado da Segunda Guerra; a Medalha dos Cinqüenta Anos de Término da Guerra, a Medalha do Expedicionário e a Medalha da Democracia. (Vale lembrar que em última instância, a FEB estava combatendo pela democracia, contra os extremismos nazi-fascistas.) A medalha que me foi ofertada pela Escola de Cadetes de Campinas e o distintivo pelo qual fui nomeado escoteiro, em São Bernardo.

Transcrevo aqui o ultimato que o Coronel Nelson de Melo mandou para os alemães e dentro de duas horas eles se renderam. Esse ultimato é uma obra-prima em matéria de documento militar, solicitando ao inimigo que se entregasse; tanto o é que deu certo. A 148ª Divisão alemã, mais o resto de uma Divisão Panzer e os remanescentes de uma Divisão italiana se renderam, num total de quinze a vinte mil homens, a cerca de três mil brasileiros. Os dizeres eram os seguintes:

"AO CMT DA TROPA SITIADA NA REGIÃO DE FORNOVO"

"Para poupar sacrifícios inúteis de vida, intimo-vos a render-vos incondicionalmente ao comando das tropas regulares do Exército Brasileiro que estão prontas para vos atacar.

Estais completamente cercados e impossibilitados de qualquer retirada.

Quem vos intima é o comando da vanguarda da Divisão brasileira que vos cerca.

Aguardo dentro do prazo de duas horas a resposta do presente ultimátum.

Assinado: Coronel Nelson de Melo."

O Coronel Nelson de Melo era o Comandante do 6º RI, tropa vanguarda da FEB que cercou os inimigos em Fornovo, dando praticamente fim à guerra e até abreviando o final do conflito como um todo naquele Teatro de Operações.

Um outro comentário:

Os restos mortais dos brasileiros mortos na Itália e que estavam enterrados em Pistóia foram trasladados para o Aterro da Glória, no Rio de Janeiro, em um monumento construído para esse fim. É o mausoléu dos heróis da Pátria, inclusive com o túmulo do soldado desconhecido.

Finalmente, servir ao Exército é ter amor à Pátria e à farda e saber que "obedecer é tão nobre quanto comandar".

Essa mensagem estava escrita na parede do nosso quartel e o meu Capitão dizia o seguinte:

– Qual é o dever do Soldado?

Respondíamos:

– Morrer pela Pátria.

Ele dizia:

– Não, está errado.

– Por que está errado, Capitão?

Ele ponderava:

– O dever do nosso soldado é fazer com que o inimigo morra pela pátria dele, porque soldado morto do lado de cá é prejuízo para a Nação.

Ele estava certo, sim, pois temos que, antes de morrer pela Pátria, liquidar com o inimigo, e amá-la sempre.

E precisa ser religioso também, crer em Deus, porque na hora do aperto é bom apelar para Ele.

Wilson Reis de Paula*

Mineiro da Cidade de Poços de Caldas, 80 anos, é casado desde 1948, tem um filho e um casal de netos.

Fez a guerra como 3º sargento, chefe da Seção de Metralhadoras .30, no III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria.

Por sua participação na Segunda Guerra Mundial foi condecorado com a Medalha de Campanha.

* Comandante de Seção de Metralhadora .30 da Companhia de Petrechos Pesados do III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria, entrevistado em 3 de agosto de 2000.

Como na época do alistamento morava em Itapetininga, São Paulo, com meus pais, apresentei-me onde havia uma organização militar do Exército.

Após a apresentação me deram um documento para entregar no cartório de paz, informando sobre minha dispensa do serviço militar e concessão do Certificado de Reservista de Segunda Categoria.

Passados mais ou menos oito dias, o cartório recebeu um Ofício do Comando da Unidade do Exército, da cidade, convocando-me novamente para o serviço militar. Apresentei-me no quartel da cidade, fiquei lá uns dois dias e depois vim para São Paulo. Passei no 4º RI, no Parque Dom Pedro, e depois tomei um trem e fui para Caçapava com outros convocados. Chegamos a Caçapava à noite e fui incorporado ao I Batalhão do 6º RI, como soldado; fiz o curso de cabo e posteriormente fui promovido.

Fiquei na Seção de Metralhadoras do I Batalhão do 6º RI e tomei parte nos exercícios programados, como todos os outros companheiros. Em Caçapava permaneci de 1941 até 1943, porque, após ter completado os nove meses do serviço militar obrigatório, as dispensas foram suspensas por seis meses, passados mais alguns dias, houve uma nova prorrogação por mais seis meses e, tempos depois, veio o adiamento por tempo indeterminado.

Ainda precisavam formar o III Batalhão do 6º RI, porque em tempo de guerra os Regimentos eram compostos de três Batalhões. Como eu escrevia à máquina e o sargenteante era muito meu amigo, ele pediu ao Coronel Silvino Castor da Nóbrega que me levasse como cabo datilógrafo; fomos para Lins, organizaram o III Batalhão do 6º RI, e, se não me engano, ficamos aquartelados numa granja de japoneses.

O meu Comandante era o Capitão Atélvio Barbosa de Lemos, o Comandante do Batalhão era o Coronel Silvino Castor da Nóbrega e o da Companhia, o Capitão Gama.

Na nossa despedida de Lins, os sargentos e outros companheiros fizeram um churrasco; nesse dia perdemos um sargento que se engasgou e morreu sufocado. O corpo dele ficou lá e a tropa veio embora para Pindamonhangaba, porque Caçapava não comportava os três Batalhões. Em Pindamonhangaba ficamos mais algum tempo e depois seguimos para o Rio de Janeiro.

No Rio de Janeiro participamos de instruções preparatórias para a guerra, completamente diferentes das situações que iríamos passar mais tarde; entretanto, tinha que ser daquele jeito mesmo, inclusive treinamentos para embarcar, desembarcar.

Se não me falha a memória, embarcamos no dia 30 de junho e partimos, sem saber para onde, de madrugada, no dia 2 de julho.

Tanto em Caçapava como no Rio, enquanto treinávamos ninguém podia sair, mas certa vez uma turma grande resolveu fazer uma “tocha”, como dizíamos. Nós

tínhamos namoradas em Pindamonhangaba, Caçapava e naquelas outras cidades do Vale do Paraíba. Saiu uma turma grande de soldados e fomos ver as meninas. Quando retornamos e chegamos a uma determinada estação, o Coronel Atratino Cortes Coutinho estava nos aguardando com uma escolta; colocou um soldado na porta de cada vagão e disse:

– Os senhores não podem sair do trem antes que chegue a Deodoro. Os senhores estão todos presos e ninguém pode descer em qualquer que seja a estação antes do destino.

Em Deodoro, desembarcamos, entramos todos em forma e marchamos até o quartel. A prisão foi só conversa, ninguém foi preso.

Bom, mais instruções, fizemos tudo o que tinha que ser feito e embarcamos. Se não erro, chegamos a Nápoles no dia 16 de julho.

Na travessia havia sempre os brincalhões. Quando chegamos próximos da linha imaginária do Equador, tenho pouca instrução, mas aprendi o que significava; os companheiros mais atrasados e que tinham pouca instrução, os que antes viviam da lavoura, diziam:

– Olha lá a linha do Equador!

– Você não está vendo nada?

– Você é cego?

– Olhe direito.

Eles pensavam que fosse uma linha física que pudesse ser vista.

A tradição da travessia da linha do Equador é normal em todas as marinhas do mundo. A nossa até hoje, na travessia da linha do Equador faz uma festa e aqueles que a estão cruzando pela primeira vez levam trote dos mais antigos.

Além disso, havia outras brincadeiras dentro do navio para passar o tempo, o pessoal dançava, tocava, jogava cartas.

Desembarcamos em Nápoles, sem ter muito contato com os italianos, porque tínhamos que seguir para outro destino, cada um com seu saco "A" nas costas. O saco "B" permanecia na retaguarda.

Depois disso, fomos de trem até próximo da cratera de um vulcão extinto. Os italianos diziam que, antigamente, os reis caçavam ali, era o parque de caça real. No local recebemos instruções, o armamento e, em seguida, seguimos para a frente de combate.

O nosso batismo de fogo aconteceu quando progredíamos, outra Companhia avançava à nossa esquerda; os alemães estavam lá em cima (na Itália, só combatíamos em terreno montanhoso) e começaram a atirar onde divisavam os soldados brasileiros.

Finalmente, o Tenente recebeu ordem para retrairmos e obedeceu. A outra Companhia, não posso afirmar se adotou o mesmo procedimento. O Samuel comandava a Seção de Metralhadoras dessa Companhia que estava à nossa esquerda.

Os italianos, mais tarde, reconheceram que não éramos alemães, pois a nossa tropa era uma mistura de raças, embora o fardamento fosse igual ao dos alemães. Passaram a nos acolher melhor. Faziam questão de vir bater um papo conosco e saber outras coisas.

Naquela ocasião, a miséria era muito grande, havia muita fome, a degradação era enorme na Itália. De qualquer forma nos tornamos amigos.

Nós, do 6º RI, participamos de combates e escaramuças, avançávamos conforme as determinações superiores; retraímos conforme a situação. O 1º e o 11º RI não tinham chegado à Itália ainda. Vinham no 2º escalão.

Depois dessa etapa vieram nos substituir, mas já tínhamos passado por diversas cidades, Camaiore, Barga, Lucca e ocupado outras vilas pequenas. Em todas as cidades que conquistamos, não houve recuo em nenhuma delas e nos combates que travamos, sempre fomos respeitados pelos alemães, porque se atacavam, nós contra-atacávamos. Houve retraimento em Monte Castelo, que não conseguimos conquistar nos primeiros ataques, voltamos à posição inicial e, é claro, os alemães continuaram lá.

Quem fez o primeiro ataque ao Monte Castelo foi o III do 6º RI; a Companhia que eu acompanhava não participou. Houve mais dois ou três ataques sem sucesso e nesse meio tempo chegaram o 1º e o 11º RI, que desembarcaram em Nápoles e foram transportados em barcaças até Livorno.

Depois disso, permanecemos muito tempo em Porreta Terme, onde perdemos um 2º argento que era um grande amigo meu. A turma de sargentos era boa mas nunca fui de sair muito, apenas com alguns companheiros, mas voltava logo.

Existia em Porreta Terme um Posto de Comando. Uma ponte de acesso sempre estava coberta de fumaça, para evitar que as tropas que por ali passassem fossem vistas pelos alemães e, principalmente, garantir a chegada de suprimentos para as tropas americanas que estavam avançadas, mais à direita. Ali havia também um velho presídio.

Até que numa tarde apareceu uma aeronave; nunca havíamos sido bombardeados pela aviação alemã, aquela foi a única que sobrevoou as nossas tropas, principalmente as brasileiras, porque havia americanas, inglesas e de outras nações também naquela área. Nessa tarde, o avião jogou uma bomba.

Três ou quatro sargentos, de folga, estavam bebendo grapa; um deles, muito bom, chamado Osmar Cortez Prado permanecia conosco após várias rodadas.

Ainda no nosso tempo em Caçapava, quando precisávamos dar uma saída ele sempre dizia:

– Podem ir sossegados que eu seguro a barra.

Quebrava o galho da gente.

E justamente quando ele se encontrava lá, o avião soltou a bomba sobre o presídio e derrubou uma parede que caiu por cima dele, matando-o.

Conforme a evolução da situação avançávamos, sempre em terreno montanhoso, até que atingimos uma planície. O 1º RI já havia tomado o Monte Castelo.

Quando chegamos a Montese, os alemães estavam muito bem entrincheirados e tinham um Posto de Observação na torre de uma igreja, de modo que, possuindo as coordenadas corretas do objetivo a atingir, o tiro cairia justamente onde queriam.

Chegamos a Montese pela estrada e recebemos ordem de descer do asfalto, cuja pista era mais alta e seguir pelo campo. Na minha frente iam uns quatro ou cinco soldados, entre eles um goiano que tinha vindo para substituir um companheiro ferido e mandado à retaguarda, para o hospital. Nesse momento, caiu uma granada. Como veio assobiando, ele se jogou no solo e caiu bem em cima de uma mina, que explodiu. Fui um dos que correram até lá, arrancamos a roupa do rapaz e o enfermeiro o levou para a retaguarda, não sei se morreu ou não, porque depois a gente não ficou sabendo. Episódios como esses marcam a gente.

Na chegada a Montese, depois que aconteceu o problema do soldado que se deitou em cima da mina, na entrada da cidade, o Tenente falou:

– Sargento Reis, fique com sua metralhadora naquele ponto.

Era uma casinha, onde havia um transformador de energia, uma casa de força pequena. Permanecemos ali.

Precisei fazer uma necessidade, então falei para os soldados:

– Não saiam daqui, porque vou fazer uma necessidade e já volto.

Encontrei uma casa abandonada, um sobradinho e subi a escada. O prédio estava descoberto, mas o piso de baixo estava firme. Achei que havia muita claridade, desci e decidi ir ao porão, mas quando entrei vi lá no fundinho um cobertor e fiquei receioso. Chamei os companheiros, emendamos uns pedaços de varas, com um farolete, peguei uma granada de mão e me coloquei em condições de tirar o pino, um soldado do lado, com a vara e outro com o fuzil.

Quando o homem encostou a vara e iluminei com o farolete, notei que havia quatro alemães dormindo. A tropa deles havia recuado, passados quatro dias e quatro noites, continuavam dormindo ali, cansados, estropiados. Joguei a granada, quando explodiu, saíram com as mãos na cabeça, dizendo:

– No caput!

– No caput!

Na rua, mandei encostarem na parede e revistei todos eles, estavam armados.

Prendemos os quatro, pois a granada não os feriu, já que a joguei num canto e não deu para atingi-los. Ia passando um jipe, sinalizei para que parassem, havia só o motorista e outro soldado. Ordenei que levassem os quatro para um campo de prisioneiros que existia ali perto e depois chamei o Tenente para relatar o que eu tinha feito. O Tenente quase manda me prender, dizendo:

– Já entregou os prisioneiros?

– A gente podia receber um elogio muito grande!

Aí eu falei:

– Ah, Tenente, do que vai adiantar elogio para nós?

– O senhor mesmo disse que vai sair, que quando voltar vai dar baixa.

E ficou por isso mesmo, foram os quatro alemães para o campo de prisioneiros.

Só tirei um canivete que estava no bolso de um deles, que, até hoje, guardo como recordação. Não voltei ao porão para ver o que havia lá, não tive a menor curiosidade e a gente tinha ordem, caso visse algum objeto que chamasse a atenção, se visse uma caneta, não pegar, porque poderia estar ligada a uma mina ou uma granada, se tocasse, explodiria.

Não tive qualquer curiosidade, até a minha dor de barriga desapareceu na hora.

Quando estávamos em Porreta Terme, o meu Comandante, o Tenente Camargo, ficava numa casa e nós nos abrigos; fizemos um buraco e nos mantivemos escondidos ali com a metralhadora em posição. Como era época de castanhas, Natal, estava muito frio e havia bastante neve. Pegamos uma lata de ração, porque nem sempre a gente recebia comida quente. Quando não dava, consumíamos a ração fria.

Então, eu e mais alguns homens pegamos uma porção de castanhas, enchemos uma lata com água e colocamos para cozinhar. Fizemos uma fogueira atrás de uma casa, deixamos as castanhas no cozimento e voltamos para as nossas posições. Pois bem, caiu uma granada inimiga bem em cima daquela lata. Nunca mais encontramos as castanhas. Depois que ouvimos a explosão, fomos ao local e vimos só o buraco no chão, exatamente onde estivera a lata de castanhas.

Em Montese, um italiano simpatizou conosco e numa tarde disse que nos iria fazer o jantar. Entretanto, eu e três companheiros fomos à cidade. Chegando lá, perguntamos a um cidadão onde havia um restaurante, ele nos mostrou e disse-nos que comeríamos bem.

Pedimos quatro bifes a cavalo, arroz, batata e um vinho bom. Comemos muito bem e lá pelas 9 horas retornamos para a região do acampamento. De manhã cedo o italiano veio nos perguntar onde tínhamos ido que não fomos jantar na casa dele. Expliquei que havíamos optado pelo restaurante da cidade. O italiano deu risadas e disse-nos que tínhamos comido carne de cavalo. A

repugnância já não podia ser mais tão forte, já era manhã do outro dia e não tinha feito mal.

Numa ocasião, chegamos a um certo local e o Tenente Camargo disse:

– Olhem, vamos ficar nessa casa, aqui era uma igreja, está parcialmente descoberta, mas dá para a gente ficar na parte que ainda tem telhas.

Aí falei aos meus soldados:

– Vou ficar no pé do altar, se precisarem de mim estou dormindo aqui.

Os outros se acomodaram por lá. Eu tinha um atirador de primeira, um japonês, chamava-se Yoshito, bom rapaz, muito bom mesmo. De madrugada, o Tenente Camargo chamou:

– Sargento Reis! Sargento Reis!

Eu esperei um pouco e falei:

– Pronto, Tenente!

Ele disse:

– Pegue uma metralhadora, com o atirador, o cabo e o soldado, vamos entrar em posição, eu estou esperando aqui na porta.

– Sim senhor!

Aí chamei o Yoshito umas quatro vezes e ele respondeu:

– Estou aqui Sargento.

Ordenei:

– Levanta, que é preciso colocar a sua peça em posição. Você, o cabo e o primeiro municiador.

De lá, ele gritou:

– P.Q.P.! Não se pode nem dormir sossegado!

O coitado do japonês levantou-se, pegou a metralhadora, o Tenente ainda estava ali e me acompanhou, fomos até o local, orientamos como posicionar a peça. O oficial foi embora, eu também, para tentar dormir e o Yoshito ficou acordado até o amanhecer, bem me lembro.

Ele teve uma explosão temperamental e disse o P.Q.P.

Fazer o quê? Tinha que ser isso mesmo.

Terminou a guerra, não estávamos mais em combate, deu-se a rendição das tropas alemãs; numa cidade daquelas, o Exército requisitou um hotel, onde ficamos acantonados.

Era meio-dia, em Montese. Eu estava no cinema com outros companheiros. Não me lembro se era *Como era Verde o Meu Vale* ou *As Chuvas Chegaram*, um desses dois filmes. Só sei que, ao meio-dia, acenderam a luz do cinema, acabou o filme, fomos para a rua e era aquela gritaria, soltaram fogos, muita folia: era o fim da guerra!

À noite, os italianos disseram que haveria um baile e nos convidaram. Fomos e dançamos até as 4 horas da madrugada, bebemos muito vinho e quando terminou, descemos as ruas, todos juntos, comemorando com os italianos, até chegar do outro lado.

Descontrair após a vitória, após a missão cumprida.

Depois fomos ver o armamento que os alemães estavam entregando; penso que o começo do fim das hostilidades foi o ultimato que o Coronel Nelson de Mello mandou para as tropas alemãs, dizendo que eles estavam cercados e que não havia mais possibilidade de vencerem e que para evitar o morticínio deveriam se render.

Após a rendição, jogavam o armamento no meio da estrada, além das carroças e tudo mais que possuíam e deixavam pelo caminho. Por isso, acredito que esse foi o começo do fim da Segunda Guerra Mundial, porque eles ainda estavam lutando lá pelos lados da Rússia e os primeiros que se renderam entregaram-se ao Exército Brasileiro.

A Seção de Metralhadoras possuía duas peças; a nossa missão era atirar por cima das tropas amigas que estavam atacando, dando cobertura aos nossos soldados que avançavam.

Todas as vezes em que atiramos, as missões não foram muito prolongadas, que obrigassem a trocar o cano. Então, a gente abria fogo, quando recebia ordem do Tenente, e no cessar fogo a gente parava de atirar, de forma que nunca houve necessidade de trocar os canos das metralhadoras.

A cadência da nossa arma era de 750 tiros por minuto...

E o seu remuniciamento era por fita; cada caixa de munição tinha 250 tiros, eu carregava duas e deixava outra em condições.

Se não me engano, a metralhadora pesava 30kg, possuía um tripé, um cano bem grosso e outro mais fino. Não houve falhas de tiro de que lembre.

Não posso dizer se matei alguém ou não, pois o alcance da metralhadora era de mais de 1.200 metros.

A metralhadora dos alemães dava 1.200 tiros por minuto pelo que os outros companheiros diziam, porque eu mesmo nunca perguntei a nenhum alemão, mesmo os que eu prendi. Na verdade eram duas, a “Lurdinha” e a “Costureira”, ambas muito precisas. Metralhadoras mais leves, fáceis de manejar, de trocar o cano; a camisa do cano era toda furada, com aberturas para a refrigeração a ar. A nossa era refrigerada a água.

Sempre fui meio retraído e não procurava saber certas coisas que outros companheiros faziam questão de conhecer. Quando havia uma folga, eles iam viajar, como um lá de Assis, que morreu recentemente. Uma vez, conversando

comigo, me disse que tinha ido até a França depois que terminou a guerra, eu não era de sair assim.

Passamos um tempo muito frio na Itália, os próprios italianos diziam que aquele era um dos invernos mais intensos, quando a temperatura chegou a 15 graus abaixo de zero. Quando falei isso para um camarada em Assis, ele disse que eu estava exagerando, porque essa temperatura seria como na Rússia e estávamos na Itália, mas achei preferível não discutir.

Creio que ele não soubesse que estávamos nos Apeninos, uma região muito alta, onde faz esse frio de uma maneira normal no inverno.

Mas a temperatura chegava mesmo a menos quinze graus e até a menos vinte graus.

Só não havia o risco de congelar a água usada para a refrigeração das metralhadoras, porque usávamos um líquido anticongelante.

Quanto aos soldados alemães em si, eram muito bons combatentes, destemidos, mas com o Exército Brasileiro não levaram muita vantagem. Havia também os *partisans*, guerrilheiros italianos que lutavam do lado dos aliados.

Eles vinham nos auxiliar nos locais onde o nosso transporte não chegava com o suprimento. Diziam que os alemães os respeitavam muito como combatentes.

Em uma cidade que se localizava na linha de frente, uma patrulha alemã infiltrou-se e depois voltou sem ter combatido, sem nada, certamente em busca de informações. Um soldado dessa patrulha se perdeu. Não sei por que cargas d'água uma sentinela nossa percebeu e chamou por ele várias vezes, perguntou quem era e nada, sem obter resposta, o sentinela passou fogo e matou o alemão.

Outra coisa: "A Cobra Fumou", um diz uma coisa e outro diz outra e no final ninguém sabe quem foi o inventor. Uns dizem que um Capitão estava fumando e andando para lá e para cá na frente da tropa, um soldado soltou a frase "A cobra está fumando", não sei se é por isso mesmo. Outros dizem que os alemães estavam fazendo um bombardeio muito pesado em cima de nós e um dos brasileiros teria dito: "A cobra hoje está fumando" ou "Amanhã nós vamos fazer a cobra fumar". Havia essas três versões, talvez mais alguma que eu não saiba.

Sobre a inventividade brasileira, basta lembrar a defesa contra o pé-de-trincheira: os americanos achavam esquisito a gente colocar papel, feno dentro do calçado para não congelar os pés, um recurso simples e eficaz, útil para os que tinham que ficar muito tempo imobilizados nos abrigos.

Havia muita gente na Itália e era difícil saber o que estava se passando fora de nossa área. O 6º RI tinha três Batalhões, o 1º e o 11º com mais três cada. Quando íamos para a retaguarda, não sabíamos também o que estava se passando lá na frente; e

quando a gente ia substituir alguém em determinada posição, não havia tempo de ficar batendo papo. Daí que ficar sabendo de alguma coisa era um negócio muito complicado.

Certa ocasião, ocupamos uma posição em lugar alto e lá embaixo passava um riacho; os alemães estavam do lado de lá e nós do lado de cá. Eles saíam e vinham buscar água no córrego e não atirávamos, não tínhamos ordem para atirar, mas de vez em quando descia um para pegar água. Eu não sei se eles ficaram sabendo que estávamos ali.

Outra coisa, as instruções que recebemos aqui, antes de viajar, foram completamente diferentes da real situação de combate. Talvez a mesma coisa pudesse acontecer com os soldados de hoje; penso que para o combate real são deficientes, sem desfazer, é claro, do treinamento que o Exército realiza; mas em caso de guerra ou mesmo de revolução as instruções ministradas em tempo de paz não são suficientes para combater. De qualquer modo, as instruções preliminares proporcionam um embasamento ao militar.

Por exemplo, na Itália, as tropas da FEB combateram em região de montanha, sem que constituíssem uma Divisão de Montanha, como era a americana e, mesmo assim, adaptaram-se e se saíram bem.

Os italianos nos receberam com um pouco de receio, pensando que éramos alemães, afinal os alemães não respeitavam as mulheres, nem mesmo as mais jovens.

Houve um caso apenas de soldado brasileiro que desrespeitou uma família de italianos e foi condenado. Nosso relacionamento sexual se dava, em sua maioria, com aquelas que o faziam mediante remuneração.

Não precisava abusar de ninguém, e alguns companheiros, com lábia, tinham melhores condições de conquistar as mulheres. Além disso, a situação do povo era muito difícil e isso contribuía fortemente para o mercado do sexo.

Mas, fora tal problema, inevitável, faziam amizade com a gente, porque naquele tempo havia muitos brasileiros com parentes na Itália.

E amizades muito boas, porque em Assis, onde moro, um amigo que, naquela época, possuía parentes na cidade de Assis, na Itália, quando cheguei da guerra, indagou:

– Tenho parentes na Itália, por que você não falou comigo antes de ir para lá?

Fiz troça:

– E você sabe se eu queria ver seus parentes da Itália?

Quando regressei não sabia que os meus pais tinham retornado para Assis e não tinha idéia se iriam me esperar. Fico emocionado quando lembro dessas coisas: minha madrinha morava num subúrbio do Rio, antes de embarcar, muitas vezes visitava-a e, quando chegamos, fui vê-la e ela me disse:

– Seu pai, sua mãe e sua tia Armênia estão aí, vieram esperar você chegar.

Eu perguntei:

– E onde é que eles estão?

Ela me disse em que hotel se encontravam. Acontece que na nossa chegada a população invadiu a rua e ficou apenas um corredor para a gente passar. Vi diversas pessoas chorando, abraçando-se, lastimando-se por alguém que não tinha voltado. Não sabia que estava lá a irmã da esposa de meu tio, de Poços de Caldas. Quando me viu, veio correndo e me abraçou, beijamo-nos respeitosamente, porque naquele tempo tudo era muito mais respeitoso, choramos e ela me disse:

– Vá lá em casa.

Prometi ir.

Mas, emocionada, não falou onde estava e nem eu perguntei. Essa minha ida à casa dela ou a um outro local no Rio ficou só na promessa.

Depois, quando já estava no quartel, fui à casa da minha madrinha e soube onde estavam meus pais; fui encontrá-los. Estava fardado e, quando cheguei ao hotel, o porteiro me cumprimentou e perguntei por eles, ele informou:

– Eles estão tomando café, vá lá tomar café com eles.

Respondi:

– Não, vou esperar aqui fora.

Quis evitar um choque na hora em que estavam tomando café. Fiquei passeando pela rua, até que terminaram e saíram e nós nos encontramos. Foi uma emoção muito grande...

Papai me contou:

– Nós vimos você, nós gritamos. Você não ouviu?

Eu falei:

– Ah, pai, não deu para ouvir.

Havia uma construção no Rio, próximo do local onde passamos e como não existisse ninguém trabalhando, pediram ao encarregado para deixar que subissem num monte de tijolos para assistir a tropa passar e, assim, localizaram-me e me chamaram, mas eu não os vi nem ouvi, e nem tinha mesmo como ouvir por causa do barulho.

Foi grande a emoção, inesquecível, que outros companheiros também tiveram, retornando vivos de uma guerra.

Para concluir, desejo que vocês, militares de hoje, sejam felizes, que cumpram com os seus deveres. Continuem sempre querendo bem a nossa Pátria, porque não existe país melhor que o Brasil em lugar algum do mundo.

Glossário

AD – Artilharia Divisionária
AERP – Assessoria Especial de Relações Públicas
AMAN – Academia Militar das Agulhas Negras
ANVFEB – Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira
BC – Batalhão de Caçadores
BIB – Batalhão de Infantaria Blindado
CCAC – Companhia de Canhões Anticarro
CEBRES – Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos
CEMCFA – Curso de Estado-Maior e Comando das Forças Armadas
CIE – Centra de Instrução do Exército
CLF – Comandante de Linha de Fogo
CMA – Comando Militar da Amazônia
CMBW – Comissão Militar Brasil-Washington
CML – Comando Militar do Leste
COR – Curso de Oficiais da Reserva
CPOR – Centro de Preparação de Oficiais da Reserva
CPP – Companhia de Petrechos Pesados
CRP – Centro de Recompletamento de Pessoal
CTir – Central de Tiro
DC – Divisão de Cavalaria
DI – Divisão de Infantaria
DIE – Divisão de Infantaria Expedicionária
ECEME – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército
ELO – Esquadrilha de Ligação e Observação
EME – Estado-Maior do Exército

EsAO – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais
EsDAA – Escola de Defesa Antiaérea
ESG – Escola Superior de Guerra
EsIE – Escola de Instrução Especializada
EsMB – Escola de Material Bélico
EsSA – Escola de Sargento das Armas
EUA – Estados Unidos da América
FAB – Força Aérea Brasileira
FEB – Força Expedicionária Brasileira
GACL – Grupo de Artilharia de Campanha Leve
GACos – Grupo de Artilharia de Costa
GACosM – Grupo de Artilharia de Costa Motorizado
GADO – Grupo de Artilharia de Dorso
GC – Grupo de Combate
IME – Instituto Militar de Engenharia
INPS – Instituto Nacional de Previdência Social
LBA – Legião Brasileira de Assistência
LCI – Landing Craft Infantry (Lancha de desembarque)
MEC – Ministério da Educação e Cultura
MP – Military Police (Polícia Militar)
OAv – Observador Avançado
OM – Organização Militar
PC – Posto de Comando
PO – Posto de Observação
PS – Posto de Socorro
QG – Quartel-General
RAM – Regimento de Artilharia Montada
RO AuR – Regimento de Obuses Auto-rebocado
S1 – Oficial Chefe da 1ª Seção do Estado-Maior da Unidade (Atividade de Pessoal)
S2 – Oficial Chefe da 2ª Seção do Estado-Maior da Unidade (Atividade de Informações)
S3 – Oficial Chefe da 3ª Seção do Estado-Maior da Unidade (Atividade de Operações)
S4 – Oficiais Chefe da 4ª Seção do Estado-Maior da Unidade (Atividade de Logística)
TO – Teatro de Operações
VO – Verde-Oliva

ENTREVISTA
RS
João Carlos Rotta
Luiz Alberto de Oliveira Francez
Andréa Reis da Silveira
Nestor Antunes de Magalhães
SP
José Gustavo Petito

DEGRAVAÇÃO
RS
Adelia A. Sampaio
SP
Antônia Eleuda Alencar
Joselito Gomes de Andrade
Edgar Ferreira dos Santos

TEXTUALIZAÇÃO
RS
João Carlos Rotta
Luiz Alberto de Oliveira Francez
SP
José Gustavo Petito

GRAVAÇÃO
RS
Clandio Abrante
SP
Equipe da 5ª Seção do Comando Militar do Sudeste

Composição e diagramação	*Murillo Machado e Rodrigo Tonus*
Quantidade de páginas	*352*
Formato	*16 x 23cm*
Mancha	*29 x 43 paicas*
Tipologia	*ITC Officina Serif Book*
Papel de miolo	*Offset 75g*
Papel de capa	*Cartão Supremo 240g (plastificada)*
Impressão e acabamento	*Sermograf Artes Gráficas e Editora Ltda.*
Fotolito de miolo	*Murillo Machado e Rodrigo Tonus*
Fotolito de capa	*Sermograf Artes Gráficas e Editora Ltda.*
Tiragem	*3.000 exemplares*
Término da obra	*Outubro de 2001*